



Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação
Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação

Dissertação:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA:

a trajetória de um espaço de sociabilidade étnica,
cultural e educacional em Pelotas, RS (1958-1983)

ELISABETH DA ROSA CONILL

Pelotas

| 2022 |

Elisabeth da Rosa Conill

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA: a trajetória de um espaço de sociabilidade étnica, cultural e educacional em Pelotas, RS (1958-1983)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – linha de pesquisa Filosofia e História da Educação – da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Patrícia Weiduschadt

Pelotas

| 2022 |

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C751a Conill, Elisabeth da Rosa

Associação Cultural Ítalo-brasileira : a trajetória de um espaço de sociabilidade étnica, cultural e educacional em Pelotas, RS (1958-1983) / Elisabeth da Rosa Conill ; Patrícia Weiduschadt, orientadora. — Pelotas, 2022.

209 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Associação Cultural Ítalo-brasileira. 2. Sociabilidade associativa. 3. Imigração italiana. 4. Associações italianas. 5. Agentes Consulares da Itália. I. Weiduschadt, Patrícia, orient. II. Título.

CDD : 325.10945

Elisabeth da Rosa Conill

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA: a trajetória de um espaço de sociabilidade étnica, cultural e educacional em Pelotas, RS (1958-1983)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestra em Educação.

Data da defesa: 30 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Weiduschadt (**Orientadora**)
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Giana Lange do Amaral
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Lorena Almeida Gill
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof.^a Dr.^a Terciane Ângela Luchese
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) pela oportunidade de ter tido acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, sendo fundamental para a minha formação acadêmica desde a graduação, especialização e agora mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPeI (PPGE/UFPeI), Dirnei Pereira, Eduardo Arriada, Maria das Graças Pinto, Neiva Afonso Oliveira, Patrícia Weiduschadt, Vânia Grim Thies, pelos ensinamentos e aprendizados durante as disciplinas cursadas.

À minha orientadora, professora Patrícia Weiduschadt, pela oportunidade de cursar, como aluna especial no PPGE/FaE/UFPeI, a disciplina de “Metodologia em Pesquisa em História da Educação”, que me forneceu os subsídios necessários para começar este trabalho, e pela confiança demonstrada ao me acolher como sua orientanda. Agradeço toda a dedicação e paciência, além de todas as sugestões, correções e direcionamentos durante todo este percurso.

Aos professores Elomar Antonio Callegaro Tambara, Giana Lange do Amaral, Lorena Almeida Gill e Terciane Ângela Luchese por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora da qualificação e da defesa final desta dissertação, e pelas valiosas contribuições que direcionaram e enriqueceram, com outros olhares, este trabalho.

À professora e amiga Lorena Almeida Gill, um agradecimento especial por ter sugerido como tema de pesquisa uma associação italiana e pelos conhecimentos de história oral e memória compartilhados durante a disciplina cursada como aluna especial.

Ao grupo de pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) e aos colegas de mestrado e doutorado pelos enriquecedores debates e reflexões, por todos os eventos, pelo aprendizado, pela amizade e por todas as contribuições dadas para esta dissertação; especialmente à colega Renata Brião de Castro, pelo compartilhamento de conhecimento a respeito dos italianos em Pelotas, e às colegas Karina Cardozo e Liziane Fonseca, pelo conhecimento compartilhado, amizade, incentivo e apoio mútuo, principalmente nesses momentos finais.

Aos técnicos-administrativos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel pela eficiência, disponibilidade e atenção recebida.

À Hemeroteca do Centro de Documentação e Obras Valiosas da Bibliotheca Pública Pelotense e ao Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Professora Beatriz Loner, pela guarda e pela disponibilidade da documentação.

À Associação Cultural Italiana Pelotense, pela gentileza, disponibilidade e confiança de conceder acesso aos documentos das antigas associações italianas em Pelotas e pelo empréstimo dos livros de sua biblioteca.

Aos colegas de trabalho da Coordenação de Desenvolvimento do Plano Diretor da Pró-Reitoria de Planejamento (CDPD/PROPLAN) da UFPel e, especialmente, à coordenadora, Cíntia Vieira Essinger, pelo incentivo, carinho e amizade, e por terem viabilizado o afastamento integral das minhas atividades como servidora técnico-administrativa dessa Instituição, possibilitando minha dedicação integral à pesquisa, sem a qual teria sido muito mais difícil concluir esta etapa.

Aos meus primeiros professores de italiano, Angelo Tresoldi e Sandra Requião Passos, pela amizade, conhecimento e entusiasmo transmitidos, que fizeram aflorar em mim a paixão pela Itália, pela sua língua e pela sua cultura, motivando a realização deste trabalho. Agradeço também ao meu colega e amigo, professor Silvio Paniz, pelo apoio e disponibilidade de sempre.

Aos meus entrevistados, pela disponibilidade em colaborar na realização desta pesquisa, e a todas as pessoas que me ajudaram a contatá-los, que foram muitas.

A todas as pessoas que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho, emprestando ou até mesmo digitalizando livros e artigos. Nesses tempos de pandemia, com as bibliotecas fechadas, esse apoio foi fundamental.

Enfim, a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este trabalho se concretizasse. Aos familiares e amigos que torceram por mim, em especial à minha mãe e ao meu companheiro, pela compreensão, cuidado, apoio e incentivo recebidos ao longo de mais esta jornada acadêmica.

RESUMO

CONILL, Elisabeth da Rosa. **ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA: a trajetória de um espaço de sociabilidade étnica, cultural e educacional em Pelotas, RS (1958-1983).** Orientadora: Patrícia Weiduschadt. 2022. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Esta dissertação de mestrado apresenta a trajetória da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB) em Pelotas, RS, no período de 1958 a 1983. Inicialmente, buscando compreender o contexto histórico no qual se deu a sua criação, é traçado um panorama da imigração e da identidade étnica e linguística dos italianos no Rio Grande do Sul, das associações étnicas italianas e da representação consular da Itália em Pelotas. Em seguida, é feita a apresentação da trajetória da ACIB com base no seu processo de constituição e declínio, bem como na sua organização e realizações, tendo como pano de fundo a sociabilidade e o foco na italianidade. Em relação à sua constituição, é abordado o processo que levou à sua criação, a questão da sede e o seu quadro social; no que concerne à sua estrutura organizacional, são descritos os princípios que regiam o seu estatuto e os seus poderes diretivos. Depois disso, são apresentadas as suas principais realizações, envolvendo atividades cívicas, culturais, educacionais e sociais, tais como a promoção de cursos de língua italiana e as comemorações da proclamação da república italiana; por fim, é discutido o seu processo de declínio. Como referencial teórico, o trabalho utiliza, entre outros, os conceitos de associativismo e sociabilidade (AGULHON, 1992), instituições educativas (MAGALHÃES, 2004), cultura escolar (ESCOLANO BENITO, 2017; JULIA, 2001; VIÑAO FRAGO, 1995), educação não formal (SEVERO, 2015; TRILLA BERNET, 2008), identidade étnica (BARTH, 1997; HALL, 2003), tradições inventadas (HOBBSAWM, 2008). Metodologicamente, a pesquisa se baseia em revisão de literatura, pesquisa documental, entrevistas de história oral e semiestruturadas. A pesquisa documental se utiliza, principalmente, de fontes documentais e jornalísticas, sendo que aquelas são constituídas por documentos diversos produzidos pela ACIB e pertencentes ao acervo da Associação Cultural Italiana Pelotense; e estas são compostas, na sua maioria, por anúncios pagos pela ACIB e publicados no jornal *Diário Popular*, cujo acervo se encontra na Hemeroteca do Centro de Documentação e Obras Valiosas da Bibliotheca Pública Pelotense. As entrevistas foram realizadas com pessoas – ou com seus familiares – que mantiveram algum tipo de vínculo com a ACIB, tanto como aluno, professor, sócio, quanto como agente consular. Após a análise e cruzamento das fontes documentais, jornalísticas e orais, esta investigação mostrou que a ACIB foi um espaço multifuncional, constituindo-se como um espaço de sociabilidade associativa étnica, cultural e educacional não só para os seus associados, mas também para a comunidade em geral, e tendo como foco a italianidade, principalmente por meio de seus cursos de língua italiana e das comemorações de datas importantes do calendário italiano.

Palavras-chave: Associação Cultural Ítalo-Brasileira; sociabilidade associativa; imigração italiana; associações italianas; agentes consulares da Itália.

ABSTRACT

CONILL, Elisabeth da Rosa. **ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA:** the trajectory of a space of ethnic, cultural and educational sociability in Pelotas, RS (1958-1983). Advisor: Patrícia Weiduschadt. 2022. 209 f. Dissertation (Master's) - Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This master's thesis presents the trajectory of the *Associação Cultural Ítalo-Brasileira* [Italian-Brazilian Cultural Association] (ACIB) in Pelotas, RS, from 1958 to 1983. Initially, seeking to understand the historical context in which its creation took place, it is traced an overview of immigration and the ethnic and linguistic identity of Italians in Rio Grande do Sul, of Italian ethnic associations and the consular representation of Italy in Pelotas. Then, the history of ACIB is presented based on its process of constitution and decline, as well as its organization and achievements, against the backdrop of sociability and focus on Italianity. Regarding its constitution, the process that led to its creation, the issue of the headquarters and its membership are discussed; with regard to its organizational structure, the principles governing its statute and directive powers are described. After that, its main achievements are presented, involving civic, cultural, educational and social activities, such as the promotion of Italian language courses and the commemorations of the proclamation of the Italian Republic; finally, its process of decline is discussed. As a theoretical framework, the work uses, among others, the concepts of associativism and sociability (AGULHON, 1992), educational institutions (MAGALHÃES, 2004), school culture (ESCOLANO BENITO, 2017; JULIA, 2001; VIÑAO FRAGO, 1995), non-formal education (SEVERO, 2015; TRILLA BERNET, 2008), ethnic identity (BARTH, 1997; HALL, 2003), invented traditions (HOBBSBAWM, 2008). Methodologically, the research is based on literature review, documentary research, oral history and semi-structured interviews. Documentary research uses mainly documentary and journalistic sources, which are constituted by various documents produced by ACIB and belonging to the collection of the *Associação Cultural Italiana Pelotense*; and these are mostly made up of advertisements paid for by ACIB and published in the newspaper *Diário Popular*, whose collection can be found in the *Hemeroteca do Centro de Documentação e Obras Valiosas* of the *Bibliotheca Pública Pelotense*. The interviews were carried out with people – or their relatives – who maintained some type of bond with the ACIB, whether as a student, teacher, partner, or as a consular agent. After analyzing and crossing documentary, journalistic and oral sources, this investigation showed that the ACIB was a multifunctional space, that is, it was constituted as a space for ethnic, cultural and educational associative sociability, not only for its associates, but also for the community in general, and focusing on Italianity, mainly through its Italian language courses and the celebrations of important dates of the Italian calendar.

Keywords: Italian-Brazilian Cultural Association; associative sociability; Italian immigration; Italian associations; Italian consular agents.

RIASSUNTO

CONILL, Elisabeth da Rosa. **ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA**: la traiettoria di uno spazio di sociabilità etnica, culturale ed educativa a Pelotas, RS (1958-1983). Tutor: Patrícia Weiduschadt. 2022. 209 f. Tesi (Master) - Facoltà di Educazione, Università Federale di Pelotas, Pelotas, 2022.

Questa tesi di master presenta la traiettoria dell'*Associação Cultural Ítalo-Brasileira* [Associazione Culturale Italo-Brasiliana] (ACIB), a Pelotas, RS, dal 1958 al 1983. Inizialmente, cercando di comprendere il contesto storico in cui è avvenuta la sua creazione, viene tracciata una panoramica dell'immigrazione e dell'identità etnica e linguistica degli italiani nel Rio Grande do Sul, delle associazioni etniche italiane e della rappresentanza consolare d'Italia a Pelotas. Poi, la traiettoria dell'ACIB viene presentata sulla base del suo processo di costituzione e declino, nonché della sua organizzazione e delle sue realizzazioni, sullo sfondo della sociabilità e focalizzata sull'italianità. Per quanto riguarda la sua costituzione, si discute il processo che ha portato alla sua creazione, la questione della sede e della sua appartenenza; per quanto riguarda la sua struttura organizzativa, vengono descritti i principi che ne regolano lo statuto e i poteri direttivi. Successivamente vengono presentate le sue principali realizzazioni, che coinvolgono attività civiche, culturali, educative e sociali, come la promozione dei corsi di lingua italiana e le commemorazioni della proclamazione della Repubblica Italiana; infine, viene discusso il suo processo di declino. Come quadro teorico, il lavoro utilizza, tra gli altri, i concetti di associazionismo e sociabilità (AGULHON, 1992), istituzioni educative (MAGALHÃES, 2004), cultura scolastica (ESCOLANO BENITO, 2017; JULIA, 2001; VIÑAO FRAGO, 1995), educazione non-formale (SEVERO, 2015; TRILLA BERNET, 2008), identità etnica (BARTH, 1997; HALL, 2003), tradizioni inventate (HOBBSBAWM, 2008). Dal punto di vista metodologico, la ricerca si basa su revisione della letteratura, ricerca documentaria, interviste di storia orale e semi-strutturate. La ricerca documentaria utilizza principalmente fonti documentarie e giornalistiche, che sono costituite da vari documenti prodotti da ACIB e appartenenti alla collezione dell'*Associação Cultural Italiana Pelotense*; e questi sono per lo più costituiti da annunci pagati da ACIB e pubblicati sul quotidiano *Diário Popular*, la cui collezione si trova nell'*Hemeroteca do Centro de Documentação e Obras Valiosas* della *Bibliotheca Pública Pelotense*. Le interviste sono state effettuate con persone – o loro parenti – che mantenevano un qualche tipo di legame con l'ACIB, sia come studente, insegnante, socio, sia come agente consolare. Dopo aver analizzato e incrociato fonti documentarie, giornalistiche e orali, questa indagine ha mostrato che l'ACIB era uno spazio multifunzionale, costituendosi come uno spazio di sociabilità associativa etnica, culturale ed educativa, non solo per i suoi associati, ma anche per la comunità in generale, e focalizzata sull'italianità, principalmente attraverso i suoi corsi di lingua italiana e le celebrazioni di date importanti del calendario italiano.

Parole-chiave: Associazione Culturale Italo-Brasiliana; sociabilità associativa; immigrazione italiana; associazioni italiane; agenti consolari d'Italia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rótulos das caixas de arquivo do acervo da ACIP.....	45
Figura 2 - Recibos de pagamento de anúncios nos jornais Diário Popular e A Opinião Pública.	50
Figura 3 - Mapa de localização da cidade de Pelotas e do estado do Rio Grande do Sul.	62
Figura 4 - Linha do tempo com a genealogia da Sociedade Italiana Unione e Filantropia (1872-2006)	76
Figura 5 - Fotografia da sede da Sociedade Italiana Unione e Filantropia.	79
Figura 6 - Cabeçalho do papel timbrado da Sociedade Italiana Pelotense (Detalhe)	84
Figura 7 - Manchete do Diário Popular: “Será criada em Pelotas uma Associação Cultural e Recreativa Ítalo-Brasileira”.	103
Figura 8 - Fotografia de uma das reuniões do Comitê Provisório.....	104
Figura 9 - Fotografia do prédio em ruínas da Sociedade Italiana.	106
Figura 10 – Foto Postal Colombo: rua 7 de Setembro, Pelotas, RS, Brasil [1961?].	107
Figura 11 - Detalhe da correspondência da ACIB com endereço provisório, 1965.....	109
Figura 12 - Caderneta de Chamada e Diário de Lições do prof. Luigi Scattolin, 1958.....	140
Figura 13 - Registro da primeira aula do prof. Luigi Scattolin na Caderneta de Chamada e Diário de Lições do curso de língua italiana, 1958.	141
Figura 14 – Capa do manual didático: La lingua italiana insegnata agli stranieri.....	142
Figura 15 – Primeira folha do manual didático: La lingua italiana insegnata agli stranieri ..	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização das fontes documentais.....	47
Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos entrevistados com a metodologia de História Oral .	56
Quadro 3 - Caracterização dos entrevistados com a modalidade de entrevista semiestruturada oral	58
Quadro 4 - Caracterização dos entrevistados com a modalidade de entrevista semiestruturada por escrito.....	59
Quadro 5 – Caracterização dos sócios fundadores da ACIB.....	112
Quadro 6 - Membros do Conselho Diretor e Fiscal da ACIB (1958-1968)	129
Quadro 7 - Relação dos cursos oferecidos pela ACIB e professores ministrantes (1958- 1959-1961).....	138

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - EDIÇÕES DO JORNAL DIÁRIO POPULAR CONSULTADAS.....	197
APÊNDICE B - ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTAS.....	198
APÊNDICE C - ROTEIROS COMPLEMENTARES DE ENTREVISTAS	199
APÊNDICE D - REPRESENTANTES CONSULARES DA ITÁLIA EM PELOTAS (1870-1994)	200
APÊNDICE E – GALERIA DE FOTOS DO PATRONO, SÓCIOS BENEMÉRITOS E FUNDADORES DA ACIB	201
APÊNDICE F - SÓCIOS CONTRIBUINTES DA ACIB (1958)	203
APÊNDICE G - SÓCIOS CONTRIBUINTES DA ACIB (1967-1969).....	204
APÊNDICE H - ALUNOS DOS CURSOS DE LÍNGUA ITALIANA DA ACIB (1958-1959)	205

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - ESTATUTO DA ACIB (P. 1).....	207
ANEXO B - ESTATUTO DA ACIB (P. 12).....	208
ANEXO C - FICHA DE SOLICITAÇÃO PARA INCLUSÃO DE SÓCIO DA ACIB	209

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIB	Associação Cultural Ítalo-Brasileira
ACIP	Associação Cultural Italiana Pelotense
BPP	Bibliotheca Pública Pelotense
CDOV	Centro de Documentação de Obras Valiosas da BPP
CIME	Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias
FSV	Acervo pessoal da família Scattolin e Verissimo
FVO	Acervo pessoal da família Vivaldi Orengo
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
LAOC	Acervo pessoal de Leonardo de Assumpção Osório Caringi
LHLL	Acervo pessoal de Luiz Henrique Lorea de Lorea
NDH	Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Prof ^a . Beatriz Loner
RS	Rio Grande do Sul
SIGM	Sociedade Italiana Guglielmo Marconi
SIP	Sociedade Italiana Pelotense
SIR	Sociedades Italianas Reunidas
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
	2.1 Associativismo e Sociabilidade	20
	2.2 Instituições Educativas, Cultura Escolar e Educação Não Formal	28
	2.3 Etnicidade, Grupos Étnicos, Identidade Étnica e Nacional	33
3	PERCURSO METODOLÓGICO	41
	3.1 Revisão de Literatura	41
	3.2 Pesquisa Documental	44
	3.3 Entrevistas de História Oral e Semiestruturadas	53
4	CONTEXTO HISTÓRICO	61
	4.1 A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul	61
	4.2 A Identidade Étnica e Linguística do Ítalo-Brasileiro no RS	70
	4.3 O Associativismo Étnico Italiano em Pelotas	73
	4.3.1 As comemorações das datas cívicas nacionais	85
	4.4 A Representação Consular Italiana	88
5	ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA	101
	5.1 A Constituição da ACIB: Criação, Sede e Quadro Social	103
	5.1.1 A Questão da Sede	105
	5.1.2 O Quadro Social	109
	5.2 A estrutura Organizacional da ACIB	120
	5.2.1 Os poderes Diretivos	123
	5.3 As Realizações da ACIB	132
	5.3.1 Os Cursos de Língua Italiana	133
	5.3.1.1 Os professores e professoras	138
	5.3.1.2 Os alunos e alunas	144
	5.3.2 As comemorações do aniversário da proclamação da República Italiana	146
	5.3.3 Eventos Sociais e Culturais	153
	5.4 O Processo de Declínio da ACIB	155
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
	FONTES ORAIS E ESCRITAS	166
	FONTES DOCUMENTAIS	167
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180
	APÊNDICES	196
	ANEXOS	206

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta a trajetória da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (doravante ACIB) na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, tendo como recorte temporal o período compreendido entre 1958, ano de sua criação, e 1983, ano em que se decidiu concluir a pesquisa, tendo em vista a redundância das informações obtidas e as limitações decorrentes da pandemia da COVID-19¹.

O primeiro fator que justifica a escolha deste tema é a motivação pessoal. Começo dizendo que não sou descendente de italianos, nas minhas várias origens étnicas – que misturam indígenas com portugueses, alemães com espanhóis –, não existe uma “gota de sangue” italiano, mas gosto de dizer que o coração é italiano. Do avô materno, descendente de açorianos, herdei o sobrenome Rosa; e do avô espanhol (catalão), herdei o sobrenome Conill².

Dessa maneira, foi o aprendizado da língua italiana – realizado durante quatro anos na Associação Cultural Italiana Pelotense (ACIP) – que despertou em mim o interesse pela Itália e pela sua cultura, a ponto de, anos depois, tornar-me professora dessa língua junto à Associação Beneficente e de Assistência Educacional do Rio Grande do Sul³ (ACIRS) e vir a desempenhar minhas atividades na ACIP.

A vivência como aluna e, depois, como professora dentro da ACIP estimulou a minha curiosidade e a vontade de saber mais, levando-me a investigar a sua história e descobrir que desde o final do século 19 existiam associações étnicas italianas em Pelotas e que a ACIP é a sucessora dessas antigas associações. Assim, o primeiro passo foi explorar o que havia de fontes documentais disponíveis no próprio acervo

¹ A doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 é oficialmente conhecida como COVID-19, acrônimo em inglês para COrona VIRus Disease (doença do vírus em forma de coroa), enquanto 19 se refere ao ano de 2019, quando surgiu o primeiro caso oficial, em dezembro, na China. Trata-se de uma infecção respiratória aguda, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

² A título de curiosidade, conill quer dizer coelho em catalão.

³ À ACIRS estavam associadas as entidades representativas das comunidades italianas do Rio Grande do Sul, tais como sociedades, associações e institutos. Primeiramente denominada Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul, foi fundada em 1991 e encerrou suas atividades em 2020, sendo a sua principal atividade a promoção de cursos de Língua e Cultura Italiana.

da ACIP, no qual encontrei alguns documentos de três antigas associações, e da própria SIP/ACIP.

Isso posto, restava-me escolher para qual dessas associações eu iria direcionar as minhas pesquisas, sendo que desde o início o meu interesse era pesquisar sobre cursos de língua italiana oferecidos por associações italianas. Partindo-se deste critério a escolha recaiu sobre a Associação Cultural Ítalo-Brasileira, criada em 1958, que parecia ser a única das antigas associações que apresentava evidências de funcionamento de cursos de língua italiana, visto que as outras mantinham escolas italianas. Assim sendo, foram fotografadas todas as possíveis fontes documentais encontradas no acervo da ACIP referentes à ACIB, e algumas que se referiam às antigas associações e à SIP/ACIP.

A partir de então comecei a buscar o que já havia sido escrito sobre associações étnicas italianas em Pelotas, encontrando alguns (poucos) trabalhos que tratavam do tema⁴, tais como monografias, dissertações, teses, livros e capítulos de livros. Desse modo, com exceção da monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História de Andréia Albuquerque dos Santos (2002), sobre a Sociedade Italiana Pelotense (SIP) – que dedica uma página à ACIB –, não foram encontrados outros trabalhos que tratassem especificamente dessa Associação. Nem mesmo no Dicionário de História de Pelotas (2007), que dedica um verbete aos “Italianos” e suas associações, faz referência à ACIB (POMATTI; LONER, 2017).

Isso me permite concluir que este é o primeiro trabalho que se dedica a realizar um estudo específico sobre a trajetória histórica da Associação Cultural Ítalo-Brasileira em Pelotas, abordando o seu processo de constituição e declínio, bem como a sua organização e realizações.

Portanto, diante da lacuna de estudos sobre o tema, e por considerar que um dos fatores que denota a importância da ACIB é o fato de ela ser, provavelmente, a primeira associação italiana a se constituir na cidade de Pelotas após a Segunda Guerra Mundial e, juntamente à agência consular, a única entidade representativa desse grupo étnico durante esse período; e ainda, talvez, a primeira a oferecer cursos para o ensino da língua italiana, é que se evidencia a necessidade de preservar a sua memória histórica e dar visibilidade ao seu trabalho de preservação e promoção da identidade étnica e linguística italiana. Nesse aspecto, esta pesquisa se insere no

⁴ Esses trabalhos serão vistos detalhadamente na seção 3.1 (Revisão de Literatura).

campo da História da Educação, especificamente naquele ligado às instituições educativas não escolares, cultura escolar e educação não formal; e no campo da História da imigração italiana. Ademais, acredita-se que, depois de passados mais de 60 anos desde a criação dessa associação, já era tempo de transformar em história escrita todas essas fontes – orais e escritas – que se encontram esparsas.

Como referencial teórico, adota-se os pressupostos da Nova História Cultural, que têm influenciado os pesquisadores da História da Educação a investigar temas pouco valorizados e a ampliar o uso das fontes de pesquisa (LOPES; GALVÃO, 2001). Assim, conforme Galvão e Lopes (2010), elegeu-se, *a priori*, duas categorias de análise para dar suporte teórico a esta pesquisa, identidade étnica e educação não formal. Entretanto, em um segundo momento, a partir das contribuições da banca examinadora do projeto de qualificação, foi acrescentada a categoria sociabilidade, que foi relacionada com associativismo. A categoria educação não formal, por sua vez, foi relacionada às instituições educativas e à cultura escolar; e a categoria identidade étnica foi relacionada à etnicidade e grupos étnicos.

Para compreender o objeto de pesquisa como um todo, a hipótese é de que a ACIB era um espaço multifuncional, isto é, constituiu-se como um espaço de sociabilidade associativa étnica, cultural e educacional na cidade de Pelotas, com foco na italianidade. Para tanto, utilizam-se os conceitos de associativismo e sociabilidade (AGULHON, 1992), instituições educativas (MAGALHÃES, 2004), cultura escolar (ESCOLANO BENITO, 2017; JULIA, 2001; VIÑAO FRAGO, 1995), educação não formal (SEVERO, 2015; TRILLA BERNET, 2008), identidade étnica (BARTH, 1997; HALL, 2003) e tradições inventadas (HOBSBAWM, 2008). Nesse sentido, a ACIB é entendida como uma instituição educativa não escolar para a formação de uma identidade étnica e linguística italiana, ou seja, de uma italianidade, principalmente por meio de seus cursos de língua italiana e de seus rituais de celebração do aniversário da proclamação da república italiana. Mesmo se constituindo em um espaço de “educação não escolar” (SEVERO, 2015), a ACIB possuía elementos de uma cultura escolar específica, como normas, disciplinas (cursos), alunos, professores, manual didático, rituais, que serão analisados sob a perspectiva de Julia (2001), Escolano Benito (2017) e Viñao Frago (1995). No que se refere especificamente aos rituais, isto é, às comemorações, além destes dois últimos, que abordam os rituais como atividades que integram as práticas cotidianas das instituições educativas; baseia-se, também em Hobsbawm (2008), que os entende como “tradições inventadas”.

Metodologicamente, este estudo se apoia em revisão de literatura (GALVÃO; LOPES, 2010), pesquisa documental (CELLARD, 2012), entrevistas de história oral (MEIHY, 1998) e semiestruturadas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). A revisão de literatura foi realizada em 2019 (e atualizada em 2020) por meio de um levantamento bibliográfico em bibliotecas e bases de dados digitais, buscando-se o que já havia sido produzido a respeito de associações étnicas italianas e outros temas diretamente relacionados.

A pesquisa documental foi realizada mediante o levantamento de documentos em arquivos públicos e privados, principalmente na Associação Cultural Italiana Pelotense (ACIP) e na Hemeroteca do Centro de Documentação e Obras Valiosas da Bibliotheca Pública Pelotense (CDOV/BPP). As fontes documentais são compostas, principalmente, por documentos diversos produzidos pela ACIB, tais como listas de alunos, de sócios e de diretores, livro-caixa, relatórios, recibos diversos, estatutos, entre outros; informações presentes na imprensa jornalística pelotense, como convites, divulgação de cursos, convocações para assembleias etc.; além de documentos fornecidos pelos entrevistados ou seus familiares, como diplomas, certidões, currículos, recortes de jornais etc.

A partir do conhecimento das fontes documentais foi possível realizar o levantamento dos potenciais entrevistados, ou seja, dos sujeitos que fizeram parte da história da ACIB na qualidade de aluno, professor, sócio, diretor e/ou agente consular. Dessa maneira, foram realizadas seis entrevistas de história oral, que ocorreram de forma presencial e on-line; e oito semiestruturadas, realizadas presencialmente, por telefone e on-line, via plataformas de mensagens digitais, tais como WhatsApp e Facebook Messenger.

Considerando o acima exposto, o objetivo geral deste estudo é **“apresentar a trajetória da Associação Cultural Ítalo-Brasileira em Pelotas, RS, no período de 1958 a 1983, como um espaço de sociabilidade com foco na italianidade”**. Para tanto, são traçados os seguintes objetivos específicos:

- i. Contextualizar a ACIB em relação à imigração italiana, às associações italianas e aos agentes consulares da Itália em Pelotas;
- ii. Descrever o processo de constituição da ACIB, identificando e caracterizando os sujeitos envolvidos na sua fundação e seus vínculos de sociabilidade;
- iii. Descrever a sua forma de organização, analisando o seu estatuto e a composição de seus poderes diretivos;

- iv. Descrever as suas principais realizações no campo educacional, cívico, cultural e social;
- v. Compreender o seu processo de declínio.

Por fim, buscando alcançar os objetivos propostos, esta dissertação está organizada em seis capítulos, incluindo esta introdução e as considerações finais. O segundo capítulo, portanto, apresenta o referencial teórico com base nas categorias associativismo e sociabilidade; instituições educativas, cultura escolar e educação não formal; etnicidade, grupos étnicos e identidade étnica.

O terceiro capítulo descreve o percurso metodológico realizado por meio da revisão de literatura, da pesquisa documental e da história oral.

O quarto capítulo busca compreender o contexto histórico a partir do qual se deu a criação da ACIB, traçando um panorama da imigração e da identidade étnica e linguística dos italianos no Rio Grande do Sul, das associações étnicas italianas e da representação consular da Itália em Pelotas.

O quinto capítulo trata especificamente da trajetória da ACIB, compreendida como um espaço de sociabilidade étnica, cultural e educacional, com foco na italianidade, apresentando aspectos de sua constituição, organização e realizações no âmbito educacional, cívico, cultural e social, bem como do seu processo de declínio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A história da educação, segundo Magalhães (2004, p. 78), “é um domínio científico que se estrutura por referência à história e à educação”, nas suas diversas manifestações ela se constituiu como um segmento da história cultural e da história política (MAGALHÃES, 2004, p. 79). Assim sendo, no presente trabalho são utilizados os pressupostos da Nova História Cultural que têm influenciado os pesquisadores a investigar temas até então pouco valorizados na História da Educação (LOPES; GALVÃO, 2001). Essas autoras salientam que temas como

a cultura e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores, professoras, mas também alunos e alunas), [...] têm sido crescentemente estudados e valorizados (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 40).

Chartier (2002, p. 14) também assinala que “os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar”, entre outros, são alguns dos novos objetos que emergiram no seio das questões históricas.

Além de inovar na seleção dos objetos e na forma de abordá-los, a História da Educação tem “incorporado categorias teorizadas em outras áreas das ciências humanas [...], como as de gênero, de etnia e de geração”, ao lado da já consagrada classe social (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 40-41). Nesse sentido, a etnicidade surge como uma nova categoria social, tão significativa para a compreensão do século 20 como foi a classe social para o século 19 (GLAZER; MOYNIHAN, 1975).

Por outro lado, conforme afirma Constantino (2000, p. 68), “a história não é apenas narrativa, precisa ser explicada para que se compreenda melhor a trama, que vai ser resumida por uma teoria que vai ser expressa por meio de conceitos”. Assim sendo, as categorias e conceitos fundamentais para a compreensão do objeto de estudo emergiram a partir das finalidades dessa Associação, a saber: “desenvolver a cultura e a arte italianas” e “promover cursos para o ensino da língua italiana”, que remetem à difusão e à preservação da identidade étnica e linguística italianas, sendo que a segunda finalidade faz referência também à educação não formal, à cultura

escolar e à sociabilidade; “estimular a amizade entre brasileiros e italianos” e “promover reuniões literárias, artísticas, sociais e recreativas”, também fazem menção à sociabilidade.

Portanto, neste capítulo, busca-se realizar uma articulação teórica entre as principais categorias que compõem o referencial teórico deste estudo. Assim, na primeira seção, procura-se articular os conceitos de associativismo e sociabilidade; na segunda, de instituições educativas, cultura escolar e educação não formal; e na terceira, de etnicidade, grupos étnicos, identidade étnica e nacional.

2.1 ASSOCIATIVISMO E SOCIABILIDADE

O ser humano possui uma natureza gregária e social (DINIZ, 2012), dessa forma, o fenômeno associativo vem responder a essa propensão em se agrupar para defender os seus direitos, propagar as suas ideias e realizar coletivamente um objetivo em comum (CHEVALIER, 1990). Esse fenômeno pode assumir variadas formas, tais como associações culturais, recreativas, desportivas, mutualistas, sindicais, profissionais, estudantis etc.” (LIMA; SANCHO, 1989, p. 78). O tema principal deste estudo, portanto, faz parte desse fenômeno, apresentando-se sob a forma de uma associação cultural ítalo-brasileira. Além disso, abordam-se também as associações étnicas italianas que antecederam a ACIB – na sua maioria de caráter mutualista –, e a que a sucedeu, também uma associação cultural.

A associação diz respeito à sociologia, e a teoria da associação muitas vezes foi constituída por sociólogos (AGULHON, 1978). Segundo o sociólogo francês Yves Chevalier (1990), o termo associação designa, em sentido amplo, “todo e qualquer agrupamento, sejam quais forem a sua forma jurídica e a sua finalidade” (p. 21), enquanto que em sentido restrito, “designa um agrupamento de duas ou várias pessoas que põem em comum, de maneira permanente, os seus conhecimentos e a sua atividade numa finalidade que não seja a de partilhar lucros” (p. 21).

No texto constitucional brasileiro, segundo o jurista Pontes de Miranda (1968, p. 569 apud BRANCO, 2009, p. 449), “associação é toda coligação voluntária de algumas ou de muitas pessoas físicas, por tempo longo, com o intuito de alcançar algum fim (lícito), sob direção unificante”. Sob a perspectiva do direito civil (art. 53 do Código Civil), a jurista Maria Helena Diniz (2012) afirma que associação

é um contrato pelo qual certo número de pessoas, ao se congregarem, colocam, em comum, serviços, atividades, conhecimentos, em prol de um mesmo ideal, objetivando a consecução de determinado fim não econômico ou econômico, com ou sem capital, e sem intuítos lucrativos (p. 276).

Um dos direitos fundamentais dos cidadãos, previsto na Constituição federal de 1988, é a liberdade de associação, que assegura a todos os brasileiros e aos estrangeiros residentes no País o pleno direito à liberdade de associação, desde que para fins lícitos e de caráter não paramilitar (art. 5º, inciso XVII). Este direito “não é apenas um objeto de estudo exclusivo de juristas, é também uma curiosidade para historiadores com a ambição de realizar uma história ‘total’” (AGULHON, 2001, tradução nossa¹).

O direito de associação, entretanto, não esteve presente nas primeiras declarações de direitos, e “quando foi acolhido pelas constituições do século XIX, cercou-se de um conjunto de normas que o submetia a um regime de controle prévio e de autorização. Somente no século XX essa liberdade ganhou plenitude” (BRANCO, 2009, p. 444), ou seja, a liberdade de constituir associações sem a necessidade de autorização e sem a interferência estatal no seu funcionamento só foi inserida com a Constituição de 1988 (art. 5º, inciso XVIII).

No Brasil, a liberdade de associação foi introduzida pela primeira vez na Constituição de 1891² – a segunda do país e a primeira republicana –, e, a partir de então, “essa prerrogativa essencial tem sido contemplada nos sucessivos documentos constitucionais brasileiros” (STF, 2007). Apesar disso, nos períodos ditatoriais da nossa história, como durante a ditadura do Estado Novo e a ditadura civil-militar, houve mecanismos que suprimiram esse direito (FOGAÇA; CARVALHO, 2019).

Durante a Ditadura do Estado Novo, a Constituição de 1937 (art. 122, inciso 9), garantia aos brasileiros e estrangeiros residentes no País o direito à liberdade de associação, desde que os seus fins não fossem contrários à lei penal e aos bons costumes (FOGAÇA; CARVALHO, 2019). Contudo, em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi decretado o estado de guerra em todo o território nacional pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, deixou de vigorar – entre outros – alguns termos do art. 122 da Constituição, como o que dispunha sobre a liberdade de associação (BRASIL, 1942b).

¹ No original: *[Le droit d'association] n'est pas seulement un objet d'étude spécial pour juristes, mais aussi une curiosité centrale pour historien à ambition d'histoire «totale».*

² A primeira Constituição brasileira, promulgada em 1824, não contemplava esse direito.

Durante a ditadura civil-militar, mesmo que a Constituição de 1967 garantisse a liberdade de associação (art. 150, parágrafo 28), as leis de segurança nacional, os atos institucionais e a emenda constitucional de 1969 “funcionaram como mecanismos jurídicos de uma exceção à legalidade constitucional” (COSTA; DIRSCHNABEL, 2012, p. 9) e muitas das liberdades foram, arbitrariamente, suprimidas.

Após esse período de cerceamento de liberdades, a Constituição de 1988 avançou nas questões que abarcam os direitos e garantias dos cidadãos, e, no que diz respeito à liberdade de associação, acrescentou o direito de constituir associações, referido anteriormente, e a garantia de que “as associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado” (art. 5º, inciso XIX).

A primeira lei a regulamentar a organização das associações, nos termos da Constituição de 1891, foi a Lei n. 173, de 10 de setembro de 1893, e da qual não consta revogação expressa (BRASIL, 1893). Conforme essa lei, as associações poderiam adquirir personalidade jurídica inscrevendo os seus estatutos no registro civil da circunscrição onde estabelecessem a sua sede e publicando-os, integralmente ou por extrato, no Diário Oficial do Estado onde a associação tivesse a sua sede, contendo a sua denominação, fins, sede etc. (LUCA, 1990; BRASIL, 1893).

Conforme o Código Civil brasileiro de 1916, são consideradas pessoas jurídicas de direito privado “[a]s sociedades civis [...], as associações de utilidade pública e as fundações” (BRASIL, 1916, art. 16) e a sua existência legal começa “com a inscrição dos seus contratos, atos constitutivos, estatutos ou compromissos no seu registro peculiar, regulado por lei especial, ou com a autorização ou aprovação do Governo”, quando necessário (BRASIL, 1916, art. 18). O registro civil da associação, por sua vez, deveria declarar a denominação, os fins e a sede; o modo por que se administra e representa, ativa e passiva, judicial e extrajudicialmente; se os estatutos, o contrato ou o compromisso são reformáveis no que se refere à administração, e de que modo; se os membros respondem, ou não, subsidiariamente pelas obrigações sociais; as condições de extinção da pessoa jurídica e o destino do seu patrimônio nesse caso (BRASIL, 1916, art. 19).

O novo Código Civil, que entrou em vigor em 2003, também considera as associações como pessoas jurídicas de direito privado (BRASIL, 2002, art. 44). A associação, de acordo com o novo Código, adquire personalidade jurídica com a

inscrição do seu “ato constitutivo no respectivo registro³, precedida, quando necessário, de autorização ou aprovação do Poder Executivo, averbando-se no registro todas as alterações por que passar o ato constitutivo” (BRASIL, 2002, art. 45).

É importante salientar que o Código Civil de 1916, que vigorou até 2002, não fazia distinção entre associação e sociedade. Foi somente com o novo Código Civil que a distinção passou a ser determinada pela sua finalidade econômica, ou seja, as associações se constituem “pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos” (BRASIL, 2002, art. 53), enquanto as sociedades são constituídas por “pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir, com bens ou serviços, para o exercício de atividade econômica e a partilha, entre si, dos resultados” (BRASIL, 2002, art. 981). A associação, portanto, diferencia-se da sociedade por não ter fins econômicos.

Entretanto, deve-se ressaltar que os “fins não econômicos” devem ser entendidos, na verdade, como “fins não lucrativos”, pois as associações podem desenvolver atividade econômica, desde que sem fins lucrativos, ou seja, quando não há intenção de dividir os resultados. Segundo Diniz (2012, p. 275), “não perde a categoria de associação mesmo que realize negócios para manter ou aumentar o seu patrimônio”, e que, conseqüentemente, tragam lucro, contanto que não proporcione ganhos aos associados. Um exemplo disso seriam as associações que promovem atividades de ensino, pois o fato de não terem fins lucrativos não significa que não possam cobrar mensalidades para custear despesas com salários de professores, manutenção de salas de aula, entre outras (BERGER; TOZZINI, 2013).

O fenômeno associativo, como já referido, pode assumir várias formas, de acordo com Diniz (2012, p. 276, grifo no original), pode ser classificado segundo a sua finalidade, que poderá ser: *altruística* (associação beneficente); *egoística* (associação literária, esportiva ou recreativa); e *econômica não lucrativa* (associação de socorro mútuo). No que diz respeito às associações de socorros mútuos, Luca (1990, p. 383), afirma que eram entidades que,

mediante contribuições mensais, asseguravam aos seus associados tratamento médico, medicamentos, auxílios a doentes, velhos, inválidos e viúvas; responsabilizavam-se pela realização do funeral dos sócios; além de propiciarem oportunidades de lazer e instrução.

³ A inscrição do ato constitutivo (Estatuto) deve ser realizada no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas.

Possuindo características bastante diversas entre si, as associações de socorros mútuos podiam ser formadas pelos mais diversos tipos de profissionais, sendo que muitas delas não se organizavam por classes e sim por etnias (LUCA, 1990, p. 385), sendo estas as “primeiras que surgiram entre o grupo étnico dos italianos no Brasil” (COLOGNESE, 2004, p. 32). Segundo este autor as associações étnicas se definem como

agrupamentos sociais seletivos e excludentes, situados em ambientes sociais heterogêneos etnicamente, mas que buscam agregar pessoas que compartilham a mesma origem étnica. Este critério de seleção e exclusão dos membros é indissociável de uma suposta origem comum, com todos os ingredientes ligados à língua e à cultura dos antepassados, que passam a funcionar como elos internos entre os associados e os fatores de distinção social em relação à sociedade envolvente (COLOGNESE, 2004, p. 30).

Entretanto, Morel (2001, p. 5) adverte para o fato de que as associações não são sempre unifuncionais, elas podem cumprir várias funções sociais ao mesmo tempo, sendo consideradas multifuncionais, ou seja, “as dimensões econômica, filantrópica, pedagógica, corporativa, política e cultural” podem se encontrar sobrepostas numa mesma associação.

O associativismo, neste trabalho, é considerado uma forma de sociabilidade. No entanto, é importante ressaltar que sociabilidade e associativismo não são sinônimos, embora sejam expressões que têm origem comum no termo sociedade e, portanto, na Sociologia (CALDO; FERNÁNDEZ, 2008), e ambas se originem do latim, o termo sociedade vem de *societas*, sinônimo de associação (REZENDE; BIANCHET, 2014); enquanto o termo sociabilidade vem de *sociabilitas* (CANAL, 2015).

Mas em pleno século 19, segundo González Bernaldo (2008) o termo sociedade ainda continuava a ser usado como sinônimo de associação e ambos considerados como espaço de desenvolvimento da sociabilidade; talvez esta seja uma das explicações para uma tendência generalizada de identificar sociabilidade com associação. Soma-se a isso o fato de que nos primeiros trabalhos de Maurice Agulhon não havia uma definição clara a respeito dessas duas noções, o que mais tarde, nos trabalhos seguintes, ele retificaria e denominaria de “sociabilidade associativa” (GONZÁLEZ BERNALDO, 2008).

A sociabilidade é um conceito que se distingue pela amplitude e pela ambiguidade, compreendendo, na perspectiva de Agulhon, não só a sociabilidade que ocorre em associações formais – que possuem estatuto, conselho diretor, sede etc. –

mas também aquela que acontece informalmente nos cafés, nas tabernas, nas praças etc. (CALDO; FERNÁNDEZ, 2008). É por isso que essas autoras entendem as “*sociabilidades*” no plural, pois se trata de uma “*sociabilidade formal*” e de uma “*informal*” (p. 149, grifos das autoras).

O termo sociabilidade comparece nos dicionários de língua portuguesa, espanhola, francesa e italiana desde o século 18, mas só no século 20 que o termo foi utilizado pela primeira vez no campo sociológico, no qual se destacam os estudos Georg Simmel, Max Weber e Georges Gurvitch (CANAL, 2015). Maurice Agulhon (1987, p. 40) foi quem colocou – ou contribuiu amplamente para isso – “no mercado do vocabulário histórico a palavra sociabilidade”, que lá figura desde 1966, quando foi publicada a sua obra *La sociabilité méridionale*⁴. Para essa obra, o autor estudou as “famosas confrarias e tudo o que pudesse existir perto delas de associações mais ou menos organizadas no último século do antigo regime⁵”, na região oriental da Provença, na França (AGULHON, 1987, p. 38).

A partir desse estudo, no qual o autor introduz “uma distinção mais clara entre sociabilidade como modalidade de interação social e associação como estrutura formal”, ele vai avançando na definição de sociabilidade ao longo de suas obras (GONZÁLEZ BERNALDO, 2009, p. 15, tradução nossa⁶). Com a publicação de *Le cercle*⁷, em 1977, Agulhon dirigirá novamente o seu interesse para a sociabilidade, definindo-a apenas como “a aptidão geral a viver intensamente as relações públicas” (TARDY, 2017, on-line, tradução nossa⁸),

Segundo Guereña (2003, p. 413, tradução nossa⁹), em 1981, o próprio Agulhon, em *Les associations*¹⁰, forneceu uma definição relativamente concisa de sociabilidade, entendendo-a como “os sistemas de relações que conectam os

⁴ AGULHON, Maurice. *La sociabilité méridionale (confréries et associations en Provence orientale dans la deuxième moitié du siècle XVIII)*, 2 vols. Multigrafados, Aix, La Pensée Universitaire, 1966.

⁵ Antigo Regime é a denominação do sistema social e político estabelecido na França antes da Revolução Francesa.

⁶ No original: “*una distinción más clara entre sociabilidad como modalidad de interacción social y asociación como estructura formal*”.

⁷ AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise: 1810-1848. Étude d'une mutation de sociabilité*, Paris, Armand Colin, 1977.

⁸ No original: “*l'aptitude générale à vivre intensément les relations publiques*”.

⁹ No original: “*los sistemas de relaciones que relacionan a los individuos entre sí o que les reúnen en grupos, más o menos naturales, más o menos forzosos, más o menos estables, más o menos numerosos*”.

¹⁰ AGULHON, Maurice. *Les associations depuis le début du XIXe siècle*, In : AGULHON, Maurice; BODIGUEL, Maryvonne. *Les Associations au village*, Le Paradou, Actes Sud (Bibliothèque des ruralistes), 1981, p. 11.

indivíduos entre si ou que os reúnem em grupos mais ou menos naturais, mais ou menos forçados, mais ou menos estáveis, mais ou menos numerosos”.

Em 1988, em *Histoire vagabonde*¹¹, Agulhon (1992) reformulou o conceito, afirmando que compreendia a sociabilidade como a “aptidão especial para viver em grupos e para consolidar os grupos mediante a constituição de associações voluntárias” (p. 142, grifo no original, tradução nossa¹²). Ao fazer essa afirmação, segundo Caldo e Fernández (2008), Agulhon “está estreitando o vínculo entre sociabilidade e associativismo” (p. 150, tradução nossa¹³).

A sociabilidade, como adverte Betria (2015), é um objeto difícil de definir; por isso é importante questionar a respeito do que se fala quando se fala de sociabilidade: Seria o estudo das associações políticas, culturais, intelectuais em um determinado momento histórico? Seriam as redes de amizades pessoais formadas pelas elites políticas e culturais? Seriam as práticas sociais ligadas a grupos particulares? A resposta, segundo a autora, “não é taxativa nem exclusiva [...] mas se encontra em todas ao mesmo tempo e em dois registros: o formal e o informal, onde as fronteiras são necessariamente porosas” (p. 2, tradução nossa¹⁴).

Nesse sentido, convém ressaltar que, segundo González Bernaldo (2008, p. 22, tradução nossa¹⁵), “sociabilidade e rede não são categorias analíticas intercambiáveis”. Trata-se de dois fenômenos distintos:

A sociabilidade remete a práticas sociais que colocam em relação um grupo de indivíduos que participam delas efetivamente e visa analisar o papel que podem desempenhar esses vínculos; a rede egocentrada remete a espaços de interação social [...], o que não significa que todos os indivíduos que participam da rede de ego se conheçam, nem que compartilhem espaços de sociabilidade, no sentido que acabo de assinalar. [...] Alguns especialistas combinam as duas noções, como Michel Bertrand, quando fala de “redes de sociabilidade” (GONZÁLEZ BERNALDO, 2008, p. 22, tradução nossa¹⁶).

¹¹ AGULHON, Maurice. *Classe ouvrière et sociabilité avant 1848* (Cambridge, 1984), *Histoire vagabonde I. Ethnologie et politique dans la France contemporaine*, Paris, Gallimard, 1988.

¹² No original: “la aptitud especial para vivir en grupos y para consolidar los grupos mediante la constitución de asociaciones voluntarias.”

¹³ No original: “está estrechando el vínculo entre sociabilidad y asociacionismo”.

¹⁴ No original: “La respuesta no es taxativa ni exclusiva sino [...] se encuentra en todas al mismo tiempo y en dos registros: el formal y el informal, donde los bordes son necesariamente porosos”.

¹⁵ No original: “Sociabilidad y red no son categorías analíticas intercambiables”.

¹⁶ “La sociabilidad remite a prácticas sociales que ponen en relación un grupo de individuos que efectivamente participan de ellas y apunta a analizar el papel que pueden jugar esos vínculos; la red ego-centrada remite a espacios de interacción social [...] que no implica que todos los individuos que participan a la red de ego se conozcan ni que compartan espacios de sociabilidad, en el sentido que acabo de señalar. [...] Algunos especialistas de redes comparten esta posición, combinando incluso las dos nociones como lo hace Michel Bertrand cuando habla de «redes de sociabilidad».

Desde a década de 1980 a categoria sociabilidade teve um êxito considerável na historiografia ocidental europeia, particularmente na França, Itália e Espanha; e na latinoamericana, sobretudo na Argentina, mas também no México, Brasil, Chile, Colômbia, Peru e Costa Rica (CANAL, 2015; GUEREÑA, 2003; GAYOL, 2010). O conceito se estendeu a outros espaços e práticas, demonstrando as potencialidades do objeto, mas, por outro lado, essa amplificação do conceito admitiu todo o tipo de modalidade de interação social da vida cotidiana, resultando em “uma categoria de senso comum que, ao explicar tudo, não explica nada” (GONZÁLEZ BERNALDO, 2008, p. 43, tradução nossa¹⁷).

Na historiografia argentina se encontram muitos estudos sobre as sociabilidades associativas étnicas, principalmente no marco dos estudos migratórios no país, dos quais se destacam os trabalhos de Fernando Devoto, entre outros (BRUNO, 2012).

No Brasil, até 2010, Müller¹⁸ (2010) observou que poucos trabalhos foram realizados sobre a temática da sociabilidade, sobretudo na perspectiva de Maurice Agulhon. Com relação a este autor, apesar de ter tido uma abundante produção, principalmente em língua francesa, sua obra ainda é pouco difundida para o público de língua portuguesa e espanhola da América Latina¹⁹. Somente duas de suas obras foram traduzidas para o espanhol, uma no México, em 1994 (*Historia vagabunda. Etnología y política en la Francia contemporánea*); e outra na Argentina, em 2009 (*El círculo burgués. La sociabilidad en Francia, 1810-1848*). Agulhon escreveu também a introdução de um livro publicado no Chile em 1992, intitulada *La sociabilidad como categoría histórica*. E, embora não seja específico sobre o tema da sociabilidade, o único texto do autor em português do qual se tem conhecimento, publicado no Brasil e em Portugal como capítulo de livro, é *Visão dos Bastidores* (1987).

No Rio Grande do Sul, Antonio De Ruggiero (2021) se propõe a analisar as redes de sociabilidade étnica e as formas de organização do associativismo italiano nas cidades do Rio Grande do Sul, no período de 1870 a 1914. Na cidade de Pelotas,

¹⁷ No original: “una categoría de sentido común que al explicar todo no explica nada”.

¹⁸ Müller (2010) realizou uma extensa revisão de literatura sobre sociabilidade, em nível local, nacional e internacional.

¹⁹ Textos de Maurice Agulhon em espanhol e português: *Historia vagabunda. Etnología y política en la Francia contemporánea*. México DF: Instituto Mora, 1994; *El círculo burgués. La sociabilidad en Francia, 1810-1848*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2009; *La sociabilidad como categoría histórica*. In: *Formas de sociabilidad en Chile, 1840-1940*, ed. Maurice Agulhon et al. Santiago de Chile: Editorial Vivaria - Fundación Mario Góngora, 1992. p. 1-10; *Visão dos bastidores*. In: NORA, Pierre et al. *Ensaio de Ego-história*. Edições 70 (Brasil), 1987. p. 13-62.

a tese de Dalila Müller (2010) e a dissertação de Letícia Milan (2018) têm como temática a sociabilidade. Müller (2010) analisou os espaços de sociabilidade da elite pelotense após a Revolução Farroupilha (1840-1870) a partir de autores como Maurice Agulhon, identificando os espaços formais de sociabilidade, tais como associações recreativas e culturais; os semiformais, como o teatro e os hotéis; e os informais, como os espaços abertos.

Milan (2018), por sua vez, aborda a sociabilidade a partir das obras de Georg Simmel, propondo uma investigação sobre os espaços de lazer e sociabilidade da elite pelotense através dos diários íntimos de Clarice Tavares Xavier datados entre 1954 a 1956, com base em autores como Simmel. A autora também faz referência às associações étnicas italianas do século 19 e aos espaços de sociabilidade educacionais e recreativos da cidade no período que corresponde aproximadamente ao ano em que começou a funcionar a ACIB, ou seja, 1958.

Para concluir, Caldo e Fernández (2008) assinalam que a sociabilidade é uma categoria útil para a análise histórica, seja como objeto de estudo, seja como ferramenta metodológica (CALDO; FERNÁNDEZ, 2008, p. 145).

2.2 INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS, CULTURA ESCOLAR E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Nesta seção, como já referido, busca-se realizar uma articulação teórica entre as categorias cultura escolar e instituições educativas não escolares que desenvolvem práticas de educação não formal.

Para compreender o termo cultura escolar, toma-se por base, inicialmente, as contribuições de Antonio Viñao Frago (1995) e Dominique Julia (2001). Viñao Frago (1995 p. 68-69, tradução nossa²⁰) entende a cultura escolar, ou melhor, as culturas escolares, como o autor prefere falar, como o “conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização [o que] inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos [...], objetos materiais [...], e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas”. Enfim, tudo, como o próprio

²⁰ No original: “conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizan a la escuela como organización [el que] incluye prácticas y conductas, modos de vida, hábitos y ritos [...], objetos materiales, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas”.

autor afirma, “a cultura escolar é toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer” (p. 69, tradução nossa²¹).

Julia (2001, p. 10, grifos no original), por sua vez, descreve a cultura escolar “como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Entretanto, o autor adverte que tais normas e práticas

não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (JULIA, 2001, p. 10-11, grifos no original).

Essas duas concepções de cultura escolar, de acordo com Pincinato (2007, p. 1), “não são excludentes e põem em destaque o novo olhar que se desloca dos processos externos à escola para a análise dos aspectos internos”.

Do ponto de vista prático, Escolano Benito (2017, p. 77) afirma que a cultura da escola “é uma cadeia de rituais interativos, imersa, por sua vez, no arquipélago dos ritos que se insere no mundo da cotidianidade, seu contexto” possuindo, portanto, um forte caráter ritual.

Muitas são as perspectivas de abordagem a partir da categoria cultura escolar, destacam-se aqui aquelas mencionadas por Faria Filho et al (2004) e Julia (2001). Faria Filho et al (2004, p. 149) apontam três perspectivas: “saberes, conhecimentos e currículos; espaços, tempos e instituições escolares; e materialidade escolar e métodos de ensino”; dentro das quais estariam compreendidos diversos objetos de interesse, tais como “livros e leituras, uniformes escolares, materiais didáticos entre outros” (p. 149).

Para Julia (2001) três eixos parecem vias particularmente interessantes de serem seguidas para o entendimento da cultura escolar: o primeiro seria a análise das normas e das finalidades que regem a escola; o segundo, o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho de educador; e o terceiro, a análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares. De acordo com esse autor, a análise das normas e das finalidades que regem a escola seria um dos estudos mais tradicionais na

²¹ No original: “*la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer*”.

história da educação, pois o acesso aos textos reguladores e aos projetos pedagógicos são mais fáceis do que as próprias realidades. No que se refere à profissionalização dos professores, o mesmo autor acredita ser fundamental estudar como e segundo quais critérios os professores foram recrutados, a fim de verificar quais são os saberes e o *habitus* requeridos de um futuro professor. Com relação aos conteúdos ensinados e práticas escolares, o autor explica que seria o estudo daquilo que hoje se chama disciplinas escolares.

No que diz respeito à instituição escola, como salienta Viñao Frago (1995), é evidente que ela é uma instituição, e é justamente por isso que se pode falar de cultura escolar, e vice-versa. Por outro lado, para além dos limites da escola, é possível estudar a cultura “escolar” em instituições educativas não escolares, como neste caso de uma associação cultural, por exemplo, bem como estabelecer relações entre esta e a escola.

Com base em Magalhães (2004), que diferencia e hierarquiza vários tipos de instituições educacionais, entende-se que este tipo de associação cultural se insere naquilo que ele define como instituição educacional “de formação”, ou seja, as “escolas, internatos, colégios, associações de antigos alunos, associações de finalistas, associações recreativas, que geram uma afinidade e uma identidade cultural” (p. 53). Segundo o autor, “trata-se de associações multissetoriais que delimitam um horizonte, dão significado a uma visão de mundo e constituem fator de identidade” (p. 53).

Apesar de o discurso pedagógico, a partir do século 19, ter se centrado cada vez mais na escola, elevando essa instituição a paradigma da ação educativa, a educação não escolar sempre existiu; ao contrário da escola, que é uma instituição histórica que não existe desde sempre e nada garante que vá se perpetuar indefinidamente (TRILLA BERNET, 2008). De acordo com esse autor, a escola “[f]oi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação. A escola constitui apenas uma de suas formas, e nunca de maneira exclusiva” (p. 17). Nesse sentido, Severo (2015) alerta para o fato de que o termo “educação não corresponde à escolarização nem à instrução” (p. 5) e ressalta que a “Pedagogia tem como objeto a educação como formação humana e não somente a formação escolar ou instrução formal, estando estas inseridas no contexto daquela” (p. 5).

A partir da segunda metade do século 20, segundo Trilla Bernet (2008), devido a fatores sociais, econômicos e tecnológicos, que, por um lado, geraram novas demandas por educação e, por outro, originaram novas possibilidades pedagógicas não escolares que buscaram atender a essas necessidades, começam a proliferar novos espaços educacionais não escolares. Esses espaços são múltiplos, como afirma Gadotti (2005), são as Organizações Não-Governamentais, as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações etc.

Afonso (2001) diferencia o campo da educação escolar e o da não escolar, e justifica o uso dessas denominações porque dentro da última estariam incluídas a educação informal e a não formal. Albuquerque e Buecke (2019), e Zoppei (2015), referem-se à educação não escolar como um termo mais amplo que incluiria além da educação não formal, a extraescolar, a social, a informal, afirmando que esse tipo de educação está se configurando como um campo científico emergente.

Comumente, a educação não formal é identificada como aquela que se realiza fora da escola ou a que se afasta dos procedimentos escolares convencionais, assim, “o escolar seria o formal, enquanto o não escolar [...] seria o não formal” (TRILLA BERNET, 2008, p. 39). Entretanto, uma outra concepção é trazida por Severo (2015), à qual este estudo se filia, quando afirma que a educação não escolar é uma categoria que engloba práticas educativas desenvolvidas fora da escola, sejam elas formais, não formais e informais. Segundo o autor, assim como é possível reconhecer atividades formais que se desenvolvem fora da escola, da mesma forma, a escola pode ser o espaço de atividades educativas não formais. Logo, a funcionalidade do conceito de educação não escolar se aplicaria quando há “necessidade de denominar contextos de ação educativa, e não sumariamente descrever práticas educativas”, tendo em vista que, para isso, é recomendável o uso das categorias educação formal, educação não formal e educação informal (SEVERO, 2015, p. 565).

Essas categorias, definidas por Coombs em 1975, são apresentadas por Trilla Bernet (2008) da seguinte forma: a educação formal como um sistema altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e com uma hierarquia que inicia nos primeiros anos da escola e vai até os últimos da universidade; a educação não formal como “toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial” (p. 33); e a educação informal como “um processo, que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimento por meio de experiências diárias e de sua relação com o meio” (p. 33).

Essa distinção tripartite, segundo Trilla Bernet (2008), tem o objetivo de setorizar o universo da educação numa tentativa de definir fronteiras no seu interior, dessa forma, o problema inicial consiste em definir tais fronteiras. Para esse autor, a educação formal e a educação não formal se difeririam, não pelo seu caráter escolar ou não escolar, mas pela sua inclusão ou exclusão da “estrutura educativa graduada e hierarquizada orientada à outorga de títulos acadêmicos” (p. 40). E ainda, de acordo com o mesmo autor, deveriam ser subclasses de um mesmo tipo de educação, pois, tanto uma quanto a outra são intencionais, ou seja, “contam com objetivos explícitos de aprendizagem ou formação e se apresentam sempre como processos educativamente diferenciados e específicos” (p. 38-39).

Pastor Homs (2001), por outro lado, apresenta uma distinção bipartite entre educação formal e educação informal. Com base na definição de Scribner e Cole (1973), a autora afirma que a educação formal abarcaria um campo mais amplo que o da educação escolar, com uma subdivisão interna entre “‘educação formal escolar’ e ‘educação formal em contextos não institucionais’” (p. 533, tradução nossa²²). A autora acredita que há uma característica interessante na concepção de educação formal utilizada por Scribner e Cole, que é a inclusão nessa categoria de todos os processos educativos que outros autores entendem como educação formal e educação não formal, e que se dão tanto na instituição escolar quanto fora dela. Essa concepção corrobora a ideia de Trilla Bernet (2008), vista anteriormente, de que a educação formal e a educação não formal deveriam ser subclasses de um mesmo tipo de educação. Na verdade, como afirma esse autor, as três categorias não são estanques, elas não apenas se entrecruzam, como se intrometem mutuamente.

No que concerne às relações entre a educação formal e a não formal, às vezes elas podem assumir um caráter de suplência, ou seja, “a educação não formal assume tarefas que são – ou deveriam ser – próprias do sistema formal, mas que ele não realiza de maneira satisfatória” (TRILLA BERNET, 2008, p. 47), ou vice-versa. Como exemplo, o autor faz referência à notória ineficácia da escola no ensino de línguas estrangeiras na Espanha, o que multiplica a oferta não formal desse tipo de ensino, exercendo assim uma função claramente supletiva.

Por fim, cabe ressaltar que um dos principais atributos da educação não formal, segundo Gohn (2006), é que ela desenvolve laços de pertencimento e, dessa forma,

²² No original: “‘educación formal escolar’ y ‘educación formal en contextos no institucionales’”

pode ajudar na construção de um sentimento de identidade de um grupo. Acrescenta-se a isso, também, as associações, visto “que geram uma afinidade e uma identidade cultural” (MAGALHAES, 2004, p. 53), sendo este o conceito que será abordado a seguir.

2.3 ETNICIDADE, GRUPOS ÉTNICOS, IDENTIDADE ÉTNICA E NACIONAL

A tematização da identidade étnica, de acordo com Regina Weber (2006, p. 236), “possibilitou novas abordagens ao campo de estudos da imigração e da colonização [...], mas apresentou, por outro lado, novos desafios conceituais, que tornaram imprescindível o recurso a noções desenvolvidas por outras áreas”, tais como a antropologia e a sociologia. Assim sendo, antes de tratar da questão da identidade étnica e nacional, é importante abordar algumas noções relativas à etnicidade e grupos étnicos.

A etnicidade surge como uma nova categoria social (GLAZER; MOYNIHAN, 1975), sendo intimamente ligada aos fenômenos migratórios (BACAL, 1991). No sentido usado por Glazer e Moynihan (1975, p. 1, tradução nossa)²³, isto é, como “o caráter ou qualidade de um grupo étnico”, o termo aparece pela primeira vez no Suplemento do *Oxford English Dictionary*, em 1972, o qual registra que foi usado pela primeira vez por David Riesman, em 1953. Já na edição de 1973 do *American Heritage Dictionary*, o termo é definido como “[a] condição de pertencer a um determinado grupo étnico”, sendo esta definição a que mais se encaixa com a visão de Glazer e Moynihan, ou seja, uma condição objetiva (1975, p. 1, tradução nossa²⁴).

Contrariando a afirmação de Glazer e Moynihan acima – de que foi David Riesman quem primeiro utilizou o termo etnicidade nos Estados Unidos –, Poutignat e Streiff-Fernart (1997, p. 22), com base em Sollors (1986), alertam que Warner, em suas *Yankee City Series*, “foi provavelmente o primeiro autor americano a utilizar-se do termo”. Mas foi somente a partir da década de 1970, nos Estados Unidos, que o termo se firmou no campo das ciências sociais (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1997).

No âmbito da etnicidade, os historiadores têm se dedicado a discussões que estão mais próximas dos estudos de imigração, colonização e nacionalismo (WEBER,

²³ No original: “the character or quality of an ethnic group”

²⁴ No original: “The condition of belonging to a particular ethnic group”

2005). No Brasil, segundo a mesma autora (2003), a principal referência nos estudos sobre imigração é a historiadora e antropóloga Giralda Seyferth²⁵, cujas pesquisas remontam à década de 1970. Nesse sentido, é importante destacar que “[n]em todos os processos de imigração resultam em colonização: os deslocamentos forçados, como a escravidão, e a fixação dos emigrantes em espaços urbanos não são usualmente reconhecidos como colonização” (WEBER, 2006, p. 236-237). Entre os autores que propõem uma abordagem histórica²⁶ à etnicidade, com base nos fenômenos migratórios, Bacal (1991, p. 24, tradução nossa)²⁷ cita Van den Berghe (1978, p. 14), que descreveu as quatro maneiras em que a migração se correlaciona historicamente com os padrões de relações interétnicas existentes:

1. Conquista militar, na qual o vencedor (muitas vezes em minoria numérica) estabelece seu domínio político e econômico sobre um grupo indígena...
2. Expansão gradual da fronteira de um grupo que expulsa e extermina a população local...
3. Migração involuntária, quando um grupo escravo ou estrangeiro contratado é introduzido em um país para constituir uma casta servil...
4. Migração voluntária, quando grupos estrangeiros se mudam para outro país para buscar proteção política ou oportunidade econômica.

Seyferth (1986a) explica que etnicidade e grupo étnico são conceitos diferentes, embora inseparáveis, pois a etnicidade supõe a interação entre diferentes grupos étnicos em um mesmo contexto social. A noção de grupo étnico na sociologia, entretanto, é anterior à de etnicidade, tendo sido Max Weber, no capítulo dedicado às relações comunitárias étnicas, na obra *Economia e Sociedade*, publicada em 1922, o primeiro a tentar caracterizar este tipo particular de grupo social (BACAL, 1991). Indispensável para os estudos de etnicidade, Max Weber (2004, p. 270) traz uma definição ainda bastante atual relativa a grupos étnicos, descrevendo-os como:

²⁵ Falecida em 2017.

²⁶ Bacal (1991) apresenta duas visões sobre etnicidade, de acordo com sua perspectiva histórica implícita, a saber, a circunstancialista e a histórica. De acordo com o autor, a primeira dá ênfase à conjuntura, enquanto a segunda aborda “as origens coloniais dos padrões predominantes das relações interétnicas” (1991, p. 23, tradução nossa). No original: “[...] *the colonial origins of the prevailing patterns of inter-ethnic relations.*”

²⁷ No original:

“1. *Military conquest, in which the victor (often in the numerical minority) establishes his political and economic domination over an indigenous group...*
 2. *Gradual frontier expansion of one group which pushes back and exterminates the local population...*
 3. *Involuntary migration in which a slave or indentured alien group is introduced into a country to constitute a servile caste...*
 4. *Voluntary migration when alien groups move into the host country to seek political protection or economic opportunity.*”

aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva.

Conforme assinala Poutignat e Streiff-Fenart (1997, p. 163), o aspecto mais marcante da definição de Weber está na crença – e não o fato da – na origem comum, dessa maneira “todas as dimensões classicamente levadas em conta para definir grupo étnico (língua, território, religião etc.) tornam-se aqui pertinentes [...] como recursos que podem ser mobilizados para manter ou criar o mito da origem comum”. Esses autores ainda afirmam que para alguns, o critério linguístico é determinante para a definição de grupo étnico; enquanto que para outros, é inexistente; mas esclarecem que a língua só se torna um critério determinante quando é utilizada como um marcador de pertencimento, ou seja,

Embora determinados atributos culturais (como a língua) estejam em melhor posição para serem nisso utilizados, nenhum pode merecer o crédito de uma validade universal e essencial para a identificação étnica. Nem o fato de falarem uma mesma língua, nem a contiguidade territorial, nem a semelhança dos costumes representam por si próprios atributos étnicos. Apenas se tornam isso quando utilizados como marcadores de pertença por aqueles que reivindicam uma origem comum (1997, p. 163).

Fredrik Barth (1997), num dos textos mais influentes no âmbito da etnicidade, segundo Poutignat e Streiff-Fernart (1997) – a introdução da obra *Ethnic groups and boundaries* (Grupos étnicos e suas fronteiras), publicada em 1969 –, colocou em discussão a concepção clássica do termo grupo étnico na antropologia. Até então esse termo designava uma população capaz de se perpetuar biologicamente; de compartilhar valores culturais fundamentais; de constituir um campo de interação e comunicação; e, enfim, de possuir um grupo composto por membros que se identificam e são identificados por outros como parte de uma categoria distinta (BARTH, 1997). Em seu texto, Barth (1997) dá ênfase ao último dos aspectos citados como sendo o traço fundamental dos grupos étnicos, isto é, a autoatribuição ou a atribuição por outros a uma categoria étnica. O autor explica que uma “atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente” (p. 193-194).

Dessa maneira, a definição de grupo étnico, segundo Seyferth (1986b), é uma questão de identidade étnica, e esclarece que o termo foi definido pela primeira vez por Daniel Glaser. Este autor entende que identidade étnica “refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais ou religiosos para se identificar e, assim, relacionar-se com os outros” (GLASER, 1958, p. 31, tradução nossa²⁸). Complementando essa definição, Woodward (2009) afirma que a identidade é relacional, isto é, a diferença é determinada por uma marcação simbólica em relação a outras identidades. Assim sendo, a ideia de que a identidade étnica se constrói a partir da diferença implica no fato de que “não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas” (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1997, p. 40).

Entretanto, é importante ressaltar que identidade étnica e identidade nacional não são equivalentes, pois, como se sabe, levas de imigrantes procedentes de uma mesma nacionalidade nunca são compostas por culturas homogêneas, e que associá-las a um estado-nação, embora seja a forma mais fácil nominá-las, não soluciona a questão do entendimento desse grupo étnico, apenas fornece elementos para isso (WEBER, 2006, p. 237).

A ideia de nação está intimamente ligada à de identidade nacional e ambas, como ressaltava Moreno (2014), têm sido muito debatidas pelas ciências sociais. Segundo o historiador Ernest Renan²⁹ (2006), as nações, tal como são conhecidas hoje, são algo bastante novo na história, a antiguidade não as conheceu. Em uma conferência realizada na Sorbonne, em 1882, na qual discutiu os princípios que serviram de base à existência das nações e analisou os critérios em que elas se baseavam, Renan (2006, p. 91) se questionava: “Mas o que é, então, uma nação?”

Segundo esse autor, para alguns teóricos “uma nação é, antes de tudo, uma dinastia” (2006, p. 92), e afirma que quase todas nações modernas foram criadas a partir de uma família de origem feudal, ou seja, com base no princípio dinástico, como foi o caso da França e da reunião entre Inglaterra, Irlanda e Escócia, formando o Reino Unido. Entretanto, o autor reconhece que uma nação pode existir sem que haja esse

²⁸ No original: “*Ethnic identification*’ refers to a person’s use of racial, national or religious terms to identify himself, and thereby, to relate himself to others”.

²⁹ Ernest Renan, historiador francês do século 19, conhecido pela sua teoria de nação, é um dos autores citados diretamente por Hall (2000).

princípio, como por exemplo, a Suíça e os Estados Unidos, que não têm nenhuma base dinástica. O autor ainda afirma que a Itália demorou mais tempo para se tornar uma nação porque, antes do século 19, não havia entre suas várias casas reinantes nenhuma que fosse o centro da unidade.

Contudo, para além do direito dinástico, de acordo com Renan (2006), existe o direito nacional, a respeito do qual o autor indaga sobre qual critério se baseia esse direito. Após analisar detalhadamente critérios como raça, língua, interesses, religião, fronteiras naturais e necessidades militares, o autor conclui que nada disso basta, pois “[u]ma nação é um princípio espiritual” (p. 98), resultante de profundas complexidades da história, e que para criar esse princípio espiritual da unidade de uma nação são necessárias duas coisas: Uma está no passado, que é a posse de um rico legado de memórias em comum; a outra, no presente, que é o desejo de viver em conjunto e de perpetuar a herança recebida. Fatores estes que, como observa Hall (2000), dizem respeito àquilo que o cientista político e historiador Benedict Anderson considera uma “comunidade imaginada”.

Para Anderson (2008, p. 32), em um sentido antropológico, as nações modernas são “comunidades imaginadas”, ou seja, uma “comunidade política imaginada” como sendo limitada e ao mesmo tempo soberana. O autor argumenta que ela é imaginada porque jamais acontecerá que todos os seus membros se conheçam ou se encontrem pessoalmente; é imaginada como limitada, porque possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações; é imaginada como soberana, porque era uma época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a ordem divina, hierárquica e dinástica na qual a soberania era atribuída a um indivíduo ou a algum Deus; e, finalmente, é imaginada como uma comunidade porque, apesar das desigualdades e explorações, ela é sempre concebida como uma estrutura de camaradagem horizontal.

Hall (2000), por sua vez, afirma que uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica a sua capacidade para produzir um sentimento de identidade. Mas, para produzir esse sentimento, Silva (2000) ressalta que é preciso criar laços imaginários que possibilitem unir as pessoas, fazendo com que elas sintam que têm coisas em comum, que se imaginem pertencentes a uma mesma nação, e não apenas indivíduos isolados. Esses laços imaginários dizem respeito àquilo que o historiador Eric Hobsbawm (2008) entende por “tradições inventadas”, ou seja, “um conjunto de práticas, [...] de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e

normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (p. 9). Isso porque, segundo o mesmo autor, “toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (p. 21).

Nesse sentido, o autor ainda destaca que as “tradições inventadas” podem ser de especial interesse para os historiadores, pois se aplicam aos estudos que envolvem a nação e seus fenômenos associados, tais como “o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos nacionais” (p. 22) etc. Segundo Silva (2000, p. 85), “a história da imposição das nações modernas coincide, em grande parte, com a história da imposição de uma língua nacional única e comum”, e com a construção de símbolos nacionais como hinos, bandeiras e brasões.

No que diz respeito à língua nacional, Silva (2000) aponta que ela tem sido um dos elementos centrais do processo de produção da identidade nacional. Para Weber (1982, p. 208), é claro que um idioma comum é o mais destacado “entre os elementos culturais que representam a base positiva mais importante para a formação do sentimento nacional”, porém, mesmo “o idioma comum não é totalmente indispensável nem suficiente em si mesmo”.

No mesmo sentido, Renan (2006, p. 94) alerta que a “língua convida a se reunir, mas não é imperativa”. Ao citar como exemplo os Estados Unidos e a Inglaterra, a América espanhola e a Espanha – que falam a mesma língua mas não formam uma única nação –, e a Suíça – que, ao contrário, é uma nação onde se falam quatro idiomas oficiais –, o autor conclui que “[h]á no homem alguma coisa de superior à língua” que é a sua vontade (p. 94).

Em relação aos símbolos nacionais, segundo Silva (2000), destacam-se os chamados “mitos fundadores”, que, fundamentalmente

remete[m] a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional (SILVA, 2000, p. 85).

Assim, o mito fundador (ou mito fundacional) explicaria a origem de uma nação³⁰, ou até mesmo de uma cidade³¹, pois,

Pouco importa se os fatos assim narrados são ‘verdadeiros’ ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia (SILVA, 2000, p. 85).

Assim é que as culturas nacionais em que nascem os indivíduos, conforme Hall (2000, p. 47), são “uma das principais fontes de identidade cultural”. Obviamente que, quando as pessoas se definem com determinadas nacionalidades, estão falando de forma metafórica, pois, segundo o autor, essas identidades não são inatas, não estão impressas nos genes desses indivíduos, no entanto, elas são pensadas como se fizessem parte de sua natureza essencial. Nesse sentido, Ortiz (2013, p. 622) salienta que

toda identidade é uma representação e não um dado concreto que pode ser elucidado ou descoberto, não existe identidade autêntica ou inautêntica, verdadeira ou falsa, mas representações do que seria um país e seus habitantes. Não há, portanto, o brasileiro, o francês, o americano, o japonês.

As nações modernas, portanto, “*são, todas, híbridos culturais*” (HALL, 2000, p. 62, grifo no original). A crença de que há uma identidade nacional unificada, segundo o autor, é um mito, pois na Europa Ocidental, por exemplo, não existe nenhuma nação que seja formada por “apenas um único povo, uma única cultura ou etnia³². O Reino Unido, a França, a Alemanha e a Itália são países onde houve mais mistura de povos (RENAN, 2006). De acordo com este autor, o Reino Unido foi formado por povos celtas e germânicos; a França, por celtas, ibéricos e germânicos; a Alemanha, por germânicos, celtas e eslavos; e a Itália, onde houve uma mistura mais numerosa, foi formada por gauleses, etruscos, pelasgos, gregos, entre outros.

Além disso, as identidades nacionais, em situação de diáspora, podem se somar, fazendo surgir novas identidades múltiplas e hifenizadas (HALL, 2003), como

³⁰ Como por exemplo, o “nascimento” do Reino da Itália, em 17 de março de 1861, que teve como herói Giuseppe Garibaldi, também conhecido como o “herói de dois mundos” em razão de sua participação em revoluções na Itália e na América do Sul; ou mesmo o “nascimento” da República Italiana, em 2 de junho de 1946.

³¹ O mito da fundação de Roma é um exemplo, pois teria sido fundada em 21 de abril de 753 a.C. pelos irmãos gêmeos Rômulo e Remo, abandonados ao nascer e criados por uma loba.

³² O termo etnia se refere às características culturais que são partilhadas por um povo, isto é, a língua, a religião, os costumes, as tradições etc. (HALL, 2000, p. 62).

é o caso dos teuto-brasileiros, dos polono-brasileiros, dos ítalo-brasileiros ou até mesmo dos ítalo-gaúchos, termo este ao qual Tonet (1998) atribui a paternidade ao antropólogo Antônio Augusto Fagundes. E isso remete à noção de identidade étnica como uma “construção cultural que se realiza em um período de tempo histórico”, conforme Conzen *et al* (1990, [p. 2], tradução nossa³³), na qual os “grupos étnicos em situações reais se recriam constantemente e a etnicidade é continuamente reinventada para enfrentar as realidades que mudam, seja no interior do grupo, seja no interior da sociedade que o acolhe”.

E ainda, para indicar um vínculo cultural à nação de origem, são utilizados termos como germanidade, polonidade e italianidade (SEYFERTH, 2012), sendo esta última – *italianità*, em italiano – de particular interesse para este estudo, entendida como “o ser e o sentir-se italiano; como o pertencimento à civilidade, à história, à cultura e à língua italiana, e, sobretudo, a consciência desse pertencimento” (*ITALIANITÀ*, 2019, on-line, tradução nossa³⁴).

Por fim, após terem sido apresentadas as categorias conceituais que fundamentam este referencial teórico, encaminha-se para o próximo capítulo, que apresentará o percurso metodológico realizado.

³³ No original: “*I gruppi etnici in situazioni reali si ricreano costantemente e l'etnicità viene continuamente reinventata per far fronte a realtà che cambiano, sia all'interno del gruppo sia all'interno della società che lo accoglie*”.

³⁴ No original: “*l'essere e il sentirsi italiano; appartenenza alla civiltà, alla storia, alla cultura e alla lingua italiana, e soprattutto la coscienza di questa appartenenza*”.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa, realizou-se um percurso metodológico por meio de revisão de literatura (GALVÃO; LOPES, 2010), pesquisa documental (CELLARD, 2012), entrevistas de história oral (MEIHY, 1998) e semiestruturadas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), que estão descritos nas próximas três seções.

3.1 REVISÃO DE LITERATURA

O ponto de partida de todo trabalho histórico é a realização de um levantamento bibliográfico sobre o tema de interesse do pesquisador (SAMARA; TUPY, 2010). Para tanto, o levantamento foi realizado em bibliotecas e bases de dados digitais, conforme sugerem Galvão e Lopes (2010), buscando-se o que já havia sido produzido a respeito de associações étnicas italianas e outros temas diretamente relacionados ao contexto em que se inserem¹. Assim, foram consultados o Pergamum (Sistema de Gerenciamento do Acervo das Bibliotecas da UFPel); o Banco de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); a Revista Brasileira de História da Educação; a Revista História da Educação; Cadernos de História da Educação; o Google Acadêmico e o SciELO (Biblioteca Eletrônica Científica Online).

A busca de livros, artigos, dissertações e teses foi direcionada pelas seguintes palavras-chave, tanto no singular, quanto no plural: associação italiana; associação étnica italiana; associação cultural italiana; associação cultural ítalo-brasileira; sociedade italiana; imigração italiana.

No que diz respeito a este último, ou seja, a imigração italiana, os resultados foram divididos em âmbito nacional, regional e local. Dessa forma, foram selecionadas as contribuições alguns autores e autoras que abordam o tema da imigração italiana no Brasil, tais como Bertonha (2013), Cenni (2003), Constantino (2000), Corsetti

¹ O levantamento foi realizado em 2019 e atualizado em 2020.

(1987), Trento (1989) e Valerio (1959); da imigração italiana após a Segunda Guerra Mundial, como Carvalho (1943), Facchinetti (2003), Salles e Bastos (2013); da imigração italiana no Rio Grande do Sul, principalmente Azevedo (1975), Constantino (1991), Costa e De Boni (1998), De Boni e Costa (1984), Herédia (2001), Iotti (2001), Possamai (2005); e em Pelotas, notadamente, Anjos (2000), Grando (1984), Pomatti (2011).

Dos trabalhos que abordam as associações étnicas italianas em Pelotas, o primeiro deles, e o mais antigo, é o álbum do *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud* (1925), que traz, no seu segundo volume, um capítulo dedicado às as associações étnicas italianas no Rio Grande do Sul, referindo-se, também à *Società Unione e Filantropia*², de Pelotas.

O livro de Marcos Hallal dos Anjos (2000), “Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX” – resultado da sua dissertação de mestrado em História, em 1996 –, analisa a participação dos estrangeiros no processo de modernização da cidade, no último quartel do século 19, dedicando um capítulo à imigração no Brasil e no RS, e à colonização em Pelotas, e outro, especialmente, à atuação cultural dos estrangeiros, apresentando as entidades associativas italianas e suas iniciativas educacionais.

Dois trabalhos se dedicam exclusivamente às associações italianas em Pelotas. A monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História de Andréia Albuquerque dos Santos (2002) enfoca especificamente “A Sociedade Italiana Pelotense (SIP)”, criada em 1992, abordando também as antigas associações italianas. Neste aspecto, à página 25, a autora faz referência à ACIB, afirmando que essa associação oferecia cursos de italiano e de arte doméstica, além de ter formado um coral italiano, e que encontrou documentação sobre ela somente até 1968.

A dissertação de mestrado em História de Fabiano Neis (2016), intitulada “As Sociedades Italianas em Pelotas: A formação de uma identidade coletiva (1870-1925)”, traz as contribuições dos italianos e de suas sociedades para a formação de uma italianidade na cidade.

² Tendo em vista as diferentes grafias encontradas em diversos documentos para o nome dessa associação, tais como União/Unione e Philantropia/Filantropia, optou-se por uniformizar seu uso em todo o texto, adotando-se a forma que foi encontrada com mais frequência nas fontes, ou seja, *Unione e Filantropia*.

O Dicionário de História de Pelotas, no verbete “Italianos” (POMATTI; LONER, 2017), apresenta um resumo das sociedades italianas em Pelotas, desde o surgimento da primeira, em 1873, até 1992, quando foi criada a Sociedade Italiana Pelotense, entretanto, não faz referência à Associação Cultural Ítalo-Brasileira.

Outros trabalhos versam sobre as sociedades mutualistas e beneficentes em Pelotas – nas quais se incluem algumas sociedades étnicas italianas –, como é o caso do livro de Beatriz Loner (2016) intitulado “Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande”, produto da sua tese de doutorado em Sociologia, de 1999, com um recorte temporal de 1888 a 1937; e da tese de doutorado em História de Adhemar Lourenço da Silva Jr. (2004), que tem como título “As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul–Brasil, 1854-1940)”.

Dos estudos que abordam associações étnicas italianas em outros estados, o artigo de Tania Regina de Luca (1990) trata das sociedades de socorros mútuos italianas em São Paulo; e o livro de Silvio Antonio Colognese (2004) intitulado “Associações étnicas de italianos: Identidade e Globalização”, aborda as associações étnicas de italianos no Brasil e, sobretudo, no oeste do estado do Paraná. A dissertação de Elisa Isabel Machado (2016), na área de Letras, sobre a Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ), versa, entre outras coisas, sobre a história dessa associação que apoiou a implementação do ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália, no período de 1992 a 2012.

Cabe salientar que os trabalhos citados anteriormente foram realizados nas áreas de História, Sociologia e Letras. Especificamente na área da História da Educação, Renata Brião de Castro e Patrícia Weiduschadt (2018), em um capítulo do livro “Escolarização, culturas e instituições: escolas étnicas italianas em terras brasileiras”, organizado por Terciane Ângela Luchese, tratam das escolas étnicas e das sociedades italianas no município de Pelotas, de 1883 a 1937.

Conclui-se que, exceto o trabalho de Santos (2002), que faz uma breve referência à ACIB, não existe um estudo específico sobre essa associação, visto que quase todos os estudos citados possuem um recorte temporal anterior à data de criação dessa associação. Apesar disso, todos os trabalhos citados serviram como ponto de partida desta pesquisa, permitindo conhecer as antigas associações étnicas italianas em Pelotas e seus participantes.

3.2 PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental pode ser definida, de forma simplificada, como uma pesquisa que faz uso de documentos como fonte de informação. A noção de documento utilizada neste estudo vai ao encontro do que afirma Cellard (2012), para o qual todo e qualquer vestígio proveniente do passado pode ser usado como testemunho e considerado como documento ou fonte. Convém esclarecer, no entanto, que esses termos não são sinônimos, “documento” diz respeito a “todo e qualquer elemento proveniente do passado, longínquo ou muito próximo, seja qual for sua natureza e suporte”, enquanto “fonte” abrange apenas aqueles documentos selecionados e efetivamente utilizados pelo pesquisador no seu estudo (LUCA, 2020, p. 36).

O percurso metodológico com a pesquisa documental foi realizado em três etapas. A primeira foi dedicada à localização e seleção dos documentos; a segunda, à organização dos documentos selecionados; e a terceira, à análise documental.

Dessa maneira, na primeira etapa, considerando-se que “não se faz pesquisa em história sem fontes, e não se faz também com fontes existentes, mas inalcançáveis” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 93), foram identificados e contatados os principais acervos a serem consultados, a saber: da Associação Cultural Italiana Pelotense (ACIP) e do Consulado Geral da Itália em Porto Alegre. Neste último, infelizmente, a impossibilidade de acesso aos seus arquivos, mesmo depois de inúmeras tentativas, configurou-se como aquele caso de “fontes existentes, mas inalcançáveis”. Na ACIP, ao contrário, mesmo se tratando de um acervo particular de uma instituição privada, o acesso foi permitido, facilitado também pelo fato de esta pesquisadora ter trabalhado no local e já conhecer as pessoas.

Na ACIP, que é a sucessora das antigas sociedades italianas que existiram em Pelotas e a única ainda em funcionamento nesta cidade, encontrou-se um acervo com os documentos dessas antigas associações que se resume a três caixas de arquivo – catalogadas conforme mostram as etiquetas das respectivas caixas na Figura 1 –, dentro das quais os documentos estão acondicionados em envelopes pardos, também identificados. Vale ressaltar, entretanto, que alguns dos documentos indicados já não se encontram mais nas respectivas caixas ou envelopes.

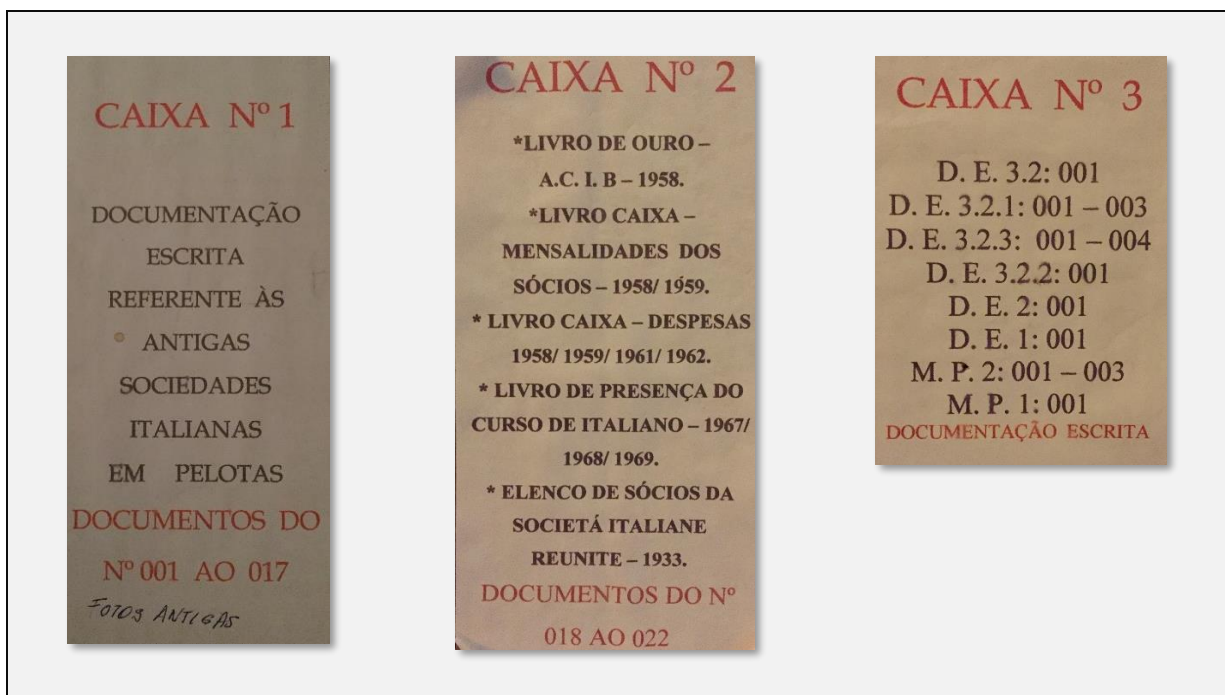


Figura 1 - Rótulos das caixas de arquivo do acervo da ACIP.

Fonte: Acervo ACIP. Reprodução da autora.

Todos os documentos pertinentes ao estudo foram fotografados³ no local para, após, proceder-se à sua seleção e identificar aqueles que poderiam corresponder aos objetivos traçados para esta pesquisa. No entanto, é importante destacar que a seleção desses documentos já foi feita previamente por diversos agentes, desde os que os produziram até os que os conservaram, e, nesse sentido, a história “só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 67) e o historiador trabalha por inferências com base nesses documentos que chegaram até o presente (LUCA, 2020).

No que diz respeito aos documentos das antigas (e atual) associações italianas⁴ que existiram em Pelotas, foram selecionados apenas atas, certidões, estatutos e lista de sócios. Especificamente da ACIB, encontraram-se documentos variados, a maioria avulsos, dentre os quais foram selecionados os seguintes: ata, caderneta de chamada e diário de lições, caderno “cursos de italiano”, convite, estatuto, histórico do movimento da Associação, listas de diretores, livro-caixa, movimento financeiro sócios fundadores, ordem do dia, prestações de contas, mensalidades recebidas de alunos, recibos diversos (aluguel, secretária, serviços gerais, restaurantes, jornais etc.), relação de móveis, relação de sócios/associados,

³ Resultando em arquivos digitais em formato JPG (.jpg).

⁴ Sociedades Italianas Reunidas, Sociedade Italiana Guglielmo Marconi e Sociedade Italiana Pelotense.

relatório de movimentação financeira. A maioria desses documentos é datilografada, com exceção de alguns impressos e manuscritos.

Na segunda etapa da pesquisa documental foi realizada a organização dos documentos selecionados com o intuito de facilitar a interpretação dos dados. Os documentos fotografados no acervo da ACIP foram primeiro separados por associação⁵, depois agrupados em temas pertinentes aos objetivos deste estudo e arquivados em pastas digitais. Particularmente, em relação à organização dos documentos da ACIB, recorreu-se a uma parte da metodologia de análise de conteúdo⁶, conforme Lüdke e André (1986). Nesse sentido, os autores orientam a realização de um processo de inúmeras leituras e releituras dos dados, no qual o pesquisador volta a examiná-los “para tentar detectar temas e temáticas mais frequentes. Esse procedimento, essencialmente indutivo, vai culminar na construção de categorias ou tipologias” (p. 42).

A construção de categorias, segundo esses autores, não é tarefa fácil, eles afirmam que não há “normas fixas nem procedimentos padronizados para a criação de categorias, [...] há algumas sugestões práticas apresentadas por Guba e Lincoln (1981) que podem ajudar” (p. 43). Seguindo essas sugestões, em primeiro lugar foi feito o exame dos documentos selecionados procurando temáticas recorrentes, que foram a base para o primeiro agrupamento das informações em categorias, conforme mostra o quadro 1, na sequência.

Em seguida, buscou-se criar categorias que fossem mutuamente exclusivas, de modo que as diferenças entre elas ficassem bem claras. Os autores também sugerem “que grande parte dos dados seja incluída em uma ou outra das categorias” (p. 43). Esta última sugestão não pôde ser totalmente contemplada, visto que a maioria dos documentos da categoria “Documentação contábil-financeira” se incluem em mais de uma categoria, visto que contém os nomes dos sócios fundadores e contribuintes. Além disso, vale ressaltar que alguns documentos não puderam ser agrupados nas categorias preestabelecidas, sendo classificados na categoria “outros” para serem posteriormente examinados.

⁵ Sociedades Italianas Reunidas, Sociedade Italiana Guglielmo Marconi, Associação Cultural Ítalo-Brasileira e Sociedade Italiana Pelotense.

⁶ Convém esclarecer que, apesar de fazer referência à análise de conteúdo e de se utilizar de uma parte de sua metodologia, o trabalho se baseia em análise documental, por entender que essa metodologia seja a mais apropriada para este estudo.

Quadro 1 – Categorização das fontes documentais

CATEGORIAS	TEMÁTICAS	DOCUMENTOS DA ACIB (tipologia)	ANO
Sócios	Sócios fundadores e beneméritos	Livro-caixa (manuscrito)	1958-1971
		Relatório de movimentação financeira da ACIB (datilografado)	1958
		Movimento financeiro sócios fundadores (datilografado)	1959
	Sócios contribuintes	Relação de sócios (datilografado)	1958
		(2) Relação dos associados (datilografado)	1967, 1968
		(3) Prestação de contas do cobrador (datilografado)	1968 (2), 1969
Estrutura organizacional	Assembleias	Ordem do dia (datilografado)	1960
		Ata de reunião (datilografado)	1968
	Diretorias	Lista de diretores (datilografado)	1958
		Componentes da diretoria (datilografado)	1967
	Estatuto	Estatuto (datilografado)	1958
Cursos de língua italiana	Alunos	(9) [Lista de] Mensalidades recebidas de alunos dos professores Giacobbe e Scattolin (datilografado)	1958
	Cursos	Caderno “Cursos de Italiano” (manuscrito)	[1959]
		Caderneta de chamada e diário de lições (impresso/manuscrito)	1958
Documentação contábil-financeira	Documentação contábil-financeira	Relatório de movimentação financeira da ACIB (datilografado)	1958
		Histórico resumido do movimento da ACIB (datilografado)	1959
		Livro-caixa (manuscrito)	1958-1971
		Movimento financeiro sócios fundadores (datilografado)	1959
		(7) Recibos diversos (impressos e manuscritos)	1958-1967
		(3) Prestação de contas do cobrador (datilografado)	1968 (2), 1969
Eventos	Eventos	Convite para homenagem ao cônsul e posse de Agente Consular (impresso)	1965
		Recibo: Clube Comercial Restaurante (impresso, manuscrito e datilografado)	1965
		Recibo: Clube Diamantinos (impresso e manuscrito)	1967
Outras	Outras	Relação de móveis da ACIB (manuscrito)	1962

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Por último, foi feita a avaliação do conjunto de categorias para verificar se estavam de acordo com os objetivos da pesquisa, constatando-se, então, que a categoria documentação contábil-financeira não correspondia a esses objetivos, mas que poderia vir a elucidar alguma questão importante do estudo, como de fato ocorreu, com a questão do declínio das atividades da ACIB.

A partir de então, com todas as fontes organizadas e classificadas, iniciou-se a última etapa da pesquisa documental, isto é, a análise documental propriamente dita. Nessa etapa, Rech e Luchese (2018) acreditam que

é fundamental levar em consideração que é o pesquisador o responsável por inquirir cada um dos seus documentos, criar sequências de análise, dispô-los em conformidade com uma lógica que, muitas vezes, é a sua leitura, o seu caminho interpretativo.

Dessa forma, procedeu-se um questionamento aos documentos, pois, conforme assinalam Galvão e Lopes (2010, p. 78), “o documento em si não é história, não faz história. São as perguntas que o pesquisador tem a fazer ao material que lhe conferem sentido”. Assim sendo, com base em Rech e Luchese (2018), os seguintes questionamentos foram realizados:

Qual o contexto sócio, cultural, econômico e político em que esse documento foi produzido? Quem o escreveu? De que lugar social? Para quem escreveu? Quem foram os seus interlocutores? Quais opiniões, informações e discursos são colocados? Que indícios discursivos são reforçados? Qual o contexto de sua produção, circulação, apropriação, preservação?

No entanto, para empreender uma pesquisa documental, segundo Cellard (2012, p. 298), o pesquisador “deve, com o objetivo de constituir um *corpus* satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes”. Com esse objetivo e com a consciência de que mesmo que se esgotem as fontes, a história nunca conseguirá retratar o passado em sua totalidade, no máximo, poder-se-á compreender uma parte dela, também foram consultados documentos do acervo da professora Beatriz Ana Loner, depositado no NDH/UFPel, do qual foram selecionados dois estatutos das antigas associações e algumas compilações de notícias de jornais sobre as mesmas. Ainda foram utilizados documentos familiares fornecidos pelos entrevistados, tais como certidões de nascimento e óbito, diplomas, currículos, fotos, livros, recortes de notícias de jornais etc.

Também foram realizadas buscas on-line na página do *FamilySearch*⁷ e da *Presidenza della Repubblica Italiana*⁸, a fim de encontrar informações a respeito dos sócios fundadores da ACIB e dos agentes consulares da Itália em Pelotas. Da página do *FamilySearch* foram utilizados como fonte cartões de imigração e registros de nascimento e de casamento; da página da *Presidenza della Repubblica Italiana* foram utilizados os títulos honoríficos concedidos pelo presidente da república italiana.

Ademais, decidiu-se utilizar os jornais como fonte histórica adicional, recorrendo-se a um acervo físico e a um digital, respectivamente, a Hemeroteca do Centro de Documentação e Obras Valiosas da Bibliotheca Pública Pelotense (CDOV/BPP), e a Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional Digital.

Na hemeroteca do CDOV/BPP se encontram disponíveis – apenas para consulta *in loco* –, os jornais que circulavam periodicamente durante o período em estudo (1958 até 1983), a saber, o *Diário Popular* e *A Opinião Pública*. Dessa maneira, aqui, mais do que em qualquer outro arquivo, deve-se concordar com Bacellar (2008, p. 53) quando afirma que a “paciência é arma básica do pesquisador em arquivos: paciência para descobrir os documentos que deseja, e paciência para passar semanas, quando não meses ou anos”.

Com base nos recibos de pagamento aos jornais *Diário Popular* e *A Opinião Pública* – doze no total –, infere-se que grande parte das notícias da ACIB veiculadas nesses jornais eram anúncios pagos pela própria Associação. Destes recibos, apenas um é referente ao jornal *A Opinião Pública*, como bem exemplifica a Figura 2, a seguir, até porque este jornal circulou somente até 1962.

⁷ www.familysearch.org

⁸ www.quirinale.it/onorificenze

The image displays four receipts from two newspapers: *Diário Popular* and *A Opinião Pública*. The receipts are for advertisements placed by the Associação Cultural Italo Brasileira (ACIB).

Top Left Receipt (Diário Popular): Dated 30 de abril de 1958. The advertisement is for "Associação Cultural Italo Brasileira" and is titled "Convite". The amount is R\$ 540,00.

Top Right Receipt (A Opinião Pública): Dated 31 de março de 1958. The advertisement is for "Associação Cultural Italo Brasileira" and is titled "Convite". The amount is R\$ 540,00.

Bottom Left Receipt (Diário Popular): Dated 30 de abril de 1958. The advertisement is for "Associação Cultural Italo Brasileira" and is titled "Convite". The amount is R\$ 540,00.

Bottom Right Receipt (Diário Popular): Dated 31 de março de 1958. The advertisement is for "Associação Cultural Italo Brasileira" and is titled "Convite". The amount is R\$ 540,00.

Figura 2 - Recibos de pagamento de anúncios nos jornais *Diário Popular* e *A Opinião Pública*.
Fonte: Acervo ACIP. Reprodução da autora.

Considerando o acima exposto e somando-se a isso o fato de que as primeiras notícias publicadas no jornal *A Opinião Pública* eram as mesmas publicadas no *Diário Popular*, a busca por notícias da ACIB foi realizada apenas no *Diário Popular*, no período de 1958 até 1983. Entretanto, de acordo com os objetivos deste estudo, essa busca se concentrou em determinados períodos, conforme mostra o Apêndice A, de forma que abrangesse o período de sua criação; os meses de março, quando eram divulgados os cursos de língua italiana; de abril, quando eram publicadas as convocações de assembleia geral ordinária para a eleição do Conselho Diretor e Fiscal; e o período próximo ao 2 de junho, quando era publicado o convite para a comemoração do aniversário da proclamação da república italiana. Conforme os Estatutos da ACIB (1958), as eleições deveriam ocorrer anualmente no mês de março e as convocações publicadas na imprensa, com no mínimo oito dias de antecedência, no entanto, a partir de 1960 as eleições passaram a ocorrer no mês de abril.

Cabe salientar que a busca por informações dos cursos de língua italiana, nos meses de março, e das convocações de assembleias, nos meses de abril, foram

realizadas de 1958 até o ano de 1971. Tal procedimento é justificado em virtude da ausência de notícias dos referidos cursos, a partir de 1962, e das referidas convocações, a partir de 1969. No que diz respeito às notícias sobre as comemorações do aniversário da proclamação da república italiana, a busca foi realizada de 1958 até o ano de 1983, sendo suspensa a partir de 1984 devido à redundância das informações obtidas, pois, conforme

Guba (1978) sugere [...], quando não há mais documentos para analisar, quando a exploração de novas fontes leva à redundância de informação ou a um acréscimo muito pequeno, em vista do esforço despendido, e quando há um sentido de integração na informação já obtida, é um bom sinal para concluir o estudo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 44).

Dessa forma, foram utilizadas como fonte 36 publicações que citavam a ACIB nas edições do jornal *Diário Popular* entre os anos de 1958 a 1983, isso sem contar aquelas que se repetiram por 2 ou 3 dias seguidos. Todas as publicações foram transcritas por esta pesquisadora no próprio local, ora digitadas diretamente em um tablet, ora escritas manualmente em folhas avulsas e em seguida passadas para o computador, sendo que apenas uma delas foi fotografada e depois transcrita. Posteriormente, todo esse material foi organizado em uma tabela do Word, por ordem cronológica, numa espécie de fichamento, contendo as seguintes informações: número do item, data da publicação, número da página e da seção, título e subtítulo, texto.

A partir dessa primeira organização foi possível identificar as temáticas mais frequentes encontradas nos jornais, que foram agrupadas em cinco categorias, a saber: (i) criação/sócios, (ii) convocações de assembleias/diretorias, (iii) cursos de língua italiana, (iv) comemorações do aniversário da proclamação da república italiana (v) outros eventos, que por sua vez foram organizadas em novas tabelas do Word.

O outro acervo consultado, com o objetivo de encontrar informações a respeito dos agentes consulares da Itália em Pelotas, foi o da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, que é um portal de periódicos nacionais, onde o acesso é inteiramente livre e sem qualquer ônus, e a consulta pela internet pode ser realizada

por título, período, edição, local de publicação e palavras-chave. A busca por palavras é possível devido à utilização da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (*Optical Character Recognition* – OCR), que aumenta o alcance da pesquisa textual em periódicos (CONHEÇA..., 2020, grifo nosso).

Desse modo, realizou-se a pesquisa por local (RS) em todos os períodos e em todos os periódicos disponíveis, inserindo-se as palavras-chave com o nome dos agentes consulares.

Além disso, ao utilizar diferentes gêneros documentais como fonte de pesquisa, como é o caso deste estudo que se utiliza também de jornais e fotografias, é importante evidenciar que cada um deles demanda uma abordagem própria, isto é, eles devem ser lidos e abordados considerando as suas especificidades (LUCA, 2020). Em vista disso, deve-se ressaltar que as poucas imagens fotográficas presentes neste trabalho – mais precisamente três – foram utilizadas como um recurso meramente ilustrativo do texto apresentado.

No que concerne aos jornais, por exemplo, levou-se em conta as principais características do órgão de imprensa consultado, pois, de acordo com Zicman (1985, p. 90), parte-se “da hipótese geral que a imprensa age sempre no campo político-ideológico e [...] todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio ‘filtro’.” Nesse sentido, Luca (2015, p. 140) alerta que é importante

identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos [...]. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário.

Com esse convite à prudência, verifica-se que o *Diário Popular* – a principal fonte jornalística para este estudo – é o jornal mais antigo do estado e o terceiro do Brasil ainda em funcionamento (DIÁRIO POPULAR, 2019). Fundado em 27 de agosto de 1890 para ser independente de qualquer partido, poucos meses depois é vendido ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) em Pelotas, tornando-se seu veículo oficial durante toda a República Velha (LONER, 1998). A autora afirma que a direção se manteve a mesma até 1896, quando então abandonou o jornal por questões partidárias para fundar o jornal *A Opinião Pública*.

Para Samara e Tupy (2010), a utilização de registros diversos demanda do historiador novas competências. Nesse sentido, as autoras lembram que

a operação histórica consiste, após ter reunido, criticado e dissecado o conjunto de documentos disponíveis, em estabelecer encadeamentos entre os diversos componentes do tema estudado [...] e construir um discurso atribuindo-lhes coerência e sentido (p. 119).

E é nesse contexto, segundo as autoras, que o uso do computador se torna uma poderosa e eficiente ferramenta de trabalho, permitindo, por exemplo, a criação de bancos de dados.

Por último, cabe salientar que as citações de documentos antigos referidas no texto tiveram a sua ortografia atualizada. E para finalizar este percurso metodológico, que começou com uma revisão de literatura, passando pela pesquisa documental, a seguir, recorre-se às fontes orais, valendo-se da história oral e de entrevistas.

3.3 ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL E SEMIESTRUTURADAS

Com o objetivo de enriquecer o trabalho com narrativas individuais, recorreu-se à metodologia da história oral, adotando-se a modalidade da História Oral Temática (MEIHY, 1998). Além disso, como instrumento para a coleta de dados, utilizou-se entrevistas semiestruturadas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

A identificação dos potenciais entrevistados, ou seja, das pessoas que participaram da ACIB como aluno, professor, sócio, diretor, funcionário ou agente consular foi feita mediante a análise das fontes documentais do acervo da ACIP, tais como listas de recebimento de mensalidades de alunos, relação de sócios e de diretores, entre outras.

Assim, por meio de entrevistas de história oral temáticas “que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2005, p. 37), buscou-se conhecer a versão que podem fornecer aqueles que participaram – ou testemunharam – da trajetória da ACIB.

Um fator que justificou o uso da história oral foi o fato se tratar de um estudo migratório, o qual, segundo Thomson (2002, p. 341), “emerge como um dos temas mais importantes da pesquisa de história oral”, isto porque

o testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram ‘a complexidade do real processo da migração’ e mostram como estas políticas [de assuntos étnicos] e padrões [estatísticos de movimento, assentamento, emprego e previdência social] repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades (p. 344).

Entretanto, sabe-se que a opção pela história oral não depende somente da existência de pessoas vivas que possam falar sobre o tema, é necessário também que “estejam disponíveis e em condições (físicas e mentais) de empreender a tarefa que lhes será solicitada” (ALBERTI, 2005, p. 31). Mesmo depois de passados mais de

60 anos da criação da ACIB, muitas pessoas que participaram dela ainda estão vivas, sobretudo ex-alunos(as); outras, entretanto, já faleceram. Em relação a estas, utilizou-se o recurso da história oral com os seus familiares mais próximos.

A memória dessas pessoas, ou do grupo, segundo Pollak (1992, p. 202), é uma memória constituída de “acontecimentos, pessoas e lugares”, vividos ou conhecidos direta ou indiretamente. Neste caso, conforme o autor, trata-se de uma “memória herdada”, ou seja, de acontecimentos dos quais a pessoa não participou, ou de pessoas e lugares que ela não conheceu.

Para Pollak (1992), que trata a questão da ligação entre memória e identidade social no âmbito da história oral, “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, [...] há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (p. 204).

Pode-se dizer, portanto, que a memória

é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (p. 204).

E ainda, no que diz respeito à memória familiar, Candau (2014) assinala que é uma memória curta, ou seja, “não vai além de duas ou três gerações” (p. 139); e, ao mesmo tempo, uma memória forte, isto é, “uma memória organizadora no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade” (p. 44). A respeito dos imigrantes de segunda geração, esse autor ainda afirma que “são, frequentemente, gerações sem memória, e por isso não tem mais nada a transmitir” (p. 142).

Após a identificação dos potenciais entrevistados, na etapa que Meihy (1998) denomina de pré-entrevista, foram realizados os primeiros contatos, que aconteceram principalmente por intermédio de pessoas conhecidas, ou mesmo diretamente, por meio da rede social Facebook, que foi usada tanto como ferramenta de busca, quanto de plataforma para troca de mensagens e de realização de entrevistas.

Nesses primeiros contatos, com o objetivo de obter um encontro com os possíveis entrevistados, conforme orienta Cardano (2017), foram fornecidas informações sobre o estudo com o qual se solicita que colaborem, sobre a natureza da entrevista e sobre o uso que será feito dela, além de ser sido explicado como e através de quem se chegou ao seu nome. Apesar disso, nem todas as pessoas se

mostraram dispostas a realizarem as entrevistas e, infelizmente, algumas delas eram até consideradas o que Aspásia Camargo (1977), citada por Alberti (2005, p. 34), definiu como o “bom entrevistado”. Nesse sentido, Alberti explica que

Há pessoas que, por mais representativas que sejam para falar sobre determinado assunto, simplesmente não se interessam por, ou não podem, explorar extensivamente sua experiência de vida e discorrer sobre o passado, como talvez sua posição estratégica no tema o fizesse crer (2005, p. 33-34).

Esse episódio se torna objeto de reflexão no momento em que se questiona por que o entrevistado, que tem tudo para fornecer um bom depoimento sobre o tema da pesquisa, não se dispõe a falar sobre ele; e a resposta talvez seja porque não saiba, não queira ou não possa (ALBERTI, 2005). Por outro lado, foram encontradas várias pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa e que eram bem representativas do grupo, possibilitando, assim, “abrir portas para novas entrevistas” ao serem mencionadas para outros futuros entrevistados (GILL; SILVA, 2016, p. 108).

Ao final, conseguiu-se realizar um total de seis entrevistas de história oral, sendo quatro delas presenciais e duas a distância (on-line), conforme mostra o Quadro 2, na sequência, que apresenta uma breve caracterização dos(as) entrevistados(as).

Segundo Meihy (1998, p. 18), “o encontro humano é fundamental. Sem o contato direto não há história oral”. Nesse aspecto, sabe-se que no âmbito da história oral há uma tendência de que as entrevistas on-line sejam vistas com cautela ou até descartadas, como se a história oral e a pesquisa em meio digital não pudessem coexistir (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020). Por outro lado, de acordo com esses autores, existem posicionamentos que defendem as entrevistas on-line, tanto por motivos econômicos, quanto culturais. Entre as razões econômicas, conforme os autores, estaria a redução dos custos, pois nem sempre é possível dispor de financiamentos que permitam realizar entrevistas em outros estados ou países. Entre os motivos culturais, os autores afirmam que cada vez mais as relações sociais, pessoais e institucionais acontecem de forma on-line e a presença física já não é mais um critério de definição do que seja uma relação social. Entretanto, para esses autores, o surgimento da pandemia da COVID-19⁹, no início de 2020, parece que ace-

⁹ Ver nota de rodapé 1, no Capítulo 1 (Introdução).

lerou uma revisão – de todo modo inevitável – dessa tendência contrária às entrevistas a distância.

Assim, concordando com Valéria B. Magalhães, citada em (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020), decidiu-se não descartar a possibilidade de realizar entrevistas apenas porque seriam realizadas a distância. Dessa forma, duas entrevistas foram realizadas por videochamada, via WhatsApp e Facebook Messenger. Cabe salientar, no entanto, que a opção por realizar as entrevistas a distância não se deu por comodismo, mas pela impossibilidade de realizá-las de forma presencial devido à necessidade de distanciamento social e de isolamento impostos pela pandemia de Covid-19, ou ainda porque as entrevistadas não residiam em Pelotas.

Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos entrevistados com a metodologia de História Oral¹⁰

NOME	IDADE	NACIONALIDADE	VÍNCULO COM A ACIB
Alfonso Jorge Grigolletti Montone	60	íto-lo-brasileiro	Filho de Graziano Montone e sobrinho de Alfonso Montone (sócios fundadores)
Angiola Maria Vivaldi Orenço	85	italiana	Viúva de Martino Orenço (agente consular e vice-presidente)
Luiz Henrique Lorea de Lorea	63	íto-lo-brasileiro	Neto de Henrique Lorea (agente consular e patrono) e de Cecília Lorea (sócia benemérita)
Maria Adelina Sica Gastaud	85	brasileira	Aluna e sócia
Maria Elisabetta Chimisso dos Santos (on-line)	75	italiana	Sobrinha de Luigi Scattolin (agente consular, diretor e professor)
Maria Regina Petrucci (on-line)	75	brasileira	Aluna, filha de Lourenço Petrucci e sobrinha de Geraldo Petrucci (sócios fundadores)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base nas entrevistas realizadas.

Antes da realização das entrevistas foi construído um roteiro geral (APÊNDICE B) que foi sendo adaptado conforme o vínculo que o(a) entrevistado(a) possuía com a ACIB, isto é, se foi sócio, aluno etc. (APÊNDICE C) Esse roteiro foi baseado em História Oral Temática, no qual se buscou conhecer a respeito da participação do(a) entrevistado(a) junto à ACIB. Ademais, no caso dos italianos, combinou-se também algo de História Oral de Vida (MEIHY, 1998), buscando conhecer como se deu a

¹⁰ Nos quadros 2 e 3 os entrevistados estão ordenados por ordem alfabética e a idade é considerada na data da entrevista.

trajetória do imigrante até chegar ao Brasil. Segundo Meihy (1998, p. 52), “essa forma de história oral tem sido muito apreciada porque, mesclando situações vivenciais, a informação ganha mais vivacidade e sugere características do narrador”.

Conforme Alberti (2005, p. 112), não se pode conceber a história oral sem o uso de equipamento de gravação, é ele “que permite falar em produção de documento, no retorno à fonte, na montagem de acervos de depoimentos, na autenticidade de trechos transcritos e na análise de entrevistas”. Assim sendo, as entrevistas foram gravadas apenas em áudio para evitar o incômodo que uma filmagem pode ocasionar em algumas pessoas. Para tanto, utilizou-se o aplicativo “Gravador” de um aparelho celular ou o programa de gravação de voz do Windows. Todas as gravações resultaram em arquivos de áudio com extensão M4A.

Após a realização de cada entrevista foram efetuados os procedimentos que Meihy (1991) denomina de fase pós-campo: a transcrição e a textualização das entrevistas, a legitimação do texto final e a assinatura da cessão de direitos de uso da entrevista, quando não havia sido feita oralmente durante a entrevista. A transcrição foi feita manualmente por esta pesquisadora, realizando-se a passagem fiel do que havia sido dito na gravação para o escrito. Em seguida, na etapa de textualização, a transcrição foi editada, anulando-se a voz do entrevistador e suprimindo-se as suas perguntas, que eram incorporadas ao discurso do entrevistado. Ainda nessa etapa foram corrigidos vícios de linguagem, erros gramaticais, palavras repetidas, bem como alteradas a ordem de algumas frases visando uma melhor organização da narrativa, tudo isso a fim de produzir um texto literariamente mais agradável (MEIHY, 1991, 1998).

O documento resultante desse processo de transcrição e textualização foi devolvido aos(às) entrevistados(as) para que fosse lido e, caso necessário, corrigido ou até suprimido alguns trechos, e, por fim, assinado o termo de cessão da entrevista. Essa etapa do processo de história oral permitiu que esses depoimentos pudessem ser utilizados como fonte e documento histórico, pois, conforme o pensamento de Amado (1995, p. 134), as entrevistas

podem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informação. Tratadas como qualquer documento histórico, submetidas a contraprovas e análises, fornecem pistas e informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo.

Na última etapa da fase pós-campo, a assinatura da cessão de direitos de uso de cada entrevista foi feita por escrito e assinada por três dos entrevistados, pois os outros três haviam feito oralmente durante a realização da entrevista, constando no próprio áudio da gravação.

Além das entrevistas de História Oral, foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas – quatro orais e quatro escritas –, que ocorreram de forma presencial, por telefone e on-line, via plataformas de mensagens digitais, tais como WhatsApp e Facebook Messenger, conforme mostram os Quadros 3 e 4, a seguir. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 34), “o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados”.

Esses autores afirmam que nas entrevistas não totalmente estruturadas, ou seja, nas semiestruturadas, “o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista” (p. 33-34). Em virtude dessa semelhança com as entrevistas de história oral temática foi elaborado o mesmo roteiro para ambas as modalidades de entrevistas, conforme descrito nos Apêndices B e C.

O Quadro 3, a seguir, reúne informações dos(as) quatro entrevistados(as) que concederam entrevistas na modalidade de entrevista semiestruturada oral, de forma presencial e por telefone.

Quadro 3 - Caracterização dos entrevistados com a modalidade de entrevista semiestruturada oral

NOME	IDADE	NACIONALIDADE	VÍNCULO COM A ACIB	MODALIDADE
Leonardo A. Osório Caringi (resid. em Pelotas, RS)	70	ítdlo-brasileiro	Ex-aluno, filho de Antonio Caringi (presidente) e de Noemi Osório Caringi (aluna e diretora)	presencial, não gravada
Marisa Lardi (resid. em Porto Alegre, RS)	77	italiana	Filha de Mario Lardi e sobrinha Tito Lardi (sócios fundadores) e sobrinha de Dirce Lardi (professora)	por telefone, gravada
Olga Maria Dias Ferreira (resid. em Florianópolis, SC)	82	brasileira	Ex-aluna	por telefone, gravada
Paulo Luiz Caruccio Morrone (resid. em Pelotas, RS)	80	brasileiro	Sócio contribuinte	por telefone, gravada

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base nas entrevistas realizadas.

Como visto, ao contrário das entrevistas de história oral, nem todas as entrevistas semiestruturadas orais foram gravadas. Segundo Lüdke e André (1986), existem duas formas possíveis de registrar os dados obtidos: a gravação direta e a anotação durante a entrevista. Os autores assinalam que ambas possuem defeitos e virtudes, mas o registro feito somente por meio de notas dificilmente abarcará tudo o que foi dito durante a entrevista. Nesse sentido, durante a entrevista na qual o entrevistado não permitiu a gravação, esta entrevistadora seguiu a orientação de Cardano (2017) e procedeu à redação de notas sintéticas que foram desenvolvidas logo após o término da mesma. Após a realização de cada entrevista foi feita a transcrição da mesma.

O Quadro 4, a seguir, reúne informações dos(as) quatro entrevistados(as) que concederam entrevistas semiestruturadas por escrito, tanto de forma síncrona, quanto assíncrona¹¹. Os depoimentos desses entrevistados obviamente não precisaram ser transcritos, foram salvos na íntegra, de forma mais fiel possível, apenas editando erros gramaticais ou de digitação, comuns em conversas em aplicativos de mensagens instantâneas, já que as mensagens são digitadas rapidamente e enviadas de maneira quase instantânea.

Quadro 4 - Caracterização dos entrevistados com a modalidade de entrevista semiestruturada por escrito¹²

NOME	NACIONALIDADE	VÍNCULO COM A ACIB	MODALIDADE
Cláudia Maria Pianalto de Freitas (residente em Pelotas)	brasileira	Filha de Luis Fernando Lessa Freitas (diretor) e neta de Mario Pianalto (sócio fundador e diretor)	on-line, de forma síncrona e assíncrona, via Facebook Messenger
Maria de Fátima Wickert (residente em Porto Alegre)	brasileira	Filha de Ede Castanheira Carneiro (presidente)	on-line, de forma assíncrona, via Facebook Messenger
Mirella Maria Liberio Romo (resid. em Bruxelas, Bélgica)	Italiana/espanhola	Filha de Vito Carlo Liberio (agente consular)	on-line, de forma síncrona, via Facebook Messenger
Tristão Geraldo Trindade Jr. (residente em Pelotas)	brasileiro	Filho de Tristão Geraldo Trindade (sócio fundador)	on-line, por escrito/áudio, de forma síncrona/assíncrona, via WhatsApp

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base nas entrevistas realizadas.

¹¹ As entrevistas assíncronas se referem àquelas na qual a interação entre a pesquisadora e os(as) entrevistados(as) se deu de forma temporalmente independente, isto é, perguntas e respostas foram enviadas em tempos distintos; enquanto que as entrevistas síncronas se referem àquelas em que houve interação em tempo real.

¹² Apenas um dos entrevistados respondeu por escrito e por áudio.

A assinatura da cessão de direitos de uso das entrevistas semiestruturadas orais foi feita por escrito e assinada por dois dos entrevistados, pois os outros dois haviam feito oralmente durante a entrevista, constando no próprio áudio da gravação. Quanto aos entrevistados que concederam entrevistas por escrito, a cessão de direitos de uso foi feita no próprio texto.

Em relação aos procedimentos de análise das entrevistas, visto que todas as modalidades resultaram em documentos escritos, foi feita a identificação das temáticas mais frequentes, de forma manual, destacando-as com diferentes cores por meio do recurso “Cor do Realce do Texto” no Word. Desse procedimento resultaram quatro eixos temáticos, de acordo com os objetivos da pesquisa, a saber: (i) emigração, (ii) família, (iii) ACIB, (iv) profissão. Sendo que a categoria ACIB, dependendo do vínculo que o entrevistado possuía com a Associação, foi subdividida em festividades, cursos, professores, sede e agentes consulares.

No que diz respeito às citações das entrevistas no texto desta dissertação, é importante salientar que as mesmas foram colocadas em itálico para diferenciar daquelas bibliográficas.

Para concluir este percurso metodológico, conforme assinalam Lüdke e André (1986, p. 45), “[a]nalisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, [...] as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”. Desse modo, a tarefa de análise implicou na organização de todo esse material, “dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 45).

4 CONTEXTO HISTÓRICO

Este capítulo, dividido em quatro seções, busca compreender o contexto histórico a partir do qual se deu a criação da ACIB, traçando um breve panorama da imigração e da identidade étnica e linguística dos italianos no Rio Grande do Sul, das associações étnicas italianas e da representação consular da Itália em Pelotas.

4.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Nesta seção é apresentado um breve contexto histórico da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Esse estado teve uma tardia integração ao restante do Brasil, isto é, demorou mais de um século para que os colonizadores portugueses comessem a ocupar e explorar essa região que era chamada de Capitania do Rio Grande de São Pedro (PESAVENTO, 1984). Os primeiros elementos “italianos”¹ a marcarem presença nessa região foram os padres vindos com as missões jesuíticas no século 17 e depois, com a fundação do presídio Jesus-Maria-José no século 18; mas foi na Revolução Farroupilha (1835-1845) que os sobrenomes italianos se destacaram, como Garibaldi, Rosseti, Cuneo, Matru, entre outros (CONSTANTINO, 1991, 2000). Carneiro (1950), citado em Azevedo (1975, p. 55), afirma que desde 1836 imigrantes italianos constam das estatísticas oficiais brasileiras.

A política brasileira de colonização, de acordo com Herédia (2001), começou efetivamente com a vinda de D. João VI para o Brasil. Nesse período e, depois, no de D. Pedro I, além da presença de frades capuchinhos italianos, havia “músicos, pintores, arquitetos, engenheiros, artesãos, médicos, farmacêuticos etc.” (CONSTANTINO, 1991, p. 22). Entretanto, segundo esta autora, uma efetiva fixação desses indivíduos teria ocorrido na década de 1840 com a chegada da nova imperatriz do Brasil ao Rio de Janeiro, a princesa napolitana Teresa Cristina, esposa de D. Pedro II.

¹ Por simplificação, utiliza-se o termo “italianos” para designar todos os imigrantes saídos da península e das ilhas itálicas mesmo antes da unificação italiana.

No decorrer do século 19 também é observada a fixação desses mesmos indivíduos nos núcleos urbanos no Rio Grande do Sul, principalmente naqueles que fazem fronteira com o Uruguai (CONSTANTINO, 1991, 2000). Conforme essa autora, vários fatores concorreram para que esses italianos se fixassem nesta região, tais como a imigração italiana no Uruguai, que começou bem antes que no Brasil; a indefinição dos limites territoriais entre Brasil e Uruguai, que durou até a metade do século 19; aos próprios italianos que controlavam a navegação no rio da Prata; e a participação de muitos peninsulares na Revolução Farroupilha e nas lutas políticas uruguaias. Muitos deles também teriam vindo da Argentina para o Rio Grande do Sul, entre 1873 e 1874, atraídos pela oferta de viagem gratuita e de emprego imediato por parte do governo brasileiro (TRENTO, 1989). Como resultado desse fluxo proveniente do Prata, a presença italiana nas cidades sul-rio-grandenses aumentou consideravelmente (POSSAMAI, 2005).

Os núcleos urbanos próximos ao porto da cidade de Rio Grande, por sua vez, também receberam italianos já na primeira metade do século 19, pois, uma vez que era pelo porto que se dava a entrada de estrangeiros na província, muitos acabavam ali permanecendo (CONSTANTINO, 2000). Pelotas² (Figura 3) – cidade vizinha à Rio Grande – desde quando ainda era Freguesia de São Francisco de Paula, já registrava a presença de alguns italianos, como atestam os assentamentos da igreja católica.



Figura 3 - Mapa de localização da cidade de Pelotas e do estado do Rio Grande do Sul.
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

² Pelotas tem suas origens no antigo povoado que ocupou o rincão de Pelotas, atingiu a situação de Freguesia de São Francisco de Paula, em 1812; de Vila, em 1832; e foi elevada à condição de cidade em 1835 (MAGALHÃES, 1993).

As evidências documentais mais antigas, encontradas até o momento, referem-se ao ano de 1815, quando é registrado o casamento de Antonio Luis Spinelli, de Nápoles com Maria Bernarda de Quadros, de Mostardas; e de 1816, com o casamento de Pedro Brizolara, da província de Gênova, com Ana Francisca da Silveira, de Rio Grande (BETEMPS; JACCOTTET, 2006).

Os mesmos registros eclesiásticos revelam que, entre 1816 e 1822, o primeiro casal batizou cinco filhos; o segundo batizou duas filhas; e um terceiro casal, João Bloque, da Itália, e Rafaela Maria Lourença da Conceição, de Porto Alegre, batizou um filho (BETEMPS; JACCOTTET, 2006). A esses dados, soma-se o fato de que Pietro Brizolara possuía um moinho – no qual os rebeldes mandavam moer grãos durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845) (COSTA; DE BONI, 1998) –, indicando a permanência dessa família na cidade³.

Em 1843 e 1844, de acordo com os livros de registro de entrada de estrangeiros em Pelotas, transcritos por Klaus Becker e citados em Anjos (2000), entraram na cidade 53 italianos, sendo que destes, 41 possuíam profissões urbanas, mas isso, ressalta o autor, não quer dizer que esses indivíduos permaneceram na cidade. Ainda segundo esse autor, muitos desses italianos se destacaram no ramo fabril, comercial, hoteleiro, artístico, da construção etc.

Já na segunda metade do século 19, Pelotas – por ser o principal centro charqueador da região –, destacava-se pelo seu progresso econômico e riqueza, que proporcionou melhoramentos e modernizações urbanísticas que atraíram vários estrangeiros, entre eles, um número significativo de italianos que acabou se estabelecendo na cidade (LONER, 2016; ANJOS, 2000).

Todavia, a imigração no Rio Grande do Sul foi dirigida principalmente para a colonização (SANTOS, 2017). Essa colonização – que foi feita primeiramente por açorianos, e depois, durante o governo imperial, essencialmente por alemães e italianos – foi pensada com objetivos de ocupar locais de baixa densidade demográfica para a formação de colônias agrícolas; de formar um grande exército para defesa do território; e de substituir a mão de obra escrava pela livre, assalariada (HERÉDIA, 2001). Além desses objetivos, segundo a mesma autora, havia a clara intenção de branqueamento da população brasileira com imigrantes europeus brancos.

³ Destaca-se que muitos descendentes das famílias Brizolara e Spinelli se encontram até hoje em Pelotas.

A partir de 1875, com a entrada da primeira leva de imigrantes para as colônias criadas na região Nordeste do estado, iniciou-se a colonização italiana no Rio Grande do Sul (DE BONI; COSTA, 1984; TRENTON, 1989). Em seguida, em 1877, na região central do estado, chegaram os primeiros imigrantes italianos para a Colônia Silveira Martins (DE BONI; COSTA, 1984). A partir de 1880, na região Sul, depois de tentativas malsucedidas, foi retomado o processo de colonização na região da Serra dos Tapes⁴ com a criação de três núcleos coloniais por iniciativa do Governo Geral – Accioli, Afonso Pena e Maciel –, e um por iniciativa da Câmara Municipal de Pelotas, chamado de Municipal (GRANDO, 1984).

Nessa região, com base nas estatísticas publicadas pela Intendência Municipal de Pelotas, em 1922, Grando (1984) afirma que até 1900 foram criados 61 núcleos coloniais, sendo a maioria produto da iniciativa privada. Esse “surto de colonização”, segundo Constantino (2000, p. 32), introduziu cerca de 10 mil imigrantes, sendo 1.123 italianos. Daqueles 61 núcleos – a maioria eram constituídos por alemães –, Anjos (2000) identificou a presença de famílias italianas em nove deles, sendo que a Colônia Maciel, de acordo com Pomatti (2011), foi a que recebeu o maior número de famílias desse grupo étnico.

Essa corrente imigratória para a Colônia Maciel – e para mais dois núcleos – era constituída por novos imigrantes; enquanto que nos demais núcleos era formada por colonos provenientes de São Lourenço, Santa Clara, Santa Silvana e até de Blumenau/SC (ULLRICH, 1984). Loner (2016) adverte para o fato de que vários desses imigrantes poderiam vir a se estabelecer posteriormente na cidade, desenvolvendo atividades urbanas. Há também o caso daqueles estrangeiros que o jornal argentino *La Nación* de 1898, citado em Loner (2016), informa que chegavam às cidades do Rio Grande do Sul com passagem subsidiada e, não conseguindo ali se estabelecer, por falta de emprego e acomodações condizentes, iam então para a Argentina ou Uruguai, sendo que alguns nem sequer chegavam a descer do navio.

Entretanto, a partir de 1892 houve uma brusca diminuição do número de entradas de imigrantes – não só italianos – no estado, encerrando o período da grande imigração em massa (TRENTON, 1989). O governo italiano, em 1902, por meio do decreto Prinetti, aboliu a emigração subsidiada em direção ao Brasil, (SALLES; BASTOS, 2013), cortando assim as subvenções de passagens aos emigrantes. Em

⁴ A Serra dos Tapes compreende a região serrana dos municípios de Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul.

1914, o governo gaúcho, por sua vez, também extinguiu a imigração e colonização subvencionada (DE BONI; COSTA, 1984). E durante o período em que transcorreu a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, estatísticas mostram que houve uma grande diminuição da imigração italiana no país, tornando esse movimento praticamente nulo (DE BONI; COSTA, 1984). Após o fim da guerra esse fluxo volta a aumentar e, depois de 1927, ocorre uma nova diminuição, extinguindo-se quase totalmente com a Segunda Guerra Mundial (VALERIO, 1959).

Após a Segunda Guerra Mundial a Itália era um país devastado e com uma economia nacional em ruína, e, embora não fosse um dos países mais pobres do mundo, a maioria dos italianos não tinha em casa algumas modernas comodidades, tais como eletricidade, água potável ou banheiro, ademais, nos anos imediatamente sucessivos à guerra, uma parcela significativa sequer tinha uma casa (GABACCIA, 2000). Dessa maneira, com o fim da guerra, a Itália retomou a emigração em massa como forma de solucionar os problemas decorrentes da falta de trabalho e de capitais, e pela necessidade de subsistência, não era exatamente um problema de fome (TRENTO, 1989).

Essa retomada, ao menos a partir de 1947, foi facilitada pela política governamental italiana, que considerava a emigração uma válvula de segurança necessária para dar alívio às tensões sociais existentes e para amenizar os problemas econômicos por meio das remessas de divisas para Itália feitas pelos emigrados no exterior (GABACCIA, 2000; TRENTO, 1989). Foram mais de 1,3 milhão italianos que deixaram o país no período compreendido entre 1946 e 1953 (FACCHINETTI, 2003b) – ou 7 milhões, considerando o período de 1945 a 1975 (GABACCIA, 2000) –, para trabalhar na Europa, Américas e Austrália. Como meta da emigração italiana para América Latina, o Brasil ficava em terceiro lugar em ordem de importância, atrás da Argentina e da Venezuela; por outro lado, a Itália, como fornecedora de força de trabalho para o Brasil, ainda continuava em segundo lugar, superada apenas pelos portugueses (TRENTO, 1989).

José Fernando Carneiro (1950), citado em Luchese e Kreutz (2011), afirma que entre 1819 e 1947, haviam entrado no Brasil cerca de 1.513.151 imigrantes italianos – sendo, na realidade, o grupo étnico mais expressivo numericamente, junto aos 1.462.117 portugueses que entraram no mesmo período –, representando cerca de 31% do total de imigrantes que entraram no Brasil nesse período.

Depois de um período de legislações restritivas em matéria de imigração, o Brasil então começava a acolher imigrantes italianos e até a incentivá-los, implementando novas políticas imigratórias (COLUCCI, 2008; GABACCIA, 2000). O Decreto-Lei nº 7.967, de 18 de setembro de 1945 (BRASIL, 1945), que dispunha sobre a imigração – espontânea e dirigida – e a colonização, estabelecia, entre outras coisas, que as autoridades brasileiras competentes no exterior poderiam conceder os seguintes vistos de entrada de estrangeiros no país: de trânsito; temporário; temporário especial; permanente; permanente especial; oficial e diplomático.

O Decreto-Lei ainda definia que a imigração dirigida seria realizada quando o poder público, empresa ou particular promovessem a introdução de imigrantes, hospedando-os e localizando-os; e ainda, que seria dada preferência a famílias que contivessem pelo menos oito pessoas aptas para o trabalho, entre quinze e cinquenta anos. Definia, também, que colonizar era “promover a fixação do elemento humano ao solo, o aproveitamento econômico da região e a elevação do nível de vida, saúde, instrução e preparo técnico dos habitantes das zonas rurais” (BRASIL, 1945). Além disso, para fins de fiscalização, o Decreto-Lei determinava que todo estrangeiro que atravessasse a fronteira ou desembarcasse no Brasil deveria apresentar o passaporte e a ficha consular de qualificação.

Esse decreto, no entanto, não alterava o sistema de cotas vigente desde a Constituição de 1934⁵, restringindo a imigração espontânea anual a 2% sobre o número dos respectivos nacionais que haviam entrado no Brasil entre 1º de janeiro de 1884 e 31 de dezembro de 1933. Essa restrição, desde a sua vigência, reforçava a ideia de uma nação branca, de origem latina, pois privilegiava os três grupos que forneceram os maiores contingentes para a povoação do Brasil desde o final do séc. XIX, ou seja, italianos, portugueses e espanhóis, considerados os mais assimiláveis e, portanto, os “imigrantes desejados”, sendo que os italianos eram os que mostravam a maior tendência à assimilação (CARVALHO, 1943).

Tal sistema só foi revogado em 1950, com a resolução nº 1.076, de 18 de outubro de 1950 do Conselho de Imigração e Colonização – CIC, que aboliu as cotas de entrada para os imigrantes portugueses, espanhóis, franceses e italianos

⁵ Conforme disposto no art. 121, parágrafo sexto da Constituição de 1934, a “entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos” (BRASIL, 1934).

(FACCHINETTI, 2003b; SALLES; BASTOS, 2013). Apesar disso, essa liberdade migratória total só serviu para atrair a força de trabalho vinda da Itália por curtos períodos de tempo (TRENTO, 1989).

A partir dos anos de 1950 – com a extinção da Organização Internacional para os Refugiados (OIR) –, as entradas de estrangeiros no país passam a ser organizadas pelo Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME)⁶ e pelos acordos bilaterais entre os países (SALLES; BASTOS, 2010). Em relação à Itália foram firmados acordos de imigração em 1950 e em 1960.

O Acordo de Migração entre o Brasil e a Itália⁷, assinado em 5 de julho de 1950, “tinha por objetivo regular e incrementar a imigração italiana no Brasil” (FACCHINETTI, 2003b, p. 100); sendo que o recrutamento caberia ao governo italiano e a seleção final dos imigrantes ao governo brasileiro (FACCHINETTI, 2003a). E ainda, o art. II desse acordo estipulava três tipos de imigração para o Brasil: a espontânea, baseada em Carta de chamada familiar ou em oferta de trabalho; a transferência de sociedades, de cooperativas ou de grupos de trabalho; e a dirigida, baseada em “listas acordadas para cada leva pelos representantes de ambos os Governos” (ZANINI, 1987, p. 226). Para esta última seriam admitidos agricultores e artesãos por conta própria, trabalhadores assalariados agrícolas, industriais, operários técnicos e especializados (TRENTO, 1989).

A imigração espontânea nos anos de 1950 se revelou menos consistente numericamente, sendo que a maioria se estabeleceu em São Paulo e Distrito Federal, e uma parte no Rio Grande do Sul e Bahia (TRENTO, 1989). Porém, segundo o mesmo autor, a partir de 1952, quando o CIME entrou em funcionamento, a imigração dirigida prevaleceu maciçamente, mas nunca chegando a suprimir a espontânea.

Na Itália, o CIME se encarregava da seleção técnica dos candidatos, controlando se as suas qualificações correspondiam às profissões e ofícios demandados pelas autoridades brasileiras (TRENTO, 1989). Para o Brasil, de acordo com o mesmo autor, o CIME elaborou três planos: trabalhadores para a indústria e

⁶ Foi criado em Bruxelas como Comitê Intergovernamental Provisório para o Movimento de Migrantes da Europa (CIPMME), e, em 1952, converte-se em Comitê Intergovernamental para a Migração Europeia (CIME). Desde 1989 constitui a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Disponível em: <<https://www.iom.int/es/historia>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

⁷ O Acordo de Migração entre os Estados Unidos do Brasil e a Itália foi assinado no Rio de Janeiro em 5 de julho de 1950, promulgado pelo Decreto nº 30.824 de 7 de maio de 1952 e publicado no Diário Oficial de 16 de maio de 1952 (ZANINI, 1987).

agricultura; transferências de grupos para a criação de colônias agrícolas; e reagrupamento de núcleos familiares, sendo que este último obteve o maior êxito.

Salles e Bastos (2010, p. 152), fazem referência à afirmação de Sakurai, Salles e Paiva (2008), de que nesse período o perfil dos imigrantes se modifica com a entrada de diversas nacionalidades, tais como italianos, espanhóis, alemães, japoneses etc., adquirindo uma característica mais urbana e industrial. Em geral, segundo Trento (1989), era incentivada a partida de indivíduos sós e com idade entre vinte e cinco e quarenta anos, sendo que esse limite de idade poderia ser derogado caso se tratasse de operários altamente especializados.

No que diz respeito aos fluxos entre Itália e Brasil, de 1950 a 1972 entraram 105.149 italianos no Brasil, sendo 91.931 destes apenas no período de 1950 a 1959, enquanto na década anterior haviam entrado apenas 15.819 (LEVY, 1974). Entre 1952 a 1978, somente por intermédio do CIME, o Brasil recebeu 43.212 italianos (SALLES; BASTOS, 2010). Entretanto, a partir de 1958, a emigração – tanto a espontânea, quanto a dirigida – começou a declinar, mantendo-se em níveis baixíssimos e não voltando mais a crescer, apesar do novo acordo imigratório firmado em 1960 entre os dois países (TRENTO, 1989).

O Acordo de Roma⁸ de 1960 tinha por objetivo “orientar, assistir e organizar as correntes migratórias italianas para o Brasil [...], levando-se em conta a conveniência de preservar a unidade dos núcleos familiares” (ZANINI, 1987, p. 227); e, segundo o mesmo autor, o acordo também declarava que essa migração poderia ser “dirigida ou espontânea em colaboração e assistência com o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME) e com outros organismos Internacionais” (p. 227). Assim, esse novo acordo tinha como objetivo principal a busca de mão de obra qualificada ou semiquificada para o Brasil (FACCHINETTI, 2003); e nele estavam previstos três tipos de regime de trabalho: agropecuário, por conta própria e assalariado, “ou sob outras formas de remuneração, para trabalhadores agrícolas, industriais e operários sob a proteção e assistência da Legislação Trabalhista” (SALLES; BASTOS, 2010, p. 2010). Em comparação com o anterior, de 1950, esse acordo reafirmaria

muitas das cláusulas precedentes, acrescentando hipotéticas e futuras isenções de impostos agrícolas para os colonos; a validade, no Brasil, da assistência previdenciária que já tinham na pátria; e a constituição de uma

⁸ O Acordo de Roma foi um acordo de migração pactuado em Roma, em 9 de dezembro de 1960 e promulgado pelo Decreto n. 57.759, de 8 de fevereiro de 1966 (ZANINI, 1987).

comissão mista para facilitar as remessas nas condições mais favoráveis previstas pela legislação brasileira (TRENTO, 1989, p. 416-417).

Apesar disso, no período de 1960 a 1969 as entradas se reduzem novamente, chegando a poucas centenas por ano, em razão da suspensão do Acordo de migração, por parte da Itália, em 1963 (FACCHINETTI, 2003; SALLES; BASTOS, 2010; LEVY, 1974), e do “milagre” econômico italiano, que iniciou pouco a pouco, nos primeiros anos da década de 1950, com a expansão da indústria automobilística, petroquímica e de pneus, graças à ajuda dos Estados Unidos através do Plano Marshall⁹ (GABACCIA, 2000).

Esse “milagre” da Itália setentrional, parte do boom econômico europeu, “mudou o caráter das emigrações internacionais italianas e pôs fim à longa história do país como um dos mais importantes exportadores de força de trabalho” (GABACCIA, 2000, p. 238, tradução nossa¹⁰). Entretanto, esse milagre industrial não produziu automaticamente postos de trabalho para milhões de graduados saídos das universidades italianas após a Segunda Guerra Mundial, produzindo, então, um tipo de emigração que podia ser definida como “fuga de cérebros” (GABACCIA, 2000, p. 244).

A incerteza do pós-guerra levou jovens e adultos italianos com diploma a emigrar para buscar melhores oportunidades no estrangeiro, muitos deles “chegavam através de ‘atos de chamada’ e contratos fictícios, ou, simplesmente, passando através das malhas da seleção na Itália, escondendo seus diplomas e declarando aptidões e profissões que não tinham” (TRENTO, 1989, p. 442-443).

Uma parte desse contingente, não apenas de graduados, mas também de técnicos, dirigiu-se para o Rio Grande do Sul, fixando-se em Pelotas; e, aqui chegando, não encontrou uma associação étnica de italianos em funcionamento. Desse modo, muitos destes foram os responsáveis pela criação da primeira associação italiana após a Segunda Guerra Mundial nesta cidade, a Associação Cultural Ítalo-Brasileira, que será vista no próximo capítulo. Na próxima seção, entretanto, aborda-se a questão da identidade étnica e linguística desses imigrantes.

⁹ O Plano Marshall foi um auxílio dos EUA para reconstrução dos países da Europa devastados pela Segunda Guerra Mundial. Falar da Guerra Fria.

¹⁰ No original: “mutò il carattere delle emigrazioni internazionali italiane e pose fine alla lunga storia del paese come uno dei più importanti esportatori di forza lavoro”.

4.2 A IDENTIDADE ÉTNICA E LINGUÍSTICA DO ÍTALO-BRASILEIRO NO RS

Nesta seção, busca-se compreender como se deu o processo de “constituição e reconstrução” (FROSI, 2013) da identidade étnica e linguística dos imigrantes italianos e dos seus descendentes no Rio Grande do Sul. Entretanto, antes de abordar essa questão, é necessário primeiro compreender o contexto de formação do Estado-nação italiano, bem como o contexto político brasileiro durante o Estado Novo, com a campanha de nacionalização e com a Segunda Guerra Mundial.

A Itália, como Estado-nação, não existia até 1861¹¹ quando foi proclamado o Reino de Itália, tendo como Rei, Vittorio Emanuele II. Entretanto, o *Risorgimento*, isto é, o processo de unificação dos diversos Estados existentes na península e nas ilhas itálicas, que começou em 1849, só foi concluído em 1870, quando Roma – que até então era sede papal – se integra ao Reino italiano, tornando-se sua capital, em 1871 (MATOS, 2017).

Após a Primeira Guerra Mundial ainda foram anexados os territórios chamados irredentos – Trentino, Alto Ádige, Trieste, Gorizia e Ístria – que estavam sob domínio austríaco, “acentuando ainda mais a heterogeneidade e os particularismos da Itália” (MATOS, 2017, p. 135). Como visto anteriormente, na Europa Ocidental não existe nenhuma nação que seja formada apenas por “um único povo, uma única cultura ou etnia” (HALL, 2000, p. 62) e a Itália foi um dos países onde houve a maior mistura de povos (RENAN, 2006).

Nesse contexto, para que a nação italiana pudesse existir, uma “língua, uma cultura e uma história comum tinham de ser recuperadas e/ou criadas do zero” (BERTONHA, 2013, p. 57), ou seja, aquilo que Hobsbawm (2008) chama de invenção das tradições. No que diz respeito à língua italiana, segundo este autor, ela foi a única base para a unificação da Itália; mesmo que apenas uma minoria – cerca de 2,5% da população – a usasse ativamente no cotidiano em 1860, mas era “uma minoria de suficiente peso político” (HOBSBAWM, 1998, p. 76), e, no máximo, 10% era capaz de entendê-la (DE MAURO, 2011). A ideia de criar uma nação baseada na língua utilizada pelos grandes fundadores da tradição literária italiana, tais como Dante, Boccaccio e Petrarca, de acordo com Even-Zohar (2011, p. 93), foi devida aos “esforços intelectuais e literários de Manzoni e de um grupo de intelectuais”, apoiados pelo

¹¹ A data oficial da unificação da Itália e da criação do *Regno d'Italia* é 17 de março de 1861.

Primeiro-Ministro do Reino de Itália, Camillo Benso, o conde de Cavour. Segundo esse autor, entretanto, o italiano falado à época da unificação era baseado no dialeto *fiorentino*, que já não correspondia mais à língua que realmente se falava na Toscana e em Florença.

A questão da língua italiana, segundo Eco (2011) era um grande paradoxo, se por um lado a língua foi o único elemento constante de italianidade ao longo de mais de um milênio, na ausência de uma unidade estatal e de um patrimônio de valores que fosse mais forte que as várias identidades regionais; por outro, não existindo um povo que a falasse, restou como um sinal de unidade e identidade somente para os poucos que sabiam ler e escrever. Nesse sentido, a célebre frase atribuída a Massimo D'Azeglio "Nós fizemos a Itália, agora temos que fazer [os] italianos" (HOBSBAWM, 1998, p. 56), traduz bem a falta de um sentimento de italianidade por parte do povo à época da unificação, pois os sentimentos ainda eram localistas e regionalistas (AZEVEDO, 1975).

A unificação foi um processo que, como visto, só foi concluído em 1870, com a integração de Roma ao Reino de Itália; ou após a Primeira Guerra Mundial, se for considerada a anexação dos territórios irredentos (MATOS, 2017), em 1919. Portanto, no período da grande imigração, os milhares de "italianos" que chegaram ao Brasil haviam saído de uma Itália ainda não totalmente unificada e, para esses, não houve tempo de se tornarem "italianos". Nesse contexto, de acordo com Trento (1989, p. 161), "[e]ra difícil falar de italianidade com pessoas para as quais a Sicília estava tão distante quanto o Brasil, em termos culturais e linguísticos".

Dessa maneira, tornaram-se italianos no Brasil, formando, assim, um grupo étnico (BARTH, 1997) ao adquirirem, gradativamente, a consciência de grupo ligada à pátria italiana (AZEVEDO, 1975), reforçada, também, pela dificuldade de os brasileiros perceberem as diferenças regionais entre esses imigrantes, identificando-os, "de maneira generalizadora, como *italianos*, e a língua por eles falada, como *italiana*" (CARBONI, 1999, p. 293, grifos no original). Nesse sentido, é significativa a afirmação de Emilio Franzina (1999), de que os imigrantes que chegaram ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial seriam chamados pelos imigrantes mais antigos de "italianos da Itália".

A identidade linguística dos primeiros imigrantes e seus descendentes, nascidos na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, era dialetal italiana, visto que se reconheciam e se identificavam por meio de seu dialeto

materno; a sua identificação étnica, no entanto, manifestava-se na autoatribuição de italianidade (FROSI, 2013). Isso se verifica, inclusive, no nome da forma dialetal que se criou no Rio Grande do Sul – o *Talian*¹² – a partir da mescla dos dialetos do norte da Itália (POSSAMAI, 2005).

Em um segundo momento da história linguística e social dessa região, porém, “a identidade linguística e cultural era dialetal italiana, brasileira e gaúcha, portanto, plural” (FROSI, 2013, p. 115). Essa fala dialetal, entretanto, começa a ser estigmatizada quando a língua portuguesa adquire prestígio (FROSI, 2000), principalmente devido à Campanha de Nacionalização do Ensino¹³, no final da década de 30, e agravada pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contra a Itália, em 1942, período em que a fala dialetal italiana foi proibida e a língua portuguesa foi imposta. No entanto, apesar de toda a estigmatização, segundo a autora, parece que o ítalo-descendente nunca se autoatribuiu a categoria de brasileiro, pois a “etnicidade não morre pela pressão social sobre o grupo; a identidade se constrói e reconstrói e pode também ser plural” (FROSI, 2013, p. 113).

Contudo, a “repressão ao uso das línguas estrangeiras não teve os resultados imediatos esperados. [...] Persistia o uso da língua materna no espaço doméstico e no convívio com pessoas de mesma origem nacional” (SEYFERTH, 1999, p. 223). Com base no Censo de 1940, Azevedo (1975) afirma que, nesse ano, 400 mil pessoas no Rio Grande do Sul falavam italiano em casa, o que correspondia a 9% da população do Estado.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a Itália – depois de 85 anos de monarquia e de mais de 20 anos de regime fascista –, por meio de um referendo realizado em 2 de junho de 1946, torna-se uma República e, em 1948, promulga a sua Constituição. Este conjunto de acontecimentos faz com que alguns autores, ao longo da segunda metade do século 20, comecem a pensar na questão da identidade italiana, sendo que alguns deles consideram que os italianos são incapazes de instituir um “sentimento coletivo de pertença nacional”; outros, ao contrário, afirmam “que

¹² O *talian* representa uma mistura dos vários falares vênето-lombardos, com apropriação de palavras portuguesas e brasileiras (COSTA, 1994, p. 12). Segundo Carboni (2002, p. 345), o termo *talian* se refere “ao gentílico ‘italiano’, já que os descendentes mais velhos não conseguem fazer uma distinção entre os termos ‘taliano’, ‘talian’ e ‘italiano’.”

¹³ O programa de ação da campanha de nacionalização “tinha como premissa erradicar as influências estrangeiras atuantes, principalmente, nos três Estados do Sul, e incutir nas populações de origem europeia (especialmente alemães, poloneses e italianos) o sentimento de brasilidade” (SEYFERTH, 1982, p. 175).

existe uma consciência e identidade nacionais em contínua reconfiguração” (MATOS, 2017, p. 143).

No que diz respeito ao Brasil, verifica-se o começo de uma nova fase, na qual o sentimento de italianidade, que pouco antes era vergonhoso e frequentemente identificado com o fascismo, passa a ser acompanhado de orgulho étnico (FROSI, 2013; TRENTINO, 1989). Essa retomada da italianidade se verificou também em relação às atividades associativas, que, segundo Trento (1989, p. 465), foram as que mais sofreram “com as divisões e a desorientação geral do pós-guerra”, mas que lentamente começaram a ressurgir. A próxima seção examinará essa questão com mais detalhes.

4.3 O ASSOCIATIVISMO ÉTNICO ITALIANO EM PELOTAS

Os italianos no Brasil já se organizavam em associações antes que se iniciasse o fenômeno da imigração em massa, em 1875, e até mesmo antes da unificação da Itália, em 1861. Parece que essa necessidade associativa faz parte do “ethos cultural e político” desses imigrantes (BERTAGNA; TEDESCO, 2015, p. 396), pois, na Itália, encontram-se registros de associações de mútuo socorro pelo menos desde 1850 (LUCA, 1990, p. 3), como é o caso da *Associazione degli Operai* de Turim (MAGGI, 2021). Após a *Congrega della Giovine Italia*, uma associação política mazziniana, constituída por italianos no Rio de Janeiro, em 1836 – cujos principais membros participaram ativamente da Revolução Farroupilha –, a primeira associação beneficente italiana de que se tem notícia no Brasil é a *Società Italiana di Beneficenza*, criada em 1854¹⁴, no Rio de Janeiro (CONSTANTINO, 1991; TRENTINO, 1989).

No Rio Grande do Sul, a primeira sociedade italiana foi fundada em Bagé, em 1871, a *Società Italiana di Mutuo Soccorso e Beneficenza*, que tinha também como finalidade divulgar a língua italiana (COLOGNESE, 2004; TRENTINO, 1989). A Vittorio Emanuele II, fundada em Porto Alegre, em 1877, é citada por alguns autores como a segunda sociedade italiana mais antiga fundada no estado (OSPITAL; CONSTANTINO, 1999; TRENTINO, 1989) ou, até mesmo, como a mais antiga (CENNI, 2003; CROSETTA, 1925). Entretanto, sabe-se que, apesar de não ter sido registrada

¹⁴ Ospital e Constantino (1999) afirmam que foi em 1851.

oficialmente, a Sociedade Italiana *Unione e Filantropia* foi criada em 1872¹⁵ (CASTRO; WEIDUSCHADT, 2018), em Pelotas, sendo, de fato, a segunda mais antiga do estado. A partir de então teve início a formação de um número significativo de instituições italianas¹⁶, particularmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul (TRENTO, 1989), pois, “em qualquer lugar onde se juntassem poucas dezenas de peninsulares logo surgiria uma associação, quase sempre de caráter assistencial beneficente e patriótico” (CENNI, 2003, p. 298).

Antes de passar às associações étnicas italianas em Pelotas, é importante destacar que no fim do século 19 e início do 20, obviamente, a cidade não abrigou apenas iniciativas associativas étnicas de italianos, houve também iniciativas de alemães, espanhóis, franceses, israelitas, negros, poloneses, portugueses, sírio-libaneses e uruguaios (ANJOS, 2000; LONER, 2016; SILVA JR., 2004). As primeiras sociedades mutuais étnicas em Pelotas foram a Sociedade Portuguesa de Beneficência e a Sociedade Beneficente (ou de Beneficência) Alemã, fundadas em 1857 (ANJOS, 2000; LONER, 2016; SILVA JR., 2004), e a Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, criada em 1872, conforme referido anteriormente.

As primeiras iniciativas associativas étnicas italianas em Pelotas¹⁷ remontam ao final do século 19, sendo possível distingui-las em pelo menos quatro diferentes áreas de atuação, segundo as suas finalidades: de beneficência/mútuo-socorro¹⁸, de instrução/educação, artística/cultural/recreativa e musical; embora algumas delas desempenhassem concomitantemente mais de uma finalidade, com ênfases distintas, como será visto a seguir. Em certos períodos algumas das associações de mútuo socorro chegaram a funcionar simultaneamente (ANJOS, 2000). Isso confirma que “a necessidade dos primeiros imigrantes em reunir-se em círculos e sociedades, com fins predominantemente de mútuo socorro, foi uma exigência imprescindível” (TRENTO, 1989, p. 171).

Das sociedades italianas que existiram em Pelotas antes da Segunda Guerra Mundial, por ordem cronológica e com a sua respectiva finalidade, pode-se citar as

¹⁵ A data de criação dessa sociedade apresenta algumas divergências, como será visto na sequência, entretanto, estudos recentes de Castro e Weiduschadt (2018), com o uso de novas fontes, apontam para a criação dessa Sociedade no ano de 1872, data que este estudo passa a considerar.

¹⁶ Sobre associações étnicas italianas no Brasil e no Rio Grande do Sul, ver *Cinquantenario* (1925, v. 2, p. 392), Colognese (2004), Loner (2016), Luca (1990), Possamai (2005), Rech (2015), Silva Jr. (2004), Trento (1989), entre outros.

¹⁷ Sobre as associações étnicas italianas em Pelotas ver Anjos (2000), Castro e Weiduschadt (2018), Loner (2016), Loner, Gill e Magalhães (2017) e Neis (2016).

¹⁸ Também denominadas ajuda-mútua, auxílio-mútuo ou socorro mútuo.

seguintes: *Unione e Filantropia* - primitiva (1872 – mútuo socorro); *Unione e Filantropia* - dissidente (1877 – mútuo socorro); *Circolo Italiano Garibaldi* (1883 – cultural, beneficente e de instrução); Sociedades Italianas Reunidas *Unione Filantropia e Circolo Garibaldi* (1885 – beneficente e de instrução); *Cristoforo Colombo* (1892 – mútuo socorro); 20 de Setembro (1892 – musical); *Corale Savoia* (1892 – musical); *Corpo Musicale Bellini* (1892 – musical); Banda Sociedade Infantil 20 de Setembro (1895 – musical – banda dos alunos da Escola Italiana); *Unione e Benevolenza* (1899); Sociedade Philo-dramática Dante Alighieri (1915 – artística) (ANJOS, 2000; CASTRO, WEIDUSCHADT, 2018; LONER, 2016); *Società Italiana Guglielmo Marconi* (1938 – instrução, divertimento e auxílio aos sócios) (SIGM, 1938).

Dessas sociedades, esta seção se propõe a caracterizar brevemente apenas aquelas que se originaram a partir da primeira, a *Unione e Filantropia*, criada em 1872, a qual, por meio de cisões e uniões com outras sociedades e círculos, foi a única que conseguiu ter uma existência mais contínua e chegar até os dias de hoje por meio da atual Associação Cultural Italiana Pelotense (ACIP). Dessa maneira, na Figura 4, a seguir, apresenta-se uma linha do tempo com a genealogia da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia* com o objetivo de compreender visualmente o caminho que percorreu essa sociedade e situar a Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB) dentro desse quadro geral. Na sequência, descreve-se brevemente cada uma dessas sociedades e associações, com destaque para a sua criação, finalidades, e ações no campo cívico e educacional.



Figura 4 - Linha do tempo com a genealogia da Sociedade Italiana Unione e Filantropia (1872-2006)
 Fonte: Elaborado pela autora com base em Anjos (2000), Castro e Weiduschadt (2018), Loner (2016), SIP (1992), Pelotas (1902, 1938, 2006), Rio Grande do Sul (1877, 1967).

A **Unione e Filantropia** (primitiva), como visto, foi a primeira sociedade italiana criada na cidade (ANJOS, 2000). Castro e Weiduschadt (2018), com base no relatório produzido pelo cônsul Legrenzi, em 1895, afirmam que essa sociedade foi criada em 1872; enquanto Anjos (2000) e Loner (2016) fazem referência à sua inauguração, ocorrida em 1º de outubro de 1873, nas dependências do Hotel Aliança.

Em 1875, porém, por motivos não identificados, três sócios fundadores foram expulsos – Vicente Gentilini, Pascoal Falche e o então agente consular em Pelotas,

Jeronymo Canevaro¹⁹ –, ocasionando a cisão dessa sociedade e a formação de uma outra com o mesmo nome, que se identificava como ***Unione e Filantropia*** (dissidente) (ANJOS, 2000) e que veio a ser devidamente registrada em 1877 (RIO GRANDE DO SUL, 1881). E foram esses três sócios, juntamente ao Sr. Mazzolini, que iniciaram a “Escola Pública Italiana”, inaugurada em 1877 (ANJOS, 2000, p. 129). Essas escolas, de acordo com Luchese (2007, p. 184), “eram 'aulas' elementares que ensinavam as noções básicas de escrita, leitura e cálculo”, onde o ensino era dado em italiano, e em dialetos como o vêneto.

A denominação “*Unione e Filantropia*” continuou sendo objeto de disputa entre as duas sociedades, a ponto de o presidente da Sociedade *Unione e Filantropia* (dissidente), Frederico Trebbi, afirmar publicamente nas páginas do *Correio Mercantil*, em 10 de abril de 1878, que “o dito distintivo pertence à diretoria presidida pelo abaixo-firmado” (ANJOS, 2000, p. 133). Ademais, parece que a denominação também era objeto de desejo de outras entidades, como a loja maçônica de italianos, criada em 1901, na mesma cidade (LONER, 2016; SILVA JR., 2004). Da *Unione e Filantropia* (primitiva), segundo Anjos (2000), a partir de 1878 raramente aparecem notícias nos jornais.

Nos estatutos da *Unione e Filantropia*, que foram registrados em 4 de maio de 1877, consta em seu art. 2º que o “general José Garibaldi é o seu patrono e o R. cônsul italiano desta província, o Sr. Cavalheiro Jeronymo Vitaloni e seus sucessores, presidente honorário” (RIO GRANDE DO SUL, 1881, p. 25). Conforme seu art. 4º, era uma associação de mútuo socorro que tinha a finalidade principal de “socorrer aos sócios necessitados e promover sua moralidade e bem estar, tanto com as obras como com os conselhos” (RIO GRANDE DO SUL, 1881, p. 25); além disso, possuía critérios étnicos para admissão dos associados, ou seja, somente italianos e os filhos de pais italianos tinham o direito de participar dela, conforme disposto em seu art. 7º, que definia como italianos aqueles “cujo país natal pertença geograficamente à Itália” (RIO GRANDE DO SUL, 1881, p. 25).

Em 1º de novembro de 1885 ocorreu a fusão entre a Sociedade Italiana *Unione Filantropia* e a Sociedade de Beneficência e Instrução *Circolo Italiano Garibaldi*,

¹⁹ Aqui se observa uma variação do nome e sobrenome do agente consular, o qual, segundo Iotti (2001), até 1874, era Gerolamo Vitaloni. Nesse sentido, tem-se explicação apenas para a variação do nome, supondo-se que houve um abasileiramento do nome italiano Gerolamo para Jeronymo. Apesar disso, é possível que Gerolamo Vitaloni, Jeronymo Canevaro e Jeronymo Vitaloni sejam a mesma pessoa.

constituindo-se as **Sociedades Italianas Reunidas *Unione Filantropia e Circolo Garibaldi*** (PELOTAS (RS), 1903). A Sociedade de Beneficência e Instrução *Circolo Italiano Garibaldi* havia sido fundada no dia 3 de junho de 1883, com caráter cultural e de mútuo socorro, tendo como finalidade “cultivar o espírito de seus membros por meio de leituras e conversações literárias e estabelecer um fundo de socorro para auxiliar os sócios enfermos” (ANJOS, 2000, p. 133). E a partir de 1884, segundo o mesmo autor, nas dependências desta sociedade passou a funcionar uma escola noturna para os associados e seus filhos, adquirindo, assim, também um caráter educacional.

As Sociedades Italianas Reunidas funcionaram na rua São Miguel, 209 (atual XV de Novembro), até sua nova sede ser inaugurada, no dia 7 de outubro de 1887, ou seja, dez anos após a pedra fundamental ter sido lançada, em 1877, no terreno adquirido pela *Unione e Filantropia* (ANJOS, 2000). Ainda em 1887 começou a funcionar na sua nova sede uma escola gratuita para ensino dos filhos de italianos e um curso noturno (FOI INAUGURADA..., 1887).

A sede própria, para uma sociedade italiana, pode ser considerada como um atestado da sua importância “para a afirmação pública e valorização positiva desses descendentes nas cidades onde residiam” (COLOGNESE, 2004, p. 37).

Assim, a sede das Sociedades Italianas Reunidas (Figura 5) se apresentava com uma arquitetura de estilo neoclássico, que era símbolo de poder e autoridade, num claro objetivo de afirmação e valorização da etnicidade e da identidade desse grupo étnico na cidade. A edificação, disposta em um único pavimento recuado em relação ao alinhamento predial, tinha o seu acesso através de um portão de grades metálicas que se abria para o pórtico coroado por frontão triangular apoiado sobre duas colunas de seção circular encimadas por capitéis dóricos. Dentro desse frontão havia duas inscrições, na parte inferior estava escrito SOCIETÀ ITALIANA, e na parte superior, uma escrita indecifrável que parece ser uma data em números romanos, talvez a da construção do edifício; também na parte inferior, centralizado, estava fixado um mastro para hasteamento de bandeiras. O entablamento era contemplado com arquitrave, friso com métopas e tríglifos, e cornija saliente, sobre a qual se apoiava a platibanda vazada que percorria todo o perímetro do prédio, ornada com uma sequência de balaústres e um vaso em cada extremidade. Na sua composição geral, concebida segundo um eixo de simetria, a fachada principal apresentava uma

porta ladeada por duas janelas, todas guarnecidas de esquadrias com duas folhas de abrir e com bandeiras fixas em arco pleno.



Figura 5 - Fotografia da sede da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*.
Fonte: CINQUANTENARIO..., 1925, v. 2, p. 392. Reprodução da autora.

O referido terreno ainda existe e, embora tenha sido doado ao governo italiano, como será visto na sequência, foi ocupado pela Sociedade Italiana Pelotense que construiu nele uma nova sede, pois o prédio original havia sido “insanamente destruído após a 2ª Guerra Mundial” (LOUZADA, 1993), restando apenas ruínas.

Em 6 de janeiro de 1899, as Sociedades Italianas Reunidas fundiram-se à Sociedade de Socorros Mútuos *Cristoforo Colombo* – que havia sido criada em 1892 – formando a **Sociedade Unione e Benevolenza**, entretanto, essa união durou apenas oito meses (ANJOS, 2000; LONER, 2016). Após a sua dissolução, as **Sociedades Italianas Reunidas Unione Filantropia e Circolo Garibaldi** se

reorganizaram novamente, em 11 de outubro de 1902 registraram seu novo Estatuto Social, e, no ano seguinte, em 29 de maio de 1903, registraram a sua alteração (PELOTAS (RS), 1903).

A principal alteração desse Estatuto se refere à finalidade da associação, que em 1902 era a de “[b]eneficiar, proteger e socorrer os seus associados, suas esposas e filhos menores” (PELOTAS (RS), 1902), possuindo, portanto, um caráter essencialmente assistencial; enquanto que em 1903 passou a ser a de “[b]eneficência e instrução” (PELOTAS (RS), 1903), acrescentando, desse modo, o caráter educacional ao assistencial.

Como visto, até o final do século 19, essa sociedade sofreu vários episódios de desorganização interna, reorganizando-se no início do século 20, para então se desestruturar novamente “a ponto de ser considerada quase extinta nas décadas de 10 e 20” (POMATTI; LONER, 2017, p. 171). Em 1926, reorganizou-se novamente, permanecendo em atividade por toda a década de 30, durante a qual passou a usar o nome abreviado, isto é, **Sociedades Italianas Reunidas** (POMATTI; LONER, 2017). Em relação a essa sociedade, Loner (2016, p. 76) afirma que foi a “única que conseguiu manter uma existência mais contínua [...], mesmo assim, sendo continuamente reorganizada, por causa de seu patrimônio, que envolvia sede própria e amplo terreno”.

As Sociedades Italianas Reunidas criaram o Colégio Misto Ítalo-brasileiro, que foi inaugurado no dia 22 de abril de 1937, em Pelotas (POMATTI; LONER, 2017; SOCIEDADE..., 1937). Provavelmente, trata-se da mesma Escola Ítalo-Brasileira ou Escola Ítalo Brasileira Anita Garibaldi, cujos alunos teriam participado das comemorações de datas cívicas do calendário italiano e brasileiro realizadas em abril e outubro do mesmo ano²⁰ (FOI COMEMORADO..., 1937; FESTA..., 1937).

A partir de 1937 as Sociedades Italianas Reunidas passaram a se denominar **Società Italiana Guglielmo Marconi** (DUVAL, 1975). Em 19 de outubro desse ano publicaram uma convocação, em língua italiana, para a “*Assemblea Generale Straordinaria della Società italiana ‘Guglielmo Marconi’*”, a ser realizada na sede da “*Scuola Italo-Brasileira*”, à rua Doutor Cassiano, 502, para tratar de assunto de grande responsabilidade (ASSEMBLEA..., 1937). Em 12 de janeiro de 1938, a *Società Italiana Guglielmo Marconi* publicou nova convocação para a “*Assemblea Generale*

²⁰ Essas comemorações serão abordadas a seguir, em 4.3.1.

Ordinaria”, a ser realizada na sede da “*Scuola Italo-Brasiliiana*”, para eleger nova diretoria (SOCIETÀ..., 1938).

É possível que esta mudança de nome tenha ocorrido após a morte de Guglielmo Marconi, em 20 de julho 1937 (MARCONI, 2019), numa clara homenagem ao cientista e inventor italiano que foi membro do Grande Conselho do Fascismo²¹. Em 1935, Marconi havia estado no Brasil para inaugurar a Estação de Rádio Tupy, no Rio de Janeiro, ocasião em que foi recebido com muito entusiasmo pelo povo e homenageado por várias autoridades (S. E. MARCONI..., 1935). Na sua passagem por São Paulo, no mesmo ano, “uma multidão foi à casa do Fascio para ouvir a declaração de Mussolini e as palavras de Guglielmo Marconi” (TRENTO, 1989, p. 342).

No entanto, essa alteração só foi formalizada pelos seus sócios na Assembleia Geral Extraordinária realizada no dia 17 de outubro de 1938, na qual também foi eleito o Conselho Diretivo (SIGM, 1938). Na realidade, o principal motivo para a realização dessa assembleia era deliberar sobre a regularização da sociedade em face das disposições do Decreto-Lei nº 383²², de 18 de abril de 1938, que vedava a atividade política no Brasil a estrangeiros e dava outras providências (BRASIL, 1938a; SOCIEDADE..., 1938). Em vista disso, “Vittorio Bergoglio propôs a aprovação de um projeto de reforma estatutária por ele elaborado”, que foi posto em votação e unanimemente aceito (SIGM, 1938, p. 1). Com o novo estatuto da sociedade (SIGM, 1938), já adequado à legislação vigente, dela não poderiam “fazer parte, os brasileiros, natos ou naturalizados, ainda que filhos de italianos” (art. 4º), impedindo, assim, a renovação do quadro social por meio dos descendentes desses italianos.

Os estatutos foram registrados em 14 de novembro do mesmo ano (PELOTAS (RS), 1938), e a nova associação tinha como finalidades (SIGM, 1938, art. 2º):

²¹ Guglielmo Marconi (Bologna 1874 - Roma 1937), cientista e inventor de um sistema de telégrafo sem fio, recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1909 e foi nomeado senador em 1914; aderiu oficialmente ao regime fascista italiano, ingressando no partido em 1923; nomeado presidente da Real Academia da Itália, em 1930, tornou-se, assim, membro do Grande Conselho do Fascismo (MARCONI, 2019). O dia do seu aniversário de nascimento, 25 de abril, foi introduzido no calendário fascista como “dia de solenidade civil”, conforme a lei n. 276, de 28 de março de 1938.

²² Este Decreto-Lei, que fazia parte do projeto de nacionalização idealizado pelo governo de Getúlio Vargas em 1938, vedava a atividade política no Brasil a estrangeiros, permitindo a associação de estrangeiros somente para fins culturais, beneficentes ou de assistência, sendo que tais entidades não poderiam receber subvenções, contribuições ou auxílios de governos estrangeiros, e delas não poderiam fazer parte os brasileiros natos ou naturalizados, ainda que filhos de estrangeiros. É interessante observar que, a partir de 1938, os convites e convocações da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi, que antes eram publicados em língua italiana, passaram a ser publicados em português, sendo mais uma repercussão desse Decreto-Lei.

- a) Reunir seus associados em uma sede, procurando sua elevação moral, civil e intelectual;
- b) Promover o desporto, proporcionando-lhes honestos, agradáveis e úteis divertimentos;
- c) Manter uma escola que se denominará “Escola Ítalo-Brasileira” [...];
- d) Prestar auxílio aos sócios que estiverem necessitados;
- e) Orientar seus associados sobre leis, decretos e mais deveres a que estão obrigados e sujeitos no território brasileiro.

A “Escola Ítalo-Brasileira” a que se refere o item “c”, portanto, foi a realização de uma das finalidades dessa sociedade, segundo a qual nela seria ensinada a língua e a cultura italiana, em conformidade com a legislação brasileira em vigor. Entretanto, o final da década de 1930 representou um “momento histórico de forte tensão entre as políticas de formação da nacionalidade brasileira [...] e a pluralidade cultural da população, o que motivou diversos decretos de nacionalização do ensino, levando ao término das escolas étnicas” (LUCHESE; KREUTZ, 2011, p. 12). O Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938 (BRASIL, 1938b), conhecido como Lei da Nacionalização, determinava que nas escolas o ensino de qualquer matéria deveria ser ministrado somente em português e não poderiam ensinar idiomas estrangeiros a menores de quatorze anos. Segundo Renk (2013), isso foi determinante para o término das escolas étnicas, pois apesar de a lei não impedir o funcionamento dessas escolas, elas perdiam o caráter étnico, visto que o ensino só poderia ser ministrado em língua nacional.

Em 20 de dezembro de 1939, uma nova Assembleia Geral Extraordinária – que contou com a presença do cônsul geral, Santovincenzo Magno, vindo de Porto Alegre especialmente para esse fim – foi realizada na sede social da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi, com a seguinte ordem do dia: 1º) Eleição da nova diretoria; 2º) Comunicações da Presidência; 3º) Discussão sobre os estatutos e cessão do patrimônio social (AS PROPRIEDADES..., 1939; PELOTAS (RS), 1940a). No que concerne à terceira pauta, o agente consular Henrique Lorea²³ – na qualidade de sócio – participou dessa assembleia e, em entrevista ao *Diário Popular*, contou que na ocasião foi deliberada a doação de todas as propriedades pertencentes à sociedade ao Governo da Itália, o qual “instalará no prédio onde está sediada a Sociedade, a agência consular desse país, assim como tratará das reformas necessárias, instalando, também, a ‘Casa da Itália’, que será um centro de difusão cultural” (AS PROPRIEDADES..., 1939).

²³ Os agentes consulares da Itália em Pelotas são o tema da seção 4.4, na sequência.

Dessa forma, em 23 de fevereiro de 1940, foi lavrada a Escritura Pública de Doação condicional “em que é doadora a Sociedade Italiana Guglielmo Marconi, e donatário: REAL GOVERNO DA ITÁLIA” (PELOTAS (RS), 1940b, grifos no original). E, embora a referida agência consular não tenha sido montada, esses bens nunca foram devolvidos às suas sucessoras, apesar da tentativa de reavê-los realizada pela ACIB, em 1968 (ACIB, 1968b); sendo que até hoje esse terreno faz parte da lista dos imóveis do governo italiano no exterior (*ELENCO...*, 2022).

Os motivos que levaram à doação, conforme a entrevista do agente consular ao *Diário Popular*, eram devidos às dificuldades financeiras pelas quais estava passando a sociedade e da necessidade urgente de reforma do prédio (AS PROPRIEDADES..., 1939). Poder-se-ia dizer, talvez, que foi “*por medo de que esses bens fossem confiscados pelo governo brasileiro durante a Guerra*”, conforme sugeriu Luiz Henrique Lorea de Lorea (2019) em seu depoimento. Fato que acabou acontecendo em 1942²⁴.

Depois disso, a Sociedade Italiana Guglielmo Marconi funcionou até 1942 (LUCIA, 1995), quando entrou em vigor a determinação para o fechamento das sociedades estrangeiras formadas por alemães, italianos e japoneses, após o Brasil romper as relações diplomáticas com os países do Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial (CORSETTI, 1987).

Como visto, as atividades associativas foram as que mais sofreram com o pós-guerra, mas lentamente começaram a ressurgir, como alguns poucos círculos e associações que surgiram entre 1946 e 1956 (TRENTO, 1989). Esse autor destaca que no Brasil poucas sociedades haviam retomado as suas atividades, umas com caráter político, outras com motivações exclusivas de italianidade, como alguns poucos círculos e associações que surgiram entre 1946 e 1956. Em Porto Alegre, por exemplo, reabriram as suas portas a Società Italiana Elena di Montenegro e o Circolo Italiano, em 1952 (TRENTO, 1989); enquanto que em Pelotas esse ressurgimento ocorreu apenas em 1958, com a criação da **Associação Cultural Ítalo-Brasileira - ACIB**²⁵ (CRIADA..., 1958).

²⁴ “Os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelo prejuízo que, para, os bens e direitos do Estado Brasileiro, e para a vida, os bens e os direitos das pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, domiciliadas ou residentes no Brasil, resultaram, ou resultarem, de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão ou pela Itália” (BRASIL, 1942b, art. 1º).

²⁵ A ACIB, objeto de estudo desta pesquisa, será abordada detalhadamente no capítulo 5.

Na realidade, a ACIB começou a ser gestada em 1951, pelo então agente consular da cidade, Luigi Scattolin. Por ocasião da visita do cônsul Giovanni Giurato¹ à Pelotas, o referido agente tratou, entre outros assuntos, da criação de uma Associação Cultural e Recreativa Ítalo-Brasileira (SERÁ CRIADA..., 1951), entretanto, isso ocorreu somente em 1958, com a criação da ACIB, como recém mencionado. A ACIB existiu, no mínimo, até 1983, sendo que parte de sua existência se deu no contexto da ditadura civil-militar no Brasil²⁶, que foi instaurada em 1964 e durou até 1985.

Depois disso, somente em 24 de outubro de 1992 foi criada a **Sociedade Italiana Pelotense**²⁷ (SIP, 1992). Em 11 de junho de 1994, porém, “um grupo de italianos e brasileiros com cidadania italiana”, reunido em Assembleia Geral Extraordinária convocada pela Comissão Pró-Reerguimento da *Società Italiana Guglielmo Marconi*, resolveu “proceder a reativação da Sociedade referida e eleger sua Diretoria” (SIP, 1994, p. 1). Dessa maneira, em 26 de janeiro de 1995 registrou a alteração do Estatuto Social da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi, alterando também a sua denominação para Sociedade Italiana Pelotense (PELOTAS (RS), 1995).

A partir de então, a Sociedade Italiana Pelotense (SIP) passou a se intitular a “sucessora de todas as sociedades italianas que existiram em Pelotas, sendo a primeira fundada em 01/10/1873” (Figura 6), referindo-se à *Unione e Filantropia*. A SIP foi declarada de utilidade pública pela lei municipal nº 4.124, de 11 de novembro de 1996.

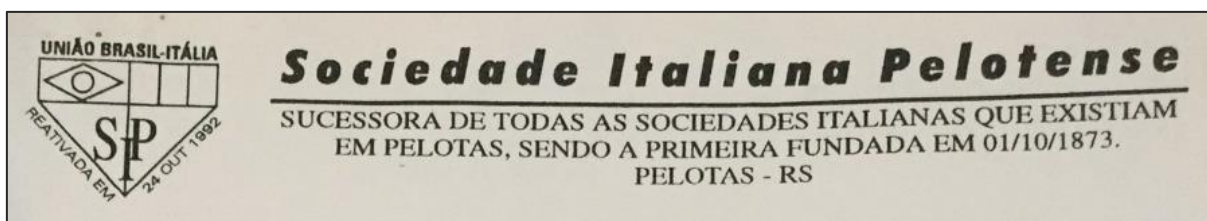


Figura 6 - Cabeçalho do papel timbrado da Sociedade Italiana Pelotense (Detalhe)
Fonte: ACIP (reprodução da autora).

²⁶ A ditadura civil-militar foi um período de repressão política, perseguições e violência que durou 21 anos.

²⁷ Especificamente sobre a Sociedade Italiana Pelotense, ver Santos (2002).

Com essa prerrogativa, construiu a sua sede no mesmo terreno que foi adquirido, em 1877, pela *Unione e Filantropia*, e no qual, 10 anos depois, em 1887, como apenas visto, foi inaugurada a sede das Sociedades Italianas Reunidas *Unione Filantropia e Circolo Garibaldi*, sendo destruída após a Segunda Guerra Mundial. A sede da Sociedade Italiana Pelotense, com uma arquitetura de clara inspiração naquela sede, tentou reconstruir de forma simplificada alguns elementos neoclássicos presentes na fachada original, como os pilares e o frontão triangular.

De acordo com o seu Estatuto, suas finalidades estavam divididas em quatro diferentes áreas de atuação: culturais, filantrópicas, esportivas e recreativas. Destacam-se a seguir as suas finalidades culturais: resgatar a cultura italiana trazida pelos imigrantes; estimular a obtenção da cidadania italiana; promover cursos de língua e cultura italiana; divulgar a cultura italiana; e recreativas: promover reuniões sociais com o objetivo de estreitar a amizade e a fraternidade entre seus associados.

Em 2006, a SIP alterou seu estatuto social e passou a se denominar **Associação Cultural Italiana Pelotense** (PELOTAS (RS), 2006), sendo a única entidade representativa da cultura italiana atualmente em funcionamento na cidade.

4.3.1 As comemorações das datas cívicas nacionais

As associações étnicas italianas, tal como foi abordado neste capítulo, assumiram predominantemente a função de socorro mútuo, sendo que muitas delas também se incumbiram de atividades de ensino, com a criação e manutenção de escolas étnicas²⁸. Assumiram também as “funções de intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem através de festividades cívicas” (LUCHESE, 2010, p. [5]), demonstrando, assim, a presença de um sentimento pátrio, o qual, segundo Luca (1990), era o traço mais característico dessas associações.

Ao longo da história, as festividades cívicas foram se modificando, conforme iam se modificando a forma e o regime de governo na Itália. Dessa maneira, com base em Maurizio Ridolfi (2003), identifica-se três fases históricas em relação às festas nacionais italianas: a Itália liberal, ou *risorgimentale*, até o advento do fascismo; a Itália fascista, que se situa entre as duas guerras mundiais; e a Itália republicana, a partir de 1946.

²⁸ A respeito das escolas étnicas italianas em Pelotas, ver Castro e Barausse (2019).

Assim, de acordo com Conzen et al (1990), as primeiras associações abraçaram os mitos e os símbolos inventados na Itália recém unificada, visto que um dos objetivos das “tradições inventadas”²⁹ era fornecer símbolos e slogans que pudessem unificar o grupo, apesar das diferenças. Em Pelotas, as primeiras associações italianas promoveram bailes, banquetes e desfiles para celebrar a data da unificação, como fizeram, por exemplo, a *Unione e Philantropia* (primitiva), em 20 de setembro de 1876 (NEIS, 2016); e as Sociedades Italianas Reunidas, em 20 de setembro de 1892 (ANJOS, 2000). Essa data, por uma curiosa coincidência, unia duas datas comemorativas importantes do calendário italiano e gaúcho, respectivamente, a Tomada de Roma, em 1870 – o evento final do processo de unificação da península italiana, conhecido como *Risorgimento* –, e a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835 (DE RUGGIERO, 2014). Essas associações cultuaram também Garibaldi, o herói do *Risorgimento* – ou o herói dos dois mundos –, como fez a *Unione Filantropia* (dissidente), atribuindo-lhe o título de Patrono da associação (RIO GRANDE DO SUL, 1881). Entretanto, em 1930, o governo fascista aboliu oficialmente a festa de 20 de setembro (RIDOLFI, 2003).

A partir de então, novos mitos e símbolos foram inventados, e novas festividades foram inseridas no calendário fascista, tais como o aniversário da *Marcia su Roma*³⁰, em 28 de outubro, o *Natale di Roma*³¹, em 21 de abril, entre outras³², modificando quase todo o calendário anterior. As associações italianas em Pelotas, por sua vez, passaram a comemorar essas datas, ocasião em que era tocada *Giovinezza*³³ e feito juramento ao Duce³⁴.

O *Natale di Roma* era mais uma curiosa coincidência que unia o calendário italiano e o brasileiro, que comemorava Tiradentes. Em Pelotas, no dia 21 de abril de 1937, por iniciativa do *fascio* Luigi Platània, comemorou-se Tiradentes e o Natal de

²⁹ Conforme conceito de Hobsbawm (2008).

³⁰ A *Marcia su Roma* (Marcha sobre Roma), foi uma manifestação de caráter subversivo, organizada pelo Partido Nacional Fascista em 28 de outubro de 1922 para pressionar o rei Vitor Emanuel III a nomear Benito Mussolini como primeiro-ministro; a nomeação foi feita no dia seguinte, e no dia 30 ele assumiu formalmente o cargo (MARCIA..., 2010).

³¹ O *Natale di Roma* (a festa do nascimento de Roma), inicialmente, era comemorado na Itália apenas em âmbito municipal, entretanto, a partir de 1923, com a adoção do modelo imperial romano por parte do fascismo, passa a ser uma data nacional, substituindo o 1º de maio (GIARDINA, 2008).

³² Conforme a *Legge 27 dicembre 1930, n. 1726: “Modifica dell’elenco delle feste nazionali, dei giorni festivi a tutti gli effetti civili e delle solennità civili”* (Modificação da lista dos feriados nacionais, dos dias de feriados para todos os efeitos civis e das solenidades civis).

³³ *Giovinezza* era o hino triunfal do Partido Nacional Fascista (DE MAURO, 2017).

³⁴ *Il Duce* (O Líder) foi o título assumido por Benito Mussolini durante o período fascista.

Roma, com a participação do régio agente consular da Itália, sr. Enrique Lorea, dos membros da Sociedade Italiana e de “cinquenta alunos da notável Escola Ítalo-Brasileira, os quais abriram a solenidade cantando o nosso Hino Nacional e a ‘Giovinezza’, aplaudidíssimos” (FOI COMEMORADO..., 1937).

Nas comemorações da *Marcia su Roma* –, que ocorreram no dia 31 de outubro de 1937, na sede da Escola Ítalo Brasileira Anita Garibaldi, os alunos apresentaram diversas provas de ginástica, canto, poesia; e na sede da agência consular houve uma recepção para os italianos e suas famílias (FESTA..., 1937).

No ano seguinte, como parte das restrições impostas aos estrangeiros decorrentes da campanha de nacionalização do governo Vargas, o Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938 (BRASIL, 1938a), permitia aos mesmos “reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica” (art. 3º), desde que com o “prévio licenciamento e localização pelas autoridades policiais” (art. 3º, § 2º).

O calendário da Itália republicana, por sua vez, move-se a partir de duas datas fundacionais, o 25 de abril e o 2 de junho³⁵ (RIDOLFI, 2003). A primeira, o 25 de abril, celebra a libertação da Itália do nazifascismo; e a segunda marca o nascimento da República Italiana, que corresponde à data do referendo institucional, ocorrido em 2 de junho 1946, no qual o povo italiano foi convocado a decidir qual o sistema de governo seria adotado pelo país.

Por fim, nesta seção, buscou-se apresentar um panorama das associações étnicas italianas que se originaram a partir da *Unione e Filantropia*, em Pelotas; demonstrando que, além da beneficência e do mútuo socorro, elas exerceram um papel importante para a manutenção do sentimento de italianidade entre os membros da “colônia” italiana residentes na cidade por meio da escola e das comemorações das datas nacionais. Ademais, deve-se também destacar o papel dos representantes consulares da Itália como agentes educativos que se mobilizaram para a criação de escolas (LUCHESE, 2010) e das associações que as mantinham, sendo este o tópico que se pretende abordar na próxima seção.

³⁵ As comemorações dessa data pela ACIB serão vistas no próximo capítulo, mais especificamente, em 5.3.2.

4.4 A REPRESENTAÇÃO CONSULAR ITALIANA

A rede consular italiana no Rio Grande do Sul, além do Consulado Geral, sediado em Porto Alegre, é formada por Vice-Consulados e Agências Consulares localizadas no interior do estado (CONSOLATO..., 2019). De 1875 a 1914³⁶, segundo Iotti (2010), o consulado Geral em Porto Alegre tinha sob sua jurisdição os estados do Rio Grande do Sul, de Mato Grosso e de Santa Catarina, sendo que este último passou a sediar um consulado próprio a partir de 1894. Agências consulares foram instaladas nas cidades de “Bagé, Rio Grande, Pelotas, Uruguaiana, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Livramento e Santa Vitória do Palmar e, por um breve período de tempo, vice-consulados em Pelotas, Bento Gonçalves e Alfredo Chaves” (IOTTI, 2010, p. 96).

A carreira consular italiana, de acordo com Iotti (2010), era dividida em duas categorias: a primeira era formada por cónsules de carreira ou enviados (*consules missi*) e a segunda por cónsules honorários ou locais (*consules electi*). Ainda, segundo a autora, o quadro de primeira categoria era formado por cónsules-gerais de primeira classe, cónsules-gerais de segunda classe, e cónsules e vice-cónsules distintos em primeira, segunda e terceira classes; e o “quadro de segunda categoria era constituído por cónsules-gerais, cónsules, vice-cónsules e agentes consulares, sem distinção de classe ou possibilidade de promoção” (p. 92). Enquanto os primeiros eram admitidos mediante aprovação em concurso, os segundos não prestavam concurso e eram escolhidos preferivelmente entre os “nacionais honestos, instruídos e abastados que residam onde houver a circunscrição” (ITALIA, 1866, tradução nossa³⁷).

Os agentes consulares faziam parte da segunda categoria e, no geral, eram italianos que haviam se transferido para a América entre os vinte e trinta anos de idade, sendo que a maioria – por não receber nenhuma retribuição pelo exercício da função – exercia alguma atividade remunerada e, por isso, dedicava pouco tempo à representação do Estado italiano (IOTTI, 2010). Ao citar Manuela Cacioli (1988, p. 35), a autora argumenta que, ainda que não tivessem direito à remuneração, “a nomeação para o posto de agente consular era muito ambicionada, porque dava notoriedade e possibilitava ascensão social” (IOTTI, 2010, p. 93), e explica que

³⁶ Os dados biográficos e funcionais dos cónsules da Itália no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, encontram-se detalhados no anexo B do livro “O olhar do poder”, de Luiza Horn Iotti (2001, p. 137-167).

³⁷ No original: “Gli ufficiali consolari di seconda categoria sono scelti preferibilmente fra i nazionali notabili probi, istrutti ed agiati che risiedono dove esiste l'ufficio”.

A política adotada pelo Estado italiano era gastar pouco com suas representações e representantes no exterior, principalmente nas áreas consideradas periféricas e de reduzido interesse comercial, como o Brasil. Para as sedes localizadas em áreas que davam *status* e prestígio político, como as capitais europeias, a Itália designou seus “melhores” homens, ou seja, os que ocupavam os altos quadros da diplomacia nacional. Para as áreas consideradas periféricas, como o Brasil e o Rio Grande do Sul, enviou representantes das categorias inferiores da carreira diplomática, que recebiam essa designação como um castigo (IOTTI, 2010, p. 94-95).

Pelotas³⁸, por muitos anos contou com uma agência consular da Itália e, por um breve período – de 1870 a 1874, e de 1888 a 1893 –, com um vice-consulado (IOTTI, 2001). O primeiro vice-cônsul em Pelotas foi Gerolamo Vitaloni, que exerceu suas funções de 3 de junho de 1870 a 23 de abril de 1874 (*CINQUANTENARIO*, 1925; IOTTI, 2001). Apesar das diferenças de grafia, e até de sobrenome, é possível que Gerolamo Vitaloni, Jeronymo Canevaro e Jeronymo Vitaloni, como visto anteriormente, sejam a mesma pessoa. Se assim for, Anjos (2000) afirma que Jeronymo Canevaro foi agente consular da Itália em Pelotas e tesoureiro da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia* (primitiva), e que foi expulso da mesma em 12 de setembro de 1875. E Jeronymo Vitaloni, em 1877, como também já mencionado, recebeu o título de presidente honorário³⁹ da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia* (dissidente) (RIO GRANDE DO SUL, 1881).

Depois dele, Giovanni Pietro Malan⁴⁰ exerceu a função de agente consular de 28 de fevereiro de 1885 a 1887 (IOTTI, 2001). Em 1888, por meio do *Regio Decreto* número 5358, de 8 de abril, foi destinado um vice-cônsul de 1ª categoria para o consulado de Porto Alegre, com a obrigação de manter residência em “S. Francisco di Pelotas” (*ITALIA*, 1888). Assim, Giulio Iona exerceu essa função de 5 de junho de 1888 a 15 de janeiro de 1889, quando assumiu em seu lugar, Enrico Acton, que permaneceu na função até 1º de fevereiro de 1891 (IOTTI, 2001). Acton também foi presidente das Sociedades Italianas Reunidas *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*, no ano de 1890, conforme afirma Neis (2016), com base no jornal *Correio Mercantil*, de 6 de janeiro de 1890.

³⁸ Para os vice-cônsules e agentes consulares que atuaram em Pelotas no período de 1870 a 1994, ver Apêndice D.

³⁹ Presidente honorário é aquele que mantém as honras e as prerrogativas do cargo, sem vencimentos e sem atuação efetiva (HONORÁRIO, 2021).

⁴⁰ Iotti (2001) indica apenas as iniciais do nome, G. B. Malan, entretanto, a pesquisadora Renata Brião de Castro (inf. verbal) acredita que se trate de Giovanni Pietro Malan.

O último vice-cônsul da Itália em Pelotas, Antonio Lorenzini, ocupou o cargo de 13 de fevereiro de 1891 até pelo menos 1º de fevereiro de 1893 (ESTÁ..., 1891; RELATÓRIOS..., 1891-1929). O cargo seria extinto com o *Regio Decreto* número 349, de 4 de junho de 1891, que entraria “em vigor a partir do dia em que o atual titular do Vice-Consulado de São Francisco de Pelotas deixasse o posto” (ITALIA, 1891, tradução nossa⁴¹). Assim, quando Lorenzini deixou o vice-consulado, o cargo foi extinto, e a partir de então, Pelotas passou a contar apenas com um agente consular, não mais com um vice-cônsul.

Frederico Alberto Crispin Arnoldi Trebbi (Roma, 1837 – Pelotas, 1928) foi nomeado agente consular em 30 de maio de 1894, conforme publicação veiculada no jornal *A Federação* (SECRETARIA..., 1894), a seguir, tendo exercido a função até falecer, em 1928⁴² (SOUZA, 2012).

Secretaria do interior e exterior

Faço público que, em virtude da determinação do ministério das relações exteriores em aviso n. 13 de 30 de maio último, foi nesta data reconhecido o sr. Frederico Alberto Trebbi na qualidade de agente consular da Itália, na cidade de Pelotas.

Secretaria de Estado dos negócios do interior e exterior em Porto Alegre, 21 de junho de 1894.

O diretor geral,

Aurelio Virissimo de Bittencourt (SECRETARIA..., 1894, grifos no original)

Trebbi, que era pintor, foi também presidente da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, em 1878 e 1879 (ANJOS, 2000), e da Sociedade Italiana Dante Alighieri⁴³, em 1918 (A DANTE..., 1918). Após o seu falecimento, Ernesto Ronna (Parma, 1878 – Pelotas, 1936) foi nomeado agente consular em oito de outubro de 1931 (SECRETARIA..., 1931), conforme edital a seguir:

Secretaria dos Negócios do Interior e Exterior

EDITAL

Faço público, para conhecimento das autoridades judiciárias e policiais, que foi concedido exequatur⁴⁴ à nomeação dos Srs. Pio Canessa, Ernesto Ronna e Celso Taddei, respectivamente, em Erechim, Pelotas e Bagé, conforme aviso de 8 do corrente do Ministério das Relações Exteriores.

⁴¹ No original: “*Il presente decreto avra' effetto dal giorno in cui l'attuale titolare del Vice Consolato di San Francisco di Pelotas lasciera' quel posto*”.

⁴² Nos relatórios do Ministério das Relações Exteriores do Brasil consta seu nome de 1895 até 1917, depois disso, de 1918 a 1928, não consta nenhuma agência consular em Pelotas (RELATÓRIOS..., 1891-1929).

⁴³ A Sociedade Philo-dramática Dante Alighieri “realizava espetáculos beneficentes em seu teatrinho próprio, à Rua São Miguel. Possuía duas ordens de camarotes [...], e na plateia havia espaço para 80 cadeiras. O pano de boca foi pintado por Frederico Trebbi” (ANJOS, 2000, p. 130, nota de rodapé).

⁴⁴ Exequatur é a “autorização que um chefe de Estado concede a um cônsul ou autoridade estrangeira para exercer as funções do seu cargo” (EXEQUATUR, 2021).

Repartição Central da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, em Porto Alegre, 21 de outubro de 1931.
Eduardo Marques
Diretor do Expediente (SECRETARIA..., 1931, grifos no original)

Entretanto, notícias veiculadas na imprensa local informam que ele já exercia essa função desde 1928 (CAETANO, 2014), ano em que faleceu o agente consular anterior, Frederico Trebbi; exercendo-a até 17 de junho de 1936, data em que faleceu repentinamente (DR. ERNESTO..., 1936).

Ernesto Ronna veio para Pelotas em 1916 em companhia do irmão, o prof. Dr. Antonio Ronna, casou-se com Inez Bevilacqua, com a qual teve dois filhos, Elsa e Jorge Ronna (DR. ERNESTO..., 1936). Além de jornalista, era catedrático de entomologia e fitopatologia, e outras matérias de história natural na Escola de Agronomia (DR. ERNESTO..., 1936).

Em 1919, Ronna foi admitido como sócio da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, da qual participou também como diretor (NEIS, 2016; *ELENCO...*, 1933). Foi um dos organizadores do *fascio* local, como era chamado o Partido Fascista Italiano em Pelotas, fundado provavelmente em 1924, tendo sido seu secretário e presidente (CAETANO, 2014; *CINQUANTENARIO...*, 1925, v. 2). Em 1934, as Sociedades Italianas Reunidas lhe concederam o título de presidente honorário por ser “um dos mais devotados membros” (SOCIEDADE..., 1934).

Com o falecimento de Ronna, em 1936, o cargo de agente consular da Itália em Pelotas ficou vago, “por esse motivo houve uma reunião de elementos de destaque da colônia italiana aqui domiciliada, na qual foi indicado e aceito o nome do distinto cavalheiro sr. Henrique⁴⁵ Lorea, do alto comércio de nossa praça, para novo vice-cônsul⁴⁶” (POR FALECIMENTO..., 1936). Assim, Henrique Lorea tomou posse como agente consular da Itália em Pelotas no dia 9 de agosto de 1936, com a presença do Cônsul Geral, Comendador Guilherme Barbarisi, que veio de Porto Alegre especialmente para a solenidade (A POSSE..., 1936). O convite para a posse, publicado na imprensa local e redigido em italiano, foi feito pelas Sociedades Italianas Reunidas, convidando toda a colônia do município para assistir à cerimônia na sua sede social e divulgando uma extensa programação organizada junto à Colônia

⁴⁵ Dependendo das fontes, às vezes aparece o nome próprio em italiano (Enrico), em português (Henrique) ou uma mistura de ambos (Enrique).

⁴⁶ Na realidade, Henrique Lorea foi nomeado como agente consular, embora alguns jornais façam referência a ele como vice-cônsul.

italiana, que incluía até apresentação de banda de música na praça Cel. Pedro Osório (*ITALIANI...*, 1936).

Italianos e descendentes

Por meio da Sociedade Italiana Reunidas, convida-se toda a colônia deste município e as excelentíssimas famílias para, na sua sede social, assistir à posse oficial do sr. Enrico Lorea como Régio Agente Consular deste Município.

A apresentação do novo agente consular será feita pessoalmente pelo Régio cônsul geral de Porto Alegre, sr. Comendador Guglielmo Barbarisi, que virá da capital especialmente para assistir à cerimônia.

A solenidade será assistida pelas autoridades e pela imprensa local. O sr. Rocco Ardizzone apresentará as saudações em nome da sociedade italiana e da colônia, entre outros oradores.

A reunião para a cerimônia ocorrerá no próximo domingo, dia 9 do corrente mês, às 15h.

O secretário

Emilio Palombo

Programa organizado pela Sociedade Italiana e Colônia

Às 11:45h – recepção, na estação, do Régio Cônsul Guglielmo Barbarisi, que vem de Rio Grande.

12:30h – almoço íntimo oferecido ao comendador na residência do sr. Enrico Lorea

14h – recepção, na estação, da caravana riograndina que vem especialmente acompanhada da banda de música Rossini, que faz parte da sociedade italiana daquela cidade

15h – cerimônia na sede da sociedade

15:15h – posse

17-18h – apresentação da banda de música na praça Cel. Pedro Osório

20h - recepção oficial na residência de Enrico Lorea (*ITALIANI...*, 1936, tradução nossa⁴⁷)

⁴⁷ **Italiani e Decendenti**

Per mezzo della Società Italiana Reunite invitasi l'intera Colonia de questo Municipio e le Eccllme Famiglie nei locali della sede Sociale, a fine d'assistere alla posse ufficiale de Sgr. Enrico Lorea di Regio Agente Consolare di questo Municipio.

La presentazione del nuovo ag. consolare sarà fatta personalmente del Regio console generale di Porto Alegre sgr. commendatore Guglielmo Barbarisi che espressamente verrà della capitale per assistere alla cerimonia.

La solenità sarà assistita delle autorità e della stampa locale. In nome della società italiana e della colonia porgerà i saluti il conazionale srg. ardizzone rocco, vi parleranno altri oratori.

La riunione per la cerimonia avrà luogo domeneca prossima 9 corrente mese alle ore 15 pomeridiane.

Il Segretario

EMILIO PALOMBO

Programma organizzato della Società Italiana e Colonia

Ore 11 3/4 - ricevimento della stazione del regio console comm. Guglielmo Barbarisi, che viene via rio grande

12 1/2 - pranzo intimo offerto al comm. nella residenza del sgr. Enrico Lorea

14 - ricevimento alla stazione della caravana riograndina che espressamente viene, accompagnata della banda de musica rossini, che fa parte della società italiana di quella città

15 - cerimonia nella sede della società

15 1/4 - posse

17-18 - la banda de musica se apresentara na praca cel. Pedro Osorio

20 - recebimento oficial na residencia de Enrico Lorea

O representante do *Diário Popular* esteve presente na recepção e fez uma reportagem na qual descreve os detalhes do evento.

A Posse do Novo Agente Consular de Itália

O ato solene de posse realizou-se domingo, às 15h, na sede da Sociedade Italiana, que se encontrava repleta de membros da colônia italiana, famílias, autoridades civis, e militares, representantes da imprensa e de personalidades de nosso meio social.

Após ter sido feita a saudação fascista, instalou-se a sessão, a qual foi presidida pelo comendador Guilherme Barbarisi, cônsul geral de Itália, no RS, o qual depois de saudar os presentes, convidou o sr. Henrique Lorea a empossar-se no cargo para que fora merecidamente nomeado.

Foi orador oficial da solenidade o industrialista, sr. Rocco Ardizzone, que produziu brilhante discurso, pondo em relevo as qualidades e os predicados morais do sr. Henrique Lorea. [...]

Orou, ainda, o sr. Dr. Vicente Russomano, que se referiu à obra realizada por Benito Mussolini [...]

O com. Barbarisi encerrou os trabalhos evocando a memória do saudoso dr. Ernesto Ronna, ao qual foi prestada homenagem em estilo fascista.

À noite, em seu palacete, o sr. Henrique Lorea ofereceu uma recepção ao mundo oficial de Pelotas, autoridades consulares e às figuras mais representativas da colônia italiana, o que constituiu um acontecimento social de alto relevo.

Depois de uma atraente hora de arte em que se fizeram ouvir, acompanhados ao piano pelo maestro Faini, os srs. Vicente Kuntz e José Cruz, que interpretaram trechos de óperas, os presentes passaram para outra sala, onde lhes foi servida lauta mesa de champagne e doces. [...]

Por fim, Barbarisi [...] exaltou a figura cavalheiresca do novo vice-cônsul de Itália, sr. Henrique Lorea, congratulando-se com a sua escolha, pois via nele um auxiliar valioso, capaz de prestar os melhores serviços à colônia italiana aqui domiciliada. [...]

O *Diário Popular* congratula-se com o sr. Henrique Lorea pelo brilhantismo de sua festa e agradece as atenções dispensadas ao seu representante (A POSSE..., 12 ago. 1936, grifo no original).

Henrique Lorea – registrado como Enrico Loreia – nasceu em 10 de janeiro de 1892 em Invorio, Piemonte, Itália, filho de Vincenzo Loreia e Carolina Colombo (ITALIA, 1997). Casou-se com Cecília Lorea, com a qual teve os seguintes filhos: Maria de Lourdes, Geraldo Henrique, Alice Flora, Mario Edmundo, Teresinha Elvira, Henrique Renato e Cecília Carolina (LOREA, 2019). Seu neto, Luiz Henrique Lorea de Lorea, explica que não conheceu seu avô:

pois ele faleceu em 1954 e eu nasci em 1956. O que eu sei é só o que a família dizia, que ele veio da Itália com o irmão, Luiz Lorea, que tinha 22 anos, e ele tinha 8, vieram para o Brasil pois aqui já tinha um tio, Carlos Lorea, que estava em Rio Grande [...]. Vieram para visitar o tio e voltar, mas não voltaram (LOREA, 2019).

Ao anunciar o seu falecimento, ocorrido em 11 de março de 1954, o jornal *Diário de Notícias* o descreve como “grande industrialista em Pelotas, sócio da firma Luiz Lorea S.A., e agente local da Sociedade de Navegação Cruzeiro do Sul Ltda”

(PESAR..., 1954). Lorea também foi nomeado, em 1938, presidente honorário da *Società Italiana Guglielmo Marconi (SOCIETÀ...*, 1938), e quatro anos depois de sua morte, foi-lhe concedido o título de Patrono da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ELEITA..., 1958).

Mas mesmo antes do falecimento de Henrique Lorea, Luigi Scattolin já aparecia na imprensa local desde 1951 como agente consular da Itália em Pelotas (SERÁ CRIADA..., 1951), entretanto, sua nomeação oficial só ocorreu em 1953, conforme comunicação a seguir.

AGENTE CONSULAR DA ITÁLIA EM PELOTAS

O Ministério das Relações Exteriores comunicou ao Governo do Estado a concessão do exequatur do Governo Brasileiro à nomeação do sr. Luigi Scattolin, para o cargo de agente consular da Itália, em Pelotas. O respectivo expediente foi encaminhado à Secretaria do Interior e Justiça, para os devidos fins (AGENTE..., 1953).

Luigi Scattolin nasceu em 21 de dezembro de 1919, em Veneza, na Itália, onde estudou e casou com Olga Piasentin, em 1947, emigrando aos 28 anos com toda sua família para o Brasil, em 1948 (BRASIL, 1948d). Sua sobrinha, Maria Elisabetta Chimisso dos Santos (2021), que tinha dois anos de idade quando veio com a família Scattolin para o Brasil, conta o seguinte:

eu vim da Itália com a segunda leva que chegou, com a minha mãe, meu pai, o tio Luiz, Luigi Scattolin, e a tia Olga, porque a primeira veio dois meses antes, com os avós, o tio Enio e o tio José. [...] Nós chegamos no porto de Rio Grande no dia 29 de junho de 1948, dia de São Pedro.

Em relação aos motivos que levaram a família a emigrar, Maria Elisabetta diz o seguinte: *“fomos para Pelotas porque o irmão do meu avô⁴⁸, que era padre, já tinha emigrado para o Brasil e trabalhava no abrigo de menores”*, e quando ele disse

que o Brasil era um país lindo, tranquilo, sem guerras, com trabalho, eles resolveram pegar as malas e ir embora [...] não que eles vivessem mal, [...] mas acho que era saturação do pós-guerra, da reconstrução do país. [...] Então foi uma família [...] que resolveu procurar nos horizontes, alguma coisa para viver melhor, e resolveram ir para Pelotas porque esse tio avô estava lá (SANTOS, 2021).

Sem dúvida, pode-se afirmar que este foi um projeto de emigração coletivo, familiar, composto por três gerações da família de Luigi Scattolin, que foram admitidas

⁴⁸ Maria Elisabetta se refere a Eugenio Scattolin, que imigrou para o Brasil em 1944 (BRASIL, 1944) e trabalhava no Instituto de Menores.

em território nacional em caráter permanente⁴⁹, a saber: seus pais, Amilcare Scattolin e Rosa Perer; sua esposa; seus irmãos, Giuseppe e Eugenio, este com a esposa Ligia; e sua irmã, Maria Scattolin Chimisso, com o marido Duilio Chimisso e a filha Maria Elisabetta (SANTOS, 2021).

O caso de Luigi Scattolin poderia ser definido, conforme Gabaccia (2000), como uma “fuga de cérebros”, visto que possuía formação de nível superior. Entretanto, para conseguir emigrar, declarou-se pedreiro, visto que seu pai era construtor edil e estava vindo para o Brasil trazendo uma empresa de construção, que contava, inclusive, com um mestre de obras (BRASIL, 1948a; 1948c; SANTOS, 2021). Em seus cartões de imigração constava residência no “Bispado de Pelotas – Rio Grande do Sul” (BRASIL, 1948c), entretanto, a primeira residência da família na cidade, em 1948, foi no prédio onde, posteriormente, viria a ser inaugurado o Dunas Clube; transferindo-se, em 1949, para uma casa na rua Marechal Deodoro, entre Gen. Neto e Voluntários, onde permaneceu até 1963 (LOPES, 1987, SANTOS, 2021).

Assim é que em Pelotas a família começou a trabalhar com construção civil, construindo, entre outros, o Instituto de Menores⁵⁰, e depois abriu um café no centro da cidade, o Café Haiti (SANTOS, 2021). Luigi Scattolin, que tinha formação pelo *Istituto Universitario di Economia e Commercio*, em Veneza, na Itália⁵¹ (SCATTOLIN, 1947; UCPEL, [s.d.]), além de se ocupar do Café, a partir de 1953, começou a lecionar Estatística, Matemática e Língua Italiana no Curso de Economia do Colégio Irmão Fernando⁵² (A UCPEL..., 1987), passando depois para a UCPEL e para a FURG.

Durante o período em que Luigi Scattolin esteve à frente da Agência Consular em Pelotas (1951-1965?), vários cónsules italianos visitaram a cidade⁵³. Giovanni Giurato, como foi visto, veio em 1951 para tratar, entre outros assuntos, da situação

⁴⁹ Conforme Decreto n. 7.967, de 18/09/1945 – que “dispõe sobre a Imigração e Colonização, e dá outras providências” –, em seu art. 9º: “O visto permanente será concedido ao estrangeiro que estiver em condições de permanecer definitivamente no Brasil e nele pretenda fixar-se”.

⁵⁰ O Instituto de Menores era mantido pela Mitra Diocesana de Pelotas, cujo titular era o Bispo Dom Antônio Zattera (NOSSA..., 2021), atualmente se chama Instituto de Menores Dom Antônio Zattera (IMDAZ).

⁵¹ Para obter o título de *dottore*, na Itália, Luigi Scattolin apresentou a *tesi di laurea* intitulada *Lo Stato di Rio Grande do Sul nel Brasile* (SCATTOLIN, 1947). Convém esclarecer que o título de *dottore*, na Itália, é conferido a quem conclui um curso de graduação, e não de doutorado, sendo, portanto, a *tesi di laurea* correspondente ao trabalho de conclusão de um curso de graduação.

⁵² Trata-se, provavelmente, da Escola de Comércio Irmão Fernando, um curso técnico que funcionava no prédio do Colégio Gonzaga (Disponível em: <<https://ucpel.edu.br/noticias/ciencias-contabeis-completa-50-anos-nesta-terca-feira-28>>. Acesso em: 11 out. 2021).

⁵³ Os dados biográficos e funcionais dos cónsules italianos no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, encontram-se detalhados no anexo B do livro “O olhar do poder”, de Luiza Horn Iotti (2001, p. 137-167).

do prédio em ruínas da sede da ex-Sociedade Italiana e da criação de uma Associação Cultural e Recreativa Ítalo-Brasileira (SERÁ CRIADA..., 1951). Na oportunidade, em entrevista ao jornal *Diário Popular*, Scattolin relatou o seguinte: “Na reunião que tivemos ensejo de realizar, com a presença do Sr. Cônsul geral da Itália neste Estado, [...] ficou definitivamente resolvida a construção de um novo prédio. Nele se instalará a Agência Consular” (SERÁ CRIADA..., 1951). Entretanto, isso nunca ocorreu.

Camilo Leonini⁵⁴ esteve na cidade para tratar de assuntos relacionados com o seu cargo, entrando em contato com autoridades locais e a colônia italiana ali residente (CÔNSUL..., [entre 1953 e 1957]). Domenico Bocchetto⁵⁵ veio em 1960 para a cerimônia de abertura dos cursos de línguas na Associação Cultural Ítalo-Brasileira e para a inauguração do busto em bronze do comendador Rafael Mazza (EM PELOTAS..., 1960).

Em 25 de janeiro de 1956, Scattolin foi condecorado com o título honorífico italiano de *Cavaliere dell'Ordine della Stella della Solidarietà Italiana*⁵⁶ (Cavaleiro da Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana) (PRESIDENZA..., 1956a). Esta honraria tinha a finalidade de conferir reconhecimento para os italianos no exterior ou estrangeiros que haviam contribuído para a reconstrução da Itália, sendo concedida pelo Presidente da República Italiana (PRESIDENZA..., [s.d.]).

Em 1958, por iniciativa sua, foi criada a Associação Cultural Ítalo-Brasileira (CRIADA..., 1958), da qual fez parte do Conselho Diretor como 1º Secretário, em 1958, e foi Diretor do Departamento Cultural, em 1960; além de ministrar aulas de língua italiana, gramática e conversação nos cursos promovidos no período de 1958 a 1961⁵⁷.

⁵⁴ O Barão Camilo Leonini foi cônsul da Itália no Rio Grande do Sul no período de 1953 a 1957 (*Jornal do Dia*, Porto Alegre: 04 out. 1953, p. 5; 16 jan. 1957, p. 3).

⁵⁵ Domenico Bocchetto foi cônsul da Itália no Rio Grande do Sul no período de 1959 a 1963 (*Diário de Notícias*, Porto Alegre: 1 mai. 1959, p. 10; *Ecos do Mundo*, Caxias do Sul: 17 ago. 1963, p. 5). A reportagem sobre a sua visita, em 1960, apresenta alguns dados sobre o diplomata: “O dr. Domenico Bocchetto nasceu em Nápoles, há 50 anos. Laureou-se em ciências econômicas e comerciais, ingressando, em 1934, na carreira diplomática. Durante o serviço consular, visitou a França, a Tunísia, os Estados Unidos, a Suíça, as Índias e, atualmente, está no Brasil. Casado, com dois filhos, está regendo o importante cargo de Cônsul Geral neste estado, depois de ter permanecido em Roma, no ministério do exterior. Em todas as suas iniciativas, tem sempre se dedicado ao desenvolvimento intelectual do meio ítalo-brasileiro” (EM PELOTAS..., 1960).

⁵⁶ Em 2011 este título passou a se denominar *Cavaliere dell'Ordine della Stella d'Italia* (Cavaleiro da Ordem da Estrela da Itália), alterando a sua finalidade e classes, de acordo com a *Legge 3 febbraio 2011 n. 13*, publicada na *Gazzetta Ufficiale n. 49 del 1.03.2011* (ORDINE..., 2021).

⁵⁷ Tema que será tratado na seção 5.

Aposentou-se em 1986 como professor da Universidade Católica de Pelotas e da Universidade Federal do Rio Grande; faleceu em Porto Alegre, RS, em 13 de outubro de 1987, aos 67 anos de idade, deixando a esposa Olga, duas filhas – Caterina e Isabella –, e dois netos – Rafaella e Fabiano (SCATTOLIN, 1987; A UCPEL..., 1987).

Luigi Scattolin atuou como agente consular provavelmente até 1965, quando o professor Vito Carlo Liberio tomou posse como novo agente consular da Itália em Pelotas. A cerimônia oficial de posse foi realizada no prédio da Reitoria da Universidade Católica, no dia 28 de junho de 1965, com a presença do cônsul Alfredo Di Mattei⁵⁸ (ACIB, 1965). O Cônsul veio à Pelotas em visita oficial, a convite da Universidade Católica de Pelotas, para o encerramento das celebrações do VII Centenário de nascimento de Dante Alighieri (AMANHÃ..., 1965; SEMANA..., 1965).

Para essa ocasião, a Associação Cultural Ítalo-Brasileira, em nome do então presidente a ACIB, Victorino Piccinini, enviou convite à comunidade italiana residente e aos amigos da Itália para uma homenagem ao Cônsul e para a posse do novo agente consular (ACIB, 1965). A homenagem, não especificada no convite, provavelmente foi o almoço oferecido ao Cônsul, que ocorreu no mesmo dia, no Restaurante do Clube Comercial, no qual compareceram Antonio Caringi e esposa, Vittorio Bergoglio, Cesare Augusto Giacobbe, Giovanni Baruffa, [Luis] Fernando [Lessa] Freitas e esposa, Vito Carlo Liberio e Victorino Piccinini (CLUBE..., 1965).

Nascido em 17 de março de 1930, em Modugno, província de Bari, região da Puglia, na Itália, filho de Sebastiano Liberio e Serafina De Zotti (BRASIL, 1964), Vito Carlo Liberio era diplomado em Filosofia e Letras, laureado em Filosofia Pura pela Universidade Pontifícia de Salamanca, com curso de especialização em Psicanálise pela Universidade Católica de Milão (EDITAL, 1965). De Milão, em 1964, viajou para o Brasil “sob os auspícios do C.I.M.E.⁵⁹”, sendo admitido em território nacional em caráter permanente especial⁶⁰ (BRASIL, 1964), junto à esposa, a espanhola Maria Dolores Romo Liberio.

⁵⁸ Alfredo Di Mattei foi cônsul da Itália no Rio Grande do Sul no período de 1963 a 1969 (*Jornal do Dia*, Porto Alegre: 22 nov. 1963, p. 11; *Diário de Notícias*, Porto Alegre: 25 jun. 1969, p. 7).

⁵⁹ O Comitê Intergovernamental para Migrações Europeias (CIME) foi criado em Bruxelas, em 1951, para incrementar o fluxo emigratório oriundo da Europa (TRENTO, 1989).

⁶⁰ Conforme Decreto n. 7.967, de 18/09/1945, em seu Art. 10º: “O visto permanente especial será concedido ao estrangeiro que, estando nas condições do artigo anterior, seja excluído da cota de acordo com o estabelecido na letra D do artigo 4º”.

Veio para Pelotas com um contrato de dois anos como professor da Universidade Católica, onde ministrou aulas na Faculdade de Filosofia e Jornalismo, e no curso de extensão em Teoria Psicanalítica; retornando à Espanha em 1966, com a esposa e a filha de 2 anos, Mirella Maria Liberio Romo, nascida em Pelotas⁶¹ (EDITAL, 1965; LIBERIO ROMO, 2021). Vito Carlo Liberio faleceu em 1997, na Espanha, deixando a esposa e quatro filhas, Mirella, Marisa, Lola e Ada (LIBERIO ROMO, 2021).

Pouco mais de um ano após o retorno de Vito Carlo Liberio à Espanha, em 7 de dezembro de 1967, o Cônsul Geral da Itália em Porto Alegre, Dr. Alfredo Di Mattei, nomeou *“il signor Martino Orengo agente consolare onorario della Repubblica Italiana in Pelotas”* (CONSOLATO..., 1967). A posse foi realizada durante o almoço oferecido ao cônsul pela Associação Cultural Ítalo-Brasileira no Clube Comercial (ACONTECIMENTO..., 1967).

Nascido em 7 de agosto de 1926, em Badalucco, na região da Ligúria, na Itália, filho de Sestilio Orengo e Emilia Panizzi (BRASIL, 1954a, 1954b), Martino Orengo, após a Segunda Guerra Mundial, começou a trabalhar no Banco da América d'Itália, em Sanremo, mas depois de alguns anos decidiu emigrar para Montevidéu, no Uruguai, pois, segundo a Sra. Angiola Maria Vivaldi Orengo, viúva de Martino, ele *“não estava contente [...], porque na Itália, após a guerra, não tinha muito trabalho”* (ORENGO, 2019).

Em Montevidéu, D. Angiola conta que Martino permaneceu por três anos, sendo que *“o último lugar onde trabalhou foi no Hotel Plaza, como camareiro. Isso até conhecer um cliente brasileiro, um senhor paulista, que trabalhava com representação de material de escritório, pois, a partir daí começou a trabalhar com ele. [...] E assim ele ficou uns anos em São Paulo”* (ORENGO, 2019).

Desse modo, Martino desembarcou no Brasil pelo Porto de Santos, em 1º de julho de 1954, sendo admitido em território nacional em caráter temporário-especial⁶², indo residir à rua Francisca Miquelina, 80, em São Paulo; em 7 de novembro de 1955, por despacho ministerial, obteve permanência definitiva no país, com a condição de,

⁶¹ Mirella conta que se chama Mirella Maria Antonietta em homenagem ao bispo Dom Antonio Zattera, que a batizou na Catedral de Pelotas, e que seus padrinhos eram Luiz Fernando Lessa Freitas e sua esposa Olga Pianalto de Freitas (LIBERIO ROMO, 2021).

⁶² O Decreto-Lei nº 7.967, de 18 de setembro de 1945 (BRASIL, 1945), que dispunha sobre a imigração e a colonização, estabelecia que as autoridades brasileiras competentes no exterior poderiam conceder o visto de entrada temporário especial “ao estrangeiro que necessitar demorar-se no país mais de 180 dias, sem intenção de nele fixar-se” (art. 8º).

no prazo de seis meses, apresentar carteira profissional com contrato de trabalho averbado, o que foi feito em 24 de julho de 1956, quando apresentou sua carteira com as anotações do contrato de trabalho com o Escritório Brina, sito à rua Líbero Badaró, 443, em São Paulo (BRASIL, 1956).

D. Angiola conta que Martino, como já tinha um bom trabalho, queria trazer seus pais para o Brasil, então, com o consentimento deles, foi buscá-los na Itália; para tanto, em 11 de julho de 1957, obteve visto de ida e volta com destino à Itália (BRASIL, 1956). Entretanto, *“quando chegou lá, eles tinham mudado de ideia: ‘Não, decidimos que não vamos mais, já temos idade, não conhecemos ninguém lá e aqui todo mundo nos conhece’. [...] Então meu marido – que ainda não era marido, eu nem conhecia ele – teve que voltar sozinho”* (ORENGO, 2019), desembarcando em 11 de novembro de 1957 no aeroporto de São Paulo procedente de Milão (BRASIL, 1956).

Mas, antes de ele voltar ao Brasil, no dia do embarque, D. Angiola o conheceu na casa de uma amiga em Sanremo: *“eu tinha 23 anos na época [...] enfim, ficamos uns dois anos e meio nos correspondendo”* (ORENGO, 2019). Depois disso, Martino retornou à Itália, namoraram, casaram e em 1960 ela veio residir em Pelotas, pois ele *“trabalhava viajando por todo o Rio Grande do Sul e já estava instalado em Pelotas”* (ORENGO, 2019).

Nota-se que a memória de D. Angiola, segundo Pollak (1992), é constituída de acontecimentos, pessoas e lugares vividos e conhecidos por ela diretamente, e indiretamente, por meio das memórias vividas por seu marido antes que ela o conhecesse. Tratando-se, neste caso, de uma memória herdada, conforme Pollak (1992), ou seja, de acontecimentos dos quais D. Angiola não participou, e de pessoas e lugares que ela não conheceu diretamente.

No mesmo ano em que foi nomeado agente consular, em 1967, Martino Orengo foi eleito vice-presidente da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB, 1958d); e, em 1994, recebeu uma placa da Sociedade italiana Pelotense (SIP, 1994), com a seguinte inscrição:

Martino Orengo e esposa
Agradecimentos da S.I.P. pelos relevantes serviços prestados na gestão
1992/94
Pelotas, 02/12/1994
Presidente

De acordo com D. Angiola, ele exerceu a função de “*agente consular por alguns anos, até morrer, aliás, não, até adoecer por Alzheimer*” (ORENGO, 2019). Nesse aspecto, tem-se conhecimento de que, pelo menos até 1994, ele ainda exercia essa função (SIP, 1994). Martino faleceu em 10 de junho de 2009, em Pelotas, RS, aos 82 anos de idade, deixando a esposa e seis filhos: Cristina Emilia, Martin, Monica, Debora, Mario e Mauro (ORENGO, 2019).

Por fim, esta seção buscou identificar o papel que os vice-cônsules e agentes consulares da Itália em Pelotas desempenharam junto às associações étnicas italianas locais, no período de 1870 a 1994, caracterizando, particularmente, aqueles que mantiveram vínculos com a ACIB ou que atuaram durante o período em que ela esteve em funcionamento. Esta Associação é o tema do próximo capítulo.

5 ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA

Após o fechamento da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi em 1942¹ (LUCIA, 1995), Pelotas passou aproximadamente dezesseis anos sem contar com uma entidade representativa do grupo étnico italiano, pois, como já mencionado, após a Segunda Guerra Mundial as atividades associativas começaram a ressurgir lentamente. Entretanto, como afirma Colognese (2004, p. 49), o ressurgimento das associações étnicas de italianos nesse período, não foi “um fenômeno restrito apenas a este grupo étnico e nem localizado somente em nosso país”. Em Pelotas, por meio da imprensa, têm-se notícias de várias associações que representavam diversos grupos étnicos na cidade, tais como a Associação de Cultura Franco-Brasileira (*Alliance Française*), a Sociedade Polonesa, a Sociedade Israelita, o Centro Cultural Brasileiro-Norte-Americano, o Centro Cultural Brasileiro Alemão, sendo que muitos destes ofereciam cursos do idioma respectivo.

É interessante destacar que alguns desses centros e associações, assim como a Associação Cultural Ítalo-Brasileira, também manifestavam uma dupla identidade: franco-brasileira, brasileira-alemã, brasileira-norte-americana. A ACIB foi a única associação étnica de italianos em Pelotas a se atribuir essa dupla identidade, enfatizando o duplo pertencimento ao Estado italiano (pátria de origem) e ao brasileiro (pátria de adoção); pois, como foi visto, em situação de diáspora as identidades nacionais podem se somar para compor uma mais abrangente, formando identidades múltiplas e hifenizadas (HALL, 2003). Isso demonstra, como já mencionado, que “os grupos étnicos em situações reais se recriam constantemente e a etnicidade é continuamente reinventada para enfrentar as realidades que mudam, seja no interior do grupo, seja no interior da sociedade que o acolhe” (CONZEN *et al*, 1990, [p. 2], tradução nossa²). Demonstra, também, que a autoatribuição a uma categoria étnica é o traço fundamental dos grupos étnicos (BARTH, 1997).

¹ Conforme foi visto na seção 4.3.

² No original: “*I gruppi etnici in situazioni reali si ricreano costantemente e l'etnicità viene continuamente reinventata per far fronte a realtà che cambiano, sia all'interno del gruppo sia all'interno della società che lo accoglie*”.

Vale lembrar que, conforme Agulhon (1992), o associativismo é considerado uma forma de sociabilidade. O autor compreende a sociabilidade como a “aptidão especial para viver em grupos e para consolidar os grupos mediante a constituição de associações voluntárias” (p. 142, grifo no original, tradução nossa³), estabelecendo, assim, um vínculo entre sociabilidade e associativismo. Dessa maneira, entende-se a ACIB como um espaço de desenvolvimento da sociabilidade, o que Maurice Agulhon denominou de “sociabilidade associativa” (GONZÁLEZ BERNALDO, 2008), compreendendo um tipo de sociabilidade formal que ocorre em associações que possuem uma sede, um estatuto, um conselho diretor, etc. (CALDO; FERNÁNDEZ, 2008). Pelo seu grau de formalização, a ACIB deixou vestígios escritos de seu funcionamento, mas que nem sempre dão conta das relações de sociabilidade entre seus membros, para tentar solucionar este problema, recorreu-se à história oral.

Outra característica da ACIB era a sua multifuncionalidade. Como já mencionado, as associações podem ser multifuncionais, cumprindo simultaneamente várias funções sociais (MOREL, 2001), ou seja, no caso da ACIB, as dimensões étnica, cultural e educacional se encontravam imbricadas, tendo como pano de fundo a sociabilidade e o foco na italianidade.

Assim sendo, apresenta-se, a seguir, a trajetória da ACIB, no período de 1958 a 1983, tendo por base a sua constituição e organização, as suas realizações e o seu processo de declínio. Para tanto, utilizou-se como referência o artigo de Saviani *et al* (2011), que descreve a trajetória da Sociedade Brasileira de História da Educação a partir das três primeiras categorias.

As duas primeiras seções abordam a ACIB como um espaço de sociabilidade associativa formal (CALDO; FERNÁNDEZ, 2008; GONZÁLEZ BERNALDO, 2008), analisando-se os elementos que constituem uma associação formal, tais como sede, estatuto, conselhos diretores, sócios etc.

Na terceira seção, que trata das realizações no campo educacional e cultural, a ACIB é examinada sob a perspectiva de uma instituição educativa (MAGALHÃES, 2004) não escolar para a formação de uma identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro, analisando-se os elementos que compõem a sua cultura “escolar”, tais como as “disciplinas”, isto é, os cursos de língua italiana, os professores, os alunos e

³ No original: “*la aptitud especial para vivir en grupos y para consolidar los grupos mediante la constitución de asociaciones voluntarias*”.

os rituais, representados pelas suas comemorações (ESCOLANO BENITO, 2017; JULIA, 2001; VIÑAO FRAGO, 1995).

Por fim, na quarta última seção, trata-se do processo de declínio da ACIB, buscando-se identificar os problemas enfrentados por essa associação ao longo da sua trajetória.

5.1 A CONSTITUIÇÃO DA ACIB: CRIAÇÃO, SEDE E QUADRO SOCIAL

Em 1951 surgiu a primeira tentativa de criação de uma associação na cidade, como mostra a manchete do jornal *Diário Popular* (Figura 7), por ocasião da visita do cônsul geral da Itália no Rio Grande do Sul. Nessa mesma reportagem, o agente consular da Itália, Luigi Scattolin, informava que seria criada uma Associação Cultural e Recreativa Ítalo-Brasileira com o objetivo de “congregarmos a numerosa colônia⁴ italiana de Pelotas” (SERÁ CRIADA..., 1951).



Figura 7 - Manchete do *Diário Popular*: “Será criada em Pelotas uma Associação Cultural e Recreativa Ítalo-Brasileira”.

Fonte: (SERÁ CRIADA..., 1951). Acervo ACIP. Reprodução da autora.

Mas somente sete anos depois, no dia 1º de fevereiro de 1958 foi fundada a Associação Cultural Ítalo-Brasileira. A data se refere à primeira vez que um grupo de cidadãos italianos e brasileiros se reuniu por iniciativa do mesmo agente consular, Luigi Scattolin, para organizar uma associação na cidade de Pelotas, formando um Comitê Provisório⁵ constituído por Cesare Augusto Giacobbe, Eunice Tschiedel Moura

⁴ Entende-se que o termo “colônia italiana”, utilizado pelo agente consular, ultrapassa “suas premissas oficiais para servir como referência para a comunidade étnica” (SEYFERTH, 2000, p. 153), fazendo referência à comunidade étnica ítalo-brasileira localizada tanto na área rural, quanto urbana de Pelotas.

⁵ Dos membros desse Comitê, três viriam a ser sócios fundadores e diretores da ACIB (Cesare, Mario e Vittorio, ver 5.1.2 e 5.2.1), sendo que Cesare viria a ser também professor (ver 5.3.1); duas apenas

do Valle, Jaime Gonçalves Wetzel⁶, Mario Pianalto, Nórís Moreira Mazza e Vittorio Bergoglio (CRIADA..., 1958). A reunião foi realizada no mesmo local onde funcionaria a sede da entidade, à rua 7 de Setembro, 301-A, 2º andar (CRIADA..., 1958).

A Figura 8, a seguir, traz uma imagem de uma dessas reuniões, realizada na sede da ACIB, com a presença dos seis membros do Comitê e do agente consular, que estão sentados ao redor de uma mesa retangular, com este último ao centro, ladeado, provavelmente, pela sra. Eunice, à esquerda, e pela sra. Nórís, à direita da foto. Não foi possível identificar a imagem do quadro na parede do fundo, tampouco os demais membros, seja pela má qualidade da imagem, seja por falta de alguém que os identificasse.



Figura 8 - Fotografia de uma das reuniões do Comitê Provisório.
Fonte: (ATIVIDADES..., 1958b). Reprodução do CDOV/BPP.

diretoras (Eunice e Nórís, ver 5.2.1) e um deles viria a ser membro do Conselho Fiscal e sócio contribuinte (Jaime, ver 5.2.1).

⁶ O pelotense **Jaime Gonçalves Wetzel** (1908-1988) era jornalista, colaborador em vários jornais do Estado; desde 1947 exercia o cargo de vereador no Município de Pelotas, cargo no qual se manteve por 16 anos; em 1961, viria a ser presidente da Escola de Belas Artes de Pelotas, cargo no qual permaneceu por doze anos; além disso, atuou ativamente para a criação de escolas, cursos técnicos e universitários neste município (MAGALHÃES, 2013).

De acordo com notícia veiculada na imprensa local, o Comitê informava que a associação viria “contribuir para o estreitamento das relações entre brasileiros e italianos” e teria como finalidade a difusão das letras e artes e o ensino da língua italiana (ATIVIDADES..., 1958b). Para o cumprimento de sua finalidade, contaria com aulas de língua e literatura italianas, divididas em cursos de primeira e segunda séries, pelo método direto; biblioteca constituída de obras literárias, científicas e técnicas em todas as línguas; curso de arte culinária; sala de leitura e de estar; aparelho de projeção cinematográfica (ATIVIDADES..., 1958b).

A mesma notícia ainda informava que seriam concedidas bolsas de estudos para os alunos que se distinguissem durante os cursos, por meio de intercâmbio com os demais países e com as fundações culturais do mundo. Haveria também uma seção recreativa e social, para a promoção do turismo aos associados; e outra referente à música, pintura, história da arte, letras e filatelia. E periodicamente seriam realizadas conferências em línguas diferentes sobre assuntos de interesse comum.

De acordo com o exposto, a ACIB se constituiria como um espaço de sociabilidade recreativa, cultural e educacional por meio de serviços como biblioteca, sala de leitura e de estar, cursos de arte culinária e de língua e literatura italianas, turismo aos associados etc. Entretanto, é importante verificar, conforme assinala Silva Jr. (2004), o quanto houve de desejo nessas promessas e o quanto houve de efetivo comprometimento na realização do que foi anunciado.

5.1.1 A Questão da Sede

Em 15 de novembro de 1951, o cônsul geral da Itália no Estado, Giovanni Giurato, chegou à Pelotas

procedente de Rio Grande, sendo acompanhado pelo dr. Luigi Scattolin, agente consular italiano aqui. E logo após a travessia do São Gonçalo, rumou para a sede da ex-Sociedade Italiana, à rua Dr. Cassiano, ali sendo recepcionado por representantes da colônia italiana local (SERÁ CRIADA..., 1951).

A mesma reportagem informa que o “prédio onde funcionou a antiga sede da Sociedade Italiana, e o qual já hoje está em ruínas – assim como outros prédios contíguos –, pertence ao governo da Itália, por doação daquela entidade”; e ainda apresenta a fotografia a seguir (Figura 9) para ilustrar a sua situação, com a seguinte legenda: “Esta é a fachada – única parede que resta – do prédio em ruínas da ex-

Sociedade Italiana. Agora, segundo tudo indica, será erguido, neste local, um bonito edifício-sede da Agência Consular da Itália em Pelotas”.

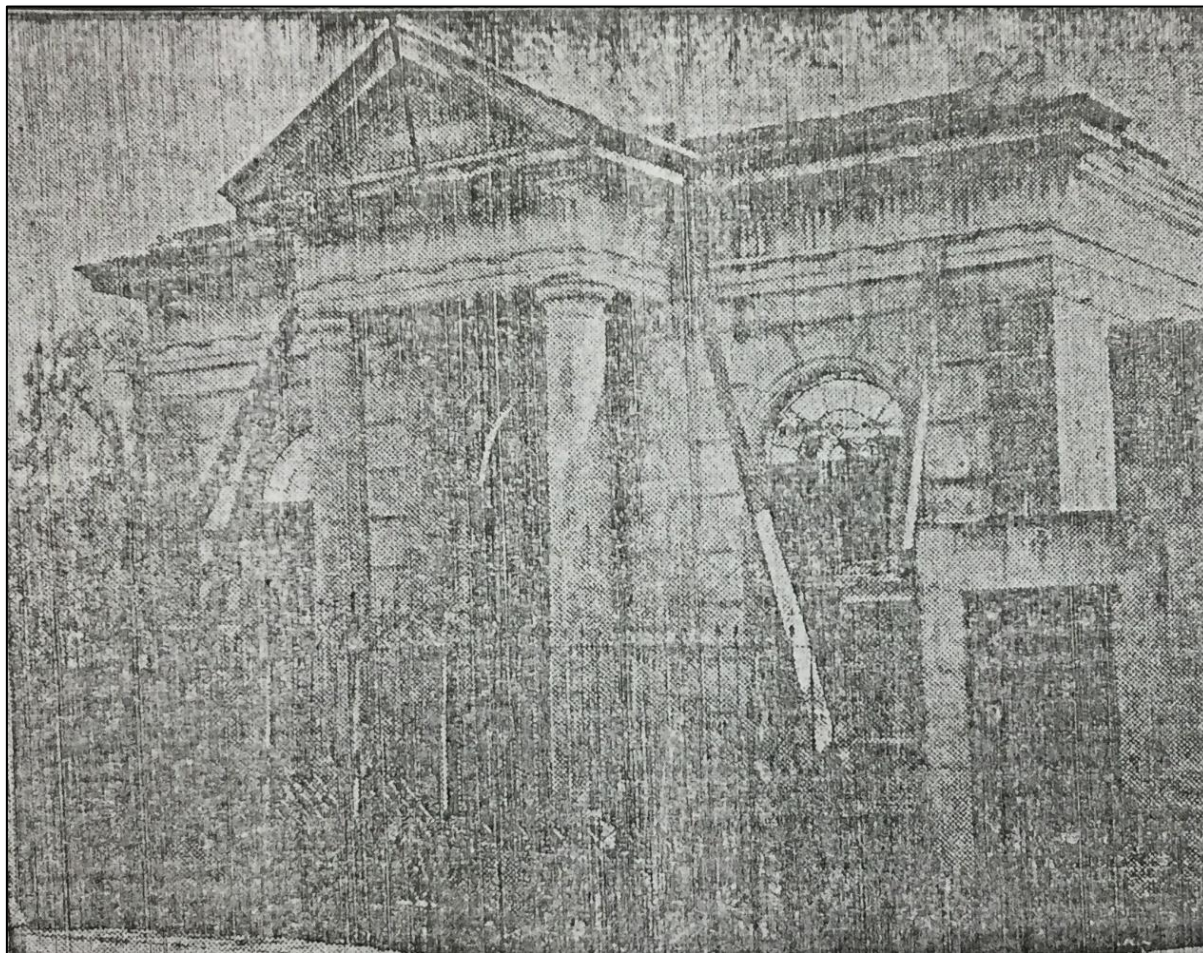


Figura 9 - Fotografia do prédio em ruínas da Sociedade Italiana.
Fonte: (SERÁ CRIADA..., 1951). Acervo ACIP. Reprodução da autora.

Na Figura 9 se pode observar que o prédio, sob escoras, não possui mais nem telhado, nem platibanda. É possível que este tenha sido o motivo pelo qual a ACIB não quis utilizar esse prédio para a sua sede, preferindo alugar um outro imóvel, pois, conforme Agulhon (1992, p. 143, tradução nossa⁷), “[n]ão há associação, seja informal (simples reunião de frequentadores) ou formal (com estatutos e regras escritas), sem que exista um lugar estável de reunião”.

Antes da inauguração da sede, que ocorreu no dia 26 de março de 1958, às 17h30min (ELEITA..., 1958), foram realizadas pequenas reformas na parte interna,

⁷ No original: “No hay asociación, ya sea informal (simple reunión de habituales) o formal (con estatutos y reglas escritas), sin que exista un lugar de reunión estable”.

relativas a serviços de carpintaria (CRUZ, 1958), e no dia da inauguração, o registro fotográfico ficou a cargo do Bazar Edison⁸, que foi contratado para fazer seis fotografias (BAZAR EDISON, 1958). A sede se situava bem no centro da cidade, no segundo andar de um prédio à rua 7 de Setembro, número 301-A⁹, em frente ao Café Haiti (ELEITA..., 1958), entre 15 de Novembro e Andrade Neves. Este trecho da rua 7 de Setembro é mostrado a seguir, na Figura 10, sendo que a sede da ACIB se encontraria à direita da rua.

Nessa foto postal, do ano de 1961(?), que retrata a paisagem urbana na qual a sede estava inserida, visualiza-se a rua Andrade Neves em primeiro plano, com dois prédios comerciais nas esquinas, a “Camisaria Paris Londres”, à esquerda, e o “Bule Monstro”, à direita. Pode-se ver, ainda, no plano de fundo, dois edifícios em altura, o Itatiaia, mais à esquerda, que ainda estava em construção, e o da Associação Comercial de Pelotas.



Figura 10 – Foto Postal Colombo: rua 7 de Setembro, Pelotas, RS, Brasil [1961?].
Fonte: Correa Filho (2021).

⁸ O Bazar Edison era uma loja de equipamentos musicais e de fotografia, localizado na rua 15 de Novembro, 608, em Pelotas.

⁹ O prédio era de propriedade de Alaysa Echenique de Mattos e Guilherme Echenique Filho e outros (ECHENIQUE FILHO; MATTOS, 1958). Alaysa era casada com Dirceu Mendes de Mattos, sócio da ACIB em 1958.

O Café Haiti, que ficava em frente à sede da ACIB, foi citado no depoimento das ex-alunas como o “*café do Dr. Luigi, dos italianos*” (GASTAUD, 2019) ou “*do Scattolin*”, conforme Maria Regina Petrucci (2021), que conta o seguinte:

o que eu lembro bem era de sair da aula e ir na sorveteria que ficava em frente. Porque comecei com aula de tarde, mas depois, no outro ano era de noite, não sei porque, então meu pai ia me buscar e era só atravessar a rua, me parece que era bem em frente, acho que era na Sete de Setembro, eu sei que atravessava a calçada e ia na sorveteria, que era do Scattolin, era um sorvete maravilhoso.

Heloísa Gomes Lopes (1987), que foi aluna do prof. Luigi Scattolin na UCPel, em uma crônica publicada na imprensa local escreveu o seguinte:

Recordando as coisas que passaram, muitas lembranças devem ter ficado naqueles que frequentaram o Haiti, quer deliciando-se com o então lançado “café cappuccino” ou saboreando os deliciosos sorvetes.
[...] sinto ainda a contagiante simpatia “del professore” quando nos via chegar – alunos, amigos ou familiares.
Sempre batíamos um papinho e, na saída, acompanhando-nos, despedia-se com um alegre “Buena (sic.) notte” – “Grazia (sic.) por (sic.) essere venuti”.

Maria Elisabetta Chimisso dos Santos (2021), sobrinha de Luigi Scattolin, confirma que o café pertencia à família Scattolin,

eles fundaram nos anos [19]50, chamava-se assim porque Haiti era uma das fontes de café que eles usavam [...] mandaram trazer as máquinas de café espresso e de sorvete da Itália [...]. Depois levamos o Café Haiti também para Rio Grande [...] então o tio Luigi ficou tomando conta do café em Pelotas, e na parte de cima ele fez uma sala de aula para dar aulas de italiano.

Há indícios que levam a inferir que a ACIB funcionou nesse endereço até o ano de 1962, pois, em 19 de maio desse ano, um recibo manuscrito assinado por Nicola Caringi Filho continha a relação de móveis da ACIB que teriam sido depositados em sua casa (ACIB, 1962). No mês seguinte, em 5 de junho de 1962, um recibo de pagamento de Cr\$ 1.200,00 (mil e duzentos cruzeiros) feito por Victor J. Bergoglio, fazia referência ao “transporte de móveis da sede da Associação Ítalo-Brasileira à rua Cassiano esquina Santos Dumon (sic.)” (SILVA, 1962). A esse respeito, tudo indica que o transporte foi feito para o local onde era a antiga sede da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, que por último se denominava Sociedade Italiana Guglielmo Marconi.

Três anos depois, em 1965, uma correspondência especificava o endereço provisório da Biblioteca da Universidade Católica de Pelotas, à rua Gonçalves Chaves (Figura 11). Coincidentemente no mesmo ano em que Victorino Piccinini, professor daquela universidade, era presidente da ACIB.

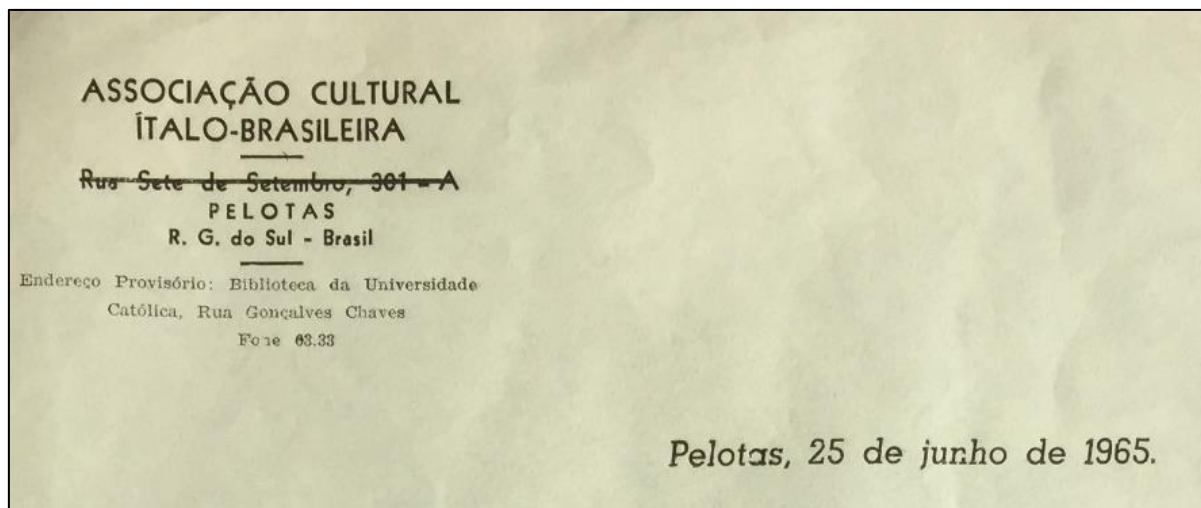


Figura 11 - Detalhe da correspondência da ACIB com endereço provisório, 1965.
Fonte: Acervo da ACIP. Reprodução da autora.

Para finalizar a questão da sede, é necessário se questionar sobre quais teriam sido os lugares de exercício da sociabilidade dos membros dessa associação a partir do momento em que não mais possuíam um espaço fixo e definido.

5.1.2 O Quadro Social

De acordo com os Estatutos da ACIB (1958d, art. 7º), o seu quadro social era composto pelas seguintes categorias de sócios: fundadores, beneméritos, contribuintes e dependentes. Os sócios fundadores seriam aqueles que tivessem “contribuído com a quota compreendida entre cinco mil cruzeiros (Cr\$ 5.000,00) e cinquenta mil cruzeiros¹⁰ (Cr\$ 50.000,00), em espécie, em móveis ou em imóveis, para constituição do patrimônio inicial da ACIB” (art. 7º); enquanto que os sócios beneméritos seriam “as pessoas físicas que, sendo ou não sócios da ACIB, hajam prestado relevantes serviços a esta” (art. 7º), sendo “escolhidos pela Assembleia Geral, mediante proposta apresentada pelo Conselho Diretor em que seja fundamentada a natureza dos serviços relevantes prestados à ACIB pelo proposto” (art. 7º, § 4º).

¹⁰ O cruzeiro (Cr\$) foi a moeda que esteve vigente no Brasil de 1942 a 1967. Em valores atualizados, Cr\$ 5.000,00 e Cr\$ 50.000,00 corresponderiam, respectivamente, a R\$ 2.547,40 e R\$ 25.474,03. OBS: Para atualizar esses valores originais em cruzeiros, de janeiro de 1958, para reais, em janeiro de 2020 (data fixada pelo conversor), foi utilizado o índice de inflação IGP-DI (Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna), da Fundação Getúlio Vargas, em razão da sua série histórica iniciar em fevereiro de 1944.

Conversor disponível em: <<https://arquivofee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>>. Acesso em 22 fev. 2022.

Dessa forma, na primeira Assembleia Geral, realizada no dia 26 de março de 1958, Cecília Lorea e Eraldo Giacobbe (ELEITA..., 1958) foram escolhidos como sócios beneméritos. Cecília Lorea era viúva de Henrique Lorea¹¹, que exerceu a função de agente consular da Itália e foi, como já citado, um “grande industrialista em Pelotas, sócio da firma Luiz Lorea S.A., e agente local da Sociedade de Navegação Cruzeiro do Sul Ltda” (PESAR..., 1954).

Eraldo Giacobbe¹² era industrial, em 1938, havia transformado a Fábrica de Óleos Vegetais Timm Giacobbe Ltda. em Cia. Nacional de Óleo de Linhaça S/A e, em 1939, fundado a Cia. Indústrias Linheiras S/A (ERALDO..., 2021), para fabricação de papel e papelão (CONCEIÇÃO, 2015). Em 1949 entregava aos funcionários da companhia NAOLI (Nacional de Óleo e Linhaça) uma sede social com salão de festas e amplo espaço de lazer, com campo de futebol, cancha de bolão, quadras de vôlei e basquete; com uma cooperativa para os industriários adquirirem, a preço de custo, gêneros alimentícios e de higiene pessoal de primeira necessidade (ERALDO..., 2021).

Em 30 de julho de 1952, Eraldo Giacobbe havia sido condecorado com o título honorífico italiano de *Cavaliere dell'Ordine della Stella della Solidarietà Italiana*¹³ (Cavaleiro da Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana) (PRESIDENZA..., 1952). Esta honraria, como já referido, tinha a finalidade de conferir reconhecimento para os italianos no exterior ou estrangeiros que haviam contribuído para a reconstrução da Itália, sendo concedida pelo Presidente da República Italiana (PRESIDENZA..., [s.d.]).

O Quadro 5, a seguir, traz a relação dos sócios fundadores da ACIB com as suas características. Antes, porém, convém tecer algumas considerações a respeito dos critérios de elaboração do mesmo. Inicialmente, é de referir que a ordem dos nomes foi mantida na mesma sequência em que aparecem no Livro-caixa (ACIB, 1958-1971), com exceção de Federico Segato, que não consta no livro, por isso foi incluído no final. Neste aspecto, há uma divergência entre as fontes, isto é, no referido

¹¹ Sobre Henrique Lorea, ver capítulo 4.4.

¹² **Eraldo Delfino Costantino Maria Giacobbe**, filho de Augusto Giacobbe e Domenica Faletto, nasceu em Turim, em 2 de abril de 1899 (ITALIA, 1899). Chegou ao Brasil em 27 de maio de 1924, vindo para Pelotas em setembro de 1925; no início da década de 1930, junto a seu irmão Italo, mandou vir para Pelotas os seus pais e o seu irmão mais novo, Franco; ainda nesse período, casou-se com a pelotense Yolanda Brauner Timm, com a qual teve três filhos: Eraldo, Valesca e Rosalva (TÍTULO..., 1960). Em 1945, tornou-se brasileiro por naturalização (ERALDO..., 2021). Em 1947, fundou o Centro das Indústrias de Pelotas (Cipel), do qual foi seu primeiro presidente (CENTRO..., [s.d.]). Em 1960, recebeu o título de Cidadão Pelotense em reconhecimento pelo seu trabalho em prol do crescimento da cidade (TÍTULO..., 1960). Faleceu em 31 de dezembro de 1970 (ERALDO..., 2021).

¹³ Ver nota de rodapé 56, em 4.4.

Livro-caixa e no Relatório de movimentação financeira da ACIB, que inclui a relação de sócios fundadores (ACIB, 1958a), o nome de Segato não está incluído; apenas no Movimento financeiro sócios fundadores (ACIB, 1959b).

Em seguida, ressalta-se que nenhuma das fontes mencionadas incluem ou citam Eraldo Giacobbe como sócio fundador, apesar de o mesmo ter contribuído com Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) (ACIB, 1958-1971, p. 3) para a constituição do patrimônio inicial da ACIB, enquanto que os outros 18 sócios fundadores contribuíram com Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros). Acredita-se que isso se deva ao fato de ele ter sido escolhido como sócio benemérito, apesar disso, entendeu-se que seu nome deveria ser incluído no referido quadro de sócios fundadores da ACIB, mas com a indicação de sócio benemérito. Ao contrário, no caso da outra sócia benemérita, Cecília Lorea, optou-se por não a incluir no quadro citado porque não há registros de que a mesma tenha contribuído para a constituição do patrimônio da ACIB, entretanto, ela está incluída na galeria de fotos do patrono, sócios beneméritos e fundadores da ACIB no Apêndice E. Acredita-se que a sua escolha como sócia benemérita tenha sido mais uma homenagem à memória de seu marido, que também foi nomeado patrono da ACIB (ELEITA..., 1958).

Diante do acima exposto, considera-se importante identificar e caracterizar esse grupo de sócios fundadores, bem como conhecer os vínculos de sociabilidade que os uniam, visto que foram eles que contribuíram com dinheiro para a constituição da ACIB. Depois de identificados, esses sócios foram caracterizados com base nos seguintes aspectos: sexo, idade, estado civil, origem étnica, profissão, período de imigração para o Brasil e tipo de vínculo entre eles. No entanto, a despeito de todo esforço empreendido, não foi possível caracterizar 100% deles, conforme demonstra o Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Caracterização dos sócios fundadores da ACIB

NOME (nasc.- falec.)	IDADE¹⁴	ORIGEM ¹⁵	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO
1. Eraldo Giacobbe (1899-1970) (Sócio Benemérito)	58	Turim (TO), Piemonte, Itália	Proprietário das indústrias Linheiras e Cia. Nacional de Óleo de Linhaça
2. Cesare Augusto Giacobbe (1905-?)	52	Vercelli (VC), Piemonte, Itália	Proprietário de uma fábrica de papel e papelão
3. Luigi Scattolin (1919-1987)	38	Veneza (VE), Vêneto, Itália	Proprietário do Café Haiti e professor
4. Vittorio [Victor José] Bergoglio (1896-?)	62	Asti (AT), Piemonte, Itália	Sócio da Companhia Mineradora Bergoglio-Caruccio
5. Mario [Aniceto] Pianalto (1901-1975)	56	Carmignano di Brenta (PD), Vêneto, Itália	Sócio de uma fábrica de papel e papelão
6. Affonso [Freda] Rizzolo	-	Pais: Caposele (AV), Campânia, Itália	Diretor da Drogaria Unicum
7. Tristão Geraldo Trindade (1909-1991)	48	Pelotas, RS, Brasil Mãe: Vêneto, Itália	Servidor público da Alfândega de Pelotas
8. Paulo [Lobo] Cortelari	-	-	Árbitro de futebol
9. Lourenço [Rizzolo] Petrucci (1906-1995)	52	Pelotas, RS, Brasil Pais: Caposele, (AV), Campânia, Itália	Diretor-tesoureiro da Drogaria Unicum
10. Geraldo [Rizzolo] Petrucci (1901-1979)	56	Idem anterior	Sócio da Representações Argo
11. Mario Lardi (1909-1981)	48	Fanano (MO), Emília Romanha, Itália	Sócios da Oficina Diesel Eletrônica Ltda.
12. Tito Lardi (1916-?)	41	Idem anterior	Idem anterior
13. Alfonso Montone (1910-1996)	48	Santa Maria di Castellabate (SA), Campânia, Itália	Idem anterior
14. Graziano Montone (1918-2000)	39	Idem anterior	Idem anterior
15. Antônio Caringi (1905-1981)	52	Pelotas, RS, Brasil Pai: Lanciano (CH), Abruzzo, Itália Mãe: Caposele (AV), Campânia, Itália	Escultor e professor da Escola de Belas Artes
16. Nicola Caringi Filho (1900-1983)	57	Idem anterior	Proprietário da Chapelaria Caringi
17. Giovanni Morana	-	Itália	Alfaiate
18. Reinaldo Dias	-	-	-
19. Federico [Marco] Segato (1909-?)	48	Novi (VI), Vêneto, Itália	Agrotécnico/Ruralista

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados compilados da pesquisa.

¹⁴ Na data da criação da ACIB, em 1º de fevereiro de 1958.

¹⁵ Município, estado e país, para o Brasil. Para o caso da Itália, comuna, província, região e país, sendo que a abreviatura das províncias italianas citadas é a seguinte: AT (Asti), AV (Avellino), CH (Chieti), MO (Modena), PD (Pádua), SA (Salerno), TO (Torino), VC (Vercelli), VE (Veneza), VI (Vicenza).

O primeiro dado interessante a respeito desses sócios fundadores é que eles mantinham relações muito próximas de parentesco, de amizade ou de trabalho. Assim sendo, verificou-se a presença dos irmãos Alfonso e Graziano Montone (MONTONE, 2019), Mario e Tito Lardi (LARDI, 2021), Geraldo e Lourenço Petrucci (PETRUCCI, 2021), sendo que estes últimos eram sobrinhos de Affonso Rizzolo; dos primos Antônio Caringi e Nicola Caringi Filho (CARINGI, 2019), Eraldo Giacobbe e Cesare Augusto Giacobbe (LARDI, 2021); e dos compadres, Cesare Augusto Giacobbe e Mario Lardi (LARDI, 2021). Entre estes últimos havia uma relação de compadrio, a filha de Mario Lardi, Marisa Lardi (2021), diz o seguinte: “O Cesare Giacobbe e a Rossana eram os meus padrinhos de crisma, eram bem mais velhos que a minha mãe, tiveram um filho, mas faleceu ainda criança”. Ademais, Mario Lardi era casado com a tia de Luigi Scattolin, Angelina Scattolin (LARDI, 2021).

Em relação à origem étnica desses 19 sócios fundadores, identificou-se a presença de 11 italianos (58%), – a maioria proveniente do norte da Itália (72%) – e de 5 filhos de italianos (26%) – a maioria destes proveniente do sul da Itália (80%) – totalizando 16 membros entre italianos e descendentes de italianos (84%). Entre os italianos havia Alfonso e Graziano Montone, que eram de Santa Maria di Castellabate, na região da Campânia (MONTONE, 2019), os únicos do sul da Itália; Eraldo Giacobbe (ITALIA, 1899), que era de Turim, Cesare Augusto Giacobbe (BRASIL, 1948b), de Vercelli, e Vittorio Bergoglio¹⁶, de Asti, todos da região do Piemonte; Luigi Scattolin era de Veneza (BRASIL, 1948c), Federico Segato, de Novi (LISTA..., 1992, p. 6), e Mario Pianalto, de Carmignano di Brenta, todos da região do Vêneto (FREITAS, 2019); Mario e Tito Lardi, de Fanano, na região da Emília Romanha (LARDI, 2021); e Giovanni Morana (SANTOS, 2021), do qual não se sabe a região de origem.

Entre os filhos de italianos, encontravam-se Antônio Caringi e Nicola Caringi Filho, cujos pais (que eram irmãos) eram oriundos de Lanciano, província de Chieti, na região de Abruzzo, e as mães (que também eram irmãs) de Caposele, província

¹⁶ **Vittorio Bergoglio**, filho de Francesco Giuseppe Bergoglio e Maria Bugnano, nasceu em 23 de fevereiro de 1896, em Asti, Alessandria, Piemonte, Itália; emigrou para a Argentina no início do século 20, onde se casou com Elvira Irene Mina, em 12 de maio de 1926 (ARGENTINA, 1926), e com a qual teve sua única filha, Hebe Elvira Bergoglio, que nasceu em 18 de junho de 1927 (PRIMO..., 1950). Provavelmente se naturalizou argentino, passando a se chamar Victor José Bergoglio. A família imigrou para o Brasil, fixando-se em Pelotas no começo da década de 1930, onde Hebe se casou com Ernst Poetsch em 1957 (PRIMO..., 1950). A título de curiosidade, Victor José Bergoglio era tio-avô do Papa Francisco (de nascimento, Jorge Mario Bergoglio). Seu irmão, Giovanni Angelo Bergoglio (pai de Mario Giuseppe Francesco Bergoglio), era o avô do Papa (A PAPAL..., 2021; GIOVANNI..., 2021).

de Avellino, na região da Campânia, pertencentes às famílias Russomano e Sica (CARINGI, 2019); Geraldo e Lourenço [Rizzolo] Petrucci, cujos pais também eram naturais de Caposele (PETRUCCI, 2021); e Tristão Geraldo Trindade, cuja mãe era proveniente da região do Vêneto, nasceu na Colônia Maciel, em Pelotas (TRINDADE JR., 2021). Nesse aspecto, chama a atenção o número de famílias provenientes de Caposele que se fixaram em Pelotas, tais como Freda, Petrucci, Rizzolo, Russomano, Sica etc.

Na data de criação da ACIB, isto é, em fevereiro de 1958, a média de idade dos sócios fundadores girava em torno de 50 anos, sendo que o mais idoso era Vittorio Bergoglio, com 62 anos, e o mais jovem, Luigi Scattolin, com 38. Em relação ao estado civil dos sócios no momento da criação da Associação, todos aqueles que foi possível caracterizar, eram casados.

No que diz respeito ao perfil profissional desses sócios fundadores, a maioria atuava como sócio ou diretor de empresas no ramo industrial (3), comercial (5) ou de prestação de serviços (5), a saber: na indústria (Cesare Augusto Giacobbe¹⁷, Eraldo Giacobbe, Mario Pianalto¹⁸), no comércio (Affonso Rizzolo, Geraldo e Lourenço Petrucci, Luigi Scattolin¹⁹, Nicola Caringi Filho²⁰); e na prestação de serviços (Alfonso e Graziano Montone, Mario e Tito Lardi e Vittorio Bergoglio²¹), totalizando 13 (68%) sócios atuando entre esses três ramos.

¹⁷ **Cesare Augusto Giacobbe**, quando imigrou para o Brasil, em 1948, declarou-se desenhista industrial (BRASIL, 1948b); e, em 1959, no Cadastro Industrial do IBGE, com o seu nome, constava uma indústria de fabricação de papel e papelão em Pelotas (CONCEIÇÃO, 2015).

¹⁸ **Mario Aniceto Pianalto** era técnico em mecânica, formado pela escola técnica de Milão, veio para o Brasil para montar a Fábrica de Biscoitos Leal Santos em Rio Grande (FREITAS, 2021). Em Pelotas, ajudou a montar as Linheiras, e depois, com outros sócios, fundou uma fábrica de papel e papelão (FREITAS, 2021).

¹⁹ **Luigi Scattolin**, como já mencionado, além de professor, era proprietário do Café Haiti (SANTOS, 2021).

²⁰ **Nicola Caringi Filho**, com a morte de seu pai, Nicola Carinci (sobrenome original), em 1921, assumiu, junto à sua mãe, a administração da loja fundada por ele, em 1896, em Pelotas, a Chapelaria Caringi, localizada na rua 15 de Novembro, 561, a qual também teve filiais em Porto Alegre, Rio Grande e Bagé, esta última, sob o comando de Antônio Caringi, irmão de Nicola Caringi e pai do escultor Antônio Caringi; em 1946, Nicola Caringi Filho inaugurou uma loja de departamentos, o Magazine Casa Caringi, na rua Andrade Neves, entre Marechal Floriano e Sete de Setembro; aposentou-se em 1963, transferindo a administração dos negócios ao seu filho Roberto Caringi; em 1967, e com a transferência deste para Porto Alegre, a Casa Caringi deixou de funcionar (UMA..., 2019; CINQUANTENARIO..., 1925, v. 2, p. 303).

²¹ **Vittorio Bergoglio** (Victor José Bergoglio), junto a Francisco Caruccio – filho de imigrantes italianos –, fundou a Bergoglio & Caruccio LTDA., que fazia calçamentos e obras em geral (PRIMO..., 2013), era uma companhia mineradora que funcionava no Capão do Leão, mas tinha escritório em Pelotas, à rua 15 de Novembro, esquina General Neto (PELOTAS (RS), 1952).

A filha de Mario Lardi ressaltou o papel importante que teve Eraldo Giacobbe para que a família permanecesse em Pelotas: *“foi ele quem deu oportunidade de os meus pais trabalharem juntos aqui e assim poderem permanecer no Brasil. Se não, acho que não teríamos ficado”* (LARDI, 2021). Ela ainda relatou o seguinte:

meu pai adoeceu e minha mãe disse que ia procurar emprego, foi então conversar com o Eraldo Giacobbe, que lhe conseguiu um emprego de chefe da cooperativa das três fábricas, e isso mesmo sem falar português. Meu pai também foi trabalhar com ele na fábrica de papel, fazendo a administração das contas da cooperativa e a mãe, com uma outra auxiliar, administrava a cooperativa.

Mario Lardi e Graziano Montone eram mecânicos (BRASIL, 1949, 1953), segundo Alfonso Jorge Grigolletti Montone (2019), em sociedade com Tito Lardi e seu tio, Alfonso Montone, em 1958 os quatro constituíram a Oficina Diesel Eletrônica Ltda. que funcionava no Largo Aldrovando Leão, 252 – atual praça 20 de setembro, em frente à CEEE, em Pelotas.

Maria Regina Petrucci (2021), filha de Lourenço [Rizzolo] Petrucci, contou que seu pai era diretor-tesoureiro da Drogaria Unicum, que se situava na rua Andrade Neves, 571, entre as ruas Mal. Floriano e Lobo da Costa, em Pelotas; e seu tio, Geraldo [Rizzolo] Petrucci, era sócio da empresa Representações Argo. Alfonso [Freda] Rizzolo – tio de Lourenço e Geraldo –, em 1958, era diretor da Drogaria Unicum (DROGARIA..., 1958).

Paulo [Lobo] Cortelari, nos anos de 1940, foi técnico do Esporte Clube Pelotas e árbitro de futebol, e em 1958, diretor de numismática da Associação Filatélica Pelotense²². E ainda, seu pai era farmacêutico e proprietário da Pharmácia Cortelari (DUVAL, 1975a), localizada na rua 15 de novembro esquina D. Pedro II, em Pelotas.

O perfil profissional desses sócios se completa com um servidor público, Tristão Geraldo Trindade, que na época era tesoureiro da Alfândega de Pelotas (TRINDADE JR., 2021); um alfaiate, Giovanni Morana (SANTOS, 2021); um artista e professor, o escultor Antônio Caringi²³, que desde 1952 lecionava na Escola de Belas

²² Talvez esta tenha sido a razão de o Comitê Provisório ter divulgado, como já mencionado, que haveria uma seção de filatelia junto à ACIB (ATIVIDADES..., 1958b).

²³ **Antônio Caringi** desde muito cedo manifestou sua aptidão para a escultura, em 1928 ingressou na Academia de Belas Artes de Munique, Alemanha, e depois de um tempo de aprendizado e aperfeiçoamento na Europa, regressou ao Brasil em 1940, tornando-se um escultor consagrado (DINIZ, 2017). A maior parte de sua obra se encontra em espaços públicos – mas também realizou esculturas de pequeno porte que fazem parte de coleções particulares –, e entre as principais estão, entre outras, os monumentos a Bento Gonçalves (1936), ao Expedicionário (1957), ao Laçador (1958), localizados em Porto Alegre; o Monumento Nacional ao Imigrante (1954), em Caxias do Sul; os monumentos ao

Artes de Pelotas (DINIZ, 2017); e outro professor, Luigi Scattolin que, como já referido, desde 1953 lecionava língua italiana, estatística e matemática no Curso de Economia do Colégio Irmão Fernando (A UCPEL..., 1987).

No que concerne ao período em que os sócios fundadores de origem italiana imigraram para o Brasil, tem-se conhecimento de que três chegaram após a Primeira Guerra Mundial, e seis após a Segunda (66%). Entre os primeiros se encontravam Eraldo Giacobbe, que chegou em 1924 (TÍTULO..., 1960); Vittorio Bergoglio, que veio da Argentina para o Brasil na década de 1930 (PRIMO..., 2013); e Mario Pianalto (FREITAS, 2019). Entre aqueles que chegaram ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial havia: Alfonso Montone, Cesare Augusto Giacobbe e Luigi Scattolin, em 1948; Mario Lardi, em 1949; Graziano Montone, em 1953; e Tito Lardi, todos admitidos em território nacional em caráter permanente (BRASIL, 1948b, 1948c, 1948f, 1949, 1953; LARDI, 2021).

A corrente imigratória do segundo pós-guerra caracterizou-se por imigrantes que partiram da Itália com um contato seguramente maior com a língua italiana em relação aos seus predecessores dos primeiros grandes fluxos após a unificação italiana, que eram, na maioria, monolíngues dialetais (VEDOVELLI, 2011). No caso da ACIB, tem-se conhecimento de que apenas um dos sócios fundadores era analfabeto.

Como visto, o perfil social dos sócios fundadores desta associação era bem definido, pode-se afirmar que era um grupo constituído por homens brancos, casados, com idades que variavam de 38 a 62 anos, que faziam parte de uma certa elite econômica e intelectual da cidade atuando como sócios ou dirigentes de empresas no ramo da indústria, comércio e serviços, ou como professores; na sua maioria italianos e descendentes de italianos de primeira geração, sendo que os pais destes imigraram para o Brasil no fim do século 19, e aqueles, após a Primeira ou Segunda Guerra Mundial.

Um último aspecto que se considerou importante verificar foi a participação desses sócios, ou de seus parentes, nas antigas associações étnicas italianas em

Sentinela Farroupilha (1935), ao Bispo Dom Joaquim Ferreira de Mello (1942), ao Colono (1958), ao Coronel Pedro Osório (1954), às Mães (1959), todos em Pelotas (DINIZ, 2017); o Monumento à Anita Garibaldi (1964), em Laguna, SC. Em 1952 passou a atuar como professor de escultura da Escola de Belas Artes de Pelotas (DINIZ, 2017), onde lecionou até se aposentar, em 1980, quando a Escola já havia sido integrada ao Instituto de Letras e Artes (ILA) da UFPel. Em 1956 foi condecorado com o título honorífico italiano de *Commendatore dell'Ordine della Stella d'Italia* (Comendador da Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana) (PRESIDENZA..., 1956b).

Pelotas. Essa verificação permitiu compreender o grau de experiência associativa desses sócios e se havia alguma tradição de associativismo na família. Das Sociedades Italianas Reunidas (SIR), por exemplo, participaram Antonio Petrucci, admitido em 1895; Augusto Giacobbe – pai de Eraldo Giacobbe e tio de Cesare Augusto Giacobbe –, admitido em 1932; Italo Giacobbe – irmão de Eraldo Giacobbe –, admitido em 1933; e o próprio Nicola Caringi Filho, que foi admitido em 1932 (*ELENCO...*, 1933). Da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi, Vittorio Bergoglio também participou ativamente, tendo sido conselheiro em 1938, e presidente em 1939 (*PELOTAS (RS)*, 1940a; *SIGM*, 1938). Assim, foi possível identificar que Vittorio Bergoglio e Nicola Caringi Filho eram os únicos com uma experiência associativa pregressa; e que as famílias Petrucci e Giacobbe tinham uma maior tradição associativa.

Quanto aos sócios contribuintes, em reunião do Comitê Provisório, realizada no dia 07 de fevereiro de 1958, entre vários assuntos tratados, é deliberada a publicação de notícia na imprensa local informando que “estarão abertas as inscrições para todos aqueles que se queiram alistar como associados do [sic] nóvel entidade cultural” (*ATIVIDADES...*, 1958a). É importante ressaltar que, de acordo com os seus Estatutos (1958, art. 1º), a ACIB não fazia “distinção de credo religioso e político ou de nacionalidade” de seus associados.

Para ser admitido como sócio contribuinte, o candidato deveria obedecer a algumas formalidades, como preencher formulário de solicitação de inclusão no quadro de sócios (*ANEXO C*) que seria encaminhado à Secretaria e, depois, apresentado ao Conselho Diretor para deliberação sobre a aceitação ou rejeição da proposta do candidato (*ACIB*, 1958d, art. 11). Além disso, todos os sócios deviam “abster-se de qualquer manifestação ou discussão de assuntos de natureza política, religiosa, social ou de classe nas dependências da ACIB” (*ACIB*, 1958d, art. 10).

Os sócios poderiam incluir como dependentes a esposa, os filhos menores de 21 anos e as filhas solteiras ou viúvas, e ainda, a critério do Conselho Diretor, também poderiam ser admitidos mãe viúva, irmã solteira ou viúva, netos ou netas e sobrinhos ou sobrinhas que vivessem sob o teto e às expensas do sócio, além dos filhos maiores de 21 anos, desde que provassem sua condição de estudantes (*ACIB*, 1958d, art. 7º, § 1º, 2º, 3º). Entretanto, apenas os sócios fundadores e contribuintes tinham o direito de participar das assembleias gerais, votar e ser votado (*ACIB*, 1958d, art. 8º e 9º).

Entre os 125 sócios contribuintes inscritos até junho de 1958 (APÊNDICE F), havia 80 homens (64%) e 45 mulheres²⁴ (36%), identificou-se, também, a presença de apenas três italianos, sendo que dois deles, Mario e Tito Lardi, eram sócios fundadores. Desse total, ao menos 5 eram políticos, 7 professoras e professores, 11 profissionais liberais, entre outros. No grupo de políticos estavam o prefeito de Pelotas na época, Adolfo Fetter; o vice-prefeito Alvacyr Faria Collares (que também era professor²⁵); os vereadores Jaime Gonçalves Wetzel e Carlos G. Sica; e o deputado estadual João Carlos Gastal, que viria a se tornar o prefeito de Pelotas de 1960 a 1964.

Entre o grupo de professoras e professores encontravam-se Gilda M. Correa Meyer Russomano, da Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas e da Faculdade de Direito de Pelotas; Maria Luiza Pereira Lima Caruccio, da Escola de Belas Artes de Pelotas; Jenny Alves da Fonseca, Juvenal Dias da Costa, Paschoal Armando Müller, Victorino Piccinini e Raul Romeu Iruzum, do Colégio Municipal Pelotense, sendo que este último era o seu diretor na época (AMARAL, 2003).

A lista de sócios trazia também os nomes de alguns profissionais liberais que atuavam em Pelotas, tais como os médicos Amadeu Ribeiro Weinmann, Isaac Levin Piltcher, Vinícius Salengue; os advogados Andy Rosa de Oliveira, Apio Antunes, Elias Bairy (que também era jornalista), Ned Bento Fernandes, Vicente Russomano e seu filho Clóvis Russomano; e os engenheiros, José Mabilde Ripoll (que depois se tornou professor de Topografia) e Renato Rodrigues Peixoto.

De 125 sócios, em 1958, a ACIB passou a contar com apenas 48 no período entre 1967 a 1969 (APÊNDICE G). Além da redução de mais de 50% no número total de sócios, o número de mulheres se reduziu a apenas duas. Houve também uma renovação quase total do quadro social, desses 48 associados, apenas 9 haviam participado da ACIB desde 1958²⁶, sendo que 8 deles eram seus sócios fundadores. Isso indica que, talvez, nesse período tenha havido uma retomada das atividades da

²⁴ Destas 45 sócias mulheres, 30 eram alunas dos cursos de italiano da ACIB (66%); enquanto que dos 80 sócios homens, apenas 10 eram alunos (12,5%).

²⁵ Alvacyr Faria Collares foi professor do Colégio São José e do Colégio Gonzaga, “sendo um representante da Igreja Católica de grande destaque no âmbito político-educacional em Pelotas” (AMARAL, 2003, p. 169). Mais tarde se tornou professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Pelotas e da Universidade Federal de Pelotas, tendo sido o primeiro diretor do Instituto de Ciências Humanas, em 1970.

²⁶ Fernando Sperini e os sócios fundadores: Antonio Caringi, Federico Segato, Geraldo Petrucci, Lourenço Petrucci, Mario Pianalto, Nicola Caringi Filho, Tito Lardi, Victor Bergoglio.

ACIB, período este que coincide com o registro do seu estatuto e com a nomeação do novo agente consular, Martino Orengo.

Desses 48 associados, identificou-se a presença de ao menos 14 italianos (29%) e 25 descendentes de italianos²⁷ (52%), totalizando 39 membros entre italianos e descendentes de italianos (81%). Dos italianos, destaca-se a participação de Achille Bertoli²⁸, um dos mais idosos, com mais de 80 anos de idade, que foi também sócio das SIR, tendo sido admitido em 1920 (*ELENCO...*, 1933), e tesoureiro da SIGM, em 1939 (PELOTAS (RS), 1940a).

Destaca-se, também, uma participação significativa das famílias Petrucci, com os irmãos Geraldo, Germano e Lourenço; e das famílias Caruccio e Morrone, com os irmãos Luís Fernando e Paulo Luiz Caruccio Morrone, e de seu pai Victor Manoel Morrone (MORRONE, 2021), além de Italo Caruccio e Severo Caruccio Sobrinho. Esses membros da família Caruccio eram parentes do italiano Domenico Caruccio, que era sócio das Sociedades Italianas Reunidas desde 1902 (*ELENCO...*, 1933) e foi vice-presidente da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi em 1938 (SIGM, 1938).

Entre os sócios inscritos nesse período se encontravam, no mínimo, oito professores, como por exemplo, Elisa C. Minioni, Ernest Poetsch, Franco Moriconi Rossi, Germano Petrucci, Giovanni Baruffa, Pedro Luiz Monti Prietto, o maestro Romeu Tagnin²⁹ e o padre Raul Farina.

O perfil social dos sócios contribuintes dessa associação, assim como dos sócios fundadores, é bastante claro. Esse grupo era constituído por uma maioria de homens, brancos, muitos deles pessoas de destaque na sociedade pelotense no âmbito político, cultural, intelectual e profissional; nem todos eram italianos ou descendentes de italianos, visto que a ACIB não fazia distinção de nacionalidade de seus associados, como demonstra a participação de associados de diversas origens étnicas, tais como alemães, espanhóis, franceses, israelitas, libaneses, etc., revelados pelos sobrenomes Bainy, Brauner, Curi Hallal, Delanoy, Echenique, Fetter, Gastaud, Griep, Honrich, Michaelsen, Piltcher, Poetsch, Ripoll, Röhrig, Schuch, Sparemborg, Weimann, Wetzel etc.

²⁷ Os descendentes de italianos foram identificados por meio de seu sobrenome.

²⁸ Achille Bertoli, nascido em 1885, em Galliciano, província de Lucca, na região da Toscana, era industrial e em 1925 fabricava e vendia chapéus para senhoras (*CINQUANTENARIO...*, 1925, v. 2, p. 303).

²⁹ A música do Hino do Município de Pelotas é de sua autoria.

Neste sentido, cabe questionar se esta estratégia de dar visibilidade à associação com a participação de membros de destaque na sociedade pelotense não prejudicou a sobrevivência a longo prazo dessa associação, visto que, possivelmente, a maioria dos membros não tinha um sentimento de pertencimento à cultura e à nação italiana.

5.2 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ACIB

As regras de funcionamento e de organização da ACIB estavam estabelecidas nos seus Estatutos (ACIB, 1958d), que contemplavam todos os requisitos exigidos no art. 19 do Código Civil vigente à época (BRASIL, 1916), como denominação, localização da sede, finalidades, direitos e obrigações dos associados, dentre outros; e definiam também a sua estrutura organizacional, denominando-a de “poderes diretivos”, que eram a Assembleia Geral, o Conselho Fiscal e o Conselho Diretor, que serão vistos no tópico seguinte.

O estatuto, aprovado na primeira Assembleia Geral Ordinária da ACIB, realizada no dia 26 de março de 1958 (ASSOCIAÇÃO..., 1958; ELEITA..., 1958), não foi resultado de uma alteração do estatuto da associação anterior, ou seja, da Guglielmo Marconi, como aconteceu com a SIP. O estatuto da ACIB era organizado em 11 capítulos (ACIB, 1958d). O Capítulo I tratava “Da denominação, sede, duração e fins”, em seu art. 1º constava que

A Associação Cultural Ítalo-Brasileira, nestes estatutos designada pela sigla ACIB, é uma sociedade civil brasileira, sem fito de lucro, fundada no dia 1º de fevereiro de 1958, de duração por tempo indeterminado, [...] com personalidade jurídica distinta da de seus associados, estes de número ilimitado, sem distinção de credo religioso e político ou de nacionalidade.

No que se refere à ACIB como uma sociedade civil sem fins lucrativos, é importante lembrar que o Código Civil vigente à época, como já citado, não fazia distinção entre associação e sociedade. Outro aspecto a ser destacado, em comparação com as antigas associações, é em relação aos associados, que na ACIB poderiam ser de qualquer nacionalidade, não existindo mais aquele fechamento étnico comum entre as associações mais antigas. Isso remete novamente à noção de identidade étnica como uma construção cultural na qual “os grupos étnicos [...] se

recriam constantemente e a etnicidade é continuamente reinventada” (CONZEN *et al*, 1990, [p. 2], tradução nossa³⁰).

A sua finalidade estava especificada no art. 2º e no parágrafo 1º:

Art. 2º - A ACIB tem por finalidade o desenvolvimento da cultura e da arte italianas e a confraternização entre os povos do Universo, estimulando, especialmente, a amizade entre brasileiros e italianos.

§ 1º - Para atingir os fins colimados, a ACIB promoverá reuniões de caráter literário, artístico, social e recreativo e manterá cursos para o ensino da língua italiana.

Desse modo, observa-se que a promoção dessas reuniões e a manutenção de cursos de língua italiana pela ACIB serviriam para atingir os seus objetivos, isto é, o de confraternizar e estimular a amizade entre brasileiros e italianos, e desenvolver a cultura e a arte italianas, constituindo-se, assim, num espaço de sociabilidade e de italianidade.

Ao traçar um comparativo com as antigas associações italianas que existiram em Pelotas, verifica-se que uma das finalidades da ACIB era explicitamente de caráter artístico e cultural étnico italiano, sendo, portanto, diferente daquelas definidas pela maioria das antigas associações, que tinham um caráter essencialmente assistencial. Com a finalidade de sociabilidade, a ACIB buscava “a confraternização entre os povos do Universo, estimulando, especialmente, a amizade entre brasileiros e italianos”; e aqui novamente se diferencia das antigas associações que tinham como objetivo confraternizar entre os membros do próprio grupo étnico. Por último, a ACIB tinha uma finalidade de caráter educacional que era a de manter “cursos para o ensino da língua italiana”, enquanto que algumas das antigas associações tinham a finalidade educacional de criar e manter escolas étnicas italianas.

O Capítulo II, “Do patrimônio da ACIB”, regulava a constituição do seu patrimônio e instituía um Livro de Doações para registrar todas as doações e contribuições recebidas, exceto as oriundas de mensalidade social.

O Capítulo III, que tratava “Das contribuições para a manutenção da ACIB”, fixava o valor da contribuição e determinava que a mesma era devida a todos os associados, com exceção dos sócios fundadores.

O Capítulo IV tratava “Dos direitos e deveres dos sócios”, especificando as categorias, critérios de admissão de cada categoria, e direitos e deveres.

³⁰ No original: “*I gruppi etnici [in situazioni reali] si ricreano costantemente e l'etnicità viene continuamente reinventata*”.

O Capítulo V, “Da admissão e punição dos sócios”, elencava as formalidades necessárias para a admissão de sócio nas diversas categorias, as penalidades, e as condições de desligamento.

O Capítulo VI, “Dos poderes diretivos da ACIB”, composto de um único artigo e um parágrafo único, definia como se constituíam os poderes diretivos da ACIB.

O Capítulo VII tratava “Da Assembleia Geral”, constituída pelos sócios fundadores e contribuintes, especificando suas competências, frequência e condições de convocação, e exigências para deliberações.

O Capítulo VIII, “Do Conselho Fiscal”, definia sua composição, duração do mandato, competências e frequência das reuniões.

O Capítulo IX tratava “Do Conselho Diretor”, definindo a sua composição, as competências de cada função e a frequência das reuniões.

O Capítulo X, “Das disposições gerais”, estabelecia as condições para alteração dos estatutos e dissolução da sociedade, e, neste caso, o destino do seu patrimônio; tratava da responsabilidade solidária ou subsidiária dos membros,

Finalmente, o Capítulo XI tratava “Das disposições transitórias”.

A existência de um estatuto que regulava o seu funcionamento e de um conselho diretor que coordenava as suas atividades demonstra a importância da vida associativa para os membros dessa associação, constituindo-se, na perspectiva de Agulhon, como um tipo de sociabilidade formal (CALDO; FERNÁNDEZ, 2008). O estatuto da ACIB foi criado e aprovado em 1958, entretanto, somente em 1968 foi registrado no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, cuja certidão é transcrita a seguir:

CERTIFICO, em virtude do meu cargo e a requerimento verbal de parte interessada, que fiz em data de hoje, na forma da Lei, a Inscrição sob o número de ordem oitocentos e cinquenta (850), às páginas vinte e nove e trinta (29 e 30) do Livro A número 4 de Registo de Sociedades Civis, do Estatuto da ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA, fundada em primeiro de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e oito (1º-2-1958), com sede nesta cidade. O referido é verdade e dou fé. Pelotas, em oito de abril de mil novecentos e sessenta e oito (PELOTAS (RS), 1968, grifos no original).

E ainda, como parte das exigências legais, antes disso, em 21 de junho de 1967, foi publicado no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul um Extrato do Estatuto da ACIB, com as assinaturas do presidente Edson Vignoli, do secretário ad hoc Rubilar Avila Cardoso e do tesoureiro Nestor Casseta (RIO GRANDE DO SUL, 1967, p. 22). É importante lembrar que os seus estatutos não foram registrados a partir

de uma alteração do estatuto da associação anterior, como aconteceu com a SIP, ou seja, a ACIB não é a sucessora da Guglielmo Marconi tal como é a SIP.

O estatuto social devidamente registrado em Cartório é o documento pelo qual uma associação declara a sua existência, é como uma “certidão de nascimento” da pessoa jurídica. Ela pode até existir sem um estatuto registrado, como a ACIB existiu até 1968, mas não do ponto de vista legal, pois a pessoa jurídica ainda não estava regularizada. O registro do seu estatuto pode ser entendido como um esforço de legitimação da sua representatividade junto à sociedade pelotense.

5.2.1 Os poderes Diretivos

Os poderes diretivos da ACIB, como visto, eram constituídos pela Assembleia Geral, Conselho Fiscal e Conselho Diretor (ACIB, 1958d), sendo que seus “membros não perceb[iam] qualquer remuneração” (art. 14, parágrafo único). Em 1958, a associação contava somente com os serviços remunerados de professores, cobrador e secretária³¹; sendo que os professores recebiam 50% do valor das mensalidades pagas pelos alunos, o cobrador recebia 20% de comissão referente ao valor das mensalidades cobradas dos sócios, e a secretária recebia Cr\$ 3.100,00³² (três mil e cem cruzeiros) (FARIAS, 1958), que era equivalente ao valor do salário mínimo na época, em Pelotas.

A Assembleia Geral, de acordo com os Estatutos da ACIB (1958d), era constituída pelos sócios fundadores e contribuintes “civilmente capazes, quites com os cofres sociais e no pleno gozo dos seus direitos estatutários” (art. 15), e a sua presidência cabia ao Presidente do Conselho Fiscal (art. 18). As deliberações poderiam ocorrer, em primeira convocação, somente com a presença de 2/3 dos seus membros; e, em segunda convocação, uma hora depois da primeira, com qualquer número de membros (art. 19); e poderiam ser tratados apenas os assuntos constantes da convocação (art. 18).

Competia à Assembleia Geral, entre outras atribuições, eleger e empossar os membros do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal; aprovar a reforma dos Estatutos; votar e aprovar o parecer do Conselho Fiscal sobre o movimento econômico,

³¹ Em 1958, havia dois professores, Cesare Augusto Giacobbe e Luigi Scattolin; um cobrador, Edmar; e uma secretária, Ivanilda Portella Farias.

³² Cr\$ 3.100,00 era o valor do salário mínimo em Pelotas, em 1958.

financeiro e administrativo da associação; deliberar sobre o relatório do Conselho Diretor, sobre a admissão de sócios beneméritos e sobre a fixação do valor da mensalidade social (ACIB, 1958d, art. 21).

Havia previsão de realização de Assembleia Geral Ordinária todos os anos, no mês de março, “quando o Conselho Diretor apresentar[ia] os relatórios de suas atividades para eleição e posse dos novos membros dos Conselhos Diretor e Fiscal” (ACIB, 1958d, art. 16, alínea a); e de Assembleia Geral Extraordinária, sempre que necessário, “mediante convocação do Conselho Diretor, do Conselho Fiscal ou por requerimento de, no mínimo, um terço dos sócios fundadores e contribuintes existentes e em pleno gozo dos seus direitos estatutários” (ACIB, 1958d, art. 16, alínea b). A convocação deveria ser feita por meio de “aviso fixado em local visível, na sede, e publicado uma vez pela imprensa, com oito (8) dias de antecedência, no mínimo” (art. 17).

No entanto, a convocação para a primeira Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 26 de março de 1958, às 19h30min, no Conservatório de Música, foi publicada no jornal *A Opinião Pública* no mesmo dia da assembleia, e no *Diário Popular*, no dia seguinte (ASSOCIAÇÃO..., 1958d, 1958e). A partir de então, as assembleias gerais ordinárias para eleição e posse dos novos membros passaram a ser realizadas no mês de abril, e não no mês de março, como determinava o seu estatuto, como será visto na sequência.

O Conselho Diretor, conforme os Estatutos da ACIB (1958d), era composto de 10 cargos, a saber: presidente, 1º e 2º vice-presidente, 1º e 2º secretário, 1º e 2º tesoureiro, diretores do departamento cultural, do departamento patrimonial, e do departamento social e recreativo (art. 26). Esses cargos tinham funções definidas de acordo com o estatuto. Ao presidente cabia representar a ACIB em juízo ou fora dele, presidir e convocar as reuniões do Conselho Diretor, executar todos os atos da administração, assinar cheques e demais documentos, cumprir as deliberações da Assembleia Geral e apresentar relatório de fim de mandato (art. 31). O 1º e o 2º vice-presidente tinham a função de auxiliar o presidente e substituí-lo em seus impedimentos (art. 32).

Ao 1º Secretário competia dirigir todo o expediente da Secretaria da ACIB, lavrar e subscrever as atas das reuniões do Conselho Diretor, expedir e assinar cartões de identidade dos sócios, responder pelos serviços de secretaria, organizar e escriturar o Livro Registro de candidatos não aceitos para admissão como sócio na

ACIB (art. 33). O 2º secretário tinha a função de auxiliar o 1º secretário e substituí-lo nos seus impedimentos (art. 34).

Ao 1º tesoureiro cabia ter sob sua guarda e responsabilidade todos os valores em espécie pertencentes à ACIB, responder pela tesouraria, passar recibo de todas as importâncias recebidas pela ACIB, efetuar o pagamento de despesas, providenciar a arrecadação das mensalidades dos sócios, escriturar e ter sob sua guarda e responsabilidade o Livro de Doações (art. 35). O 2º tesoureiro tinha a função de auxiliar o 1º tesoureiro e substituí-lo nos seus impedimentos (art. 36). Nesse aspecto, a existência de tesoureiros comprova que essa Associação movimentava recursos financeiros, que eram oriundos, principalmente, das mensalidades dos sócios e dos alunos.

Para completar as atribuições do Conselho Diretor, ao diretor da Seção Cultural competia organizar, orientar e estimular as atividades culturais (art. 38), além da superintendência dos cursos de língua italiana. O diretor da Seção Patrimonial era encarregado de zelar pelo patrimônio da ACIB, além da superintendência dos serviços de conservação e asseio da sede (art. 39). Ao diretor da Seção Social e Recreativa cabia organizar, orientar e estimular as atividades sociais e recreativas (art. 37).

O Conselho Fiscal, por sua vez, era constituído por cinco membros, sendo três titulares e dois suplentes, eleitos anualmente com o Conselho Diretor da sociedade, entre os sócios fundadores e contribuintes, em Assembleia Geral ordinária convocada para esse fim (art. 22).

Dessa forma, o primeiro Conselho Diretor e Fiscal, para o período 1958-59, como já mencionado, foi eleito e empossado na Assembleia Geral realizada no dia 26 de março de 1958, no Conservatório de Música (ASSOCIAÇÃO..., 1958). Na ocasião, o Conselho Diretor ficou assim constituído: Presidente, Ennio Moura do Valle; 1º Vice-Presidente, Cesare Augusto Giacobbe; 2º Vice-Presidente, Mario Pianalto; 1º secretário, Luigi Scattolin; 2º secretário, Eunice Tschiedel do Valle; 1º tesoureiro, Carlos G. Sicca; 2º tesoureiro, Vittorio Bergoglio; Diretor do Departamento Cultural, Vicente Russomano; Diretora do Departamento Social e Recreativo, Noris Moreira Mazza; Diretora do Departamento Patrimonial, Lisete Petrucci Vieira (ELEITA..., 1958). E o Conselho Fiscal ficou composto pelos membros titulares Jaime Gonçalves Wetzel, Paulo [Lobo] Cortelari e Geraldo [Dias] Mazza, e pelos suplentes, Mario Lorea e Emilio Mantelli (ELEITA..., 1958).

Em 25 de abril de 1959, por ocasião da transferência do primeiro presidente da associação, o capitão de corveta Ennio Moura do Valle, foi oferecido um "Vermouth de despedida" na sede da associação, conforme convite a seguir

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA

CONVITE

Os senhores sócios e exmas. famílias, amigos e simpatizantes da ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA são convidados para o "Vermouth de despedida" que será oferecido em honra ao Ilmo. Senhor Comandante "Ennio Moura do Valle", primeiro Presidente da Associação, na sede, a rua 7 de Setembro.

CESARE A. GIACOBBE, 1º Vice Presidente (ASSOCIAÇÃO..., 1959d).

Pode-se observar que esse convite é em nome de Cesare Augusto Giacobbe, pois, com a saída do presidente – que ocorreu mais de um ano após a sua eleição –, conforme os Estatutos da ACIB (1958d, art. 26, § 3º), “o 1º Vice-Presidente exercerá a Presidência até nova eleição regular”.

Em Assembleia Geral Ordinária realizada no dia 4 de abril de 1960 foi eleito o novo Conselho Diretor e Fiscal, que ficou constituído da seguinte forma: Presidente, Antônio Caringi; 1º Vice-Presidente, Carlos Camorali; 2º Vice-Presidente, Nilton Simoni Pereira; 1º tesoureiro, Nicola Caringi; 2º tesoureiro, Eraldo Giacobbe; 1º secretário, Isaac Piltcher; 2º secretário, Mario Pianalto; Diretor do Departamento Cultural, Luigi Scattolin; Diretoras do Departamento Social e Recreativo, Lisete Petrucci Vieira e Noemi Osorio Caringi; Diretor do Departamento Patrimonial, Víctor Petrucci; e como Conselheiros Fiscais, Jose Luiz Caputo, Vittorio Bergoglio e Paulo Cortellari (ASSOCIAÇÃO..., 1960). Diferente da gestão anterior, nesta não houve membros suplentes para o Conselho Fiscal e, em vez disso, foi criado o cargo de Consultor Jurídico, que não estava previsto nos Estatutos, e para o qual foi eleito Vicente Russomano.

Depois disso, até 1965 não se encontra mais nenhuma informação a respeito de eleições para o Conselho Diretor e Fiscal, tampouco publicações de convocações para assembleias na imprensa local, quando, então, a ACIB convoca seus sócios para uma Assembleia Geral Ordinária a ser realizada no dia 29 de abril de 1965, às 20h, na Aula Magna da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, com a seguinte ordem do dia: a) Apresentação do relatório e prestação de contas; b) Eleição da nova diretoria (ASSOCIAÇÃO..., 1965). Dessa diretoria, tem-se conhecimento apenas do nome do seu presidente, Victorino Piccinini (ACIB, 1965), entretanto, pode-se inferir que os demais participantes presentes no almoço oferecido ao cônsul geral da Itália,

Alfredo Di Mattei, por ocasião da posse do agente consular Vito Carlo Liberio, em 1965, como referido anteriormente, fizessem parte do Conselho Diretor ou Fiscal, a saber: Antônio Caringi, Cesare Augusto Giacobbe, Giovanni Baruffa³³, [Luis] Fernando [Lessa] Freitas e Vittorio Bergoglio (CLUBE..., 1965).

Em 1967 a eleição ocorreu em uma assembleia realizada na sala 11 da Faculdade de Medicina³⁴, no dia 7 de abril (ACIB, [1967?]). O Conselho Diretor foi constituído pelo Presidente, Edson Vignoli; 1º Vice-Presidente, Martino Orengo; 2º Vice-Presidente, [Luis] Fernando [Lessa] Freitas; 1º secretário, Milvo Santi; 2º secretário, Rubilar Avila Cardoso; 1º tesoureiro, Nestor Cazzetta; 2º tesoureiro, Giuseppe Barbuzza³⁵; Diretores do Departamento Cultural, Giovanni Baruffa e Antônio Caringi; e pelos Conselheiros Fiscais, Mario Pianalto, Angelo Frattini e Sergio Sammiceli (ACIB, 1958a, [s.d.]). Cabe evidenciar que nessa gestão não havia mais as figuras do Diretor do Departamento Patrimonial e do Departamento Social e Recreativo.

Um ano depois, no dia 6 de abril de 1968, na Faculdade de Direito de Pelotas, foi realizada a Assembleia Geral para eleger o Conselho Diretor e Fiscal da ACIB (CONVOCAÇÃO, 1968). Faziam parte do Conselho Diretor os seguintes membros: Ede Castanheira Carneiro como Presidente, Mario Pianalto como 1º Vice-Presidente, Rubilar Avila Cardoso como 1º secretário, e Victor J. Bergoglio como 1º tesoureiro (ACIB, 1968b). Além desses membros, que participaram da reunião do conselho diretor realizada em 17 de junho de 1968 (ACIB, 1968b), não se tem conhecimento da existência de outros, nem da composição do conselho fiscal.

As assembleias realizadas nas Faculdades de Filosofia, em 1965; de Medicina, em 1967; e de Direito, em 1968; demonstram que, provavelmente, nesse período, a ACIB não dispunha mais de uma sede própria.

³³ **Giovanni Baruffa** (1927- 2022) nasceu na Itália, onde se graduou em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Pádua, em 1952 (FURG, 2022). Iniciou sua carreira em uma missão humanitária na Somália (África), onde ficou por cerca de 10 anos, vindo em seguida para o Brasil a convite do então Bispo de Pelotas e fundador da UCPEL, Dom Antônio Zattera, tornando-se um dos primeiros professores do curso de Medicina da Católica, em 1964 (UCPEL, 2022). Na FURG, onde também lecionou por quase 30 anos, ministrou aulas para a primeira turma do Curso de Medicina, em 1968 (FURG, 2022). Baruffa faleceu na cidade de Pelotas, no dia 12 de janeiro de 2022, aos 94 anos (FURG, 2022).

³⁴ Provavelmente da UCPEL, visto que Giovanni Baruffa era professor do curso de Medicina dessa instituição.

³⁵ Na última folha do Estatuto da ACIB (ANEXO B), ao invés de Giuseppe Barbuzza, conforme consta na lista dos componentes da diretoria eleita no dia 7 de abril de 1967 (ACIB, [1967?]), aparece o nome de Giovanni Barbuzza, com firma reconhecida e com os mesmos dados de Giuseppe, ou seja, italiano, eng. eletrônico e casado; entretanto, sua filha, Adriana Barbuzza (inf. verbal), afirmou que não havia outro Barbuzza em Pelotas e disse não ser dele a assinatura que consta no documento.

É possível que este de 1968 tenha sido o último Conselho Diretor dessa associação, a considerar os termos da Ata nº 6, de fundação da Sociedade Italiana Pelotense, em 1992 (SIP, 1992), que dizia o seguinte:

O Professor Thomaz Lucia deu início aos trabalhos, convidando para fazer parte da mesa o sr. Martino Orengo, Agente Consular da Itália nesta cidade, e o sr. Ede Carneiro e esposa, último casal presidente da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB), última sociedade italiana que existiu no município³⁶.

Em relação aos vínculos de sociabilidade que uniam os membros do Conselho Diretor e Fiscal, não se sabe ao certo, mas, visto que não havia somente italianos e descendentes de italianos, pode-se inferir que não era apenas o vínculo étnico, possivelmente havia vínculos de amizade, de parentesco e religiosos.

A seguir, faz-se breves considerações a respeito das composições dos Conselhos Diretor e Fiscal ao longo da trajetória da ACIB, principalmente em relação aos membros que ocuparam o cargo principal, isto é, o de presidente, bem como à participação das mulheres, caracterizando-os, quando possível, quanto ao sexo, idade, estado civil, origem étnica e profissão na época em que foram eleitos. Verifica-se, também, a participação de italianos e descendentes de italianos.

Para uma melhor visualização desse conjunto de informações e visando auxiliar o seu processo de análise, o Quadro 6, a seguir, apresenta uma visão geral da estrutura organizativa da ACIB, isto é, seus conselhos diretor e fiscal, com os respectivos cargos e membros eleitos no período de 1958 a 1968.

³⁶ Na realidade não era o casal que era presidente, apenas o sr. Ede Carneiro.

Quadro 6 - Membros do Conselho Diretor e Fiscal da ACIB (1958-1968)

CARGO	ANO	1958	1960	1965	1967³⁷	1968
Presidente		Ennio do Valle	Antônio Caringi	Victorino Piccinini	Edison Vignoli	Ede C. Carneiro
1º Vice-Presidente		Cesare A. Giacobbe	Carlos Camorali		Martino Orengo	Mario Pianalto
2º Vice-Presidente		Mario Pianalto	Nilton S. Pereira		Fernando Freitas	
1º Secretário		Luigi Scattolin	Isaac Piltcher		Milvo Santi	Rubilar Cardoso
2º Secretário		Eunice do Valle	Mario Pianalto		Rubilar Cardoso	
1º Tesoureiro		Carlos G. Sica	Nicola Caringi		Nestor Cazzetta	Victor Bergoglio
2º Tesoureiro		Vittorio Bergoglio	Eraldo Giacobbe		Giuseppe Barbuzza	
Diretor Depto. Cultural		Vicente Russomano	Luigi Scattolin		Giovanni Baruffa Antônio Caringi	
Diretor Depto. Social e Recreativo		Noris M. Mazza	Lisete P. Vieira Noemi O. Caringi			
Diretor Depto. Patrimonial		Lisete P. Vieira	Victor Petrucci			
Conselho Fiscal		Jaime G. Wetzel Paulo Cortelari Geraldo Mazza Suplentes: Mario Lorea Emilio Mantelli	José Luiz Caputo Vittorio Bergoglio Paulo Cortelari		Mario Pianalto Angelo Frattini Sergio Sammicheli	
Consultor Jurídico		-	Vicente Russomano	--	-	-

Fontes: Elaborado pela autora com base nos dados compilados da pesquisa.

Em relação aos presidentes, a princípio, a única característica em comum era a de serem todos casados. O primeiro deles, o capitão de corveta da Marinha Ennio Moura do Valle (1927-2012), nascido em Porto Alegre em 6 de março de 1927, em 1958, aos 31 anos, era o delegado da Capitania dos Portos de Pelotas (DELEGADO..., 1958). O segundo presidente, o escultor e professor Antônio Caringi³⁸ (1905-1981), tinha 54 anos de idade na época, era filho de italianos, nascido em Pelotas em 25 de

³⁷ Cabe salientar que no documento que contém a lista dos componentes da diretoria eleita no dia 7 de abril de 1967 (ACIB, [1967?]), do qual foram extraídas essas informações, aparecem três nomes riscados à mão: Luigi Segurini e Mario Panarella, respectivamente, 1º e 2º secretários, e Antonio Parisi, diretor cultural. Ao cruzar essas informações com as constantes na última folha do Estatuto da ACIB (1958d) e no extrato do mesmo Estatuto publicado no Diário Oficial do RS (RIO GRANDE DO SUL, 1967), verifica-se que esses nomes foram substituídos. Assim sendo, os mesmos não foram incluídos no Quadro 4.

³⁸ Antônio Caringi, ver capítulo 5.1.2 (nota de rodapé 23).

maio de 1905. O professor da Universidade Católica de Pelotas, Victorino Piccinini³⁹ (1927-2016) foi o terceiro presidente da ACIB, nascido em 27 de abril de 1927, assumiu o cargo aos 38 anos de idade. O general Edison Bastos Vignoli⁴⁰ (1907-1993), quarto presidente da ACIB, já estava na reserva do Exército desde 1963 (TRANSFERIDO..., 1963) quando assumiu o cargo, aos 59 anos de idade; nascido em Rio Grande em 17 de outubro de 1907, era neto do italiano Giuseppe Luigi Vignoli, natural de Florença (VIGNOLI, 2012). O quinto e último presidente da ACIB (SIP, 1992), o economista Ede Carneiro (1923-2010), tinha 45 anos quando assumiu o cargo; nascido em Pelotas em 16 de fevereiro de 1923, de acordo com sua filha, Maria de Fátima Wickert (2019), *“era gerente geral da Companhia Fábio Bastos, uma empresa de implementos agrícolas”*. Sua filha ainda conta que *“ele não tinha antepassados italianos, eram portugueses e espanhóis”*. Sua mãe, *“Therezinha do Menino Jesus Zanotta Carneiro é que era descendente de italianos e mantinha muito viva a cultura italiana”* (WICKERT, 2019).

Dessa maneira, considerando-se o cargo de presidente, é possível afirmar que somente entre estes foram identificadas patentes militares, uma do exército e outra da marinha; além da participação de dois professores. Quanto à origem étnica, pode-se confirmar a participação de, no mínimo, três descendentes de italianos – Caringi, Piccinini e Vignoli –, podendo chegar a quatro, caso se confirmasse que Ennio do Valle⁴¹ também o fosse. Em relação à idade desses presidentes quando eleitos para o cargo, o mais jovem, Ennio do Valle, tinha 31 anos, enquanto o mais idoso, Edson Vignoli, tinha 59 anos, sendo a média equivalente a 45 anos.

A ACIB, como visto, não contou com a presença de mulheres no cargo de presidente, tampouco no Conselho Fiscal. Dos dez cargos que compunham o Conselho Diretor, elas ocuparam apenas três: 2ª secretária, diretora do departamento

³⁹ **Victorino Piccinini** foi professor de Língua Portuguesa e Latim na UFPel e na UCPel, nesta atuou administrativamente como vice-reitor, diretor da Faculdade de Filosofia e coordenador do curso de Letras; naquela, foi um dos fundadores do curso de Letras (UCPEL, 2016; UFPEL, 2016).

⁴⁰ **Edison Vignoli**, filho do segundo-tenente da marinha, Dante José Luis Natale Vignoli, estudou no Colégio Militar de Porto Alegre - CMPA, formando-se em 1930 (VIGNOLI, 2012); de 1960 a 1963, como Coronel, foi comandante do 9º Regimento de Infantaria, também conhecido como Regimento Tuiuti, em Pelotas (BENTO; GIORGIS, 2001); em 1963, a pedido, foi transferido para a reserva, e em 1979 foi reformado como General de Divisão (TRANSFERIDO..., 1963; VIGNOLI, 2012). Em 1972, ingressou na UFPel como Auxiliar de Ensino, lotado no Instituto de Ciências Humanas, tendo sido dispensado em 1973, em virtude de acumular as funções de Superintendente Administrativo e chefe da Assessoria Especial de Segurança e Informações (AESI) da UFPel, que era ligada ao Serviço Nacional de Informações (SNI) (FERREIRA, 2017).

⁴¹ O sobrenome Valle pode ter origem italiana, espanhola, ou até mesmo francesa.

social e recreativo, e diretora do departamento patrimonial, mesmo assim, somente nas duas primeiras gestões. Ao que parece, algumas funções eram reservadas só para os homens, e os cargos ocupados pelas mulheres tinham relação com secretaria, organização de eventos sociais e manutenção do patrimônio. De qualquer forma, percebe-se que houve uma evolução em relação às antigas sociedades italianas, que eram constituídas apenas por homens, tanto no seu quadro social, quanto no seu quadro de dirigentes.

Do total de 36 membros que compuseram esses conselhos, houve somente quatro participações femininas, sendo que duas delas eram as esposas dos presidentes à época. Eunice Tschiedel do Valle (1928) era esposa de Ennio Moura do Valle e ocupava o cargo de 2ª secretária em 1958, enquanto Noemi de Assumpção Osório Caringi⁴² (1914-1993) era esposa de Antônio Caringi e, em 1960, tinha a função de Diretora do Depto. Social e Recreativo da ACIB, junto à Lisete Petrucci Vieira. Nórís Moreira Mazza⁴³ (1923-2001), casada com Rafael Dias Mazza⁴⁴, em 1958 ocupou o cargo de Diretora do Depto. Social e Recreativo da ACIB. Lisete Petrucci Vieira (1920-1998) também nasceu em Pelotas, ocupou os cargos de diretora do Depto. Patrimonial, em 1958, e do Depto. Social e Recreativo da ACIB, em 1960. Na época, segundo sua filha Liette Petrucci Vieira (inf. verbal), Lisete era professora do ensino primário no colégio Pedro Osório e do CAVG, e em 1961 começou a trabalhar como costureira.

E ainda, desses 36 membros, foi possível identificar a participação de 9 italianos (25%), e ao menos 15 descendentes de italianos (41%), totalizando 24 membros (66%) entre italianos e descendentes de italianos. Entre os primeiros se encontravam Angelo Frattini, Cesare Augusto Giacobbe, Eraldo Giacobbe, Giovanni

⁴² A poetisa **Noemi Caringi** – conhecida pelo apelido de Mimi –, nasceu em Pelotas, onde se casou com Antônio Caringi em 1942, era filha de Fernando Luís Osório Filho e Francisca Augusto de Assumpção, e neta do senador Joaquim Augusto de Assumpção.

⁴³ **Nórís Moreira Mazza**, nascida em Pelotas, era filha do charqueador Carlos Viana Moreira e de Amélia da Silva Tavares (ROCHEDO, 2019).

⁴⁴ **Rafael Dias Mazza** era irmão de Geraldo Dias Mazza, membro do Conselho Fiscal em 1958, ambos eram filhos de Raffaele Gaetano Mazza, natural de Nápoles, na região da Campânia, que se tornou Rafael Caetano Mazza depois que imigrou para o Brasil (ROCHEDO, 2019). O comendador Rafael [Caetano] Mazza, “conceituado comerciante desta cidade, e um dos mais conspícuos representantes da colônia italiana aqui radicada” foi convidado para a recepção que o presidente da Itália, Giovanni Gronchi, e sua esposa ofereceram no Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro – capital federal à época –, por ocasião da sua visita ao Brasil, em setembro de 1958 (A VISITA..., 1958). Em 1960, o cônsul geral da Itália no RS, Domenico Bochetto, inaugurou o busto em bronze do comendador, na colônia Mazza, obra feita pela jovem escultora Branquinha Mazza, sob orientação de Antônio Caringi (EM PELOTAS..., 1960). Esta charqueada foi comprada por Rafael Dias Mazza na década de 1950 e dada como presente à esposa Nórís (ROCHEDO, 2019).

Baruffa, Giuseppe Barbuzza, Luigi Scattolin, Mario Pianalto, Martino Orengo e Vittorio (Victor José) Bergoglio. Este último participou de três gestões da ACIB, ocupando os cargos de 1º e 2º tesoureiro, e membro do Conselho Fiscal; e, como foi visto, havia participado anteriormente da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi. Mario Pianalto foi o único que participou de todas as gestões da ACIB. Luigi Scattolin e Martino Orengo participaram do Conselho Diretor da ACIB enquanto eram os agentes consulares da Itália em Pelotas, sendo que o primeiro ocupou os cargos de 1º secretário e diretor do Departamento Cultural, e o segundo, de 1º vice-presidente.

No que diz respeito ao perfil social desses dirigentes, de forma geral, pode-se afirmar que era um grupo formado, na sua maioria, por homens brancos, italianos e descendentes de italianos, que ocupavam posições de destaque na sociedade pelotense, como militares, políticos, industriais, comerciantes, agentes consulares, professores, profissionais liberais etc.

Para entender as ações desse grupo, que só fazem sentido quando se considera a sociabilidade como pano de fundo, abordam-se, a seguir, as suas principais realizações de caráter educacional, cívico, cultural e social.

5.3 AS REALIZAÇÕES DA ACIB

Ao longo de sua existência, a ACIB realizou atividades de caráter educacional, cívico, cultural e social. Salienta-se que não se pretende abordar todas as realizações dessa Associação, mas sim dar ênfase àquelas que se considera que foram as mais significativas durante a sua trajetória, isto é, os cursos de língua italiana e as comemorações do aniversário da Proclamação da República Italiana, até porque, segundo o Histórico resumido do movimento da Associação, de 31 de janeiro de 1959: “À parte as aulas de italiano, a Associação não vem desenvolvendo outra atividade cultural. Espera-se que o interessamento [sic] da Embaixada da Itália chegue a fazer progredir a projeção cinematográfica” (ACIB, 1959a).

Além dessas atividades que se desenvolviam periodicamente, a ACIB também promoveu eventos culturais e sociais importantes, como a celebração do VII centenário de nascimento de Dante Alighieri, e organizou recepções a autoridades consulares que visitaram a cidade, que serão tratados no terceiro tópico desta seção.

No próximo tópico, portanto, entra-se no espaço de sociabilidade educacional da ACIB representado pelos seus cursos de língua italiana; e no tópico seguinte, entra-

se no espaço das comemorações do aniversário da Proclamação da República Italiana.

5.3.1 Os Cursos de Língua Italiana

Após uma grande lacuna, depois do fechamento da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi – última associação que manteve uma escola ítalo-brasileira –, a ACIB foi primeira associação italiana a oferecer cursos para o ensino da língua italiana em Pelotas, sendo esta uma das suas principais finalidades, conforme consta em seu estatuto (1958, art. 2º, § 2º). Apesar de a ACIB não se caracterizar como uma associação de mútuo socorro, esse fato corrobora a afirmação de Luchese, Kreutz e Gasparini Xerri (2014, p. 219) – que teve por base o Anuário das Escolas e das Instituições Culturais Italianas no Exterior de 1942 –, de que começou a haver, “por parte das Associações de Mútuo Socorro e de alguns colégios particulares, o oferecimento de cursos de Língua e Cultura Italiana, mas na modalidade de cursos e não mais na configuração escolar, como em décadas anteriores”.

A ACIB, por meio de seus cursos de língua italiana, atuava como uma instituição educativa para a difusão da língua e a formação da identidade étnica e linguística italiana dos descendentes desse grupo étnico na cidade de Pelotas, pois, como afirma Magalhães (2004, p. 53), as associações são instituições educativas de formação, visto que “geram uma afinidade e uma identidade cultural”. Além disso, funcionava como uma instituição educativa não escolar onde se desenvolviam práticas de educação não formal que tinham uma função claramente supletiva em relação à educação formal, ou seja, assumiam a tarefa de ensinar uma língua estrangeira que não era oferecida pelo sistema formal de ensino⁴⁵ (SEVERO, 2015; TRILLA BERNET, 2008).

Nesse sentido, mesmo se constituindo em um espaço de educação não escolar, conforme definição de Severo (2015), a ACIB possuía elementos de uma cultura escolar específica, os quais, segundo Julia (2001), seriam normas, disciplinas (cursos), professores, alunos, manual didático, rituais/festividades etc., que serão vistos na sequência.

⁴⁵ Durante a primeira república, segundo Leffa (1999), o italiano voltou a ser oferecido de forma facultativa na reforma de 1925, sendo retirado totalmente do currículo a partir de 1931, com a reforma de Francisco de Campos, já na segunda república.

Conforme o estatuto da ACIB (1958d, art. 38, parágr. único), competia ao Diretor da Seção Cultural “a superintendência dos cursos de língua italiana e outros que vierem a ser criados”. Os primeiros cursos oferecidos no primeiro semestre de 1958 foram de literatura e língua italiana, com as opções de serem diurnos ou noturnos, mistos ou apenas para “senhoras e senhorinhas” (ASSOCIAÇÃO..., 1958b), conforme anúncio a seguir divulgado na imprensa local:

Associação Cultural Ítalo-Brasileira

Comunica-se aos interessados que, do dia 3 a 20 do corrente mês, estarão abertas as inscrições para os cursos de literatura e língua italiana, a serem ministrados na sede própria à rua Sete de Setembro, 301-A, II andar.

Horário das inscrições:

das 17 às 18 horas nos dias úteis

das 10 às 11 horas aos sábados

Haverá cursos diurnos e noturnos. Cursos mistos. Curso para senhoras e senhorinhas.

A comissão (ASSOCIAÇÃO..., 1958b)

Em 28 de março de 1958 foi realizada a aula inaugural do Curso de Língua Italiana no Conservatório de Música, com palestra proferida pelo professor de literatura italiana da Universidade do Rio Grande do Sul⁴⁶, Angelo Ricci⁴⁷, intitulada “Interpretação da poesia atual italiana” (ASSOCIAÇÃO..., 1958e). O convite para a referida aula foi veiculado na imprensa conforme segue:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA

AULA INAUGURAL

A Associação Cultural Ítalo-Brasileira tem o prazer de convidar as exmas. autoridades civis, militares, eclesiásticas e educacionais, os srs. associados e o público em geral para assistirem à aula inaugural de seu Curso de Língua Italiana que será proferida hoje, dia 28 de março, às 20:30 horas, no Conservatório de Música, pelo eminente Prof. Angelo Ricci, Catedrático de Literatura Italiana da Universidade do Rio Grande do Sul, sobre o tema “Interpretação da poesia atual italiana”.

Ennio Moura do Valle

Presidente (ASSOCIAÇÃO..., 1958e)

Nesse ano as aulas iniciaram no dia 1º de abril (ATIVIDADES..., 1958). Já no segundo semestre do mesmo ano as aulas tinham início previsto para o dia 1º de agosto, quando foi oferecido um curso de língua italiana, ministrado pelo Dr. Luigi Scattolin, conforme anúncio a seguir.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA

⁴⁶ Depois passou a ser denominada Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

⁴⁷ Angelo Ricci também foi diretor do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de Porto Alegre em 1955 (*Diário de Notícias*, Porto Alegre: 1955, Edição 74).

Aulas de língua italiana

Informa-se que a partir do 1º de agosto p.v. iniciar-se-á um curso de língua italiana, ministrado pelo Dr. Luigi Scattolin.

As aulas serão à tarde, das 16 às 17 horas, às terças e quintas-feiras.

As matrículas estão abertas todos os dias úteis, de manhã das 9 às 11:30 e à tarde das 15 às 18 horas na sede da Associação à rua Sete de Setembro, 301-A, II piso (ASSOCIAÇÃO..., 1958f).

Em 1959, as matrículas para os cursos de italiano foram abertas no dia 2 de março e as aulas tiveram início no dia 16 do mesmo mês, quando foram oferecidos cursos de língua italiana para adultos e crianças, ministrados pelos professores Luigi Scattolin, Olga Scattolin e Rossana Giacobbe, e sendo veiculados por vários dias na imprensa local (ASSOCIAÇÃO..., 1959a, 1959b), conforme segue:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA

Continua aberta a matrícula para o curso de língua italiana em todos os dias úteis das 17 às 18h na sede à rua sete de setembro 301-A.

Os cursos serão assim divididos.

Curso infantil (alunos primários) ministrado pela Profª. Olga Scattolin

I Ciclo - ministrado pela Profª. Rossana Giacobbe

II Ciclo - Prof. Dr. Luigi Scattolin

As aulas terão início no dia 16 de março p.v. (ASSOCIAÇÃO..., 1959b)

No mês de abril do mesmo ano foi divulgado por três dias na imprensa local o curso referente ao 1º ano de língua italiana, ministrado pelo professor Luigi Scattolin, conforme anúncio a seguir:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA

Comunica aos interessados pelo curso de Língua Italiana, ministrado pelo professor Dr. Luigi Scattolin, que se acham abertas as inscrições para o 1º ano, na sua sede social, das 16 às 17 h, diariamente.

EVANGELINA VEIGA

Secretária Ad Hoc (ASSOCIAÇÃO..., 1959)

O aspecto mais importante a salientar a respeito desse anúncio é o fato de ele indicar que o curso oferecido era anual e não semestral.

Em 1960, a cerimônia de abertura dos cursos de língua italiana da ACIB, realizada no dia 23 de abril, contou com a presença do Cônsul Geral da Itália no Estado, Domenico Bocchetto, e de sua esposa (EM PELOTAS..., 1960). O cônsul veio a convite da Associação Cultural Ítalo-Brasileira e da Agência Consular da Itália nesta cidade, o “ilustre diplomata, que será acompanhado pela esposa, presenciará a abertura dos cursos de línguas na Associação Cultural Ítalo-Brasileira, ocasião em que pronunciará uma palestra sobre tema de atualidade na Itália”, no dia 23 de abril (EM PELOTAS..., 1960).

Na notícia, veiculada na imprensa local, constava que na “ocasião, serão entregues vários prêmios aos alunos que mais se distinguiram no ano passado” (EM PELOTAS..., 1960), enquanto que na Ordem do dia (ACIB, 1960) da cerimônia constava:

1. Apresentação autoridade
2. Ino (sic.) nacional brasileiro e ino (sic.) nacional italiano
3. Apresentação diretoria
4. Discurso Sr. Presidente e entrega placa lembrança
5. Entrega prêmios aos alunos
6. Concedida a palavra à aluna
7. Concedida a palavra ao prof. Scattolin
8. Convite ao Sr. Cônsul para proferir a sua aula
9. A palavra a quem quiser fazer uso
10. Cocktail
11. Agradecimento às autoridades e presente de flores à Senhora

Entretanto, nesse ano, não foi encontrado nenhum documento, anúncio ou notícia a respeito dos cursos oferecidos.

Alguns meses após a sua visita, o Cônsul Geral da Itália, Domenico Bocchetto, enviou uma correspondência à ACIB, datada de 10 de setembro de 1960, anexando “dois exemplares do programa dos cursos de língua e cultura italiana para estrangeiros, organizados pelo *Comitato di Roma della Società Nazionale Dante Alighieri*, para o ano acadêmico 1960/61, [e] comunicando que a direção dos cursos se colocou à disposição dos interessados para fornecer quaisquer informações que se façam necessárias” (CONSOLATO, 1960, tradução nossa⁴⁸).

Em 1961, além dos cursos de língua e literatura italiana, foi oferecido curso diurno feminino de conversação, curso noturno misto de gramática e conversação, curso noturno misto de literatura e conversação, ministrados pelos professores Dirce Lardi, Benito Guerrini e Luigi Scattolin (ASSOCIAÇÃO..., 1961), conforme segue:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA

RUA SETE DE SETEMBRO, 310-A

De ordem do Sr. Presidente em exercício comunico que se acham abertas as matrículas para os cursos de língua e literatura italianas, em todos os dias úteis das 17 às 19 horas.

Informo, outrossim, que haverá os seguintes cursos:

1. Curso diurno feminino de conversação italiana ministrado pela Sra. Prof. Dirce Lardi.

⁴⁸ No original: “*due esemplari del programma dei Corsi di lingua e cultura italiana per stranieri, organizzati dal Comitato di Roma della Società Nazionale Dante Alighieri, per l'anno accademico 1960/61, comunicando che la Direzione dei Corsi si è dichiarata a disposizione degli interessati per fornire tutte le ulteriori informazioni che dovessero essere richieste*”.

2. Curso noturno misto de gramática e conversação ministrado pelo Sr. Prof. Benito Guerrini.
 3. Curso noturno misto de literatura e conversação italianas, ministrado pelo Sr. Prof. Dr. Luigi Scattolin.
- Pelotas, em 23 de março de 1961.
O Secretário.

A partir de 1962 cessam as fontes documentais e jornalísticas a respeito dos cursos de língua italiana oferecidos pela ACIB, reforçando a ideia de que esses cursos teriam sido encerrados nesse período. Soma-se a isso o fato de que em maio de 1962 vários móveis da ACIB foram depositados na casa de Nicola Caringi Filho, entre eles “2 sofás pequenos, 2 sofás grandes, 10 cadeiras de braço, 1 quadro óleo, 1 tapete grande, 1 eletrola, 3 mesinhas, 1 álbum com 9 discos” (ACIB, 1962) etc., demonstrando, mais uma vez, que a partir dessa data a ACIB não dispunha mais de uma sede própria e, provavelmente, já não oferecia mais cursos de língua italiana.

Seis anos mais tarde, em 1968, há evidências de que a situação dos cursos ainda era a mesma, pois durante a reunião do Conselho Diretor da ACIB, realizada em 17 de junho (ACIB, 1968b), o agente consular da Itália em Pelotas, Martino Orengo “levou ao conhecimento da diretoria da ACIB, o oferecimento feito pelo Consulado Geral da Itália, de custear um professor para aulas de italiano”, ficando o referido agente consular encarregado de conseguir um Método Teórico Prático para ser utilizado nas aulas. Apesar disso, não se tem conhecimento de cursos de italiano oferecido por essa associação após essa data.

Com base nos dados apresentados, o Quadro 7, a seguir, relaciona os cursos oferecidos pela ACIB com os respectivos professores ministrantes nos anos de 1958, 1959 e 1961, pois, como já referido, não foram encontrados documentos referentes ao ano de 1960.

Analizando-se esses cursos, chama a atenção a sua variedade, abarcando desde língua, literatura, gramática e conversação; mas, principalmente, o oferecimento de cursos voltados para o público infantil, feminino e misto. Neste aspecto, entende-se a necessidade didático-pedagógica de um curso específico para crianças; mas o oferecimento de cursos femininos talvez seja reflexo de uma época em que a coeducação⁴⁹ era desestimulada até por iniciativa governamental, como no caso das “Leis Orgânicas do Ensino”, de iniciativa do ministro da educação Gustavo

⁴⁹ Também conhecida como educação mista ou ensino misto, ou seja, homens e mulheres compartilhando um mesmo espaço físico.

Capanema, em 1942, citadas por Amaral (2003). Enfim, a prática de separação por gênero é um primeiro aspecto da cultura escolar dessa Associação.

Quadro 7 - Relação dos cursos oferecidos pela ACIB e professores ministrantes (1958-1959-1961)

ANO	NOME DO CURSO	PROFESSOR
1958/1	Língua e literatura italianas	Cesare A. Giacobbe
	Língua e literatura italianas	Luigi Scattolin
1958/2	Curso de língua italiana	Luigi Scattolin
1959	Curso infantil (alunos primários)	Olga Scattolin
	1º ano do curso de língua italiana	Luigi Scattolin
	I Ciclo do curso de língua italiana	Rossana Giacobbe
	II Ciclo do curso de língua italiana	Luigi Scattolin
1961	Curso diurno feminino de conversação	Dirce Lardi
	Curso noturno misto de gramática e conversação	Benito Guerrini
	Curso noturno misto de literatura e conversação	Luigi Scattolin

Fontes: Elaborado pela autora com base nos dados compilados da pesquisa.

Ainda no mesmo Quadro 7 estão identificados os professores que ministravam esses cursos, os quais serão tratados na sequência.

5.3.1.1 Os professores e professoras

Outro importante constituinte da cultura escolar e que deve ser considerado na sua análise é o professor. Nesta seção, portanto, busca-se “dar visibilidade aos diversos sujeitos que participa[ra]m da cultura escolar” desta associação, notadamente, aos professores (FARIA FILHO et al, 2004, p. 155); bem como conhecer como e segundo quais critérios foram recrutados (JULIA, 2001).

Uma das primeiras deliberações do Comitê Provisório, em fevereiro de 1958, foi a publicação, na imprensa local, da abertura do período de inscrições para seleção de professores de língua italiana (ASSOCIAÇÃO..., 1958), conforme segue

Professores do Idioma Italiano

O Comitê Provisório aceitará, no corrente mês, a inscrição de professores para o ensino do idioma italiano. Os interessados deverão apresentar

documentos que provem sua habilitação, títulos e demais elementos que permitam aferir a sua capacidade intelectual e didática.

As inscrições serão recebidas até o dia 20 de fevereiro, na sede da Associação, na rua Sete de Setembro, 301-A, 2º andar, no horário de 17 às 18 horas.

No mês seguinte, por meio de anúncio publicado no *Diário Popular*, pôde-se verificar que haviam sido selecionados dois professores: Luigi Scattolin, catedrático de literatura e língua italiana da Faculdade Católica de Filosofia, e Cav.⁵⁰ Cesare Augusto Giacobbe (ATIVIDADES..., 1958b). O mesmo anúncio ainda informava que as aulas de língua e literatura italianas, divididas em 1ª e 2ª séries, seriam dadas pelo método direto.

Este último aspecto é corroborado pelo relato da ex-aluna do professor Scattolin, Olga Maria Dias Ferreira (2019) – na época Olga Maria Bainy –, que afirma que *“o método era direto, conversação, ele falava em italiano e a gente tinha que responder, [...] de regra o diálogo era na própria língua”*. Nessa abordagem metodológica⁵¹, segundo Leffa (1999, p. 8), é criado um ambiente monolíngüístico e o processo de ensino-aprendizagem é baseado apenas na língua alvo, a língua materna do aluno nunca é usada em sala de aula, ou seja, é *“o ensino da língua através da própria língua”*.

Sobre o professor Scattolin, Olga Maria Dias Ferreira (2019) ainda lembra que *“as aulas eram muito interessantes, porque o prof. Scattolin era uma pessoa muito interessante, ele motivava muito, a gente ia na aula e tinha vontade que viesse a próxima, sabe aquele curso que tu vais com vontade?!”* Já Maria Adelina Sica Gastaud (2019), que foi sua aluna durante quatro anos, três dos quais na ACIB, relata o seguinte: *“aprendi muito, muito mesmo, porque ele era maravilhoso. O que eu posso dizer dele? Era inteligente, capaz, com cultura”*. Maria Regina Petrucci (2021), que foi sua aluna por dois anos, em 1958 e 1959, diz: *“o curso era muito legal, eu gostava muito das aulas do Scattolin”*.

Por ocasião do falecimento de Luigi Scattolin, a professora Heloísa Gomes Lopes (1987, grifos no original), que foi sua aluna na UCPel, publicou uma crônica em

⁵⁰ Cav.: abreviatura do título honorífico *Cavaliere* (Cavaleiro), atribuído pelo Presidente da República italiana.

⁵¹ O método direto foi introduzido no âmbito da escola no Brasil, em 1931 – 30 anos depois de sua implementação na França –, com a reforma de Francisco de Campos, tendo sido recomendado também na reforma de Capanema, em 1942 (LEFFA, 1999, p. 8).

sua homenagem na qual revela como era esse professor e como eram as suas aulas de italiano:

Homem culto que era, apaixonado por sua terra, sua língua, seu povo, transmitia, com ardor e veemência, esses sentimentos de nacionalidade, admiração e amor, tornando o aprendizado da língua e literatura italianas “un piacere sempre rinnovato” e “troppo interessante”. Rígido, exigente, buscava a perfeição e não aceitava as coisas pela metade. Era assim com ele mesmo, com a família e com os alunos.

Muitas coisas me ficaram, me impressionaram e me cativaram no “professor Luigi Scattolin”. Demonstrava na fisionomia “il suo stato d’animo”. “Si era contento” ou “si era triste”. Sua voz era o reflexo do seu interior. Quando brabo, exacerbava-se. Quando alegre, sorridente, eufórico, declamava, com emoção, poesias italianas. Contava histórias sobre “Venezia”. Empolgava-se com Dante Alighieri.

Certa vez, lembro-me como se fosse hoje, faltou luz de repente. E os alunos começaram a agitar-se, porque o corte havia sido geral. E ele, calmo, tranquilo, voz suave, mansamente começou a discorrer sobre as maravilhas da Itália, em especial sobre “Venezia” e os Alpes, enfim “a parlare del suo paese”. Silêncio total. No escuro, só sua voz, mansa e apaixonada, parecia sussurrar... Foi esta minha primeira viagem à Itália...

O professor Luigi Scattolin ministrou, entre outros, o I ano do curso de língua italiana que ocorria às terças e quintas-feiras, das 17 às 18h. Na sua caderneta de chamada (Figuras 12 e 13) fez o registro do conteúdo da primeira aula, ocorrida no dia 1º de abril de 1958: “*lezione introduttiva – suoni – nomenclatura*”, e da presença dos alunos – 20 no total – somente nos três primeiros dias de aula, isto é, nos dias 1º, 8 e 10 de abril.

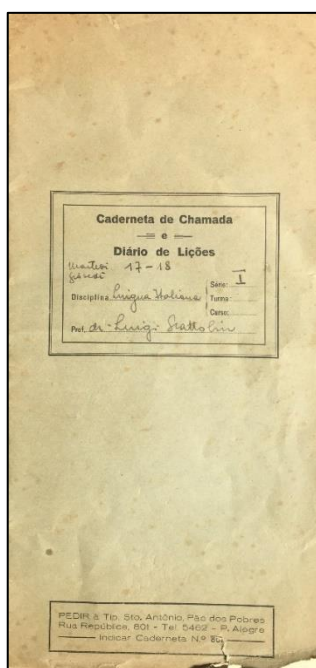


Figura 12 - Caderneta de Chamada e Diário de Lições do prof. Luigi Scattolin, 1958.
Fonte: Acervo ACIP. Reprodução da autora.

Disciplina: _____		Série: _____	Turma: _____	Aulas Previstas: _____	Aulas dadas: _____	Mês de: <u>abril</u>	de 19 <u>58</u>							
N.º	NOTAS	TOTAL DAS FOLHAS										DATA DA AULA	MATÉRIA LECIONADA	OBSERVAÇÕES
1	1	1	1										Revisão nitroductiva	linilbattolici
2	1	1	1										nom - nomenclatura	
3	1	1	1											
4	1	1	1											
5	1	1	1											
6	1	1	1											
7	1	1	1											
8	1	1	1											
9	1	1	1											
10	1	1	1											
11	1	1	1											
12	1	1	1											
13	1	1	1											
14	1	1	1											
15	1	1	1											
16	1	1	1											
17	1	1	1											
18	1	1	1											
19														
20														
21														

Figura 13 - Registro da primeira aula do prof. Luigi Scattolin na Caderneta de Chamada e Diário de Lições do curso de língua italiana, 1958.

Fonte: Acervo ACIP. Reprodução da autora.

Olga Maria Dias Ferreira (2019) relata também sobre os recursos disponíveis nas aulas: *“não tinha recurso audiovisual, ele usava muito o quadro negro e tinha um livro que a gente seguia, mas ele enriquecia a aula com muitos diálogos, e todos gostavam e aprendiam”*. Em relação ao manual didático utilizado pelo professor Luigi Scattolin nos cursos de italiano da ACIB, a única referência veio de seu ex-aluno, Leonardo Caringi (2019), que, ao mostrar um livro (Figura 14), durante a sua entrevista, disse o seguinte: *“acho que era este o livro-texto das aulas com o prof. Scattolin”*. O referido livro é o manual *La lingua italiana insegnata agli stranieri* (A língua italiana ensinada aos estrangeiros), um método teórico-prático de autoria da professora Armida Roncari em colaboração com o professor Carlo Brighenti. Possui 255 páginas e foi lançado em 1940 pela editora italiana *Casa Editrice A. Mondadori*, sendo que esta que se vê na Figura 14 é a sua XIV edição, impressa nas oficinas gráficas veroneses do editor Arnoldo Mondadori, em 1957. A ex-aluna Olga Maria Dias Ferreira (2019) confirmou que usou o mesmo livro quando foi aluna do prof. Scattolin.

Leonardo Caringi (2019), continuando seu relato, acrescenta o seguinte: *“tem aqui o nome das minhas duas irmãs, mas eu acho que esse livro era meu, porque as primeiras lições estão preenchidas com a minha letra, deve ter sido em 1960”* (Figura 15). Vale lembrar que as irmãs de Leonardo, Antônia e Fernanda Caringi, também frequentaram os cursos de italiano promovidos pela ACIB na mesma época (APÊNDICE H).

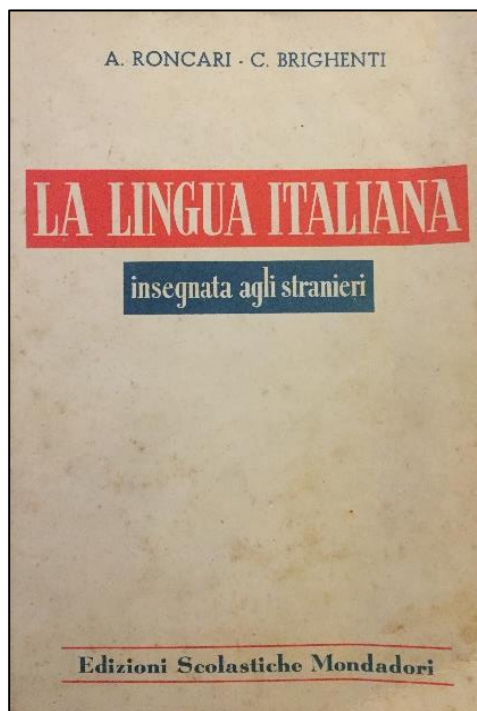


Figura 14 – Capa do manual didático: *La lingua italiana insegnata agli stranieri*
 Fonte: Acervo de Leonardo Caringi. Reprodução da autora.

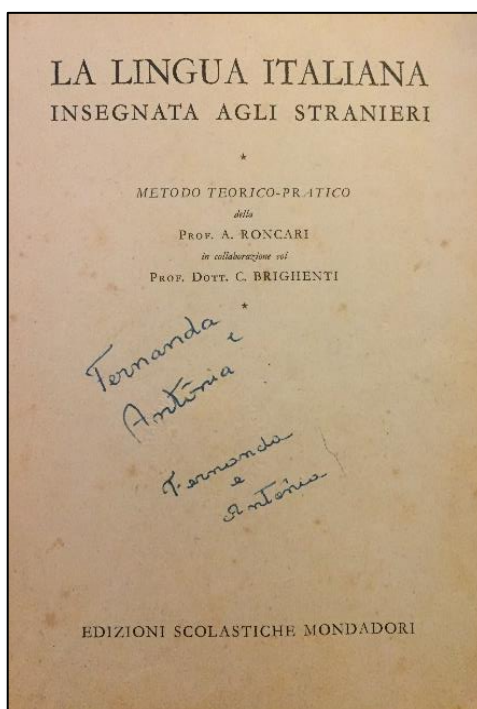


Figura 15 – Primeira folha do manual didático: *La lingua italiana insegnata agli stranieri*
 Fonte: Acervo de Leonardo Caringi. Reprodução da autora.

No que diz respeito à memória desses ex-alunos, os depoimentos trouxeram, segundo Pollak (1992), memórias de acontecimentos, pessoas e lugares que foram vividos diretamente por eles.

O professor Cesare Augusto Giacobbe ministrou aulas de “Língua e literatura italianas” na ACIB no ano de 1958. Além disso, conforme o caderno “Cursos de Italiano” (ACIB, [1959]), ele tinha três turmas de 2º ano, provavelmente no ano de 1959, que funcionavam as terças e sextas-feiras, das 17 às 18h; às segundas e quintas-feiras, das 20 às 21h; e outra que não constava os dias da semana, das 9 às 10h. Giacobbe, como foi mencionado, era italiano de Vercelli, na região do Piemonte, nasceu em 3 de dezembro de 1905, portanto, tinha 52 anos quando começou a lecionar na ACIB. Ele também foi um dos seus sócios fundadores, como já mencionado na seção 5.1.2.

A professora Olga Piasentin Scattolin nasceu em 3 de fevereiro de 1923 em Veneza, na Itália, onde, aos 17 anos, diplomou-se em magistério pela *Scuola Magistrale Principessa Mafalda*, obtendo o *Diploma di Abilitazione all'insegnamento nelle Scuole del Grado Preparatorio*⁵² (ITALIA, 1940). Em seguida, casou-se com Luigi Scattolin, com o qual veio para o Brasil, em 1948, em companhia da família deste (BRASIL, 1948e; SANTOS, 2021). Em Pelotas, em 1959, ministrou o “Curso infantil” para alunos primários na ACIB.

Sobre as professoras Rossana Giacobbe e Dirce Lardi, sabe-se que ambas eram italianas e casadas com sócios fundadores da ACIB. Rossana Giacobbe, que ministrou o I Ciclo do curso de língua italiana, em 1959, era casada com Cesare Augusto Giacobbe (LARDI, 2021). Dirce Lardi ministrou o “Curso diurno feminino de conversação” em 1961. Segundo Marisa Lardi (2021), Dirce era professora primária na Itália, casou-se com seu tio, Tito Lardi, vindo para o Brasil, onde “tiveram uma filha aqui em Pelotas, a Francesca [...], e acabaram voltando para a Itália” (LARDI, 2021).

A respeito do professor Benito Guerrini, nascido em 3 de janeiro de 1938, em Zanica, província de Bérgamo, na região da Lombardia, Itália (LISTA..., 1992, p. 3), quase nada foi encontrado, além do fato de ter ministrado o curso noturno misto de gramática e conversação, em 1961.

Diante do acima exposto, percebe-se que ao longo da trajetória dos cursos de italiano da ACIB todos os professores e professoras eram italianos(as), dessa maneira, pode-se inferir que este fosse um dos critérios de seleção dos professores. Havia também um equilíbrio de gênero entre eles, foram três professores e três professoras, sendo que os cursos noturnos eram ministrados por eles, enquanto os

⁵² Diploma de Habilitação para o ensino nas Escolas de Grau Preparatório.

cursos feminino e infantil eram ministrados por elas, conforme mostrado anteriormente no Quadro 7. Por último, e não menos importante, com exceção de Benito Guerrini, todos possuíam vínculos (ou eram eles próprios) com os sócios fundadores.

5.3.1.2 Os alunos e alunas

Como foi visto, a ACIB era uma associação aberta, ou seja, não havia um fechamento étnico, dela podiam participar qualquer pessoa, independente da sua etnia. Da mesma forma também os cursos de língua italiana por ela oferecidos podiam ser frequentados por não descendentes de italianos e por não sócios, desde que admitidos pelo Conselho Diretor e mediante o pagamento de uma mensalidade de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros); enquanto que os sócios tinham desconto de 25% sobre esse valor, ficando em Cr\$ 150,00⁵³ (cento e cinquenta cruzeiros) a sua mensalidade (ACIB, 1958d, art. 46, § 2º). Assim, a maioria dos alunos que participaram desses cursos, ou era associado, como Maria Adelina Sica Gastaud e Noemi Osório Caringi; ou era dependente de um associado, como o caso de Antônia, Fernanda, Leonardo, que eram filhos de Antônio Caringi; Maria Regina Petrucci, que era filha de Lourenço Petrucci; Therezinha de Jesus Nascimento Russomano, esposa de Clóvis Russomano; Lucy Diehl, esposa de Fernando Sperini, só para citar alguns.

Como referido anteriormente, havia uma intensa atividade associativa étnica em Pelotas e algumas destas associações ofereciam cursos do idioma respectivo, tais como a Associação de Cultura Franco-Brasileira (*Alliance Française*), o Centro Cultural Brasileiro-Norte-Americano e o Centro Cultural Brasileiro Alemão. Algumas das ex-alunas da ACIB também estudaram francês e inglês.

Os cursos funcionaram ao longo do ano de 1958 com aproximadamente 66 alunos no total, chegando a 80 em 1959 (APÊNDICE H), atraindo crianças, jovens e adultos descendentes de italianos⁵⁴ e de outras etnias. Alguns dos motivos que levaram esses alunos a frequentarem os cursos de língua italiana na ACIB foram revelados por meio de suas entrevistas. Em alguns casos, verificou-se o que talvez fosse um “resgate” étnico, por meio do aprendizado da língua italiana por parte dos

⁵³ Em valores atualizados, Cr\$ 150,00 e Cr\$ 200,00 corresponderiam, respectivamente, a R\$ 76,42 e R\$ 101,90. Ver nota de rodapé 9 em 5.1.2.

⁵⁴ Alguns sobrenomes italianos dos alunos: Caringi, Gentilini, Pastorino, Petrucci, Rizzolo, Sica.

descendentes de italianos. Em outros, apenas o desejo dos pais em formar uma identidade étnica e linguística italiana nos seus descendentes.

Tais fatos corroboram a afirmação de Vedovelli (2011), de que para as novas gerações, o italiano assume características de língua estrangeira, um objeto de desejo de uma renovada identidade, que foi e continua sendo um objeto de conquista por parte dos imigrantes italianos e de seus descendentes, não um patrimônio presente intrinsecamente na sua bagagem cultural e linguística.

O caso do ex-aluno Leonardo Caringi e de suas duas irmãs, Antonia e Fernanda, por exemplo, nota-se um claro interesse de seu pai – o escultor Antonio Caringi, filho de italianos – em transmitir a italianidade de seus antepassados por meio da língua, como se pode verificar pelo seu depoimento: *“Eu fui aluno do prof. Scattolin na Associação, mas eu era muito pequeno, tinha uns 9 ou 10 anos, estudei por pouco tempo, fui a poucas aulas, na verdade eu fui porque meu pai me matriculou”* (CARINGI, 2019). Apesar disso, o objetivo de seu pai parece ter sido alcançado, visto que Leonardo continuou os estudos da língua italiana, inclusive, indo estudar na Itália.

Maria Regina Petrucci (2019), durante o seu depoimento, não lembrava o motivo pelo qual começou a estudar italiano na ACIB quando tinha uns 12-13 anos de idade. Entretanto, quando foi surpreendida pelo fato de que seu pai havia sido um dos sócios fundadores da ACIB, logo se deu conta de que provavelmente tenha sido por vontade dele que ela começou a estudar italiano na Associação. Contudo, da mesma forma que Leonardo Caringi, depois que terminou o curso na ACIB, Maria Regina continuou seus estudos de italiano com a professora Linda Carnevale.

No depoimento da ex-aluna Maria Adelina Sica Gastaud (2019), que tinha 23 anos quando começou a estudar italiano na ACIB, compreende-se os motivos que a levaram a estudar italiano: *“eu queria por causa dos Sica, mas eu sempre gostei muito de línguas”*, referindo-se ao sobrenome do seu bisavô, Salvatore Sica, que nasceu na Itália.

Percebe-se que o gosto pelas línguas também foi um dos motivos para que Maria Adelina começasse a estudar italiano e depois se tornasse professora de inglês, assim como a ex-alunas Aglae Simões Lopes Gastal, Maria Laura Maciel Alves, Olga Maria Bainy e outras, que se tornaram professoras de francês, português, latim.

Olga Maria Dias Ferreira (2019) tinha 21 anos de idade quando frequentou o curso junto a seu marido na época, o jornalista e advogado Elias Bainy, sendo que

nenhum dos dois era descendente de italianos. Ela relata o que fazia na época e os motivos que a levaram a fazer o curso:

Estava estudando na época. Entrei para a faculdade em 56, fiz a licenciatura em 59 e fui ser professora de Português e Latim, porque fiz o curso de Letras Clássicas na Católica. Eu sempre me dediquei muito a essa área, então o italiano me atraía muito e foi isso que me levou a fazer o curso lá, fora isso, eu conhecia o prof. Scattolin, aliás, a cidade inteira o conhecia, ela era muito popular, muito simpático. Depois fiz Direito, Filosofia, Pedagogia, e completei com a Psicologia (FERREIRA, 2019).

Como visto, a ACIB se constituiu como um espaço onde se desenvolviam práticas de “educação não formal” (SEVERO, 2015) que tinham uma função claramente supletiva em relação à “educação formal” (TRILLA BERNET, 2008), ou seja, assumindo a tarefa de ensinar uma língua estrangeira que não era oferecida pelo sistema formal de ensino⁵⁵. Tais práticas educativas, mais do que um mero suplemento à educação escolar, apresentaram “evidentes vantagens na consolidação das trajetórias escolares e profissionais desses alunos” (PALHARES, 2009, p. 63), como foi demonstrado.

Além disso, por meio dos seus cursos de língua italiana, a ACIB se constituiu como mais um espaço de sociabilidade educacional na cidade de Pelotas, não apenas para os sócios e descendentes de italianos, mas também para não sócios e descendentes de outros grupos étnicos. Dessa maneira, somou-se a outras instituições que ofereciam cursos de língua estrangeira na mesma época, tais como a Aliança Francesa, o Centro Cultural Brasileiro-Norte-Americano, o Centro Cultural Brasileiro Alemão etc.

5.3.2 As comemorações do aniversário da proclamação da República Italiana

As comemorações de datas cívicas do calendário italiano, tal como foi visto no capítulo anterior, fazem parte das atividades das associações étnicas italianas em Pelotas desde o século 19. Conforme destacou Escolano Benito (2017, p. 82), “o

⁵⁵ Durante o império, os alunos do ensino secundário estudavam no mínimo quatro línguas, às vezes até seis, sendo duas clássicas – grego e latim – e quatro modernas – francês, inglês, alemão e italiano –, sendo a língua italiana oferecida de forma facultativa (LEFFA, 1999). Durante a primeira república, segundo o mesmo autor, o italiano voltou a ser oferecido somente na reforma de 1925, mas também de forma facultativa, sendo retirado totalmente do currículo a partir de 1931, com a reforma de Francisco de Campos, já na segunda república.

mundo da vida é um arquipélago de ritos, entre cujas ilhotas e mares circulam os indivíduos que se educam e ao mesmo tempo se socializam” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 82). Assim, as comemorações da ACIB se inserem nesse arquipélago de ritos que educam e ao mesmo tempo funcionam como espaços de sociabilidade.

Tais ritos são considerados como elementos que integram a cultura “escolar” dessa Associação, do mesmo modo que a cultura da escola, do ponto de vista prático, segundo Escolano Benito (2017, p. 77), “é uma cadeia de rituais interativos, imersa, por sua vez, no arquipélago dos ritos que se insere no mundo da cotidianidade, seu contexto”, possuindo, portanto, um forte caráter ritual. E do mesmo modo, ainda, que a cultura escolar, enquanto conjunto de aspectos institucionalizados, inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos (VIÑAO FRAGO, 1995), ou seja, a cultura escolar é a história cotidiana do fazer escolar.

Ademais, no caso dos rituais cívicos, Bittencourt (2009, p. 46) ressalta que eles “merecem uma interpretação que ultrapasse a questão interna da organização escolar”, dentro da perspectiva da “invenção das tradições” de Hobsbawm (2008). Este autor considera “que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (HOBSBAWM, 2008, p. 12).

Quase todos os ritos, conforme assinalou Edmund Leach, citado por Escolano Benito (2017, p. 78), “implicam um processo de ‘passagem’ de uma situação a outra”. No caso da Itália, por exemplo, o rito de passagem se efetiva na mudança da condição de monarquia para república, em 2 de junho de 1946, data do referendo institucional que

foi carregada de um excepcional significado histórico e cultural. Proclamada por força do voto de 2 de junho, a república dos italianos parecia dispor de um evento graças ao qual poderia construir um mito de fundação compartilhado para representar no aniversário do nascimento (RIDOLFI, 2003, p. 124, tradução nossa⁵⁶).

Dessa maneira, a Itália consagrou o dia 2 de junho como a data de fundação da República, que foi declarada feriado nacional, oficialmente, em 1949⁵⁷;

⁵⁶ No original: “Nel 1946 la data del referendum istituzionale fu caricata di un eccezionale significato storico e culturale. Proclamata in forza del voto del 2 giugno, la Repubblica degli Italiani sembrava disporre di un evento grazie a cui poter costruire un condiviso mito di fondazione da rappresentare nell’anniversario della nascita”.

⁵⁷ Conforme a Legge 27 maggio 1949, n. 260. Disposizioni in materia di ricorrenze festive. Pubblicata nella Gazzetta Ufficiale 31 maggio 1949, n. 124.

reconsagrou a Bandeira Nacional, a tricolor, como principal símbolo nacional do Estado; e o *Canto degli Italiani*, mais conhecido como Hino de Mameli, como hino oficial da República (RIDOLFI, 2003), pois, conforme assinalou Silva (2000), é essencial a fixação de símbolos identitários nacionais, como mitos fundadores, hinos, bandeiras etc.

A principal celebração da Festa da República na Itália acontece em Roma, com a deposição, pelo presidente da República, de uma coroa de louros no Altar da Pátria, em homenagem ao Soldado Desconhecido, e um desfile militar com a apresentação das *Frecce Tricolori* (Flechas Tricolores), isto é, a *esquadrilha da fumaça* italiana. Na ACIB, essa celebração foi realizada por vários anos – muitas vezes em parceria com a Agência Consular –, com uma sessão cívica para a qual eram convidadas autoridades civis, militares, eclesiásticas, consulares e educacionais, além de alunos, associados, a “colônia” italiana e simpatizantes, sendo que, frequentemente, era oferecido um coquetel, como será visto na sequência.

No ano de sua criação, em 1958, a ACIB organizou um coquetel na sua sede para celebrar o 12º aniversário da proclamação da República Italiana. O convite foi publicado na imprensa local pelo agente consular Luigi Scattolin nos seguintes termos:

A agência consular da Itália tem a honra de convidar as autoridades civis, militares e eclesiásticas, consulares e educacionais, para o coquetel que será oferecido na sede da Associação Cultural Ítalo-Brasileira, à rua sete de setembro 301- A, 2º andar, domingo, dia 1º de junho, às 11h, para comemorar o XII aniversário da República nacional italiana.

LUIGI SCATTOLIN

Agente consular da Itália (XII ANIVERSÁRIO...,1958).

Em 1961, a ACIB – sob a presidência de Antonio Caringi – e a Agência Consular – sob o comando de Luigi Scattolin – promoveriam um *cocktail* na sede da Associação, convidando também seus antigos e novos alunos, conforme o convite a seguir:

A Agência Consular ITÁLIA e a Associação Cultural Ítalo-Brasileira têm a honra de convidar as autoridades civis, militares, eclesiásticas, consulares, os senhores associados, os antigos e novos alunos da Associação e a colônia italiana aqui radicada, ao “cocktail” que será oferecido na sede da Associação Cultural Ítalo-Brasileira, à rua Sete de Setembro, 301-A – II andar, domingo, 4 de junho p.v. às 11 horas da manhã, para comemorar o Centenário da Independência⁵⁸ e o Aniversário da República Nacional Italiana.

Antecipados agradecimentos.

Pelotas, 2 de junho de 1961.

p. A.C.I.B.

⁵⁸ A comemoração se refere ao centenário da unificação da Itália, cuja data oficial é 17 de março de 1861.

(A. Caringi)
p. Agente Consular
(L. Scattolin) (CONVITE, 1961)

De 1962 a 1966 não foram encontradas notícias, no jornal *Diário Popular*, referentes às comemorações da Festa da República, que começaram a aparecer a partir de 1967, quando então a data passou a ser comemorada fora da sede da associação. Neste ano, foi alugado o salão da copa do Clube Diamantinos (CLUBE..., 1967), e na imprensa local foi publicado o seguinte convite:

Comemorando-se dia 2 de junho o aniversário da "Proclamação da República Italiana", a Associação Cultural Ítalo Brasileira realizará no Clube C. Diamantinos, uma sessão cívica às 20 hs. com a presença da Colônia Italiana e de outras autoridades civis, militares e eclesiásticas. Para maior brilhantismo dessa importante solenidade, a ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO BRASILEIRA convida toda a Colônia Italiana e simpatizantes, para participarem deste ato solene (CONVITE, 1967, grifos no original).

Escolano Benito (2017, p. 79) destaca que, no caso da escola, esses ritos também são acompanhados de jogos simbólicos que consistem “na encenação de situações sociais em que figuram: hinos, bandeiras, saudações [...] e outras mediações de caráter simbólico e formal”. Hobsbawm (2008, p. 19), por sua vez, ressalta que a “Bandeira Nacional, o Hino Nacional e as Armas Nacionais são os três símbolos através dos quais um país independente proclama sua identidade e soberania. Por isso, eles fazem jus a um respeito e a uma lealdade imediata”.

Assim, o ritual de celebração do aniversário da República Italiana na ACIB compunha-se da entoação dos hinos nacionais da Itália e do Brasil, e da recitação de poesias, como pode ser observado nos relatos a seguir, de Cláudia Maria Pianalto de Freitas (2021), filha e neta dos ex-diretores da ACIB, Luis Fernando Lessa Freitas e Mario Pianalto, respectivamente; e de Leonardo Caringi (2019), ex-aluno e filho de uma ex-diretora e de um ex-presidente da ACIB, como já mencionado. Cláudia lembra que devia ter uns 14 anos quando participou de uma dessas comemorações que foi realizada no Clube Diamantinos porque a Associação não tinha mais uma sede própria. Provavelmente, pela sua idade e pela referência do local, Cláudia participou da sessão cívica em comemoração ao aniversário da Proclamação da República Italiana que ocorreu em 1967, conforme segue:

Depois que já estava reunido um certo número de pessoas, creio que os sócios, o presidente pedia para falar e saudava a todos os presentes em italiano, seguia-se um discurso também em italiano e após cantavam o Hino

da Itália, ao qual se aplaudia. Os convidados se abraçavam, e então era servido um coquetel, com músicas italianas ao fundo, tocadas num toca-discos pequeno e com um som horrível! (FREITAS, 2021)

Leonardo Caringi (2019), por sua vez, relata o seguinte: *"Tinha também as festas nacionais italianas, promovidas pelo agente consular Martino Orengo, em que se cantava o hino italiano e o brasileiro, tinha bom vinho, comidas, e a minha mãe⁵⁹ recitava versos de Dante Alighieri"*. Leonardo certamente se refere às festas que ocorreram a partir de 1967, período em que Martino Orengo começou a atuar como agente consular. As lembranças das Festas da República Italiana, promovidas pela ACIB e pela Agência Consular, como visto, estão presentes na memória dos entrevistados, sendo, portanto, um evento que faz parte da memória coletiva desse grupo.

Nos dois anos seguintes, em 1968 e 1969, as sessões cívicas foram realizadas no salão da Associação Comercial de Pelotas. Em 1968 foi publicado o convite a seguir:

Comemorando-se dia 2 de junho próximo, o aniversário da "PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA ITALIANA" o AGENTE CONSULAR DA ITÁLIA E A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO BRASILEIRA, realizarão no Salão da Associação Comercial de Pelotas, no 8º andar, uma sessão cívica às 10 horas da manhã, com a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas. Para maior brilhantismo desta importante cerimônia, convidam a COLÔNIA ITALIANA e SIMPATIZANTES, para participarem deste ato solene (CONVITE, 1968, grifos no original).

Em 1969 o convite foi feito exatamente nos mesmos termos do anterior (CONVITE, 1969), com exceção da data de comemoração, que não foi no dia dois, e sim no dia primeiro, domingo. Já em 1971 não houve sessão cívica, nem coquetel, houve apenas a comunicação pela passagem da data, que foi publicada na imprensa local conforme segue:

PARTICIPAÇÃO

O Agente Consular da Itália, Sr. Martino Orengo, e a Associação Cultural Ítalo-Brasileira – ACIB, participam do regozijo à colônia italiana aqui residente e ao povo de Pelotas pela passagem hoje, dia 2 de junho, data magna do 25º aniversário da Proclamação da República Italiana (PARTICIPAÇÃO, 1971).

É importante ressaltar que o pagamento desse anúncio ao *Diário Popular*, em junho de 1971, é o último registro que consta no Livro-caixa (ACIB, 1958-1971, p. 21),

⁵⁹ Sua mãe, Noemi de Assumpção Osório Caringi, era poetisa, ver 5.2.1.

no qual Victor Bergoglio declara que entregou o saldo de caixa ao agente consular Martino Orengo, demonstrando, assim, o encerramento das atividades da Associação. Apesar disso, no ano seguinte, a ACIB promoveria uma sessão cívica para assinalar a data da República Italiana, no dia 3 de junho, sábado, às 10h30min, no Clube Comercial, “com a presença do agente da Itália em Pelotas, sr. Martino Orengo, bem como de destacados membros da numerosa colônia italiana do município. Também deverão participar autoridades civis, militares e eclesiásticas” (SESSÃO..., 1972).

Entretanto, nos anos que se seguiram, as participações e os convites para a comemoração eram ora em nome da Agência Consular e da ACIB, ora em nome somente da Agência Consular, às vezes, com a participação da ACIB. Em 1974, por exemplo, o 28º aniversário da proclamação da república italiana foi comemorado com coquetel realizado no dia 1º de junho, sábado, às 17h, na sede da Agência Consular da Itália em Pelotas (REPÚBLICA..., 1974), porém, a comemoração não contou com a participação da ACIB. Cabe destacar que esse foi o primeiro ano em que a comemoração foi realizada na sede da Agência Consular.

No ano do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, a cerimônia cívica seria realizada no dia 2 de junho, segunda-feira, às 17h, no salão de reuniões da Associação Comercial de Pelotas, e contaria com a participação da

Associação Cultural Ítalo-Brasileira, da comissão do centenário da imigração italiana e da colônia italiana aqui residente [...] [e] com o prestígio da presença do governador do Estado, Sinval Guazzelli, ou do prefeito municipal Ary Rodrigues Alcântara e demais autoridades civis, militares e eclesiásticas (REPÚBLICA..., 1975).

Na mesma ocasião haveria a entrega de prêmios para os alunos vencedores do concurso literário sobre Garibaldi, e suas respectivas escolas, quando seriam concedidos

diplomas, medalhas e prêmios para os alunos vencedores do concurso lítero-histórico sobre o tema “Garibaldi herói dos dois mundos”, realizado em todas as escolas federais, estaduais, municipais e particulares do município. Salienta o sr. Orengo que ainda serão distribuídos troféus aos dirigentes dos educandários correspondentes e que os participantes serão homenageados através de um coquetel, logo após à comemoração cívica (REPÚBLICA..., 1975).

Em 1976, a “*agenzia consolare d’Italia*” em Pelotas, juntamente à Associação Cultural Ítalo-Brasileira, participou à colônia italiana residente na cidade a passagem do 30º aniversário da proclamação da república italiana e convidou para a missa –

que foi incorporada às solenidades em homenagem ao aniversário da proclamação da república –, a ser realizada no dia 2 de junho, às 17h, na Catedral de São Francisco de Paula, em memória das vítimas do terremoto, ocorrido no último dia 6 de maio na região de Friuli (CONSULADO..., 1976).

Em 1977 também não houve participação da ACIB na comemoração promovida pela agência consular em Pelotas, que realizou uma sessão cívica com coquetel na sua sede, localizada na rua General Osório, 1426 (SESSÃO..., 1977), sendo esta a primeira vez que aparece o endereço da agência consular.

Em 1979, a agência consular voltou a comemorar a data juntamente à ACIB, o 33º aniversário da proclamação da República Italiana foi comemorado com uma sessão cívica e coquetel na sede da agência consular (ANIVERSÁRIO..., 1979). Durante a solenidade várias autoridades fizeram uso da palavra

De início, em nome da Associação Cultural Ítalo-Brasileira, falou o prof. Giovanni Baruffa, [...] e, por fim, o anfitrião, agente consular Martino Orengo. O orador discorreu sobre a data, reportando-se à instituição da república em seu país e à consolidação do sistema, sob a inspiração dos postulados democráticos, destacando os laços de amizade que unem os brasileiros e os italianos aqui radicados e seu mútuo trabalho em favor do desenvolvimento e do progresso.

Da mesma forma, em 1980, a agência consular e a ACIB promoveriam uma “cerimônia cívica relativa aos festejos do 34º Referendum Popular” na sede da agência consular, onde seria oferecido um coquetel, e na ocasião, o professor e médico Giovanni Baruffa seria distinguido com a honorificência de “cavaliere” da República Italiana⁶⁰ (REPÚBLICA..., 1980).

Os 35º, 36º e 37º aniversários da proclamação da República Italiana, em 1981, 1982 e 1983, respectivamente, foram festejados na sede da agência consular e também contaram com a parceria da ACIB (ITÁLIA..., 1981, 1982; ITALIANOS..., 1983).

As comemorações do aniversário da Proclamação da República Italiana promovidas pela ACIB, portanto, inserem-se nas práticas rituais que fazem parte da cultura “escolar” dessa instituição educativa, e parecem se classificar naquelas tradições inventadas que, segundo Hobsbawm (2008, p. 17), têm como propósito principal a socialização e a inculcação de ideias como patriotismo, lealdade etc. Por

⁶⁰ A única honorificência encontrada em nome de Giovanni Baruffa foi a *Stella al merito del lavoro* (Estrela ao mérito do trabalho), concedida em 30 de abril de 1999 (PRESIDENZA..., 1999).

outro lado, esses rituais, como práticas de sociabilidade étnica, eram importantes para a configuração do grupo, pois tinham a função de preservação e de promoção da italianidade, desenvolvendo laços de identidade e de pertencimento, e, dessa forma, contribuindo para a construção de um sentimento de identidade desse grupo étnico.

5.3.3 Eventos Sociais e Culturais

Ao citar as memórias de Júlio Lorenzoni⁶¹, Possamai (2005) salienta que “as sociedades italianas eram as principais responsáveis em organizar os festejos em honra às autoridades italianas que visitavam a região” (p. 95). Da mesma forma, a ACIB também organizava os eventos em homenagem às autoridades italianas que visitavam a cidade, sendo que, em algumas ocasiões, eram organizados em parceria com a Agência Consular. Quando o presidente da Itália, Giovanni Gronchi, veio ao Brasil, apesar de o mesmo não ter visitado a cidade – no Rio Grande do Sul visitou somente Porto Alegre e Caxias do Sul –, foram “hasteadas as bandeiras do nosso país e do país peninsular” na sede da ACIB e da Agência Consular Italiana em Pelotas durante a sua estadia, de 4 a 15 de setembro de 1958, conforme informou Luigi Scattolin em entrevista ao jornal *Diário Popular* (A VISITA..., 1958).

Em 1960, como já mencionado, o cônsul da Itália neste Estado, Domenico Bocchetto, veio a Pelotas em visita oficial, a convite da Associação Cultural Ítalo-Brasileira e da Agência Consular da Itália nesta cidade, para a abertura dos cursos de línguas na ACIB e inauguração do busto em bronze do comendador Rafael Mazza na colônia Mazza, após a qual lhe foi oferecido um churrasco na churrascaria São João, às margens do Arroio Pelotas (EM PELOTAS..., 1960).

Em 1965, o cônsul geral da Itália em Porto Alegre, Alfredo Di Mattei, também em visita oficial, veio à Pelotas para a abertura das comemorações alusivas ao VII Centenário de nascimento de Dante Alighieri e para dar posse ao novo agente consular italiano em Pelotas, dr. Vito Carlo Liberio (ACIB, 1965). O cônsul foi homenageado com um almoço no restaurante do Clube Comercial que contou com a presença de 13 pessoas, entre as quais: Antonio Caringi e senhora, Vittorio Bergoglio, Cesare Augusto Giacobbe, Giovanni Baruffa, Fernando Freitas e senhora, Vito Carlo

⁶¹ Possamai (2005), refere-se ao livro de Júlio Lorenzoni, publicado em 1975, pela Livraria Sulina Editora, intitulado “Memórias de um imigrante italiano”, no qual ele relata que foi membro da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Rainha Margarida, fundada em 1882, no atual município de Bento Gonçalves.

Liberio e Vitorino Piccininni – que era o presidente da ACIB à época –; após, foram servidos charutos e oferecida uma caixa de doces ao cônsul (CLUBE..., 1965).

A celebração do VII Centenário de nascimento de Dante Alighieri⁶², em Pelotas, a "Semana de Dante", foi um evento cultural literário organizado pela ACIB e pela Universidade Católica de Pelotas, de 21 a 25 de junho de 1965 (SEMANA..., 1965). Para o evento foram convidados o professor italiano Angelo Ricci⁶³, para proferir a conferência de abertura; os professores Vito Carlo Liberio⁶⁴ e Alvacyr Faria Collares⁶⁵, e o acadêmico Gilberto da Costa Gigante, para proferirem as demais conferências; e a poetisa Noemi Assumpção Osório Caringi e o professor Luigi Scattolin, respectivamente, para declamar e comentar os "Episódios de Dante", conforme convite a seguir, publicado na imprensa local:

SEMANA DE DANTE

Promovida pela Faculdade de Filosofia, Escola de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas e Associação Cultural Ítalo-Brasileira, realizar-se-á a "Semana de Dante", entre os dias 21 e 25 do mês corrente, comemorativa ao VII Centenário de nascimento de Dante Alighieri.

PROGRAMA

Dia 21 às 17h - Abertura. Conferência pelo prof. Angelo Ricci, da Fac. de Filosofia da URGs e da PUC, sobre o tema "A influência de Dante na literatura luso-brasileira"

Dia 22 às 17h - conferência do prof. dr. Vito Carlo Liberio sobre o tema "A poética de Dante"

Dia 23 às 17h - conferência do prof. dr. Alvacyr Faria Collares, sobre o tema "Dante e o universalismo"

Dia 24 às 20h - conferência do acadêmico Gilberto da Costa Gigante, numa das emissoras locais.

Dia 25 às 16:30h - "Episódios de Dante", declamados pela poetisa pelotense d. Noemi Assumpção Osório Caringi e comentados pelo prof. Luigi Scattolin.

Para a abertura das comemorações aguarda-se a chegada a esta cidade, do cônsul geral da Itália no estado, dr. Alfredo di Mattei, que deverá aproveitar a oportunidade para dar posse ao novo agente consular italiano em Pelotas, dr. Vito Carlo Liberio (SEMANA..., 1965).

Como visto, foi um evento para promover a italianidade em Pelotas, pois, conforme afirmou a vice-ministra das Relações Exteriores da Itália, Marina Sereni, por ocasião das celebrações dos 700 anos da morte de Dante: "Celebrar Dante, pai do nosso idioma, significa celebrar a italianidade em todas as suas formas" (21ª SEMANA..., 2021).

⁶² O poeta italiano Dante Alighieri nasceu em 1265, em Florença, e faleceu em 1321, em Ravena.

⁶³ Angelo Ricci, como já mencionado, era professor de literatura italiana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de onde foi expurgado em 1969 no contexto da ditadura civil-militar (MANSAN, 2009).

⁶⁴ Vito Carlo Liberio seria nomeado agente consular da Itália em Pelotas em

⁶⁵ Alvacyr Faria Collares foi vice-prefeito de Pelotas de 1956 a 1960.

No ano em que se comemorou o centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, o embaixador italiano Carlo Enrico Giglioli teria vindo a Pelotas nos dias 26 e 27 de agosto para participar de uma série de solenidades relativas ao evento, ocasião em que teria participado também de um almoço com a Comissão Central, a Associação Cultural e o Agente Consular Martino Orengo (EMBAIXADOR..., 1975).

Em 2 de junho de 1982, na capa no *Diário Popular* era publicada a notícia da comemoração do centenário de morte de Giuseppe Garibaldi, o “Herói de Dois Mundos”, com o seguinte título: “Itália festeja sua data hoje. E o centenário de morte de G. Garibaldi” (ITÁLIA..., 1982).

A ACIB, portanto, foi um “foco de italianidade⁶⁶” na cidade de Pelotas nesse período, e da mesma forma que as antigas associações italianas, procurou dar forma à italianidade “ativando processos étnicos-culturais e de identificação com a pátria de origem por meio de diversas modalidades de ação” (BERTAGNA; TEDESCO, 2015, p. 398, tradução nossa⁶⁷). Entre estas ações, como apenas visto nesta seção das realizações, destacaram-se o oferecimento de cursos de língua italiana, as comemorações do aniversário da Proclamação da República Italiana, do VII Centenário de nascimento de Dante Alighieri e do centenário de morte de Giuseppe Garibaldi.

Esta seção, portanto, permitiu mostrar o papel da ACIB na geração de vínculos de sociabilidade entre os membros do grupo, isto é, entre italianos, descendentes de italianos e brasileiros por meio da promoção de atividades cívicas, culturais, sociais e educacionais, cujo foco principal era a manutenção e a promoção de um sentimento de italianidade e de patriotismo entre os membros do grupo e da comunidade italiana local, e a difusão da língua italiana em Pelotas; constituindo-se, assim, em um espaço de sociabilidade étnica, cultural e educacional nesta cidade, no período de 1958 a 1983.

5.4 O PROCESSO DE DECLÍNIO DA ACIB

Desde o início de sua existência, parece que uma das principais preocupações dessa associação foi com a sua situação financeira e com o seu futuro. Nesse sentido, o primeiro relatório de movimentação financeira da ACIB, de 30 de junho de 1958, é

⁶⁶ Termo utilizado por Crocetta (1925, p. 397).

⁶⁷ No original: “*attivando processi etnico-culturali e di identificazione con la madre patria*”.

bem representativo, pois informava que havia saldo em caixa e no banco no valor total de Cr\$ 10.384,90⁶⁸ (dez mil trezentos e oitenta e quatro cruzeiros e noventa centavos), portanto, a situação da associação era considerada ótima, entretanto, o tesoureiro Carlos G. Sica alertava: “não devemos descurar de conseguir, cada vez mais sócios, procurando restringir o supérfluo em DESPESAS, dentro de uma RECEITA apreciável, para formarmos um bom PATRIMÔNIO e para que não tenhamos um futuro desagradável” (ACIB, 1958a, grifos no original).

Já o relatório seguinte, referente ao período de 1º de julho de 1958 a 31 de janeiro de 1959, informava que o pagamento das cotas dos fundadores e de um dos sócios beneméritos estava bastante atrasado, assim como somente uma parte dos sócios contribuintes estava pagando as mensalidades regularmente, e que, apesar de haver um saldo ativo, a situação financeira estava difícil, pois o saldo em caixa era de apenas Cr\$ 23,10” (vinte e três cruzeiros e dez centavos) (ACIB, 1959a).

A propósito dessa situação da ACIB, o jurista italiano Emilio Betti⁶⁹, em um relato sobre a sua visita à Universidade do Rio Grande do Sul, em 1958, faz referência às iniciativas de criação de institutos de cultura italiana no estado que não recebem ajuda, nem apoio das autoridades competentes, e cita o caso de Pelotas, onde “foi constituída, por iniciativa do vice-cônsul dr. Luigi Scattolin, uma ‘associazione italo-brasiliana’, mas com subsídios voluntários dos participantes, que lhe asseguram apenas uma existência precária” (SANTOS, 2004, p. 290).

No que diz respeito às contribuições para manutenção dessa associação, as mesmas eram “devidas por todos os associados, exceto os sócios fundadores” e “fixadas, inicialmente, em cinquenta cruzeiros⁷⁰ mensais” (ACIB, 1958d, art. 5º). Entretanto, a partir de 1967, com a implantação do novo padrão monetário, a mensalidade passou a ser de um cruzeiro novo⁷¹ (ACIB, 1968c, 1968d, 1969).

⁶⁸ Em valores atualizados corresponderia a R\$ 5.290,90. Ver nota de rodapé 9 em 5.1.2.

⁶⁹ O professor italiano Emilio Betti, da Faculdade de Direito da Universidade *La Sapienza* de Roma, veio ao Brasil em outubro de 1958, a convite da Faculdade de Direito da URGs, para realizar um breve curso de direito civil comparado. A convite do curso de Direito de Pelotas – que nessa época era mantido pela URGs – também veio a Pelotas e na ocasião foi organizada uma recepção na sede da ACIB. Betti relata essa sua experiência em um artigo publicado originariamente sob o título “*Relazione sulla visita alla Universidade do Rio Grande do Sul*”, na *Rivista Italiana per le Scienze Giuridiche*, Giuffrè, 1957-1958, p. 435-445, que foi traduzido por Marco Fridolin Sommer Santos (2004).

⁷⁰ Em valores atualizados, Cr\$ 50,00 corresponderiam a R\$ 25,47. Ver nota de rodapé 9 em 5.1.2.

⁷¹ Com este novo padrão monetário, que esteve vigente até 1970, um cruzeiro novo (NCr\$) correspondia a mil cruzeiros “antigos”. Foi instituído pelo Decreto-lei nº 1, de 13 de novembro de 1965 e regulamentado pelo Decreto nº 60.190, de 8 de fevereiro de 1967.

Em relação ao número de sócios, em março de 1958, a ACIB contava com 102 sócios contribuintes que haviam pago a joia (ACIB, 1958-1971, p. 1); em junho de 1958 esse número já havia aumentado para 125 (APÊNDICE F); em janeiro de 1959, embora tenha havido uma diminuição de 5% no número de associados, ainda contava com um total de 130 pessoas, considerando-se alunos, sócios contribuintes e fundadores (ACIB, 1959a).

Quase dez anos depois, no período entre 1967 e 1969, a ACIB passou a contar com apenas 48 associados (APÊNDICE G), sendo que apenas 9 destes faziam parte do quadro desde o início, em 1958⁷². Ou seja, além da redução de mais de 50%, houve também uma renovação quase total do quadro social, indicando, talvez, que nesse período tenha havido uma retomada das atividades dessa associação, período este que coincide com o registro do seu estatuto e a nomeação do novo agente consular, Martino Orengo.

Os cursos de língua italiana também contribuíam para a receita da ACIB, por meio das mensalidades pagas pelos alunos, que eram de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) para os não sócios, e de Cr\$ 150,00 (cento e cinquenta cruzeiros) para os sócios, pois estes tinham um desconto de 25%; sendo que a metade dessa receita era para o pagamento dos professores (ACIB, 1958a, art. 46, § 2º). Dos 80 alunos matriculados no período entre 1958 e 1959, ao menos 40 eram sócios ou dependentes de sócios da ACIB, portanto, pagavam uma mensalidade de Cr\$ 150,00 (cento e cinquenta cruzeiros), em vez de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros). Contudo, o Histórico resumido do movimento da Associação, de 31 de janeiro de 1959 (ACIB, 1959a), demonstrava que somente 50% dos alunos havia concluído os cursos.

Os cursos, no entanto, funcionaram provavelmente só até o ano de 1961, pois, no ano seguinte, possivelmente ocorreu o fechamento da sede. Nesse sentido, vários indícios levam a crer que a partir de 1962 a ACIB já não possuía mais uma sede. Em maio de 1962 vários móveis da ACIB foram depositados na casa de Nicola Caringi Filho (ACIB, 1962). Em 1965, o cabeçalho de um convite da ACIB (1965), além de um envelope de correspondência, indicava o endereço provisório da Biblioteca da Universidade Católica de Pelotas⁷³. Soma-se a isso o fato de que a partir de 1967 as

⁷² Eram eles os sócios fundadores: Antonio Caringi, Federico Segato, Geraldo Petrucci, Lourenço Petrucci, Mario Pianalto, Nicola Caringi Filho, Tito Lardi e Victor J. Bergoglio; e o sócio contribuinte Fernando Sperini.

⁷³ Ver Figura 11.

comemorações do aniversário da proclamação da República italiana passaram a não mais ocorrer na sede da ACIB, mas em outros locais, como o Clube Diamantinos, a Associação Comercial de Pelotas, o Clube Comercial, e a agência consular.

A partir de 1969, acredita-se que não houve mais assembleias e eleições do Conselho Diretor e Fiscal, visto que cessam as fontes documentais e jornalísticas a esse respeito, e reforçado pelo fato de o professor Thomaz Lucia ter se referido ao sr. Ede Carneiro e esposa, como último casal presidente da ACIB (SIP, 1992).

A partir de 1971, ao menos no acervo da ACIP, não se encontram mais documentos emitidos pela ACIB. O último registro no Livro-caixa (ACIB, 1958-1971, p. 21) foi realizado em junho de 1971, no qual Victor Bergoglio declarava que havia entregado ao sr. agente consular Martino Orenco todo o saldo de caixa. Essa declaração sugere um possível encerramento das atividades dessa associação, entretanto, não existe registro oficial de extinção da ACIB no Serviço Notarial e Registral - Rocha Brito (inf. verbal).

As fontes jornalísticas, ao contrário, não cessam, as participações e convites para as comemorações do aniversário da proclamação da república italiana em nome da ACIB e da agência consular comparecem nos jornais, no mínimo, até 1983. A partir dessa data, como já mencionado, decidiu-se encerrar as buscas nos jornais e concluir a pesquisa, tendo em vista a redundância das informações obtidas, o esforço despendido e o prazo para conclusão do curso. Desse modo, pode-se afirmar que essa associação existiu, no mínimo, até 1983.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi uma tentativa de preservar a memória histórica da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB), criada em 1958 na cidade de Pelotas, RS. Para tanto, buscou-se apresentar a sua trajetória no período de 1958 a 1983, com base no seu processo de constituição e declínio, bem como na sua organização e realizações.

A sua importância, acredita-se, está no fato de ter sido a primeira associação italiana a se constituir nessa cidade após a Segunda Guerra Mundial e, juntamente à agência consular, a única entidade representativa desse grupo étnico durante esse período, e ainda, a primeira a oferecer cursos para o ensino da língua italiana. Soma-se a isso o fato de ainda não ter sido investigada de forma aprofundada em outros estudos, o que torna este trabalho de certa forma inédito.

Para compreender essa trajetória foi realizado um percurso teórico-metodológico que incluiu desde o levantamento bibliográfico, coleta de documentos e depoimentos, até a organização de todas essas informações na narrativa que foi apresentada nestas páginas. Vale lembrar que este foi um dos muitos caminhos interpretativos possíveis com os vestígios que chegaram até o presente e que em muito contribuíram para a construção desta narrativa histórica.

Para esta narrativa, portanto, utilizou-se como principais fontes os documentos que foram produzidos pela ACIB, pertencentes ao acervo da Associação Cultural Italiana Pelotense; os jornais da época, cujo acervo se encontra disponível para consulta local na Hemeroteca do Centro de Documentação e Obras Valiosas da Bibliotheca Pública Pelotense; e os depoimentos orais e escritos oriundos das entrevistas de história oral e de simples entrevistas realizadas com pessoas – ou com seus familiares – que mantiveram algum tipo de vínculo com a ACIB.

Além de apresentar a sua trajetória, buscou-se também inserir a ACIB no contexto da imigração italiana, das associações italianas e dos representantes consulares da Itália em Pelotas. Desse modo, verificou-se que a maioria dos italianos que fundaram essa Associação imigraram para o Brasil após a Segunda Guerra

Mundial. Essa corrente imigratória se caracterizou por imigrantes que possuíam um contato maior com a língua italiana em relação aos seus predecessores do período da grande imigração em massa, após a unificação italiana, que eram na sua maioria monolíngues dialetais. Além disso, nesse período, o perfil dos imigrantes se modificou, adquirindo uma característica mais urbana e industrial.

A ACIB, considerando-se apenas as associações italianas que se originaram a partir da *Unione Filantropia* (primitiva), criada em 1872, foi a sétima associação italiana a ser criada em Pelotas. É importante lembrar que os seus estatutos não foram registrados a partir de uma alteração do estatuto da associação anterior, como aconteceu com a SIP, ou seja, a ACIB não é a sucessora da Guglielmo Marconi tal como é a SIP. Se comparada às antigas associações, a ACIB apresenta características diferentes, pois, além de não possuir mais a finalidade de beneficência e de mútuo socorro, mantêm cursos para o ensino da língua italiana, em vez de escolas, e o principal evento cívico comemorado passa a ser o aniversário da proclamação da república italiana, em 2 de junho. Ademais, em relação à nacionalidade dos associados, na ACIB não existe mais aquele fechamento étnico comum entre as associações mais antigas, ou seja, poderiam ser de qualquer nacionalidade. Por outro lado, todas elas tinham em comum a sua multifuncionalidade, com a finalidade de preservar e promover a identidade étnica e linguística italiana, além de cultivar o sentimento patriótico de amor à Itália.

Pelotas, por muitos anos contou com um agente consular da Itália e, por um breve período, inclusive, com um vice-cônsul, nos últimos tempos, entretanto, contou apenas com um correspondente consular e, atualmente, o cargo de agente consular está vacante¹. Assim, desde 1870, verifica-se que muitos desses representantes consulares mantiveram vínculos com as associações italianas locais. Nesse sentido, pôde-se observar que a intenção deles era, por intermédio das associações, manter o vínculo dos imigrantes e seus descendentes com a Itália, fosse por meio da língua, fosse por meio das comemorações de caráter cívico e cultural, preservando e estimulando, assim, o sentimento de italianidade.

No que diz respeito à ACIB, cabe destacar, especialmente, a participação ativa de dois desses agentes consulares, Luigi Scattolin e Martino Orengo, além de

¹ Conforme página do *Consolato Generale d'Italia* em Porto Alegre. Disponível em: <https://consportoalegre.esteri.it/consolato_portoalegre/pt/il-consolato/la-rete-consolare/la-rete-consolare.html>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Henrique Lorea, que foi homenageado como Patrono dessa Associação. À Luigi Scattolin se deve a iniciativa da criação da ACIB, da qual também participou como membro do conselho diretor e como professor dos cursos de língua italiana. À Martino Orengo se deve, provavelmente, a retomada da ACIB, com o registro do seu estatuto social e a tentativa de reativação dos cursos de italiano, além de ter exercido o cargo de vice-presidente; mas, principalmente, as comemorações do aniversário da Proclamação da República Italiana.

A ACIB foi organizada a partir de um Comitê Provisório constituído por um grupo de cidadãos italianos e brasileiros que se reuniu por iniciativa do agente consular Luigi Scattolin. Seus 19 sócios fundadores eram, na sua maioria, italianos e descendentes de italianos que faziam parte de uma certa elite econômica e intelectual da cidade atuando como sócios ou dirigentes de empresas no ramo da indústria, comércio e serviços, ou como professores, e que contribuíram com quantias em dinheiro para a constituição do patrimônio inicial da ACIB. Havia também a figura do patrono e dos sócios beneméritos, todos escolhidos em assembleia.

A ACIB não fazia distinção de nacionalidade, credo religioso ou político de seus associados. O seu quadro social pode ser dividido em dois momentos distintos: o primeiro, na época da criação, e o segundo, a partir de 1967. No primeiro, contou com a participação de 125 sócios, entre os quais algumas mulheres e poucos italianos, e muitas pessoas de destaque político, intelectual e profissional na época, como o prefeito, o vice-prefeito, vereadores, deputados, professores, além de muitos profissionais liberais como médicos, advogados e engenheiros.

No segundo momento, a partir de 1967, houve uma redução de mais de 50% no número total de sócios, passando a contar com apenas 48, além disso, houve uma renovação quase total do seu quadro social, permanecendo, daqueles primeiros, apenas alguns sócios fundadores. O número de mulheres se reduziu a duas, mas a participação de italianos e descendentes aumentou.

A ACIB foi um espaço de desenvolvimento da sociabilidade, mais especificamente, de uma sociabilidade associativa do tipo formal que ocorre em associações que possuem uma sede, um estatuto, um conselho diretor, etc. Nesse sentido, quando foi criada, em 1958, a ACIB funcionava numa sede localizada no segundo andar de um prédio alugado no centro da cidade, à rua Sete de Setembro, 301, entre 15 de novembro e Andrade Neves. A sua localização foi lembrada por várias ex-alunas por ficar em frente ao Café Haiti, o “*café do Dr. Luigi, dos italianos*”.

Entretanto, com base nas fontes documentais, pôde-se inferir que a partir de 1962 a ACIB já não funcionava mais nesse prédio, passando a exercer a sua sociabilidade associativa em lugares diversos, a exemplo das assembleias que passaram a ser realizadas nas Faculdades de Filosofia, Medicina e Direito, provavelmente da Universidade Católica de Pelotas; das comemorações do aniversário da República Italiana, que passaram a ocorrer nos Clubes Diamantinos e Comercial, na Associação Comercial de Pelotas e na sede da Agência Consular.

A existência de um estatuto que regulava o seu funcionamento e de um conselho diretor que coordenava as suas atividades demonstra a importância da vida associativa para os membros dessa associação. Seu estatuto foi criado e aprovado em 1958, entretanto, somente em 1968 foi registrado oficialmente. No período de 1958 a 1968, a ACIB elegeu 5 conselhos diretores e fiscais, a partir de 1969 não se tem mais notícias de novos conselhos. O Conselho Diretor era composto de 10 cargos e cada um tinha suas funções definidas de acordo com o estatuto, enquanto que o Conselho Fiscal era constituído por 5 membros, 3 titulares e 2 suplentes.

Quanto às suas realizações, chega o momento de verificar o quanto houve de desejo nas promessas do estatuto e o quanto houve de efetivo comprometimento na realização do que havia sido estabelecido. Para tanto, retoma-se as ações que a ACIB deveria promover para cumprir com as finalidades estabelecidas no seu estatuto, a saber: reuniões de caráter literário, artístico, social e recreativo, e manter cursos para o ensino da língua italiana.

As atividades de caráter educacional se referem particularmente ao oferecimento de cursos de língua italiana. A partir das fontes documentais e jornalísticas, pôde-se inferir que a ACIB manteve cursos de língua italiana em sua sede pelo menos até 1961. Por meio desses cursos, atuava como uma instituição educativa não escolar para a formação da identidade étnica e linguística italiana dos descendentes desse grupo étnico na cidade de Pelotas, e para a difusão da língua italiana de forma geral, para aqueles que não tinham origem italiana. Além disso, como uma instituição educativa não escolar onde se desenvolviam práticas de educação não formal, tinha uma função claramente supletiva em relação à educação formal, assumindo a tarefa de ensinar uma língua estrangeira que não era oferecida por esse tipo de educação.

Mesmo se constituindo em um espaço de educação não escolar, a ACIB possuía elementos de uma cultura escolar, como normas, disciplinas (cursos),

professores, alunos, manual didático, rituais/festividades etc. Os cursos eram variados, desde língua, literatura, gramática e conversação, até cursos voltados para o público infantil, feminino e misto. Os professores e professoras identificados eram todos italianos(as), portanto, infere-se que este fosse um dos critérios de seleção. Havia também um equilíbrio de gênero entre eles, foram três professores e três professoras. Em 1959, os cursos chegaram a contar com a participação de 80 alunos entre crianças, jovens e adultos descendentes de italianos e de outras etnias, sócios e não sócios, mediante o pagamento de uma mensalidade, que tinha desconto para sócios.

Os motivos que levaram esses alunos a frequentarem os cursos de italiano na ACIB foram revelados por meio das entrevistas de história oral. Em alguns casos, verificou-se apenas a necessidade de aprender uma língua estrangeira que não era oferecida pelo sistema formal de ensino; em outros, verificou-se o que talvez fosse um “resgate” étnico por parte dos descendentes de italianos; em outros ainda, apenas o desejo dos pais em formar uma identidade étnica e linguística italiana nos seus descendentes. Demonstrando, assim, que, para muitos dos descendentes, o italiano assumiu características de língua estrangeira, um objeto de conquista e não um patrimônio presente na sua bagagem cultural e linguística.

As atividades de caráter cívico, ou seja, as comemorações do aniversário da Proclamação da República Italiana, foram realizadas ao menos até 1983, mas não de forma contínua e nem sempre na mesma data ou dia da semana, e muitas vezes em parceria com a Agência Consular. Entretanto, cabe ressaltar que a partir de 1984 a pesquisa documental no *Diário Popular*, referente a essas comemorações, foi suspensa, tendo em vista a redundância das informações obtidas. Trata-se de um evento que não estava previsto especificamente no seu estatuto, compunha-se, basicamente, de uma sessão cívica, com entoação do hino nacional brasileiro e italiano, por vezes acompanhada de um coquetel. Quanto aos participantes, esses eventos eram dirigidos à “colônia” italiana residente em Pelotas, aos alunos da ACIB, e ao público que tinha afinidade com o tema, ou seja, os “simpatizantes”, tendo como convidados autoridades consulares, civis, militares e eclesiásticas.

Além dessas atividades que se desenvolviam periodicamente, a ACIB também promoveu, juntamente à UCPEL, um evento cultural literário, a “Semana de Dante”, em comemoração do VII Centenário de nascimento de Dante Alighieri, em 1965. Ademais, organizou recepções a autoridades consulares que visitaram a cidade.

As comemorações de datas importantes do calendário nacional italiano promoviam um sentimento de pertencimento à Itália, reforçando a italianidade e o patriotismo, era também uma ocasião de sociabilidade e de estreitamento dos laços étnicos entre o grupo e com a sociedade em geral. Ao longo da história, essas datas comemorativas foram se modificando, conforme ia se modificando a forma e o regime de governo na Itália. Assim, as primeiras associações italianas festejavam a data de 20 de setembro, dia da tomada de Roma e unificação da Itália; já no período fascista, passam a comemorar o 28 de outubro, data da marcha sobre Roma e o início do domínio fascista sobre a Itália; e só a partir de 1946, com a proclamação da República Italiana, passaram a comemorar o 2 de junho.

O estudo das comemorações promovidas pela ACIB, principalmente o aniversário da Proclamação da República Italiana, permitiu mostrar a contribuição dessa festividade para a constituição, consolidação e valorização de uma memória histórica da República Italiana, entendida como formadora de uma identidade nacional, de uma italianidade.

Neste momento cabe evidenciar algumas dificuldades e limitações importantes que teve este estudo. A primeira delas foi a pequena quantidade de documentos existente nos arquivos da ACIP relativa ao objeto de estudo, o que exigiu um maior dispêndio de tempo na busca por outras fontes, principalmente jornalísticas e orais. Uma segunda limitação, também em relação à pesquisa documental, foi que, com a chegada da pandemia causada pela COVID-19, em março de 2020, a pesquisa *in loco* – prevista no cronograma inicial para ser realizada durante o ano de 2020 – teve que ser interrompida, pois a Bibliotheca Pública Pelotense ficou fechada por vários meses. Uma terceira limitação, também decorrente da pandemia, foi em relação às entrevistas de História Oral, que, com o advento do isolamento social, não puderam ser realizadas de forma presencial, sendo realizadas a distância, quando possível. Uma última limitação, ainda em relação à pesquisa documental, foi a impossibilidade de acesso aos arquivos do Consulado Geral da Itália em Porto Alegre, mesmo antes do início da pandemia pela Covid-19.

Apesar dessas dificuldades e limitações, acredita-se que com o material empírico que foi possível encontrar, pôde-se compreender uma parte da sua trajetória, possibilitando, assim, confirmar a hipótese de que a ACIB foi um espaço multifuncional, isto é, constituiu-se como um espaço de sociabilidade associativa,

étnica, cultural e educacional na cidade de Pelotas no período analisado, tendo como pano de fundo a sociabilidade e o foco na italianidade.

Antes de finalizar, vale elencar alguns temas que seriam interessantes de investigar e que não puderam ser contemplados ou aprofundados nesta dissertação, até porque alguns deles se referem às antigas sociedades italianas em Pelotas, que não eram o objeto deste estudo. O primeiro deles diz respeito ao motivo da expulsão de três sócios fundadores da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, em 1875, ocasionando a cisão dessa sociedade e a formação de uma outra com o mesmo nome, a *Unione e Filantropia* (dissidente).

O segundo tema interessante de ser investigado seria o processo de doação dos imóveis da então Sociedade Italiana Guglielmo Marconi – localizados na rua Cassiano, 502, esquina Santos Dumont – ao governo italiano em 1940; além do próprio prédio construído pela Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, no mesmo endereço, que foi “insanamente destruído” após a Segunda Guerra Mundial; e à posterior ocupação do terreno pela Sociedade Italiana Pelotense.

O terceiro tema interessante de investigar seria o motivo pelo qual, apesar de ter sido divulgado na imprensa local pelo agente consular Luigi Scattolin, em 1951, que seria criada uma “Associação Cultural e Recreativa Ítalo-Brasileira”, isso não ocorreu. Por último, seria oportuno explorar novas fontes, como relatórios e correspondências dos agentes consulares da Itália em Pelotas, por exemplo, que talvez ajudassem a elucidar alguns dos temas acima elencados.

Enfim, espero que esta pesquisa contribua para a historiografia, sobretudo, para a história das instituições educativas não escolares e para ampliar o conhecimento da imigração italiana e desse grupo étnico na cidade de Pelotas, principalmente após a Segunda Guerra Mundial.

FONTES ORAIS E ESCRITAS¹

(oriundas das entrevistas de história oral e semiestruturadas)

CARINGI, Leonardo de Assumpção Osório. **Entrevista oral presencial** [28 set. e 18 out. 2019]. Pelotas, 2019. Duração de aprox. 1h30min cada.

FERREIRA, Olga Dias. **Entrevista por telefone** [23 set. 2019]. 1 arquivo áudio .m4a (1h05min51s).

FREITAS, Cláudia Maria Pianalto de. **Entrevista on-line por escrito** [2019], via Facebook Messenger.

FREITAS, Cláudia Maria Pianalto de. **Entrevista on-line por escrito** [2021], via Facebook Messenger.

GASTAUD, Maria Adelina Sica. **Entrevista oral presencial** [20 set. 2019]. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo áudio .m4a (1h34min25s).

LARDI, Marisa. **Entrevista por telefone** [24 abr. 2021]. 1 arquivo áudio .m4a (1h00min43s).

LIBERIO ROMO, Mirella Maria. **Entrevista on-line por escrito** [4 set. 2021], via Facebook Messenger.

LOREA, Luiz Henrique Lorea de. **Entrevista oral presencial** [9 jul. 2019]. Pelotas, 2019. 2 arquivos áudio .m4a (27min7s e 9min25s).

MONTONE, Alfonso Jorge Grigolletti. **Entrevista oral presencial** [2 dez. 2019]. Pelotas, 2019. 3 arquivos áudio .m4a (39min11s, 2min29s e 36min45s).

MORRONE, Paulo Luiz Caruccio. **Entrevista por telefone** [26 set. 2021]. 1 arquivo áudio .m4a (1h23min30s).

ORENGO, Angiola Maria Vivaldi. **Entrevista oral presencial** [26 jun. 2019]. Pelotas, 2019. 2 arquivos áudio .m4a (37min22s e 1min8s).

PETRUCCI, Maria Regina. **Entrevista oral on-line** [23 abr. 2021]. realizada por meio de videochamada via Facebook Messenger e gravada em áudio em 1 arquivo .m4a (1h00min24s).

SANTOS, Maria Elisabetta Chimisso dos. **Entrevista oral on-line** [9 jun. 2021], via videochamada WhatsApp. 1 arquivo áudio .m4a (1h19min53s).

TRINDADE JR., Tristão Geraldo. **Entrevista on-line por escrito/áudio** [20 out. 2021], via WhatsApp.

WICKERT, Maria de Fátima. **Entrevista on-line por escrito** [23 out. 2019], via Facebook Messenger.

¹ Todas as entrevistas foram realizadas por Elisabeth da Rosa Conill.

FONTES DOCUMENTAIS²

21ª SEMANA da Língua Italiana no Mundo homenageará Dante. **Ansa Brasil**, Roma, 15 out. 2021. Disponível em: <https://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/italianos/noticias/2021/10/15/21-semana-da-lingua-italiana-no-mundo-homenageara-dante_aa6e5659-fe14-429c-97df-4ace630a23a6.html>. Acesso em: 08 dez. 2021.

A *PAPAL Family Tree*. **My Italian Family**. Disponível em: <<https://www.myitalianfamily.com/resource-center/papal-family-tree>>. Acesso em: 09 out. 2021.

A DANTE Alighieri. [Transcrição manuscrita do jornal por Beatriz Loner]. **O Rebate**, p. 3, 14 jan. 1918. [NDH]

A POSSE do novo agente consular de Itália. **Diário Popular**, Pelotas, p. 8, 12 ago. 1936. [BPP]

A UCPEL lembra Scattolin. **Diário Popular**, Pelotas, 15 out. 1987. Seção Educação e Cultura, p. 17. [BPP]

A VISITA do presidente da Itália ao nosso país, dia 4. **Diário Popular**, Pelotas, p. 6, 30 ago. 1958. [BPP]

ACIB. **Livro-caixa (1958-1971)**. [ACIP]

_____. **Relatório de movimentação financeira da ACIB**. Pelotas, 30 jun. 1958. 9 f. [ACIP]

_____. **Lista de diretores**. Pelotas, 1958. [ACIP]

_____. **Recebimento de mensalidades de alunos** (do prof. Luigi Scattolin e do prof. Cesare Augusto Giacobbe), 1958. (16 f.) [ACIP]

_____. **Estatutos da ACIB (1958)**. Aprovados em: 26 mar. 1958. [ACIP]

_____. **Relação de sócios**, 25 jun. 1958. [ACIP]

_____. **Caderno “Cursos de Italiano”** [1959]. [ACIP]

_____. **Histórico resumido do movimento da Associação**. Pelotas, 31 jan. 1959. 2 f. [ACIP]

² Inclui todos os documentos físicos e digitais (natos ou digitalizados). Os documentos físicos estão referenciados da seguinte forma: AUTOR ou ORGANIZAÇÃO que o emitiu, ou seu TÍTULO, quando não houver autor. Título do documento. Local e data do documento. Entre colchetes se encontram as siglas utilizadas para a indicar o acervo, público ou privado, onde se localiza a fonte documental, que estão descritas na seção LISTA DE ABREVIATURAS.

_____. **Movimento financeiro sócios fundadores.** Pelotas, 31 jan. 1959. [ACIP]

_____. **Ordem do dia.** Manuscrito. [Pelotas], 23 abr. 1960. [ACIP]

_____. **Relação de móveis da ACIB depositados na casa Caringi.** Manuscrito. Pelotas, 19 mai. 1962. [ACIP]

_____. **Convite** (Homenagem ao cônsul Alfredo Di Mattei e posse do novo agente consular de Vito Liberio). Pelotas, 25 jun. 1965. [ACIP]

_____. **Componentes da diretoria eleita em 7 de abr. de 1967.** Pelotas, [1967?]. [ACIP]

_____. **Relação dos associados.** [Pelotas], 12 out. 1967. [ACIP]

_____. **Relação dos associados.** [Pelotas], 25 abr. 1968. [ACIP]

_____. **Ata da reunião nº 13/68.** Pelotas, 17 jun. 1968. [ACIP]

_____. **Primeira Prestação de contas do cobrador.** [Pelotas], 4 jul. 1968. [ACIP]

_____. **Segunda Prestação de contas do cobrador.** [Pelotas], 5 out. 1968. [ACIP]

_____. **Terceira Prestação de contas do cobrador.** [Pelotas], 6 jan. 1969. [ACIP]

ACONTECIMENTO Social. **Anúncio** (a ser publicado no Diário). Pelotas, 7 dez. 1967. [ACIP]

AGENTE consular da Itália em Pelotas. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, p. 3, 26 maio. 1953. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

AMANHÃ na cidade Consul Geral da Itália no RGS. **Diário Popular**, Pelotas, p. 12, 27 jun. 1965. [BPP]

ANIVERSÁRIO da República Italiana foi comemorado. **Diário Popular**, Pelotas, 05 jun. 1979. 2º caderno, p. 2. [BPP]

ARGENTINA. *Registros parroquiales, Entre Ríos, 1764-1983.* Matrimonio de Victor J. Bergoglio e Elvira Irene Mina, 12 maio 1926. *Nuestra Señora del Rosario, Crespo, Paraná.* **FamilySearch**. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QV3Q-QBRJ>>. Acesso em: 09 out. 2021.

AS PROPRIEDADES da Sociedade Italiana, em Pelotas, serão doadas ao governo da Itália. **Diário Popular**, Pelotas, 22 dez. 1939. [BPP]

ASSOCIAÇÃO Cultural Ítalo-Brasileira. Professores do Idioma Italiano. **Diário Popular**, Pelotas, 9 fev. 1958. Seção Vida social, p. 4. [BPP]

_____. *Diário Popular*, Pelotas, p. 10, 2 mar. 1958. [BPP]

_____. Convocação. *A Opinião Pública*, Pelotas, p. 6, 26 mar. 1958. [BPP]

_____. _____. *Diário Popular*, Pelotas, p. 3, 27 mar. 1958. [BPP]

_____. Aula Inaugural. *A Opinião Pública*, Pelotas, p. 8, 28 mar. 1958. [BPP]

_____. Aulas de língua italiana. *Diário Popular*, Pelotas, p. 3, 25 jul. 1958 (repete dia 27 jul. 1958, p. 3). [BPP]

_____. *Diário Popular*, Pelotas, p. 3, 1 mar. 1959. [BPP]

_____. *Diário Popular*, Pelotas, p. 14, 8 mar. 1959. [BPP]

_____. *Diário Popular*, Pelotas, p. 4, 3 abr. 1959 (repete dias 4 e 5 abr. 1959, p. 3). [BPP]

_____. Convite. *Diário Popular*, Pelotas, p. 4, 25 abr. 1959. [BPP]

_____. *Diário Popular*, Pelotas, p. 2, 21 abr. 1960. [BPP]

_____. Rua Sete de Setembro, 310-A. *Diário Popular*, Pelotas, p. 3, 25 mar. 1961 (repete dia 26, p. 3). [BPP]

_____. Assembleia Geral Ordinária. Convocação. *Diário Popular*, Pelotas, p. 2, 18 abr. 1965 (repete dia 21, p. 2). [BPP]

ATIVIDADES da Associação Cultural Ítalo-Brasileira. *Diário Popular*, Pelotas, p. 7, 11 fev. 1958. [BPP]

_____. *Diário Popular*, Pelotas, p. 8, 20 mar. 1958. [BPP]

BAZAR EDISON. **Recibo:** 6 fotos da inauguração da ACIB. Pelotas, 31 mar. 1958. [ACIP]

BRASIL. **Lei nº 173, de 10 de setembro de 1893.** Regula a organização das associações que se fundarem para fins religiosos, Moraes, científicos, artísticos, políticos ou de simples recreio, nos termos do art. 72, § 3º, da Constituição. Capital Federal, 10 set. 1893. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-173-10-setembro-1893-540973-publicacaooriginal-42519-pl.html>>. Acesso em: 05 maio. 2021.

_____. **Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916.** Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1º jan. 1916. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm>. Acesso: 20 abr. 2021.

_____. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.** Rio de Janeiro, 16 jul. 1934. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em 10 abr. 2021.

_____. **Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938.** Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1938. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

_____. **Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938.** Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1938. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **Lei nº 5 de 10 de março de 1942.** Emenda os artigos 122, 166 e 168 da Constituição. Rio de Janeiro, 10 mar. 1942. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lct/lct005.htm>. Acesso: 20 abr. 2021.

_____. **Decreto-Lei nº 4.166, de 11 de março de 1942.** Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 out. 2021.

_____. **Decreto-Lei nº 7.967, de 18 de setembro de 1945.** Dispõe sobre a Imigração e Colonização, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del7967.htm>. Acesso em: 06 abr. 2021.

_____. Cartões de Imigração, 1900-1965 (*FamilySearch*). **Ficha Consular de Qualificação [de] Amilcare Scattolin, 1948.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:V1SL-WQJ>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. _____. **Ficha Consular de Qualificação [de] Cesare Augusto Giacobbe, 1948.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:V1SY-LS5>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. _____. **Ficha Consular de Qualificação [de] Luigi Scattolin, 1948.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QVJY-YVB6>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. São Paulo, Cartões de Imigração, 1902-1980 (*FamilySearch*). **Registro de Estrangeiros [de] Luigi Scattolin, 1948.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QKDR-S6T2>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. Cartões de Imigração, 1900-1965 (*FamilySearch*). **Ficha Consular de Qualificação [de] Olga Piasentin Scattolin, 1948.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:27FG-XY3>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. São Paulo, Cartões de Imigração, 1902-1980 (*FamilySearch*). **Registro de Estrangeiros [de] Alfonso Montone, 1948.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QKD5-WZ2P>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

_____. _____. **Ficha Consular de Qualificação [de] Mario Lardi, 1949.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:VJ12-8QB>>. Acesso em: 23 out. 2021.

_____. **Decreto n.º 30.824, de 7 de maio de 1952.** Promulga o Acordo de Migração entre o Brasil e a Itália, assinado no Rio de Janeiro, a 5 de julho de 1950. Publicado no Diário Oficial de 16 de maio de 1952. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2539431/pg-2-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-16-05-1952>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

_____. Cartões de Imigração, 1900-1965 (*FamilySearch*). **Ficha Consular de Qualificação [de] Graziano Montone, 1953.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:K69P-D5B>>. Acesso em: 23 out. 2021.

_____. _____. **Ficha Consular de Qualificação [de] Martino Orengo, 1954.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:V134-XH2>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. São Paulo, Cartões de Imigração, 1902-1980 (*FamilySearch*). **Registro de Estrangeiros [de] Martino Orengo, 1954.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QK7N-D4QK>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. _____. **Registro de Estrangeiros [de] Martino Orengo, 1956.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QK7N-D4QP>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. Cartões de Imigração, 1900-1965 (*FamilySearch*). **Ficha Consular de Qualificação [de] Vito Carlo Liberio, 1964.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:27NQ-6JL>>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 22 jun. 2021.

_____. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.** Institui o Código Civil. Brasília, 10 jan. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm>. Acesso: 20 abr. 2021.

_____. **Lei nº 11.127, de 28 de junho de 2005.** Altera os arts. 54, 57, 59, 60 e 2.031 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, que institui o Código Civil, e o art. 192 da Lei nº 11.101, de 9 de fevereiro de 2005, e dá outras providências. Brasília, 28 jun. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11127.htm>. Acesso: 20 abr. 2021.

BRILHANTE conferência do dr. Emilio Betti, ontem, na Faculdade de Direito. ***Diário Popular***, Pelotas, p. 14, 26 out. 1958. [BPP]

CHEGARÁ, hoje, a Pelotas, o dr. Emilio Betti, jurista italiano. ***Diário Popular***, Pelotas, p. 6, 24 out. 1958. [BPP]

CLUBE COMERCIAL RESTAURANTE. **Recibo.** Pelotas, 28 jun. 1965. Em anexo Relação das pessoas que compareceram ao almoço oferecido ao Cônsul Geral da Itália. [ACIP]

CLUBE DIAMANTINOS. **Recibo:** aluguel do salão da copa para a realização de um coquetel em 2 jun. 1967. Pelotas, 31 maio. 1967. [ACIP]

CONSOLATO GENERALE D'ITALIA. [Correspondência]. Destinatário: *Associazione Culturale Italo-Brasiliana*. Porto Alegre, 10 set. 1960. [ACIP]

CONSOLATO GENERALE D'ITALIA. **Decreto Consolare di nomina di agente consolare** [Martino Orengo]. Porto Alegre, 7 nov. 1967. [FVO]

CONSOLATO GENERALE D'ITALIA. **Consolato Generale - Porto Alegre**, c2019. O Consulado Geral: A Rede Consular. Disponível em: <https://consportoalegre.esteri.it/consolato_portoalegre/pt/il-consolato/la-rete-consolare/la-rete-consolare.html>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CÔNSUL italiano em Pelotas. Jornal sem identificação [entre 1953-1957]. [FSV]

CONSULADO da Itália: missa para vítimas do terremoto. ***Diário Popular***, Pelotas, p. [8], 2 jun. 1976. [BPP]

CONVITE. ***Diário Popular***, Pelotas, p. 4, 3 jun. 1961. [BPP]

CONVITE. ***Diário Popular***, Pelotas, p. 5, 31 mai. 1967. [BPP]

CONVITE. ***Diário Popular***, Pelotas, 1 jun. 1968. 1º Caderno, p. 6. [BPP]

CONVITE. ***Diário Popular***, Pelotas, 31 maio. 1969. 2º Caderno, p. 4. [BPP]

CONVOCAÇÃO. ***Diário Popular***, Pelotas, 26 mar. 1968. 1º Caderno, p. 6. [BPP]

CORREA FILHO, Breno. Foto Postal Colombo: rua 7 de Setembro, Pelotas, RS, Brasil [1961?]. In: **Flickr**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/breno_correa_filho/6050430199/in/album-72157624426518235/>. Acesso em: 23 set. 2021.

CRIADA em Pelotas a Associação Cultural Ítalo-Brasileira. *Diário Popular*, Pelotas, 7 fev. 1958. Seção Vida social, p. 4. [ACIP]

CRUZ, Álvaro Barboza da. **Recibo:** serviço de reforma da ACIB. Pelotas, 4 fev. 1958. [ACIP]

DELEGADO da Capitania dos Portos em Pelotas. *Diário Popular*, Pelotas, p. 3, 17 jan. 1958. [BPP]

DR. ERNESTO Rona. *Diário Popular*, Pelotas, p. 1, 18 jun. 1936. [BPP]

DROGARIA Unicum Sociedade Anônima. *Diário Popular*, p. 2, 17 abr. 1958. [BPP]

DUVAL, Paulo. Italianos em Pelotas (I). *Diário Popular*, Pelotas, p. 2, 25 jul. 1975. [BPP]

_____. Italianos em Pelotas (XIII). *Diário Popular*, Pelotas, p. 2, 26 set. 1975. [BPP]

ECHENIQUE FILHO, Guilherme; MATTOS, Alaysa Echenique. **Recibo n. 51:** Aluguel da ACIB. Pelotas, 1º abr. 1958. [ACIP]

EDITAL. Cursos de Extensão Universitária UCPel. *Diário Popular*, Pelotas, p. 1, 28 mar. 1965. [BPP]

EDITAL. Secretaria dos Negócios do Interior e Exterior. **A Federação:** Orgam do Partido Republicano, Porto Alegre (RS), 21 out. 1931. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 17 out. 2019.

ELEITA a 1ª Diretoria da Associação Cultural Ítalo-Brasileira. *Diário Popular*, Pelotas, p. 3, 28 mar. 1958. [BPP]

ELENCO dei soci. Società Italiane Riunite. (Lista com compilação dos dados dos sócios das SIR em 1933, documento digitado, [s.d.]). [ACIP]

ELENCO degli immobili di proprietà all'estero (aggiornato al 7 maggio 2021). Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale, c2022. Disponível em:

<https://www.esteri.it/it/trasparenza_comunicazioni_legali/beni_immobili_gestione_patrimonio/patrimonio_immobiliare/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

EMBAIXADOR italiano fará visita a Pelotas, dia 26. *Diário Popular*, Pelotas, p. 1, 2 ago. 1975. [BPP]

EM PELOTAS, dia 23, o Consul Geral da Itália no Estado. *Diário Popular*, Pelotas, p. 6, 20 abr. 1960. [BPP]

ERALDO Giacobbe. In: **Wikipédia:** a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eraldo_Giacobbe>. Acesso em: 07 out. 2021.

ESTÁ encarregado do vice-consulado italiano, em Pelotas, o sr. Antonio Lorenzini. **A Federação**: Orgam do Partido Republicano, Porto Alegre (RS), p. 1, 23 jan. 1891. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

FARIAS, Ivanilda Portella. **Recibo**: pagamento de salário como funcionária da ACIB. Manuscrito. Pelotas, 30 ago. 1958. [ACIP]

FESTA Italiana. *Comemorazione 28 ottobre*. **Diário Popular**, Pelotas, p. 4, 29 out. 1937. [BPP] (repete dias 30 e 31 out. 1937)

FOI COMEMORADO pela Colônia Italiana o Natal de Roma. **Il Giornale dell'Agricoltore**, Caxias do Sul, p. 7, 29 abr. 1937. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

FOI INAUGURADA no edifício da Sociedade Italiana Reunida. **Echo do Sul**: Órgão do Partido Conservador, Pelotas, [p. 2], 21 set. 1887.

FURG. **Nota de falecimento**: Professor Giovanni Baruffa foi docente efetivo da Famed por quase 30 anos. Publicada em 14 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.furg.br/reitoria/informes-da-reitoria/nota-de-falecimento-92>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

HISTÓRIA. Há mais de 120 de qualidade jornalística. **Diário Popular**, Pelotas (RS). Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.br/historia/>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

ITALIA. *Regio Decreto 8 aprile 1888, n. 5358. Concernente la soppressione e l'istituzione di Consolati e Vice Consolati, la circoscrizione territoriale dei Consolati negli Stati Uniti d'America e gli assegni da corrispondersi agli ufficiali consolari di 1ª categoria*. In: **Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia**. Roma, n. 97, p. 1250-1251, 24 apr. 1888. Disponível em: <https://www.gazzettaufficiale.it/ricerca/pdf/foglio_ordinario1/1/0/0?reset=true>. Acesso em: 01 nov. 2019.

_____. *Regio Decreto 4 giugno 1891, n. 349. Concernente il personale consolare di Porto Alegre e di San Paolo*. In: **Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia**. Roma, n. 161, p. 2050, 11 luglio 1891. Disponível em: <https://www.gazzettaufficiale.it/ricerca/pdf/foglio_ordinario1/1/0/0?reset=true>. Acesso m: 01 nov. 2019.

_____. *Scuola Magistrale Principessa Mafalda in Venezia*. **Diploma di Abilitazione all'insegnamento nelle Scuole del Grado Preparatorio**. Conferito a Piasentin Olga. Venezia, 31 maggio 1940. [FSV]

_____. *Servizio dello Stato Civile [di] Inverio (Novara)*. **Estratto dell'atto di nascita [di] Enrico Loreia**. Data di nascita: 10/01/1892. Data di rilascio: 8/11/1997. [LHLL]

ITÁLIA: É hoje a data nacional. **Diário Popular**, Pelotas, p. 1, 02 jun. 1981. [BPP]

ITÁLIA festeja sua data hoje. E o centenário de morte de G. Garibaldi. **Diário Popular**, Pelotas, p. 1, 02 jun. 1982. [BPP]

ITALIANI e Decendenti. **Diário Popular**, Pelotas, p. 4, 9 ago. 1936. [BPP]

ITALIANOS comemoram 37 anos de República. **Diário Popular**, Pelotas, p. [10], 31 maio. 1983. [BPP]

LISTA de italianos residentes em Pelotas (com nome, sobrenome, data e local de nasc.). [Pelotas], 14 set. 1992. 7 f. [ACIP]

LOPES, Heloísa Gomes. **Luigi Scattolin**. Jornal não identificado [1987]. Seção Tribuna. [FSV].

LOUZADA, Carlos Marino. Sociedade italiana, ano de 1937. **Diário da Manhã**, Pelotas, 25 abr. 1993. Seção Lembranças que lembram. [ACIP]

LUCIA, Thomaz. **Declaração**. Pelotas, 05 jan. 1995. [ACIP]

O DIA de hoje, 17 de junho, na História do Rio Grande do Sul. 1936 - PELOTAS - Morre Ernesto Ronna. **Blog Canguçu em Foco**. Canguçu, 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.cangucuemfoco.com.br/2013/06/hoje-e-o-dia-17-de-junho-segunda-feira.html>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

PARTICIPAÇÃO. **Diário Popular**, Pelotas, 2 jun. 1971. 1º Caderno, p. 5. [BPP]

PELOTAS (RS). Rocha Brito Serviço Notarial e Registral. Certidão de Registro Civil das Pessoas Jurídicas. **Estatuto Social da Sociedades Italianas Reunidas União Filantrópica e Círculo Garibaldi**. Livro A-1, fls. 1, nº 1. Registro em: 11 out. 1902. [NDH]

_____. _____. _____. **Alteração do Estatuto Social da Sociedades Italianas Reunidas Unione Filantropia e Circolo Garibaldi**. Livro A-1, fls. 2, nº 4. Registro em: 29 maio. 1903. [NDH]

_____. _____. _____. **Alteração do Estatuto Social das Sociedades Italianas Reunidas, alterando a sua denominação para Sociedade Italiana Guglielmo Marconi**. Livro A-2, fls. 226, nº 95. Registro em: 14 nov. 1938. [ACIP]

_____. Primeiro Tabelionato da Comarca de Pelotas. **Certidão [de] registro Escritura de doação condicional que faz a Sociedade Italiana Guglielmo Marconi ao Real Governo da Itália** (inclui a transcrição da Ata da Assembleia Geral Extraordinária realizada em 20 dez. 1939). Livro nº 120, fls. 145. Registro em: 19 fev. 1940. [ACIP]

_____. Cartório do Registro de Imóveis da Primeira Zona da Comarca de Pelotas. **Certidão [de] registro de uma Escritura Pública de Doação condicional**. Livro 3-F, fls. 39, nº 8.968. Registro em: 23 fev. 1940. [ACIP]

_____. Justiça do Trabalho. **Processo JCJ – 62-87/52 - Pelotas** (1952-1956). Reclamante: Vicente Maciel Hernandez e outros. Reclamada: Bergoglio & Caruccio Ltda. Disponível em: <<https://www.trt4.jus.br/atom/index.php/rt-62-87-52-pelotas>>. Acesso em: 04 out. 2021.

_____. Cartório de Registro Especial. Registro Civil das Pessoas Jurídicas. **Certidão da inscrição do Estatuto da Associação Cultural Ítalo-Brasileira**. Livro A-4, fls. 29-30, nº 850. Registro em: 8 abr. 1968. [ACIP]

_____. Rocha Brito Serviço Notarial e Registral. Certidão de Registro Civil das Pessoas Jurídicas. **Alteração do Estatuto Social da Sociedade Italiana Guglielmo Marconi, alterando a sua denominação para Sociedade Italiana Pelotense**. Livro A-4, fls. 144, nº 1.673. Registro em: 26 jan. 1995. [ACIP]

_____. _____. _____. **Alteração do Estatuto Social da Sociedade Italiana Pelotense, alterando a sua denominação para Associação Cultural Italiana Pelotense**. Livro A-12, fls. 157, nº 3769. Registro em: 22 maio. 2006. [ACIP]

PESAR em Pelotas pelo falecimento de Henrique Lorea. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 12 mar. 1954. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

POR FALECIMENTO de Ernesto Ronna ficou vago o cargo de vice cônsul de Itália nesta cidade. **Diário Popular**, Pelotas, p. 2, 9 ago. 1936. [BPP]

PRESIDENZA DELLA REPUBBLICA ITALIANA. Onorificenze: Cavaliere dell'Ordine della Stella d'Italia (già Stella della solidarietà italiana) [a] GIACOBBE Eraldo. Concedida em: 30 jul. 1952. Disponível em: <<https://www.quirinale.it/onorificenze/insigniti/23415>> Acesso em: 17 set. 2019.

_____. *Onorificenze: Cavaliere dell'Ordine della Stella d'Italia (già Stella della solidarietà italiana) [a] SCATTOLIN Luigi.* Concedida em: 25 jan. 1956. Disponível em: <<https://www.quirinale.it/onorificenze/insigniti/21873>> Acesso em: 17 set. 2019.

_____. *Onorificenze: Commendatore dell'Ordine della Stella d'Italia (già Stella della solidarietà italiana) [a] CARINGI Antonio.* Concedida em: 18 jul. 1956. Disponível em: <<https://www.quirinale.it/onorificenze/insigniti/26886>>. Acesso em: 12 out. 2021.

_____. *Onorificenze: Stella al merito del lavoro [a] BARUFFA Giovanni.* Concedida em: 30 abr. 1999. Disponível em: <<https://www.quirinale.it/onorificenze/insigniti/278429>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

_____. *Il sito ufficiale della Presidenza della Repubblica*, [s.d.]. *Onorificenze: Ordine della Stella della Solidarietà Italiana.* Disponível em: <<https://www.quirinale.it/page/stellasolid>>. Acesso em: 06 out. 2021.

RELATÓRIOS do Ministério das Relações Exteriores (RJ). **Quadro do Corpo Consular Estrangeiro**. Rio de Janeiro, 1891-1929. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

REPÚBLICA italiana é festejada com coquetel. **Diário Popular**, Pelotas, p. [8], 2 jun. 1974. [BPP]

REPÚBLICA italiana vai ser comemorada amanhã. **Diário Popular**, Pelotas, p. 8, 1º jun. 1975. [BPP]

REPÚBLICA Italiana. **Diário Popular**, Pelotas, p. [8], 31 maio. 1980. [BPP]

RIO GRANDE DO SUL. Acto de 4 de Maio de 1877, aprovando os estatutos da sociedade italiana, denominada União e Philantropia, estabelecida na cidade de Pelotas. **Collecção dos actos, regulamentos, e instrucções** expedidas pela Presidência da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul em 1877. Porto Alegre: Typ. do Mercantil, 1881, p. 24-31. [NDH]

_____. Extrato do Estatuto da Associação Cultural Ítalo-Brasileira – Pelotas (1958). **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**: Porto Alegre, ano 25, n. 276, p. 22, 21 jun. 1967. Disponível em: <<https://www.diariooficial.rs.gov.br/diario?td=DOE&dt=1967-06-21&pg=22>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

RONCARI, Armida; BRIGHENTI, Carlo. *La lingua italiana insegnata agli stranieri*. Possui 255 p. pela ed. XIV Casa Editrice A. Mondadori, 1940 editor Arnoldo Mondadori, em 1957. [LAOC]

SCATOLIN faleceu. Jornal sem identificação [1987]. [FSV]

SCATTOLIN, Luigi. Folha de rosto da *Tesi di Laurea: Lo Stato di Rio Grande do Sul nel Brasile. Istituto Universitario di Economia e Commercio. Venezia, anno accademico 1946-1947*. [FSV]

S. E. MARCONI a Rio de Janeiro. **Il Giornale dell'Agricoltore**, Caxias do Sul, 26 set. 1935, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882445&Pesq=guglielmo%20marconi&pagfis=511>>. Acesso em: 17 out. 2019.

SECRETARIA do interior e exterior. **A Federação**: Orgam do Partido Republicano, Porto Alegre (RS), p. 2, 23 jun. 1894. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

SEMANA de Dante. **Diário Popular**, Pelotas, p. 4, 20 jun. 1965. [BPP]

SESSÃO Cívica assinalará a data da República Italiana. **Diário Popular**, Pelotas, última página, 3 jun. 1972. [BPP]

SESSÃO cívica na Agência Consular da Itália hoje. **Diário Popular**, Pelotas, p. [8], 5 jun. 1977. [BPP]

SERÁ CRIADA em Pelotas uma Associação Cultural e Recreativa Ítalo-Brasileira. **Diário Popular**, Pelotas, 18 nov. 1951. [ACIP]

SIGM. Società Italiana Guglielmo Marconi. **Ata constitutiva e Estatutos da Sociedade**. Pelotas, 17 out. 1938 (7 fls.) [ACIP]

SILVA, Cláudio. **Recibo**: Transporte de móveis da ACIB. Pelotas, 5 jun. 1962. [ACIP]

SIP. **Ata nº 6, de fundação**. Pelotas, 24 out. 1992. [ACIP]

_____. **Ata da Comissão Pró-Reerguimento da Società Italiana Guglielmo Marconi**. Pelotas, 11 jun. 1994. [ACIP]

_____. **Placa**. Pelotas, 02 dez. 1994. [FVO]

SOCIEDADE Italiana. [Transcrição manuscrita por Beatriz Loner]. **Diário Liberal**, p. 6, 13 abr. 1934. [NDH]

_____. _____. **A Opinião Pública**, 21 abr. 1937. [NDH]

SOCIEDADE Italiana Guglielmo Marconi. Reunião de Assembleia Geral Extraordinária. **Diário Popular**, Pelotas, p. 4, 15 out. 1938. [BPP]

SOCIETÀ Italiana "Guglielmo Marconi". Riunione Generale. Diário Popular, Pelotas, p. 2, 3 fev. 1938 (repete dias 4 e 6 fev., p. 2 e 3, respectivamente). [BPP]

STF. A Constituição e o Supremo. **ADI 3.045**, voto do rel. min. Celso de Mello, j. 10-8-2005, P, *DJ* de 1º-6-2007. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/constituicao/constituicao.asp>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

TÍTULO de cidadão pelotense ao industrialista Eraldo Giacobbe. **Diário Popular**, Pelotas, p. 3, 19 mar. 1960. [BPP]

TRANSFERIDO para reserva a pedido Cel. Edison Vignoli. **Diário Popular**, Pelotas, p. 8, 05 abr. 1963. [BPP]

UCPEL. Universidade Católica de Pelotas. Vice-Reitoria Acadêmica. Secretaria das Coordenações. **Curriculum Vitae do professor Luigi Scattolin**, [s.d.] [FSV]

_____. **Nota de Falecimento - Professor Victorino Piccinini**. Publicada em 12 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.ucpel.edu.br/noticias/nota-de-falecimento-professor-victorino-piccinini>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

_____. **Nota de pesar - ex-professor da Medicina, Giovanni Baruffa**. Publicada em 13 jan. 2022. Disponível em: <<https://ucpel.edu.br/noticias/nota-de-pesar-ex-professor-da-medicina-giovanni-baruffa>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

UFPEL. Coordenadoria de Comunicação Social. **Nota de Pesar – Victorino Piccinini**. Publicada em 13 dez. 2016. Disponível em: <<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2016/12/13/nota-de-pesar-victorino-piccinini>> Acesso em 28 abr. 2021.

VIGNOLI, Diego. **Árvore Genealógica da Família de Luigi Vignoli**. Elaborada em 13 nov. 2012 e gentilmente cedida pelo autor. 32p.

XII ANIVERSÁRIO da República Italiana. Convite. ***Diário Popular***, Pelotas, p. 3, 31 maio. 1958 (repete dia 1 jun., p. 3). [BPP]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação. In: SIMSON, Olga R. von; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (Orgs.). **Educação não-formal**. Cenários da criação. Campinas: Unicamp: Centro de Memória, 2001. p. 29-38.

AGULHON, Maurice. *Vers une histoire des associations*. **Esprit**, n. 6, p. 13-18, juin 1978. Disponível em: <<https://esprit.presse.fr/article/agulhon-maurice/vers-une-histoire-des-associations-26466>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

_____. Visão dos Bastidores. In: NORA, Pierre (org). **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Difel, 1987. p. 13-62.

_____. *Clase obrera y sociabilidad antes de 1848*. Tradução: Eduard J. Verger. **Historia Social**, n. 12, p. 141-66, 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40657950>>. Acesso em: 21 maio. 2021.

_____. *Préface*. In: LEUWERS, Hervé; BARRIERE, Jean-Paul; LEFEBVRE, Bernard (dir.). **Élites et sociabilité au XIXe siècle: Héritages, identités** [on-line]. Villeneuve d'Ascq: Publications de l'Institut de recherches historiques du Septentrion, 2001. p. 5-8. Disponível em: <<http://books.openedition.org/irhis/262>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; BUECKE, Jane Elisa Otomar. Educação não escolar: balanço da produção presente nos congressos brasileiros de história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e069>> Acesso em: 15 nov. 2019.

AMADO, Janaína. O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados x Galinhas Gordas**: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960). 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. da UFPel, 2000.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e Gaúchos**: Os Anos Pioneiros da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975.

BACAL, Azril. ***Ethnicity in the Social Sciences: A view and a review of the literature on ethnicity (Reprint paper in ethnic relations, nº 3)***. Coventry, UK: Centre for Research in Ethnic Relations, University of Warwick, 1991.

Disponível em:

<<https://www.semanticscholar.org/paper/ETHNICITY-IN-THE-SOCIAL-SCIENCES-A-view-and-a-of-on-Bacal/6fe61922381ee052a24c9fd516c533c6186323c7>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-79.

BARAUSSE, Alberto. Chamas da educação nacional e do sentimento pátrio: as escolas italianas no rio grande do sul da colonização ao final do século 19 (1875-1898). **Hist. Educ.** (Online), Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 41-85, jan./abr. 2017.

BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e Suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philipp; STREIFF- FENART, Joceline. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo, SP: UNESP, 1998. p. 187-227.

BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernâni Caminha. **8ª Brigada de Infantaria Motorizada**: Brigada Manoel Marques de Souza 1º. Porto Alegre, 2001.

BERGER, Renato; TOZZINI, Syllas. A finalidade das associações no novo Código Civil. **Revista eletrônica Consultor Jurídico (ConJur)**. Publicado em 19 maio. 2003. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2003-mai-19/finalidade_associacoes_codigo_civil>. Acesso em: 15 maio. 2021.

BERTAGNA, Federica; TEDESCO, João Carlos. *Fratelli d'Italia e del Brasile? Associazionismo, immigrazione e dinamiche dell'italianità nel Sud del Brasile. Studi Emigrazione/Migration Studies*, LII, n. 199, 2015.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BETEMPS, Leandro Ramos (org.); JACCOTTET, Alda Maria de Moraes. **Povoadores de Pelotas-RS**: Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1825). Volume I. Pelotas: Ed. da UFPel, 2006.

BETRIA, Mercedes. *Sociabilidades, vida cultural y vida política en el siglo XIX argentino*. In: **Dossier. Sociabilidades, vida cultural y vida política en el siglo XIX argentino**, n. 68, nov. 2015. Disponível em: <<https://historiapolitica.com/dossiers/sociabilidades-siglo-xix/>> . Acesso em: 16 ago. 2020.

BITTENCOURT, C. M. F. As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 43-72.

BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. In: MENDES, Gilmar Ferreira; COELHO, Inocêncio Mártires; BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. **Curso de direito constitucional**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRUNO, Paula. *Presentación. Dossier: Sociabilidades culturales en Buenos Aires, 1860-1930*. **Prismas: Revista de Historia Intelectual**, vol. 16, n. 2, p. 161-166, oct. 2012. Disponível em: <https://historiaintelectual.com.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/Bruno_prismas_16>. Acesso em: 16 ago. 2020.

CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas, 1923-1939**. 2014. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CALDO, Paula; FERNÁNDEZ, Sandra. *Sobre el sentido de lo social: asociacionismo y sociabilidad. Un breve balance*, In: FERNÁNDEZ, Sandra; VIDELA, Oscar (comps.). **Ciudad oblicua: aproximaciones a temas e intérpretes de la entreguerra rosarina. Rosario, La Quinta Pata & Camino Ediciones**, 2008. p. 145-151. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/dossiers/sociabilidades-siglo-xix/>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

CANAL, Jordi. Maurice Agulhon e a categoria sociabilidade. **Ler História** [Online], 68 | 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/1780>> Acesso em 16 jul. 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CARBONI, Florence. A origem italiana dos falares da Serra Gaúcha. In: Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, 9, 1999, Caxias do Sul. **Anais [...]** Org. DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria B. P. Caxias do Sul: Educs, 1999. p. 281-294.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa: A contribuição da teoria da argumentação**. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

CARVALHO, Fernando Mibielli de. Ainda a imigração do Após-Guerra. **Revista de Imigração e Colonização**, Rio de Janeiro. Ano IV, n. 4, p. 67-80, dez. 1943. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.seade.gov.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CASTRO, Renata Brião de; WEIDUSCHADT, Patrícia. Escolas étnicas e sociedades italianas no Município de Pelotas (RS) (1883-1937): constituição e percursos. In: LUCHESE, Terciane Ângela (Org.). **Escolarização, culturas e instituições: escolas étnicas italianas em terras brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2018. p. 207-226.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução: Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316 (Coleção Sociologia).

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**: “Andiamo in 'Merica...”. 3. edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Edusp, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 2002.

CHEVALIER, Yves. Associação. In: BOUDON, Raymond *et al.* **Dicionário de sociologia**. Tradução: António J. Pinto Ribeiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD: La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud, 1875-1925. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia.; Livraria do Globo, 1925. 2 v.

CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE PELOTAS. **Cipel**, [s.d.]. História. Disponível em: <<https://www.cipel.org.br/#history>>. Acesso em: 07 out. 2021.

COLOGNESE, Silvio Antonio. **Associações étnicas de italianos**: Identidade e Globalização. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

COLUCCI, Michele. Istituzioni ed emigrazione nell'Italia del secondo dopoguerra. **Altreitalie**, n. 36-37, p. 17-25, gennaio-dicembre 2008.

CONCEIÇÃO, Josuan Ávila da. **A indústria alimentícia na cidade de Pelotas (RS) e sua participação na divisão territorial do trabalho no Rio Grande do Sul**: o caso do beneficiamento de arroz. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2015.

CONHEÇA a Hemeroteca Digital Brasileira. **Biblioteca Nacional**, 2020. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/07/conheca-hemeroteca-digital-brasileira>>. Acesso em: 06 out. 2021.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: imigrantes na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST, 1991.

_____. **Italiano na cidade**: a imigração Itálica nas cidades brasileiras. Passo Fundo: UPF, 2000.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1987. p. 363-382.

COSTA, Mauricio Mesurini da; DIRSCHNABEL, Leandro. A doutrina da segurança nacional: justificação da ditadura militar e perseguição do “inimigo”. **Revista de Direito da Univille**, Joinville, v. 2, n. 1, p. 9-25, dez. 2012.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís A. Nós, os gringos. In: MAESTRI, Mário (Org.). **Nós, os ítalo-gaúchos**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998. p. 18-23.

DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3ª ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984.

DE MAURO, Tullio. *L'Italia linguistica dall'unità all'età della Repubblica*. In: **La lingua italiana fattore portante dell'identità nazionale**. Presidenza della Repubblica Italiana, Società Dante Alighieri, Roma: Tipografia Veneziana, 2011. p. 4-6.

Disponível em:

<<http://www.quirinale.it/qrnw/statico/artecultura/pub/pdf/linguaitaliana.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

_____. **Storia linguistica d'Italia dall'Unità a oggi**. Edizione digitale: Gius. Laterza & Figli Spa, Bari-Roma, mar. 2017.

DE RUGGIERO, Antonio. *Le celebrazioni del "XX Settembre" tra gli immigrati italiani nel Rio Grande do Sul* [ebook]. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (Orgs.). **Festas, comemorações e rememorações na imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 930-944.

DE RUGGIERO, Antonio. Os italianos nas cidades do Rio Grande do Sul: redes de sociabilidade e associativismo étnico (1870-1914). In: LUCHESE, Terciane Ângela [et al.]. **Migrações e história da educação**: saberes, práticas e instituições, um olhar transnacional. Caxias do Sul, RS: Educs, 2021. p. 395-423.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. Artes plásticas. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas** [recurso eletrônico]. 3. ed. Pelotas: Editora UFPel, 2017. p. 15-21. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3735>>. Acesso em: 23 out. 2021.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de direito civil brasileiro**, v. 1: teoria geral do direito civil. 29ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

ECO, Umberto. *L'italiano del futuro*. In: **La lingua italiana fattore portante dell'identità nazionale**. Presidenza della Repubblica Italiana, Società Dante Alighieri, Roma: Tipografia Veneziana, 2011. p. 14-17. Disponível em: <<http://www.quirinale.it/qrnw/statico/artecultura/pub/pdf/linguaitaliana.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Tradução: Heloisa Pimenta Rocha; Vera Gaspar da Silva. Campinas, SP: Alínea, 2017.

EXEQUATUR. In: **Dicionário Caldas Aulete Digital**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2021. Disponível em: <<https://aulete.com.br/exequatur>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O Papel da Literatura na Criação das Nações da Europa. In: CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da (ed.). **Escrever a nação**: literatura e nacionalidade (uma antologia). Ponte Guimarães: Opera Omnia, 2011. p. 77-99.

FACCHINETTI, Luciana. A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. O Imigrante Italiano do Segundo Pós-Guerra. **Trajetos**. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 2, n. 4, 2003. p. 185-204.

FARIA FILHO et al. A cultura escolar como categoria de análise e como Campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, jan./abr., 2004. p. 139-159.

FERREIRA, Vânia Farias. **Universidade Federal de Pelotas à época da ditadura civil-militar: memórias divergentes de uma trajetória**. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

FOGAÇA, João Vitor; CARVALHO, Talita de. **Inciso XVII – Liberdade de associação**. Publicado em 3 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/artigo-5/liberdade-de-associacao/>> Acesso em: 10 maio. 2021.

FROSI, Vitalina Maria. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul (1875-1997)**. Passo Fundo: UPF, 2000. p. 83-98.

_____. A Identidade Étnica e Linguística do Ítalo-Brasileiro: sua constituição e reconstrução. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 16/2, p. 101-124, dez. 2013.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 257-280, jul./dez. 2005.

GABACCIA, Dona R. **Emigranti. Le diaspora degli italiani dal Medioevo a oggi**. Tradução: Isabella Negri. Torino: Einaudi, 2000.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. In: *Institut International des Droits de L'enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?* Sion (Suíça), 18-22 octobre, 2005. p. 1-11. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/5445484-A-questao-da-educacao-formal-nao-formal.html>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GARCIA, Valeria Aroeira. **A educação não-formal como acontecimento**. 2009. 455f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em:

<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251690>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

GAYOL, Sandra. *Maurice Agulhon, El Círculo Burgués. La sociabilidad en Francia, 1810-1848. Prismas - Revista de Historia Intelectual*, vol. 14, n. 1, p. 212-214, jun. 2010. Disponível em: <https://historiaintelectual.com.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/Gayol_prismas_14/1339>. Acesso em: 16 ago. 2020.

GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. Tradução: Paulo Butti de Lima. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 22, n. 62, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100005>. Acesso em: 22 maio. 2019.

GILL, Lorena Almeida; SILVA, Eduarda B. Perspectivas para a História Oral. In: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISBERO, Pedro; FACHINETO, Rochele (Orgs.). **Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação**. Jundiaí, Santa Catarina: Paco Editorial, v. 2, p. 107-126, 2016.

GIOVANNI Angelo Bergoglio. *Familysearch*, c2021. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/details/LYHJ-RJ6>>. Acesso em: 09 out. 2021.

GLASER, Daniel. *Dynamics of ethnic identification. American sociological review*, Feb. 1958, v. 1, n. 23, p. 31. Disponível em: <<https://pressbooks.ulib.csuohio.edu/ethnicity/chapter/dynamics-of-ethnic-identification/>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel P. *Introduction*. In: GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel P.; SCHELLING, Corinne S. (Ed.). **Ethnicity: Theory and Experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONZÁLEZ BERNALDO, Pilar. *La «sociabilidad» y la historia política. Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [on-line], publicado em 17 fev. 2008. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/24082>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

_____. Maurice Agulhon, un historiador de la República. In: AGULHON, Maurice. **El círculo burgués, seguido de una pequeña biografía intelectual**. Buenos Aires, Siglo XXI, 2009. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01935041>> Acesso em: 16 ago. 2020.

GRANDO, Marinês Z. A colonização europeia não portuguesa no município de Pelotas. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 47-55, 1984. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/456/688>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

GUEREÑA, Jean-Louis. *Espacios y formas de la sociabilidad en la España contemporánea. Introducción*. **Hispania**, LXIII/2, n. 214, p. 409–414, 2003. Disponível em: <<http://hispania.revistas.csic.es/index.php/hispania/article/view/217>>. Acesso em: 14 maio. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HERÉDIA, Vania. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, vol. 10, 1 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-10.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

HONORÁRIO. In: **Dicionário Caldas Aulete Digital**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2021. Disponível em: <<https://aulete.com.br/honorário>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

HOBBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução: Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSBAWM, E. J.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 9-23.

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder**: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2001.

_____. **Imigração e Poder**: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no RS (1875-1914). Caxias do Sul: Educs, 2010.

ITALIANITÀ. In: TRECCANI, **Vocabolario on line**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2019. Disponível em: <<http://www.treccani.it/vocabolario/italianita/>>. Acesso em 29 nov. 2019.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43. jan./jun. 2001.

KREUTZ, Lucio. Identidade étnica e processo escolar. In: **Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, XXV ANPOCS, Caxambu, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a03.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

_____. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 159-176, set./out./nov./dez. 2000.

_____. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 347-370.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, 8 (supl.), p. 49-90, jun. 1974. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89101974000500003>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

LIMA, Lucínio C.; SANCHO, Amélia Vitória. Elementos de análise sócio-organizacional das associações locais: a partir de um inquérito-piloto realizado no concelho de Braga. **Separata da Revista Forum**, Braga: Universidade do Minho, vol. 5, p. 77-89, maio 1989.

LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. **ECOS Revista**, Pelotas: Universidade Católica de Pelotas/EDUCAT, v. 2, n. 1, p. 5-34, abril 1998.

_____. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande**. 2. ed. Pelotas: Ed. da UFPel, 2016.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. [o que você precisa saber sobre...] **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

_____. As sociedades de socorros mútuos italianas em São Paulo. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil**. Volume II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

_____. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

LUCHESI, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita**. 2007. 495f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

_____. Escolas étnico-comunitárias italianas mantidas por Associações de Socorro Mútuo: circulação e produção cultural da “italianità”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 5., 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico3/Escolas_etnico_o_comunitarias_italianas_mantidas.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio (orgs). **Imigração e Educação no Brasil: histórias, práticas e processos escolares**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio; GASPARINI XERRI, Eliana. Escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do Sul: entre o rural e o urbano (1875 – 1914). **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 211-221, July/Dec., 2014. Disponível em:
<<https://doi.org/10.4025/actascieduc.v36i2.22176>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Clarice Rego. **A Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973) - Trajetória institucional e papel na História da Arte**. 2013. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004. 178p.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Livraria Mundial/Ed. da UFPel, 1993.

MAGGI, Steffano. *Mutualismo, mutualità, mutuo soccorso, mutua. Funzioni e definizioni nella storia*. In: MAGGI, Steffano (org.). **Il significato della mutualità**. 1ª ed. Milano: FrancoAngeli, 2021. Disponível em:
<http://ojs.francoangeli.it/_omp/index.php/oa/catalog/book/654>. Acesso em: 06 maio. 2021. p. 25-45.

MANSAN, Aime Valim. **Os expurgos na UFRGS**: afastamentos sumários de professores no contexto da ditadura civil-militar (1964 e 1969). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MARCIA su Roma. In: TRECCANI, **Dizionario di Storia**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2010. Disponível em:
<https://www.treccani.it/enciclopedia/marcia-su-roma_%28Dizionario-di-Storia%29/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

MARCONI. Guglielmo Marconi. Acervo de personalidades. **Estadão**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em:
<<https://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,marconi,1002,0.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MATOS, Vera de. Do *risorgimento* à república: a Itália em busca de uma identidade nacional. In: SIMÕES, Rita Basílio de; SERRANO, Clara; NETO, Sérgio; MIRANDA, João (orgs.). **Pessoas e ideias em trânsito**: percursos e imaginários. Coimbra,

Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 125-153. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1362-8_5>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MILAN, Leticia PORTELLA. Dissertação. LAZER E SOCIABILIDADE DA ELITE PELOTENSE: OS DIÁRIOS DE CLARICE TAVARES XAVIER. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MOREL, Marco. Sociabilidades entre Luzes e sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 3-22, 2001. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2147/1286>>. Acesso em 15 ago. 2020.

MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, Cristina Carneiro; LUCA, Tania Regina de; GUIMARÃES, Valéria (orgs.). **Identidades brasileiras**: composições e recomposições [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2014. p. 7-29. Coleção Desafios Contemporâneos. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h5jt2/03>>. Acesso em 22 jul. 2021.

MÜLLER, Dalila. “**Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza**”: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

NEIS, Fabiano. **As Sociedades Italianas em Pelotas**: a formação de uma identidade coletiva (1870 - 1925). 2016. 81 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2018/07/Fabiano-Neis.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

NOSSA história. **Instituto de Menores Dom Antônio Zattera**. Disponível em: <<https://imdazpelotas.wixsite.com/imdaz/sobre-nos>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 3, p. 609-633, Set./Dez. 2013.

OSPITAL, María Silvia; CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Construção da identidade e associações italianas: La Plata e Porto Alegre (1880-1920). In: **Estudos Ibero-americanos**, PUCRS, v. XXV, n. 2, p. 131-145, dez. 1999.

PALHARES, José Augusto. Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, 22(2), p. 53-84, 2009.

PASTOR HOMES, Maria Inmaculada. *Orígenes y evolución del concepto de*

educación no formal. In: **Revista Española de Pedagogía**, año LIX, n. 220, p. 525-544, sept./dic. 2001. Disponível em: <<https://revistadepedagogia.org/lix/no-220/origenes-y-evolucion-del-concepto-de-educacion-no-formal/101400009894/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

PINCINATO, Daiane Antunes Vieira. **Homens e masculinidades na cultura do magistério**: uma escolha pelo possível, um lugar para brilhar (São Paulo, 1950 - 1989). 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

POMATTI, Angela Beatriz. **Italianos na cidade de Pelotas**: doenças e práticas de cura - 1890 a 1930. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

POMATTI, Angela Beatriz; LONER, Beatriz. Italianos. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas** [recurso eletrônico]. 3. ed. Pelotas: Editora UFPel, 2017. p. 171-172. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3735>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

POSSAMAI, Paulo. **Dall'Italia siamo partiti**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: Ed. da UPF, 2005.

POUTIGNAT, Philippe & STREIT-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

PRIMO do papa Francisco viveu em Pelotas. **GZH**, Porto Alegre, 16 mar. 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/amp/primo-do-papa-francisco-viveu-em-pelotas-4076830.html>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

RECH, Gelson Leonardo. **Escolas étnicas italianas em Porto Alegre/RS (1877-1938)**: a formação de uma rede escolar e o fascismo. 2015. 451 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. 2v.

RECH, Gelson Leonardo; LUCHESE, Terciane Ângela. **Escolas italianas no Rio Grande do Sul**: pesquisa e documentos. Caxias do Sul: Educus, 2018.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. Tradução: Glaydson José Martins. **Revista Aulas**. Dossiê Subjetividades. Org. Adilton Luís Martins. Campinas: IFCH, v. 01, nº 02, p. 87-101, 2006. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/aulas/issue/view/109/pdf_1>. Acesso em: 03 jul. 2021.

RENK, Valquiria Elita. O estado e as políticas de nacionalização da infância nas escolas étnicas do Paraná. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 52, p. 165-182, set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640236>>. Acesso em: 10 set. 2018.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do latim essencial**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Clássica)

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BASTOS, Sênia Regina. Imigração italiana para o Brasil no Pós Segunda Guerra Mundial: perfil das entradas e trajetórias. In: BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Claudio (Orgs.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo**: Estudos Temáticos. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, v. 10, 2013. p. 151-169. Coleção Por dentro do Estado de São Paulo.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História e documento e metodologia de pesquisa**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 27, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SANTOS, Andréia Albuquerque dos. **A Sociedade Italiana Pelotense**. 2002. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

SANTOS, Marco Fridolin Sommer. Relato de Emilio Betti sobre a visita à Universidade do Rio Grande do Sul. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, Porto Alegre, n. 24, p. 279-292, 2004.

SANTOS, Miriam de Oliveira. Reescrevendo a história: imigrantes italianos, colonos alemães, portugueses e a população brasileira no sul do Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 230 - 246. jan./abr. 2017.

SAVIANI, Dermeval; et al. Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. *Rev. Bras. Hist. Educ* [online], v. 11, n. 3 (27), p. 13-45, set./dez. 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-00942011000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 dez. 2021.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: FCC, 1982.

_____. Etnicidade. In: SILVA, Benedicto (Coord. Geral). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 436-437.

_____. Grupo Étnico. In: SILVA, Benedicto (Coord. Geral). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 530-532.

_____. Os imigrantes e a Política de Nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p. 199-228. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

_____. Memória Coletiva, Identidade e Colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil. **Revista Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 13-39, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença**. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA JR., Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul–Brasil, 1854-1940)**. 2004. 574 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.

SOUZA, Mariza Fernanda Vargas de. **Frederico Trebbi e Instituto Nossa Senhora da Conceição: a busca de conceitos e critérios que assegurem manter a integridade de um acervo**. 2012. 102 f. Monografia (Especialização em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

TARDY, Jean-Noël. *Le lien social comme lien politique. Retour sur la notion de sociabilité*. In: **Maurice Agulhon: Aux carrefours de l'histoire vagabonde** [en ligne]. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2017. Disponível em: <<http://books.openedition.org/psorbonne/55898>>. Acesso em: 22 mai 2021.

TONET, Tânia Maria Zardo. Os ítalo-gaúchos: mais que denominação, consciência de cidadania. In: MAESTRI, Mário (Org.). **Nós, os ítalo-gaúchos**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998. p. 62-63.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. Tradução: Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Nobel: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

TRILLA BERNET, Jaume. A educação não formal. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não formal**. São Paulo: Summus, 2008. p. 15-58.

ULLRICH, Carl Otto. As colônias Alemãs no sul do Brasil. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 57-74, 1984. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/459/690>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

UMA tradição chamada Caringi. **Pretérta Urbe**, 2019. Disponível em: <<http://preteritaurbe.blogspot.com/2019/07/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

VALERIO, Gianina. A emigração italiana para o Brasil (Notas e observações). **Revista de História**, São Paulo: USP, v. 19, n. 40, p. 385-429, 1959. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/119802>> Acesso em: 20 ago. 2019.

VEDOVELLI, Massimo (org.). **Storia linguistica dell'emigrazione italiana nel mondo**. Roma: Carocci editore, 2011.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Historia de la educación y historia cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones*. **Revista Brasileira de Educação**, n. 0, p. 63-82, set./out./nov./dez. 1995.

WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Organização e Introdução: H. H. Gerth e C. Wright Mills. Tradução: Waltensir Dutra. 5ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Fundamentos da sociologia compreensiva. Volume I. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: UnB, 2004.

WEBER, Regina. Estudos étnicos e historiografia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais [...]: História, acontecimento e narrativa**. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/24-snh22?start=600>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

_____. Introdução ao Dossiê. In: WEBER, Regina; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). Dossiê Etnicidade. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 45-52, jan./dez. 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6368>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

_____. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **Dimensões**, Vitória, ES, v. 18, p. 236-250, 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148537>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.

ZANINI, Gustavo. O imigrante e o direito. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, [S. l.], v. 82, p. 223-229, 1987. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67103>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa – Algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, PUCSP, São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.

ZOPPEI, Emerson. **A educação não escolar no Brasil**. 2015. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - EDIÇÕES DO JORNAL DIÁRIO POPULAR CONSULTADAS
(dias, meses e anos)

MÊS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
ANO												
1958	1 a 31	1 a 28	1 a 31	1 a 30	1 a 31	1	25 a 27	1 a 31		24 a 31	1 a 2	
1959			1 a 31	1 a 30	27 a 31	2 e 3						
1960			1 a 31	1 a 30	1 a 31	1 a 30	1 a 31			1 a 18		
1961			1 a 31	1 a 30		1 a 3						
1962			1 a 31	1 a 30	30 e 31	1 a 10						
1963			1 a 31	1 a 30	29 a 31	1 a 6						
1964			1 a 31	1 a 30	26 a 31	1 a 4						
1965			1 a 31	1 a 30	1 a 31	1 a 30						
1966			1 a 31	1 a 30	29 a 31	1 a 3						
1967			1 a 31	1 a 30	31	1 e 2						7
1968			1 a 31	1 a 30		1 e 2						
1969			1 a 31	1 a 30	31	1 e 2						
1970			1 a 31	1 a 30	31	2 e 3						
1971			1 a 31	1 a 30		1 e 2						
1972						1 a 3						
1973					30 e 31	1 a 5						
1974						1 a 2						
1975						1 a 29						
1976						1 a 2						
1977						1 a 5						
1978					31	1 a 6						
1979						1 a 5						
1980					31	1 a 4						
1981						1 a 13						
1982						1 e 2						
1983					31	1 a 6						
1984					30 e 31	1 a 7						

APÊNDICE B - ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTAS

-
1. Nome.
 2. Local e data de nascimento.
 3. Filiação.
 4. Tem/tinha conhecimento da existência da ACIB?
 5. Vínculo que mantinha com a ACIB. (sócio, aluno, professor, diretor ou parente destes?)
 6. Participava das festividades promovidas pela ACIB? (como eram, onde eram realizadas, quem participava?)
 7. Possui fotos da época? Filmes? Recortes de jornais? Documentos?
 8. O que fazia nesse período? (era casado(a), estudava o quê, trabalhava em quê?)
 9. Tipo de relação mantém/mantinha com a Itália.
 10. Contato com a língua italiana (falava, não fala mais, fala(va) com alguém da família, continua falando, contato com música, literatura, cinema italiano etc.?).
 11. Tinha/Tem algum conhecido que era sócio, participava da diretoria ou das festividades, ou frequentava os cursos de italiano da ACIB? Quem?
 12. Local e data de nasc. e óbito, e profissão do familiar que participou da ACIB. (se for o caso)
 13. (Se italiano ou descendente) Trajetória até chegar no Brasil e em Pelotas.
 14. Motivo da imigração.
 15. Data de chegada no Brasil e em Pelotas.
 16. Idade e estado civil quando imigrou.
 17. Com quem imigrou?
 18. Casamento.
 19. Atividades profissionais exercidas na Itália e em Pelotas.
 20. Poderia indicar alguém com quem eu pudesse falar sobre a ACIB?
 21. Teria mais alguma coisa que gostaria de falar?
-

APÊNDICE C - ROTEIROS COMPLEMENTARES DE ENTREVISTAS

EX-ALUNOS

1. Profissão e histórico escolar.
 2. Motivação para começar a estudar italiano. (por iniciativa própria ou sugestão de alguém, pelo valor cultural ou por tradição familiar?)
 3. Como ficou sabendo do curso de italiano da ACIB? (pelo jornal, por um amigo ou familiar etc.)
 4. Línguas estrangeiras estudadas.
 5. Sobre o curso de italiano na ACIB. (tipo de curso que frequentou, como se deu a escolha da turma, onde eram realizadas as aulas, como era a sala de aula, por quanto tempo estudou, como eram as aulas, se gostava, aprendeu a falar, ouvir, ler e escrever?)
 6. Sobre a turma (horário, quantos alunos tinha, já conhecia alguém?).
 7. Sobre o professor (quem era, se já o conhecia, se gostava dele, como eram as suas aulas, sabia o conteúdo, conheceu outros professores da ACIB?).
 8. Materiais didáticos usados. (possui algum livro ou caderno da época?)
 9. Sobre a “formatura” ao final do curso. (como foi, onde foi, quem participou, possui certificado ou foto da época?)
 10. Algum familiar participou dos cursos promovidos pela ACIB? Quem?
 11. Depois que terminou o curso da ACIB, continuou estudando o idioma? Onde?
-

EX-SÓCIOS

1. Já conhecia a ACIB quando se tornou sócio?
 2. Por qual motivo se tornou sócio da ACIB?
 3. Até quando foi sócio?
 4. Por quê deixou de ser sócio?
 5. Possui a carteira social da ACIB?
 6. O que a ACIB oferecia aos sócios?
 7. Exerceu algum cargo de direção na ACIB? Por quê? Em que período?
 8. Conhecia outros sócios ou membros da diretoria? Que vínculos possuía com eles?
 9. Onde era a sede da ACIB? Como era?
 10. Até quando funcionou a ACIB?
 11. Funcionou ininterruptamente e no mesmo lugar?
 12. Por que parou de funcionar?
-

**APÊNDICE D - REPRESENTANTES CONSULARES DA ITÁLIA EM PELOTAS
(1870-1994)**

NOME	FUNÇÃO	PERÍODO
1. Gerolamo Vitaloni	Vice-cônsul	1870 a 1874
2. Giovanni Pietro Malan	Agente consular	1885 a 1887
3. Giulio Iona	Vice-cônsul	1888 a 1889
4. Enrico Acton	Vice-cônsul	1889 a 1891
5. Antonio Lorenzini	Vice-cônsul	1891 a 1893
6. Frederico Trebbi	Agente consular	1894 a 1928
7. Ernesto Ronna	Agente consular	1931 a 1936
8. Henrique Lorea	Agente consular	1936 a [1951?]
9. Luigi Scattolin	Agente consular	1953 a [1965?]
10. Vito Liberio	Agente consular	1965 a 1967
11. Martino Orengo	Agente consular	1967 a [pelo menos até 1994]

Fontes: Elaborado pela autora com base em Iotti (2001), *Cinquantenario* (1925) e em dados compilados da pesquisa.

**APÊNDICE E – GALERIA DE FOTOS DO PATRONO, SÓCIOS BENEMÉRITOS E
FUNDADORES DA ACIB**



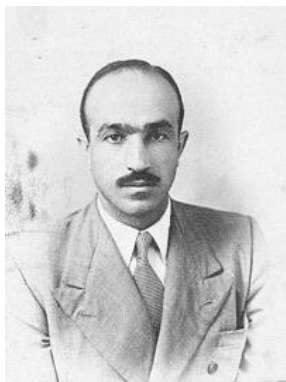
Henrique Lorea (1892-1954)
Patrono



Cecília Lorea
Sócia Benemérita



Eraldo Giacobbe (1899-1970)
Sócio Benemérito



Alfonso Montone
(1910-1996)



Antônio Caringi
(1905-1981)



Cesare Augusto Giacobbe
(1905-?)



Graziano Montone
(1918-2000)



Lourenço Rizzolo Petrucci
(1906-1995)



Luigi Scattolin
(1919-1987)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados compilados da pesquisa¹.

¹ Agradeço às pessoas que gentilmente se mobilizaram para procurar fotos de seus antepassados para compor essa galeria: Claudia Maria Pianalto de Freitas, Felipe Carinci, Leonardo de Assumpção Osório Caringi, Lucio Giacobbe Mattea, Luiz Henrique Lorea de Lorea, Márcia Caringi Lima, Maria Regina Petrucci, Maria Helena Petrucci, Tristão Geraldo Trindade Jr.

APÊNDICE F - SÓCIOS CONTRIBUINTES DA ACIB (1958)

Total = 125

Adolfo Fetter	Fernando Braga	Maria Magali Veloso da Silva
Aglae Simões Lopes Gastal	Fernando Sperini	Maria Tereza Aguiar Cotta
Alberto Conceição da Cunha	Floriano O. da Cunha	Marina Antico R. de Moraes
Albio Oliveira	Germano Curi Hallal	Mario Lardi
Alcides Carlos de Moraes	Gessy Pinto Ferreira	Mario Mattos
Aldrovando da Costa Lima	Gilberto Menezes Martins	Marlene Moreira
Alvacyr Faria Collares	Gilda M. C. M. Russomano	Mauricio Biasin
Amadeu [Ribeiro] Weimann	Gislaine Gomes	Mauro Abud
Andy Rosa [de] Oliveira	Glacy Zunino	Maximiano Pombo Cirne
Angelo Rafael Mozzilo	Heloisa Pacheco	Monaliza Lang
Antonio Caringi	Ignês Dias da Costa Vidal	Ned Bento Fernandes
Antonio Cruz Caputo	Ilda Belmonte	Nelson Azevedo
Antonio Paes da Silva	Isaac Levin Piltcher	Neuza Gentilini
Antonio Pederzoli	Isaura Pastorino	Nilson J. Beiro
Apio Antunes	Jader Osório Siqueira	Noemi A. Osório Caringi
Arno Brauner	Jayne Gonçalves Wetzel	Paschoal Armando Müller
Athos Luiz Guedes	Jenny Alves da Fonseca	Paulo Kaufmann
Ayres [da Cunha] Echenique	João Carlos Gastal	Percília Campos
B. Polidori	João Neves Antunes	Pery Correa de Souza
Bento Fernandes de Barros	João Xavier	Raul Farina
Candido Monti	Joel Silva Monteiro	Raul Romeu Iruzum
Carlos Baroni	José Mabilde Ripoll	Renato Peixoto
Carlos G. Sica	José Bainy	Rui Antunes
Carlos Martinez	José Francisco Dias da Costa	Rui Trilho Otero
Carlos Trilho Otero Filho	José Francisco Oliosi da Silveira	Sergio Augusto Osório
Cassio Michaelson	José Luiz Viscardi	Sila Sica
Cecílio Vargas	Juvenal Dias da Costa	Silvério A. Aleixo
Ceney Oliveira Goulart	Lais [Maria] Falcão Sparemberg	Tania Branco Araújo
Clovis Russomano	Leonor Röhrig Schuch	Terezinha Lopes de Barros
Darcy dos Anjos Quadrado	Linio Mattera	Tito Lardi
Dirceu Almeida da Rosa	Lisete Petrucci Vieira	Vera Freitas Frank
Dirceu [Mendes de] Mattos	Luiz Carlos Correa da Silva	Vicente Russomano
Edelma Zabaleta	Manoel Cypriano de Moraes	Victorino Piccinini
Edith Barreto	Marcel Bankaià	Vinicius Salengue
Edson Franco	Margari Honrich	Wilma Martins
Elias Bainy	Maria Adelina Sica Gastaud	Wilmar Giacobbe
Erica Lila Griep	Maria Fernanda Mattos	Wolmar Sitoni da Rosa
Ester F. Azevedo	Maria Helena O. Bastos	Yara Pascal Kraft
Ettore Bacci	Maria Helena Torres Delanoy	Yone Pinto Magalhães
Eulalia Maria Souza Vianna	Maria Ignês Moura da Cunha	Zaira Mattos
Evangelina de Azevedo Veiga	Maria Laura Maciel Alves	Zilda Morrone
Faustino Garcia	Maria Luiza Pereira Lima Caruccio	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados compilados da pesquisa (ACIB, 1958e).

APÊNDICE G - SÓCIOS CONTRIBUINTES DA ACIB (1967-1969)

Total = 48

Achille Bertoli	Joel de Souza Soares
Anacleto Sperini	Jose Luiz M. Muccillo
Angelo Fratini	Juan Jose Morana
Antonio Caringi	Julio Pepe Iorio
Antonio Lagana	Lourenço Petrucci
Antonio Ney	Luis Fernando Caruccio Morrone
Antonio Parisi	Maria Lucia de Holanda Melo
Carlos Alberto Caringi Sobral	Mario Pianalto
Carlos Camorali	Martino Orenço
Domingo del Grande	Miguel Carpena
Ede Castanheira Carneiro	Milvo Luiz Santi
Edson Vignoli	Nestor Cazzetta
Elisa C. Minioni	Nicola Caringi Filho
Ernest Poetsch	Paulo Luis Caruccio Morrone
Federico Segato	Pedro Luiz Monti Prietto
Felice Bertoli	Raul [Domingos] Farina
Fernando Freitas	Romeu Tagnin
Fernando [Ferdinando] Sperini	Rubilar Avila Cardoso
Franco Moriconi Rossi	Severo Caruccio Sobrinho
Geraldo Petrucci	Tino Montanari
Germano Petrucci	Tito Lardi
Giovanni Baruffa	Vicente Rizzolo
Giuseppe Barbuzza	Victor J. Bergoglio
Italo Caruccio	Victor Manoel Morrone

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados compilados da pesquisa (ACIB, 1967, 1968a, 1968c, 1968d, 1969).

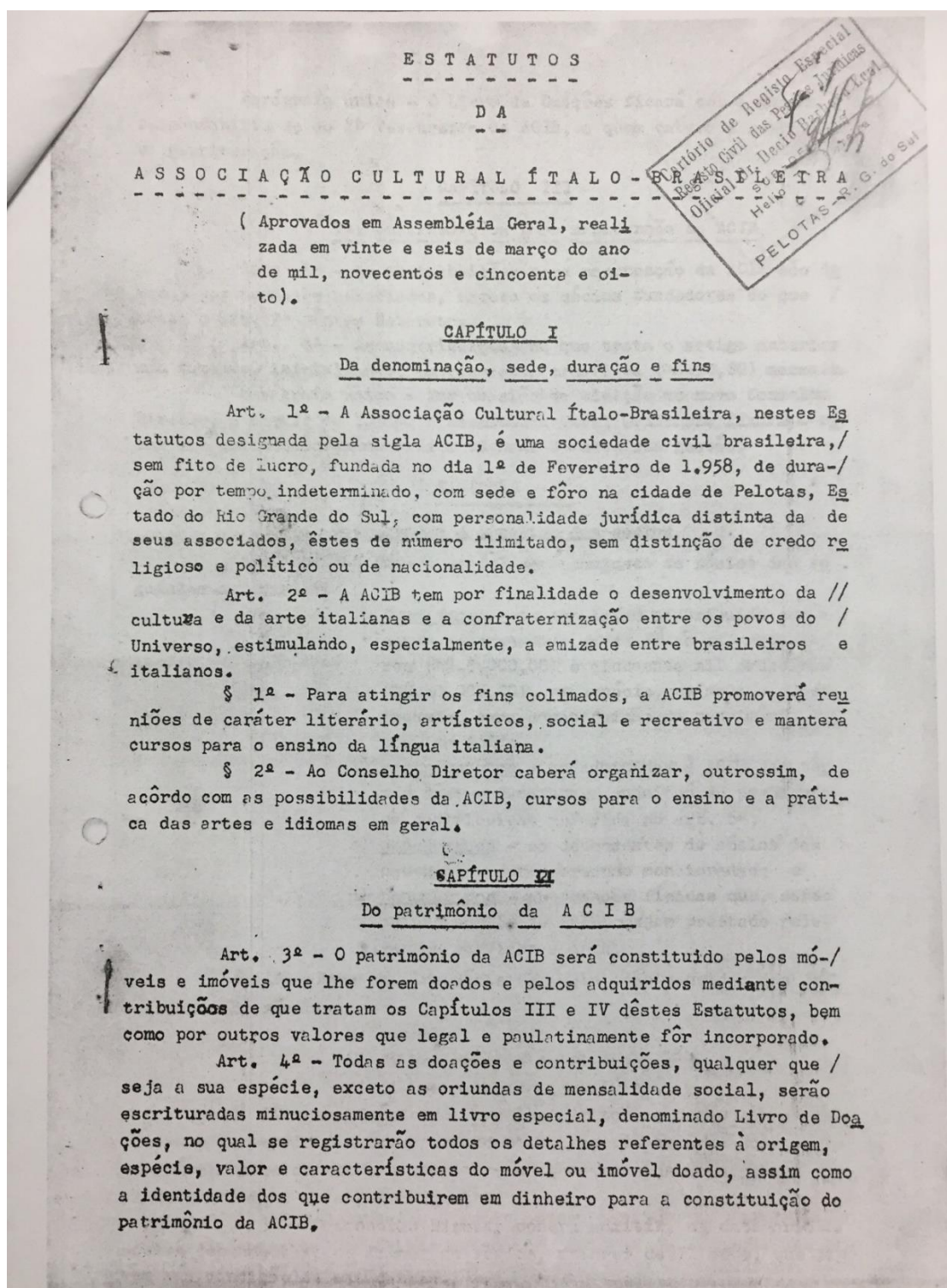
APÊNDICE H - ALUNOS DOS CURSOS DE LÍNGUA ITALIANA DA ACIB (1958-1959)

Total = 80

Adelaide King	Leonor Gomes
Aglae Simões Lopes Gastal	Leonor Röhrig Schuch
Alice Lorea	Lia Rosa Petrucci
Anabela Barbosa	Lizette Costa Netto
Andy Rosa de Oliveira	Lorena Feijó Gomes
Antonia Caringi	Lourdes Nascimento
Antonio Pederzoli	Lucy Sperini
Cecy C. Coelho	Luiza Blattner
Cely Feter Dias da Costa	Marcel Bankaià
Ceny Oliveira Goulart	Margari Honrich
Clara Maria Mendonça	Maria Adelina Sica Gastaud
Clovis Russomano	Maria Fernanda Matos
Edelma Zabaleta	Maria Helena Bastos
Edith Barreto	Maria Helena P. [Torres] Delanoy
Elias Bairy	Maria Ignez [Moura da] Cunha
Elizabeth Curi Hallal	Maria Laura Maciel Alves
Enio Luiz Tschiedel do Vale	Maria Magali Veloso da Silva
Ester Scaletsky	Maria Regina Petrucci
Eulalia Vianna	Maria Tereza [Aguiar] Cotta
Evangelina Veiga	Marina A. R. de Moraes
Faustino Garcia	Marlene Moreira
Fernanda Caringi	Mauro Abbud
Geny Bairy	Miracy Michelin
Gerda Kroufeld	Monalisa Lang
Gessy [Pinto] Ferreira	Neuza Gentilini
Gilberto Menezes Martins	Noemi Osório Caringi
Haidée da Silveira	Olga Maria Bairy
Helena Curi Hallal	Percília Campos
Helena Lamego	Renato Peixoto
Heloisa Pacheco	Ruth Procianoy
Ignez Dias da Costa Vidal	Sady da Silva
Ilza Barreiro	Sara Costa Ritter
Isaac Levin Piltcher	Sila Sica
Isaura Pastorino	Tania Branco Araújo
Izabel Bairy	Teresinha Russomano
Jader Osório Siqueira	Vera Maria Rocha
Jenny Alves da Fonseca	Wilma Martins
Joana Lauria Peres	Yara Pascal Kraft
Laura Gastaud Abud	Yeda Pastorino Rizzolo
Leonardo Osório Caringi	Yone Pinto Magalhães

ANEXOS

ANEXO A - ESTATUTO DA ACIB (p. 1)



Fonte: Acervo ACIP. Reprodução da autora.

ANEXO B - ESTATUTO DA ACIB (p. 12)

de todos os alunos, inclusive os sócios, fixada pelo Conselho Diretor.

§ 2ª - Os alunos dos cursos, que forem sócios da ACIB, gozarão de um abatimento de vinte e cinco por cento (25%) em relação à contribuição mensal fixada para os demais.

CAPÍTULO XI

Das disposições transitórias

Art. 47ª - Em sua primeira reunião, para aprovação destes Estatutos, a Assembléia Geral ratificará a escolha, para sócios beneméritos da ACIB, daqueles que hajam contribuído, para constituição do patrimônio inicial da sociedade, com uma quota igual ou superior a cinquenta mil cruzeiros (Cr\$.50.000,00).

Art. 48ª - Os presentes Estatutos entrarão em vigor na data de sua aprovação, após o que serão registrados, na forma da Lei, pelo primeiro Conselho Diretor eleito.



Edson Vignoli
PELOTA presidente

Martino Orango
PELOTA vice-presidente

Milvo Santi
PELOTA 1º secretário

Rubilar Avila Cardese
PELOTA 2º secretário

Nestor Cazzetta
PELOTA 1º tezeureiro

Giovanni Barbuzza
PELOTA 2º tezeureiro

4º Tabelionato - Pelotas

Reconheço as firmas de Edson Vignoli, brasileiro, advogado, casado, residente a rua Gal. Osório, 367, nesta cidade.

Edson Vignoli
Milvo Santi
Rubilar Avila Cardese
Nestor Cazzetta
Giovanni Barbuzza

Pelotas, 05 de *Dez* de 1968
Em testemunho *Renato Antônio da Silveira*

Presidente - Dr. Edson Vignoli, brasileiro, advogado, casado, residente a rua Gal. Osório, 367, nesta cidade.

Vice-presidente - Sr. Martino Orango, italiano, comerciante, casado.

1º secretário - Sr. Milvo Santi, brasileiro, contador, casado.

2º secretário - Sr. Rubilar Avila Cardese, brasileiro, comerciante, solteiro.

1º tezeureiro - Dr. Nestor Cazzetta, brasileiro, bancário, casado.

2º tezeureiro - Sr. Giovanni Barbuzza, italiano, engº. Eletrônico, casado.

ANEXO C - FICHA DE SOLICITAÇÃO PARA INCLUSÃO DE SÓCIO DA ACIB

Ilmo. Sr. Presidente da Associação Cultural Italo-Brasileira

Nesta

De acôrdo com os Estatutos dessa Associação, solicito V. S. a inclusão do meu nome no quadro de sócio

Nome:

Data de Nascimento:

Naturalidade:

Profissão:

Estado civil:

Residência:

Para que possam gozar das vantagens que lhes são asseguradas, passo a relacionar as pessoas de minha família compreendidas nas disposições previstas nos Estatutos.

Esposa:

Filhas solteiras:

Filhos maiores de 16 e menores de 21 anos:

Irmãs solteiras:

Pupilos:

Pelotas, de de 19

.....
(assinatura)

..... em sessão de diretoria, realizada em de de 19

 Não será levada em consideração a proposta que não vier acompanhada de duas fotografias 3x4

Globo - Pelotas - 81792

Fonte: Acervo ACIP. Reprodução da autora.